



Confissões

de uma

**ex**

**Lynda Curnyn**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **CONFISSÕES DE UMA EX**

Confessions of an Ex-Girlfriend

***Lynda Curnyn***

*Agora que entrou para a categoria das ex-namoradas, Emma Carter tem todo o tempo do mundo para reavaliar muitas questões. Sua principal meta é entender o que significa ser uma ex em Nova York.*

*E nada melhor do que explorar todos os ângulos do inconfessável para se chegar a brilhante conclusão de que, na verdade, não está nem um pouco pronta para ser solteira novamente.*

*Para tornar sua situação ainda mais cômica — ou trágica —, ela é editora-assistente de uma revista especializada em casamentos, a Top Noivas, o que a qualifica como uma excelente consultora para todas as suas amigas que vão se casar — incluindo a própria mãe.*

*Com tiradas inteligentes e muita ironia, Confissões de Uma Ex é um excelente guia para todas as mulheres que são ou se tornarão ex-namoradas algum dia.*

*“Às vezes um ex-namorado é apenas um ex-namorado.”*

*— Ex-namorada de Sigmund Freud*

## UM

*"Ex-namoradas não nascem, são criadas."*

— *Emma Carter, ex-namorada em recuperação.*

### **Confissão: Eu devia ter imaginado.**

Minha amiga Jade diz que, se você namorar um psicopata, ele vai colocá-la a par das suas intenções desde o primeiro encontro, mesmo que com sutileza. E se estiver especialmente encantada pelo suposto psicopata, você apenas vai balançar a cabeça e sorrir diante da declaração, para então esquecê-la imediatamente.

É verdade que no nosso primeiro encontro Derrick contou que se mudaria para a Costa Oeste logo que vendesse o primeiro roteiro cinematográfico. Mas como o comentário veio à baila poucos instantes após o primeiro beijo — com direito à vista do pôr do sol no Hudson, ao longo do qual passeávamos num clima romântico —, não registrei que certo dia ele me abandonaria, mas só que a) ele tinha um beijo incrível e b) era escritor, o que se traduziu, em essência, como alma gêmea para mim. Eu era escritora... de alguma forma.

É um fato horrível da vida nova-iorquina contemporânea que cada homem por quem a gente se descabela seja ambicioso demais, criativo demais ou cobiçado demais pelo resto do mundo para ter ao menos uma hora no dia para a gente. Todavia não sei como, depois de passar as noites de fim de semana dos dois últimos anos enroscada com Derrick num futon em meu apartamento de aluguel congelado, cometi o equívoco de nos tomar por um casal do tipo Predestinado. Em especial, se considerarmos que nos encontramos contrariando todas as leis da probabilidade.

Nós nos conhecemos na plataforma do metrô da Rua 4 Oeste, no lado alto da cidade. O principal motivo por que reparei em Derrick foi o fato de estarmos vestidos de modo similar, com camiseta preta e jeans. E havia algo de tão tímido e desajeitado na maneira como ele tentou cativar minha atenção, que mal pude resistir.

— Oi — disse ele, insinuando-se mais para perto.

Por um instante neurótico, lembrei dos maníacos que ultimamente andavam empurrando mulheres distraídas nos trilhos, mas quando reparei no cavanhaque escanhoado com primor, experimentei uma peculiar sensação de segurança. Há algo de tranquilizador, embora instigante, num homem de cavanhaque. Também me recordo de ficar fascinada pela nítida cor azul de seus olhos por trás dos óculos de armação metálica. Ah, e os óculos me fisgaram também. Adoro homens de óculos.

Era verão, e o ar pairava denso ao nosso redor.

— Está quente aqui embaixo — comentou Derrick.

— Como um sovaco — respondi, sem pensar.

Esse era exato o tipo de vulgaridadezinha grosseira pela qual Jade me repreendia sem parar. "Há certas coisas que simplesmente você não pode dizer a um cara, se espera ir para a cama com ele um dia."

Derrick me olhou um tanto esquisito, depois deu uma pequena risada e aproximou-se para se apresentar.

— A propósito, me chamo Derrick.

— Emma — deixei escapular, quando o carro do metrô encostou, nos salvando de nosso diálogo estúpido.

Na verdade, a coisa que amei em Derrick de imediato foi de agir de maneira tão "não sedutora" — tão despreparado para seduzir que me seduziu de imediato.

— Saindo da cidade para o fim de semana? — perguntou, criando meu volumoso livro de bolso.

— Não — foi minha resposta nada espirituosa.

— Ah. — Ele observou minha bolsa com a testa franzida.

— Eu estou. Litoral de Jersey. — E ergueu uma sacola que, para mim, pareceu como se mal pudesse conter um frasco de loção bronzeadora e cuecas sobressalentes. Mas eu estava conversando com um homem atraente e aquela não era a hora para economizar palavras.

Quando o trem parou na Penn Station — o ponto dele — poucos momentos após eu explicar que me dirigia à Rua 85 para conferir a mostra do Guggenheim sobre "A Inevitabilidade Fática e a Escola Surrealista" — uma jogada coloquial que me rendeu uma sobrancelha erguida de admiração —, cometi o primeiro erro tático. Embora Jade me aconselhasse infinitas vezes a jamais tomar a iniciativa, saltei do trem logo atrás de Derrick. O que eu podia fazer? Ao vê-lo na plataforma tateando à cata de uma caneta para anotar meu telefone, enquanto as portas permaneciam tentadoramente abertas mas sob o sério risco de se fecharem a qualquer momento — destruindo cada uma das minhas esperanças de felicidade —, entrei em pânico.

— É melhor se eu fizer a transferência aqui — retruquei rápida, torcendo para que ele não percebesse que isso não fazia qualquer sentido.

Com um olhar que transpareceu alívio, ele arranjou uma caneta e um pedacinho de papel e me entregou. Quando terminei, anotou com nervosismo o seu número no mesmo papel antes de rasgá-lo em dois e me entregar a metade. Espiando o relógio de pulso, resmungou uma breve, mas calorosa despedida. Então se foi, me largando estatelada na plataforma.

Estatelada por três minutos ao todo.

Porque enquanto fiquei lá vislumbrando nós dois entrosados numa conversa íntima regada a drinques num clube noturno qualquer do centro da cidade — talvez o Bar Six ou o Lansky's Lounge —, senti um frêmito de incredulidade. Para constatar que, de fato, ganhara o número de telefone de um cara incrivelmente atraente, espiei o pedaço de papel dobrado ainda seguro na mão. Com súbito horror, percebi que o número que segurava era o meu próprio.

— Feitos um para o outro — falou Jade quando lhe contei a história. — Nenhum dos dois jamais vai transar, a julgar pelo número



de tentativas que provavelmente farão.

Voltei-me então para minha amiga Alyssa em busca de consolo. Ao contrário de Jade, Lys sempre conseguia enxergar um lado mais positivo nas coisas. Quando expliquei que nem sequer lhe dera um sobrenome para que pudesse consultar na lista telefônica, ela afirmou auspiciosa:

— Talvez coloque um anúncio nos classificados pessoais, procurando você. Sabe, certas pessoas fazem isso. Até existe uma página dedicada a coisas assim no Voice. Você até já pode ver o anúncio: "Vi você no trem A. Você, morena, de olhos verdes meigos..."

— Meus olhos são castanhos.

— Tímida e doce.

— Eu?

— Bem, à primeira vista pode ser! — Mais uma vez adotando a voz do homem que ela nunca conheceu, mas que julgava ser capaz de tais gestos românticos grandiosos, ela continuou: — Eu, escritor, procurando uma gata como você. Pensei ter encontrado, mas você sumiu. Por favor, ligue...

— Sem chance. Os caras não fazem esse tipo de coisa.

— Então, faça você. Ponha um anúncio! Ora vamos, o que tem a perder?

— O senso de dignidade?

— Do que está falando?

— Eu costumava ler esses anúncios, Lys — expliquei. — O tempo todo. Costumava considerá-los românticos também. Mas quanto mais se lê os classificados pessoais, mais se percebe que existe um monte de gente bem desesperada por aí. Isto é, ora vamos. Pensar que alguém possa confundir um encontro aleatório — o equivalente a pisar no pé de uma pessoa na multidão — com carma. Me dá um tempo.

— Ah, lá vem ela. A cética.

É verdade que eu era cética no período pré - Derrick. Mas quem podia me culpar? Na época, eu tinha 29 anos e saíra com homens

suficientes para saber que provavelmente a minha alma gêmea viria a ser nada mais que um confortável par de sapatos.

Contudo, o destino interveio. Duas semanas após o malsucedido encontro no metrô, enquanto partilhava café e a melancolia de domingo à noite com Alyssa no Peacock Café, avistei Derrick, sentado a duas mesas de distância e vestindo o mais perfeito par de Levis desbotadas que eu ainda havia de achar nas minhas intermináveis devassas pelos brechós.

— Ei — disse ele, levantando de um pulo e por pouco derrubando a mesinha na sua frente. — É você. — E, de repente, ele estava de pé junto à mesa me fitando espantado.

Eu me levantei também, encarando com incredulidade seu rosto adorável e deixando Alyssa se embasbacar conosco, com um sorriso que se estendeu por seu rosto.

— Não posso acreditar no quanto fui idiota naquele dia — declarou ele.

— Eu também — repliquei, com a voz recriminatória de Jade transformada num mero sussurro enquanto eu gaguejava numa discussão ridiculamente eufórica quanto a me sentir uma completa retardada ao descobrir o engano.

— Eu falei que era o destino — afirmou Alyssa, enlevada, quando ele deixou a mesa 15 minutos depois, com o meu número enfiado são e salvo no bolso da jaqueta de brim.

Destino. Dito pela mesmíssima Alyssa que dias antes havia oficialmente declarado Derrick o homem que eu precisava tirar da cabeça. Para sempre.

**Confissão: Contrariando a crença popular, não estou melhor sem ele.**

Até o próprio Derrick teve o descaramento de tentar inventar pretextos pelos quais eu devia ficar feliz, apesar de ele estar me

largando. De acordo com ele, eu levava uma vida de sonho. Quantas pessoas, argumentou, podiam se gabar de ter passado a maior parte dos seus 20 anos na melhor cidade do mundo?

— Se é uma cidade tão fabulosa — contra-arguntei —, por que você vai embora?

Então, Derrick explicou de novo, com a voz calma e racional que eu passara a abominar durante aqueles últimos dias carregados de rancor, que todas as suas oportunidades de carreira estavam em LA. Que agora que vendera o roteiro, o estúdio queria contratá-lo como consultor de originais. Que ficaria melhor na Costa Oeste.

Sem mim, pensei no silêncio que sucedeu o discurso. E assim que cogitei de me lançar a seus pés e implorar que me levasse para longe dessa gloriosa cidade, ele mudou de tática.

— Você tem tanto por aqui — justificou. — Seu próprio apartamento. Uma carreira.

Todavia essa declaração requer certo esclarecimento.

Primeiro, o apartamento. Se a palavra closet provoca um arrepio de ansiedade em você, pense duas vezes. Meu closet abriga uma cama, uma penteadeira, uma escrivaninha e uma estante de livros que já viu melhores dias. Ah, e já mencionei a cozinha da Barbie espremida numa das paredes? Sim, isso mesmo. Meu apartamento é um closet. Óbvio, há de se levar em conta o fato de ele não apenas ter o aluguel congelado como estar abaixo da Rua 14 — a única vizinhança realmente digna de se viver, na minha opinião.

Já quanto à carreira... nas festas, quando me fazem a inevitável pergunta "O que você faz?", a resposta que dou é que escrevo para uma revista feminina de circulação nacional. Não é mentira, sou editora assistente na Top Noivas, onde redijo legendas, manchetes e — com frequência sempre crescente — artigos sobre assuntos tais como "Esconderijos Quentes para a Lua de mel" e "Vestidos de Noiva que Deixam Você Respirar".

No máximo, minha ilustre carreira na Top Noivas poderia ser chamada de feliz acidente, pois começou como vaga temporária pelo

prazo de duas semanas e virou uma posição permanente quando Caroline Jamison, a editora executiva para quem trabalho, manifestou interesse pessoal de me manter. Como eu podia resistir a todo seu encorajamento se até aquele momento o título de mestre em Redação Criativa que obtive da NYU resultará apenas num punhado de histórias não publicadas e numa vaga de garçomete em período integral?

Agora, ao me sentar plena de abominação numa reunião editorial na manhã da quarta-feira da partida de Derrick, contando os minutos até o avião deixar o solo e carregá-lo para longe de mim, começo a desejar não ter resistido ao impulso de ligar-lhe às 3h da manhã para fazer com que soubesse o desgraçado sem coração que ele era.

Olhando por cima da minha bruma de desespero, vi Patrícia Landers, e a diretora de redação da Top Noivas, levantar-se para sua palestra semanal.

— Na Top Noivas, nossa missão editorial é falar com a noiva dentro de toda mulher — começou Patrícia —, esteja ela apenas sonhando com esse dia especial, ou dando os primeiros passos para fazer esse dia acontecer.

Passo nº 1: Não deixe seu namorado sair do estado.

Suspirei, subitamente enfastiada pelo mantra do planejamento nupcial que com certeza fluiria dos lábios finos de Patrícia. Enquanto observava seus ralos cabelos louros, a face pálida e os vividos olhos azuis, imaginava se esse seria o meu destino. Ser a diretora de redação ultramagra, meio besta mas bastante bem conservada de uma revista de circulação nacional. Uma mulher de carreira que não precisava de homem nenhum, só de um contracheque polpudo e tarefas suficientes para levar para casa a fim de fazê-la esquecer que existe muito mais na vida além do trabalho.

Então lembrei de outra coisa.

Ao contrário de mim, Patrícia era casada. E por mais fajuto que o casamento fosse, segundo os rumores, isso a colocava a milhas de distância de uma editora assistente enalhada e medíocre como eu.

Meus olhos se moveram frenéticos sobre a mesa, onde a ilustre equipe editorial da Top Noivas estava sentada, aparentemente empalada pelas palavras de Patrícia. Havia Rebecca, a única colega de escritório a quem me dignava chamar de amiga e com quem compartilhava o entusiasmo por esculhambar os poderes constituídos. Mas Rebecca tinha namorado — pior, um namorado incrivelmente perfeito, que não só tinha um emprego de contador muito bem remunerado como já tinha nascido com grana. Grana alta. Depois havia minha chefe, Caroline, lógico, que estava redonda com o quarto filho, cortesia do marido trabalhador que ela mantinha em sua ampla residência em Connecticut. As outras três editoras executivas também eram casadas. Sandra, cujo casamento com Roger, dois anos antes, fora quase tão badalado quanto o de Patrícia; Debbie, beirando os 50, é casada há tantos anos que ninguém sequer lembrava da cara do marido dela; Carmen tinha não só um marido mas — segundo a assistente de produção e fofoqueira oficial do escritório Marcy Keller — também um namorado nas horas vagas. Janice, da produção, era casada pela segunda vez, apesar da pinta cabeluda na lateral da face. Quem restava entre nós, gente solteira, salvo as subeditoras, que eram jovens demais para se preocupar?

Espiei o final da mesa e engoli em seco quando avistei o estranho trio que ali se sentava reunido: Lucretia Wenner, a redatora chefe mal-humorada que nem as mulheres tampouco os homens conseguiam amar de verdade; Nancy Hamlin, a assistente administrativa machona com o corpo cheio de piercings que todos suspeitavam ser lésbica; e Marcy Keller, que gastava tanto tempo analisando a vida pessoal de todos os outros que mal tinha tempo para si própria. Fechei os olhos rápido, barrando as expressões desiludidas naqueles olhares que nem seus sorrisos amargos conseguiam disfarçar. Oh Deus, era isso o que eu tinha a esperar?

**Confissão: Não estou pronta para ser uma ex-namorada.**

O fato se tornou escandalosamente aparente no meu primeiro fim de semana efetivo de solteira. Derrick havia se mandado apenas três dias antes com a promessa de ligar assim que se instalasse, embora houvésemos concordado que, de agora em diante, éramos apenas amigos. Confesso, no entanto, que ele é a única "amizade" que, em segredo, desejei que fracassasse miseravelmente. Na verdade, eu estava me preparando para o dia em que ele regressaria a NYC, de rabo entre as pernas, suplicando para que eu o aceitasse de volta.

Apesar de Jade ter me convidado para um programa só de garotas, com duas de suas amigas das Tendências, a revista de moda onde trabalhava como produtora de figurino, optei por evitar uma noite de rodopios na pista de dança, parecendo brega e balofa perto de Jade e suas amigas metidas a supermodelos, em benefício de uma noite tranquila na casa de Alyssa.

— Você teve negado o direito de sentir raiva, Em — explicou Alyssa após me servir um martíni.

Dois goles daquilo me fizeram cair num estado de autopiedade no qual me empenhei em chafurdar até Lys me interromper com o conselho do gênero "Eu estou bem, você está bem".

Suspirando longa e profundamente, observei enquanto ela despejou com perícia os cogumelos na panela para o festim gastronômico que cozinhava para o namorado e companheiro, Richard, que ainda chegaria em casa do altamente poderoso — e, devo dizer, altamente remunerado — emprego como advogado corporativo. Alyssa também era advogada, mas daqueles bichos-grilos que lutam para salvar árvores e fazer com que a água da torneira sirva para o consumo humano. Além de ser uma grande advogada das causas ambientais e uma garota bacana para o que der e vier, ela gostava de preparar refeições transcendentais e saudáveis para o coração, com nomes como caçarola de trigo com glúten ou milho anão cozido. Não sei como tais qualidades, que sempre admirei em Alyssa, começaram a me deprimir enquanto a observava cozinhar. É isso que custa para alguém manter o status de Namorada? Talvez eu devesse ter empreendido um esforço

maior com Derrick, preparando algo mais apetitoso que café com Cremora todas aquelas manhãs de domingo que passamos juntos.

— Só porque ele teve uma razão perfeitamente lógica para partir não significa que você não tenha uma razão perfeitamente lógica para sentir raiva — continuou Alyssa, agora fritando, cuidadosa, o cabelo castanho na altura do ombro puxado para cima num rabo-de-cavalo e o cenho vincado sobre os fúlgidos olhos azuis.

Embora Alyssa me conheça melhor do que a maioria, quando se trata desse negócio de ex-namorada ela não pode se incluir. Afinal, Lys namora com sucesso desde a adolescência. Certa vez, perguntei-lhe como sempre conseguia ter um namorado à mão, e ela riu, dizendo que em geral se pendurava no cara tempo bastante para que ficassem completamente enjoados um do outro, depois rompia com ele justo quando o Novo Namorado surgia à espera nos bastidores.

Se fosse qualquer outra garota, eu poderia dizer que Alyssa sofria da Síndrome de Namorado Crônica — condição que leva muitas mulheres não só a namorar, mas também a planejar suas vidas em torno de homens que são em grande parte censuráveis, mas que parecem ser preferíveis à outra opção... que é não ter namorado nenhum. Contudo, posso afirmar honestamente que, a despeito das alegações dela, estou certa de que Alyssa jamais namorou um sujeito por uma carência dessa natureza. Porque ela é inteiramente adorável — tão adorável que a maioria dos homens, quando a conhece, deseja possuir uma Alyssa toda sua.

Seu pretendente atual, Richard, o primeiro homem com quem Alyssa já ousou morar junto e, devo admitir o melhor cara com quem já ficou, é um exemplo perfeito. Richard era companheiro de quarto do namorado anterior de Alyssa, Dan. Estavam todos juntos na faculdade de Direito, e como Alyssa praticamente morava no dormitório de Dan para evitar a própria e horrível companheira de quarto, Richard aproveitou todas as oportunidades que tinha de sua calorosa e divertida presença para estreitar os laços com ela. Posso imaginar sua alegria quando Dan se formou e voltou para casa em Ohio para praticar

a advocacia na firma do pai, deixando Alyssa livre e desimpedida. Richard já havia se apaixonado desesperadamente por ela.

Agora, enquanto Alyssa olhava por cima dos cogumelos, exigindo minha aquiescência quanto à sua psicologia barata, lutei para encontrar palavras que explicassem como me sentia.

— Não acho que estou zangada, Lys. Acho que apenas sinto saudades dele, é tudo.

— Bem, fique zangada, Em — disse Alyssa, dando as costas a tritura para olhar para mim. — Você não vai superar isso a menos que o faça.

A ideia de superar Derrick me aterrorizou. Derrick era o homem que eu amava. Minha alma gêmea. Superá-lo não era uma opção.

— Hum-hum — resmunguei vagamente em resposta, e ao me ver sentada, ponderando a audácia da sugestão, me flagrei concordando em ficar para jantar com ela e Richard, o que, percebi mais tarde, foi um erro. Ao observar os dois troçando as bobagens do dia e olhares significativos, uma coisa se tornou muito clara: eu precisava tratar da vida. Uma vida que não envolvesse... casais.

**Confissão: Tenho me comportado sob a crença equivocada de que nunca, jamais, teria que entrar no universo da paquera de novo.**

Liguei para Jade logo cedo na manhã de sábado e praticamente supliquei que fosse a um brunch comigo. Apesar da ligeira ressaca, como a melhor amiga que é, concordou em se arrastar para fora de casa antes do crepúsculo.

Nos encontramos no French Roast, mais porque eles dispunham de lugares ao ar livre e Jade ficaria à vontade para fumar. Ao sentar esperando por ela as cinco para uma — sou uma adiantada crônica, hábito que provavelmente desenvolvi para ter algo com que contemporizar com a cabeça atrasada-crônica-mas-de-outro-modo-perfeita de Derrick—, eu ansiava por uma sólida defesa da garota solteira. Afinal, Jade era uma das poucas amigas que eu tinha que se



mostravam destemidas face ao campo de batalha que era o circuito de paqueras nova-iorquino. Nunca demonstrava sofrer o mesmo tipo de derrota que as outras mulheres sofriam. Quando entregava o seu número de telefone, o sujeito sempre ligava. Às vezes, ela nem atendia — o que mostra o quanto autoconfiante ela era.

Às 13h15, ela borboleteou até a mesa que reservei na calçada, mostrando-se naturalmente esplêndida numa calça capri e uma camiseta que exibia os ombros torneados. Jade é uma dessas mulheres que nascem para vestir roupas — um tamanho 38 perfeito, com busto de tamanho suficiente apenas para constar e nenhum quadril. O cabelo, de um tom profundo de vermelho, caía em delicadas cascatas pelas costas, sem nenhum esforço ou cuidado aparentes. Seus olhos são verdes, a pele macia e sem imperfeições sobre os malarres altos. É o tipo de mulher que as outras mulheres odiariam se pudessem, simplesmente pelo fato de que nenhum homem consegue ignorá-la quando ela entra numa sala. Entretanto, há algo nela que é irresistível para homens e mulheres. Às vezes, até me surpreende que sejamos amigas: ela, graciosa e autoconfiante; eu, sempre canhestra e irritada. Mas nos conhecemos desde o ginásio e somos unidas pelas lembranças comuns dos primeiros sutiãs, primeiros namorados e primeiras descobertas bem-sucedidas longe do alcance das vistas. Quando Jade beirava os 20, um fotógrafo a encorajou a montar um portfólio, e ela o fez, mas quando chegou a hora de submetê-lo às agências de modelos, deu de ombros para a oportunidade, como se aquilo fosse algo que qualquer um pudesse fazer. No fim das contas, após várias tentativas em outras carreiras, conseguiu um emprego atrás das câmeras, como produtora de moda para a revista Tendências.

— Desculpe o atraso — disse ela, me dando um sólido abraço com apenas um dos braços, depois recuando para me olhar nos olhos — sondando meu humor, suponho — antes de afundar na cadeira oposta à minha. Primeiro pedimos. Ela, salada niçoise — não porque precisasse comer pouco, mas porque gostava, acredite ou não — e eu, fricassê de salmão defumado com ovos — uma versão mais sofisticada do tipo de refeição gordurosa, encharcada de carboidratos que eu escolhia sempre que oferecia a mim mesma uma boa dose de indulgência. Então ela

falou: - Tudo bem, extravasa. O que há com você? Deprimiu? Posso ver que deprimiu. Ele não vale isso. Nenhum cara vale, realmente.

E assim comecei meu discurso sobre como a vida perdeu todo o sentido agora que passei de Alegremente Enamorada para Horrivelmente, Desgraçadamente Solteira... e tudo antes do feriado do Memorial Day.\*

— Alyssa diz que fiquei incapacitada de me zangar porque ele me deixou por uma boa causa. É verdade que não posso mesmo me zangar com Derrick por perseguir seu sonho. Quer dizer, tudo o que sempre quis fazer foi ganhar a vida escrevendo, e quando vendeu aquele roteiro, teve a chance de fazê-lo... em LA.

Jade acendeu um cigarro, deixando-me dolorosamente consciente de que eu não fumava mais, apesar da ocasional e desesperada compulsão que me acometia.

— Então deixe-me perguntar-lhe uma coisa. Se ficou tão inconsolável, por que não vai atrás dele? Mude-se para LA.

Conte com Jade para ir direto à jugular, formulando a pergunta que nem eu queria fazer a mim mesma.

— E desistir da minha carreira? — redargui, praticamente arremedando a justificativa de Derrick para não me convidar a ir junto, um detalhe que ainda espicaçava o meu ego.

— Na Top Noivas? — indagou os olhos arregalados de descrença.

— Eu sou a próxima na fila da promoção, sabe—repliquei na defensiva, percebendo de repente o quanto soei ridícula, glorificando meu santo emprego de todo dia. O mesmo emprego que eu tinha grande prazer em escrachar sempre que Jade e eu engrenávamos num festival de queixas do trabalho, em geral regado a drinks, nas happy hours de sexta à noite. Mas como podia explicar a Jade, que sabia que tudo o que eu queria era ser escritora, que nos dois últimos anos da minha vida — Os Anos Derrick, como imaginei que um dia os chamaria — minha criatividade se restringiu ao papel de editora de revista? Uma revista, como eu sempre debochava, que progredia pelo fato de que felizes-para-sempre não era apenas a ambição de toda mulher, mas um

próspero empreendimento. Só havia espaço para um escritor na relação, e Derrick, com um roteiro debaixo do braço além de uma série de contos publicados em jornais literários, ganhou o papel de mão beijada. Quanto a mim, não escrevi uma palavra no último ano e meio. Não que Jade soubesse. Ninguém sabia, realmente. Exceto Derrick. Não há como esconder os fracassos de alguém que passa 75 por cento da vida no seu apartamento de um quarto.

—Além disso, como eu poderia desistir do apartamento com aluguel congelado?—complementei debilmente quando a garçonete chegou com os pedidos.

Quando Jade soltou um ultimo trago de fumaça, me encarando ao apagar a guimba no cinzeiro, tentei me enterrar na comida, evitando seu olhar. Jade me conhece melhor que ninguém, às vezes melhor do que me conheço, e eu ainda não estava pronta para enfrentar quaisquer verdades ignóbeis que estivesse escondendo de mim mesma.

— Emma...

— A verdade é que, Jade, ele não me quis junto quando partiu para se tornar rico e famoso. Ele não me... quer.

Os olhos dela tornaram-se meigos quando levantei a cabeça de novo, mas sua compaixão me atingiu mais do que a raiva o faria.

— O que você precisa é de um belo caso para ir à forra. E conheço exatamente o cara para isso — afirmou, a resolução firme nos olhos quando se lançou à saladinha. — Acabei de produzi-lo outro dia para uma sessão de fotos de sobretudos.

— Não saio com modelos. — Tradução: eles não saem comigo. — Nem mesmo você sai mais com modelos.

Após meses na tentativa de manter um deles por perto tempo o bastante para ao menos uma noite de incomparável êxtase, até Jade reconheceu que eram egocêntricos demais para realmente seduzir. Pelo menos eu esperava que houvesse reconhecido.

— Ora vamos, Emma. Sabe que a melhor coisa que você pode fazer por si mesma é voltar correndo lá para fora. Além disso esse cara pode até ser bacana.

— Então, por que você não ataca? — indaguei, analisando a expressão dela.

Sempre suspeitei da ideia de sair com os homens que Jade passava adiante. Era uma crítica tão ferrenha das virtudes masculinas que eu sabia que, se não queria o sujeito, é porque devia ter achado qualquer defeito grave que jamais admitiria enquanto tentasse me vender a imagem dele.

— Ele não faz o meu tipo.

Agora eu sabia que se tratava de um degenerado.

— Esqueça.

— Posso até ser capaz de convocá-lo para o próximo fim de semana.

— O próximo fim de semana? — retruquei, chocada que Jade pudesse sugerir que eu — com aqueles dois quilos ou mais de pelanca de acomodação de namoro firmemente intatas nas coxas e as emoções ainda estropiadas e farfalhando ao vento — pudesse estar pronta para sentar a uma mesa enfumaçada diante de um homem espantosamente bonito e proferir palavras desconexas, fingindo ser tão realizada e atraente quanto ele. — Obrigada, mas não, obrigada.

— Bem, o que você vai fazer?

— Não sei. Só estou tentando passar desse fim de semana, nem se importe com o próximo. Falando nisso, o que vai fazer mais tarde? Quer assistir a um filme? — perguntei, torcendo para evitar uma noite solitária.

— Não dá. Tenho um encontro.

— Sério? Com o Rei dos Esteroides?

— Quer dizer Carl? Não, ele já era — disse. — Eu contei a você... ele não conseguia, sabe, um desempenho. Não creio que se deva lidar com a disfunção peniana de um homem a menos que você o ame. Lembra do que passei com Michael?

Michael foi o homem que eu diria haver chegado o mais perto de ser o amor da vida de Jade, exceto por tê-la abandonado brutalmente

por uma lourinha aguada do escritório, depois de ela ter lutado mais de um ano tolerando sua vaidade, imaturidade e, pior de tudo, impotência — não que ele sequer tenha chamado assim. Apenas alegou não estar interessado em sexo com Jade, o que fez maravilhas com o ego dela. Desde o rompimento, dois anos atrás, Jade faz de tudo ao seu alcance para manter o coração for de questão e buscar apenas as emoções — todas aquelas emoções que na realidade nunca conseguiu com Michael, em termos sexuais. Porém, a grande ironia de sua vida era que a despeito do fato de ser bonita, inteligente e financeiramente autossuficiente, ela não parece conseguir encontrar um homem em toda NYC capaz de oferecer uma experiência sexual satisfatória. Tendo eu mesma atravessado alguns períodos de seca desde que mudei para NYC, podia me solidarizar. De fato, sempre brincávamos que poderíamos estrear nosso próprio seriado, chamado No Sex in the City. Carl foi apenas o mais recente namorico experimental de Jade — uma montanha de músculos tão inchada de esteroides que não parecia obter prazer de qualquer outra parte da sua anatomia.

— Não, esse cara é da academia também, mas é artigo legítimo. Esplêndido, com aquele corpo esguio, do tipo surfista.

— Deixe-me adivinhar... ele é modelo.

— É, mas é muito pé no chão — argumentou, afastando a salada que mal tocara para bebericar a água.

Embora Jade não gostasse de ouvir isso, eu acreditava firmemente que seus problemas com os homens começavam pela seleção. Ela sempre foi especialista em gente bonita, motivo provável por que era uma produtora tão requisitada na indústria da moda. Mas o que aparentava ainda não compreender é que todos os homens bonitos têm uma coisa em comum, e isso é a incapacidade de amar — ou sequer desejar — qualquer outra pessoa mais do que eles mesmos.

— Sei o que está pensando, Em — falou —, mas desta vez disponho do melhor de ambos os mundos. Ted é lindo, mas tenho o pressentimento que nem sequer percebe o quanto é bonito.

— Daí sua opção de carreira.

— Por favor. O cara morava no meio de um milharal no Meio Oeste quando numa boate um olheiro o descobriu.

— Essa história me soa familiar. — Por que é que nenhum modelo jamais admite ter de fato se candidatado aos trabalhos glamourosos, altamente bem pagos, nos quais se envolve?

— Ele parece quase... inocente — continuou Jade. — Quer dizer, praticamente enrubesceu quando lhe dei o meu número de telefone.

— Está brincando?

Ela desatou a rir, depois acendeu um cigarro.

— E o que vai fazer hoje à noite? Sair com Alyssa?

Jade e Alyssa se tornaram amigas instantâneas no momento em que as apresentei na faculdade, apesar das personalidades bastante distintas.

— Não, não. É provável que ela saia com Richard. E não há nenhuma chance de que possa tolerar uma noite em companhia dos Felizes-Semicasados.

— Bem, não acho que você deva ficar em casa — aconselhou Jade. — Quer se encontrar comigo e Ted para tomar uns drinques?

— O nome dele é Ted?

— Eu sei. Isso não soa quase... inofensivo?

— Muito como o típico garoto comum.

— Bem? O que me diz? Drinques comigo e Ted Tremendão?

— Neca. Não, mesmo. Quero ficar em casa. Sabe como é. Entrar em mim mesma de novo. Talvez faça uma pequena reorganização qualquer. Pretendia trocar as estantes de livros de lugar. Talvez pendurar uns quadros.

— Tem certeza? — insistiu Jade.

— É claro que tenho certeza. Não é como se eu jamais tivesse passado a noite de sábado sozinha antes.

## **Confissão: Não passo uma noite de sábado sozinha há dois anos.**

Isso não é exatamente verdade, pois houve épocas em que Derrick passava a noite de sábado em casa escrevendo e eu passava a noite de sábado em casa sozinha, escrevendo também. Ou pelo menos era o que eu lhe contava sempre que ele sugeria que deixássemos o sábado livre para pôr tudo em dia.

—Oh, claro. Eu pretendia começar um conto em que andei pensando — eu sempre dizia.

Depois de desligar o telefone, ligava o computador, e tão logo o sistema iniciava, desatava a lavar a mão toda a lingerie ou a organizar a gaveta de meias. No caso da situação se tornar realmente desesperadora, eu esfregava o reboco do banheiro com uma velha escova de dentes e um pouco de desinfetante. Se Derrick porventura telefonasse durante tais orgias de alienação para perguntar o que eu estava fazendo, respondia sempre: "Trabalhando." Não era exatamente mentira.

Agora não ousava ligar o computador. Não podia nem me forçar a recolher a lingerie, com medo das lembranças que pudesse evocar. Em vez disso, me aconchegava na cama, em posição fetal, contemplando a noite à minha frente.

Eu já havia ligado para Alyssa e sido informada de que ela e Richard iam à casa da irmã de Richard jantar, confirmando que eu passaria mesmo a noite sozinha, sem amigas sequer para ligar. Sempre restaria minha colega do escritório, Rebecca, mas ela e eu nunca nos aventuramos juntas pelo território dos fins de semana. Também havia Sebastian, meu cabeleireiro e por vezes amigo — isto é, quando Fire Island ou algum novo bonitão não o afastavam com um estalar de dedos. Mas não falava com Sebastian há tempos e me senti hipócrita, ligando para ele agora, torcendo para que estivesse lá para me apoiar quando ultimamente não andara sendo grande coisa como amiga para ele.

— Faça algo por si própria — dissera Alyssa quando nos falamos ao telefone —, tome um banho quente, faça um daqueles tratamentos faciais caseiros, se enrosque com um bom livro.

Sabia que ela tinha razão. Isso era o que eu devia ter feito. Isso era, de fato, o que aconselhavam todas as revistas femininas e todos os livros de autoajuda sobre relacionamentos — não que eu lesse algum, mas mamãe sempre lê o suficiente por nós duas.

Em vez disso, me empanturrei com um pote de pasta Ben & Jerry's para biscoitos com lascas de chocolate, pelei as sobrancelhas e passei a examinar minuciosamente velhas fotos minhas com Derrick nas férias do verão passado em East Hampton, onde alugamos uma casa com alguns amigos dele. Estudei aquele rosto que tanto amava, vi a felicidade nos seus olhos ao posarmos, de braços entrelaçados, bronzeados, revigorados e completamente apaixonados. Ou assim pensei.

"O que saiu de tão errado?", eu me perguntava agora.

O telefone tocou, rompendo o silêncio tenebroso do apartamento. Atendi, depois lembrei — tarde demais — que deveria encobrir esta primeira noite solitária de sábado.

— Emma! Você está em casa! Não pensei que a pegaria....

— Oi, mãe. — Lá estava eu, flagrada por minha mãe em casa em pleno sábado à noite. — É, bem, pensei em ficar esta noite, pôr umas coisinhas em dia. Como você está?

— Ótima, ótima. Clark acabou de sair para buscar um pouco de leite e ovos para amanhã de manhã e resolvi tentar achar você, ver se estava por aí.

Clark era o atual namorado de mamãe, e apesar de estarem juntos há cerca de três anos, eu não confiava que a história fosse durar. Não porque Clark não fosse o cara mais distinto na face da Terra para minha mãe, mas mamãe é que não tinha muita sorte com os homens. Eu começava a desconfiar que era hereditário.

— E como vai tudo com Derrick? — indagou.



Esta era uma de suas perguntas rotineiras, que fazia pelo menos uma vez durante nossos telefonemas semanais. Havia nela um texto implícito, o que mamãe desmentiria com firmeza caso provocada: Tudo está progredindo normalmente? Haverá um anúncio de noivado logo? Será que algum dia vou ver um neto?

Eu tendia a ignorar o texto implícito e responder com um animado "Está tudo ótimo". E de certo modo, a despeito do fato de que mamãe mais do que provavelmente jamais veria o tal neto, agora que a última chance da filha de 31 anos acabou de debandar para LA, deixando essa filha — que tinha um índice médio de dois anos entre cada namorado, sendo que um em três daqueles namorados era tolerável o bastante para se cogitar a reprodução — eliminada da corrida pela maternidade. Apesar de tudo, perseverarei na resposta habitual: "Está tudo ótimo. Derrick está ótimo. Nós estamos ótimos."

Não sei por que menti. Talvez não quisesse tocar no assunto. Eu sabia que contaria a ela. No final. Só não queria escutar o quanto fracassei enquanto em meu íntimo ainda sofria a perda de Derrick.

No fim das contas, mamãe tinha outras coisas sobre as quais queria conversar.

Após tagarelar sem parar por alguns minutos sobre seu emprego de gerente de escritório na Bilbo, a companhia farmacêutica onde trabalhava desde que eu era criança, ela chegou ao verdadeiro motivo do telefonema.

— Não queria contar por telefone, mas não sei quando vou ver você de novo...

Esse era outro ponto de discórdia com mamãe, que aparentemente não acreditava que minhas peregrinações mensais a Long Island, pagando-lhe tributo em sua aconchegante residência em Garden City, mudassem isso.

— O que está havendo? — perguntei.

— Bem, Clark e eu decidimos... isto é, nós vamos nos casar.

Ora, devo admitir que à primeira audição estive prestes a ignorar por completo a revelação. Afinal, este seria o marido número 3 (quase

4), mais um na longa fila de homens pelos quais minha mãe se apaixonou irremediavelmente e com quem cogitou se casar. Uma pessoa ingênua poderia usar o argumento de que mamãe costumava entrar num casamento com as melhores intenções. Eram os homens que ela escolhia que sempre estragavam as coisas.

Havia meu pai, o primeiro de todos, e que mamãe descobriu — após 20 anos de casamento—ser um alcoólatra furioso.

"Ele era sempre tão divertido nas festas", comentou ela certa vez, relembrando tempos mais felizes.

Depois veio Donald — por pouco o marido número 2. Após um namoro turbulento que culminou numa viagem a Las Vegas para a troca de alianças, Donald foi detido pelas autoridades do aeroporto com um mandado de prisão... por três acusações de desfalque. Então, veio Warren, a quem eu me arriscaria chamar de o verdadeiro amor de minha mãe... se o casamento houvesse durado o suficiente para resistir à prova do tempo. Depois de um namoro de oito anos—mamãe não corria mais quaisquer riscos nessa época — eles se casaram numa singela cerimônia no nosso quintal, comigo bancando a dama de honra. Infelizmente, Warren morreu de ataque cardíaco semanas após a lua de mel.

Agora havia Clark. O doce, adorável Clark, um professor de inglês de sorriso assimétrico e com um pendor para recitar poesia metafísica do século XVII, atributo que mamãe considerava absolutamente encantador.

Mas não tinha como dar de ombros à notícia, concluí, quando ela começou a contar os detalhes da cerimônia a cem por hora.

—... estou pensando no meio de setembro... um pequeno cruzeiro de navio, só a família. Clark e eu, óbvio. Vovó Zizi. Você e Derrick. Shaun e Tiffany... — Shaun é meu irmão casado. Irmão caçula casado, devo acrescentar. — O filho e a filha de Clark e seus filhos — continuou ela. — Saímos num curto passeio de barco pelo Caribe até St. Thomas, onde Clark e eu nos casaremos com a arrebentação das ondas ao fundo e a família assistindo. Meio como uma espécie de férias familiares e casamento, tudo num pacote só. Não vai ser divertido?

Horrores.

## DOIS

*"Não condene o perjúrio antes de experimentar."*

*— Nome e idade suprimidos*

### **Confissão: O rompimento me transformou em mentirosa patológica.**

Na segunda-feira seguinte, no trabalho, afundei na poltrona de visitante do cubículo de Rebecca. Embora Rebecca seja basicamente uma colega do escritório, costumávamos fazer tantas excursões aos bares locais atrás das happy hours, para comemorar uma boa crítica ou reclamar de uma companheira ameaçadora em particular. Entretanto, tais saídas se tornaram dispersas, principalmente devido ao fato de que eu andava envolvida nessa coisa de relacionamento, evitando todos os amigos além de Jade e Alyssa, em benefício da reclusão e do aluguei de uma fita de vídeo com Derrick. Embora Rebecca estivesse com seu namorado, Nash, há quase tanto tempo quanto eu com Derrick, ela sempre demonstrava arrumar tempo para os amigos, e nunca aparentava se importar com o sufoco ocasional de um serão para cumprir o prazo de edição de certa matéria especial, mesmo se o bom e velho Nash houvesse feito reservas para o jantar. Na verdade, penso que ela se orgulha da habilidade de ser tanto a namorada firme de um quanto a boa amiga de todos, o que me faz suspeitar dela e de, certa maneira, admito, invejá-la.

— Mamãe vai casar de novo — anunciei, com certa euforia.

—Que legal — respondeu Rebecca, me espiando por cima do layout que revisava, com as sobrancelhas erguidas e um sorriso brilhante na face.

Algo na sua animada reação à novidade me fez levantar as antenas de imediato. Uma das coisas que Rebecca e eu sempre compartilhamos, especialmente durante as escapadas para o drinque depois do expediente, era um saudável desdém pelo serelepe mundinho do planejamento nupcial que é a Top Noivas. De que outro jeito poderíamos nos destacar num escritório de gente que se derrete em poesia por tudo, desde os arranjos para a escolha do lugar correto até a espessura apropriada do papel dos convites, se não debochando deles? Se não conhecesse bem Rebecca, poderia pensar que ela fora afinal mordida pelo frenesi nupcial da revista. Porque na Top Noivas todo casamento, mesmo o terceiro da sua mãe, é um evento digno de se ficar histérica.

— Sim, bem, evocar qualquer espécie de empolgação quanto a este casamento é complicado para mim. Quer dizer, a folha corrida da minha mãe é uma lição sobre como não encontrar o amor perpétuo.

Rebecca me encarou por um momento, como se eu falasse uma língua estrangeira.

— Você devia estar feliz por sua mãe. Não é toda mulher que pode se apaixonar novamente após tantos tropeços. Ela tem um bocado de coragem.

— Ou isso ou anda tomando bastante Prozac para não esquentar.

Desde que perdeu Warren, mamãe se tornou uma crente compulsiva no tipo de felicidade disponível em cápsulas fáceis de engolir.

— O que deu em você? Parece mais cética que de costume. Brigou com Derrick neste fim de semana?

A pergunta provocou um ligeiro pânico dentro de mim, como se a repentina e extenuante condição de solteira se tornasse esplendorosamente aparente. Hesitei por um minuto ou dois enquanto observava a esmerada madeixa loura e as sobancelhas arrancadas à perfeição, a maneira organizada como ela perfilava os lápis sobre a escrivaninha. De súbito, me enchi de desconfiança. Até a reluzente foto 8 cm por 10 cm de Nash no porta-retrato que ela mantinha no cubículo

parecia flamejar diabolicamente para mim. Eu não ia contar a verdade de jeito nenhum.

— Não, não. Nada aconteceu com Derrick. Está tudo ótimo. Excelente, por sinal.

— Bárbaro — disse Rebecca, voltando-se para o layout diante de si. — Então, isso vai deixar você de cabeça tranquila para ajudar sua mãe com o casamento. Puxa, você mesma poderia planejar esse negócio todo, se fosse preciso.

— Claro, se fosse preciso. — Caso eu não morresse de depressão primeiro.

### **Confissão: De repente o casamento parece uma epidemia.**

De volta à escrivania, enfrentei meu maior desafio desde O Rompimento: tentar reunir entusiasmo suficiente para escrever uma lista de tarefas para a futura noiva, o que intitulei em segredo "Como Tornar seu Casamento Realidade Sem Que a Casa Caia". Enquanto me esforçava para concatenar um parágrafo de introdução, comecei a sentir em mim um pouco daquela raiva que Alyssa encorajou. "E quanto a nós, não futuras noivas?", me perguntei. Até a minha própria mãe me colocou para trabalhar a serviço de suas núpcias, pedindo-me para começar a pesquisar embarcações de cruzeiro e curtições para festas de casamento na minha pequena e oportuna base de dados. Pior, ela se ofereceu alegremente a tirar um dos vários dias de folga que acumulou durante os 20 anos de carreira na Bilbo para me encontrar para almoçar na semana seguinte e conferir o que eu tinha arrumado.

Por que meu emprego era tão conveniente para todas as outras pessoas? Por que todas as outras pessoas tinham a necessidade ardente de azucrinar minha cabeça para obter sugestões para tudo, desde luas-de-mel-românticas-que-não-exigem-bronzeado até dicas de entradas elegantes-e-fáceis de preparar? Trabalhar no mundinho pervertido do planejamento nupcial me levou a uma conclusão: se não se casar nesse mundo, você não ganha nada. Uma vez, numa reunião editorial, sugeri

de gozação que uma mulher devia ganhar um chá de panela ao completar 30 anos, com ou sem casamento. Todos me olharam como se eu fosse algum tipo de lunática. Estou com 31 anos de idade, já não tenho direito a utensílios de cozinha Calphalon gratuitos?

O telefone tocou, salvando-me de começar o temível artigo.

— Ei, Em — ecoou a voz de Jade através da linha.

— Jade. Graças a Deus.

— Esperava outra pessoa?

— Torci para que fosse qualquer um que não vai se casar.

— Desse medo você não morre. O que há?

Nada, nada. Sabe como é, o de sempre. A pressão alta do prazo de edição, fator de motivação em baixa. Como foi o encontro com Ted Tremendão?

— Tremendo, é óbvio. Tomamos uns drinques, jogamos um pouco de bilhar. Já mencionei que ele possui os antebraços mais bonitos que já vi? Lindos, grossos e justo do jeito que eu gosto. Ele tem até um par de tatuagens. E você sabe como me sinto em relação a um homem com tatuagens.

— Oh-oh. Você terminou.

— Se não dormir com ele, não sei o que farei.

— Casar com ele?

— O que deu em você esta manhã?

— É a minha mãe. Ela vai casar de novo.

Segurei o telefone longe do ouvido enquanto Jade berrava de alegria.

— Isso é tão maravilhoso! Ela e Clark ficam bonitinhos demais juntos. Oh, preciso telefonar e dar os parabéns. Talvez escolher um cartão na hora do almoço...

Eu devia ter imaginado que Jade seria a maior defensora da minha mãe. Afinal de contas, conhecia mamãe desde o marido número 1.

—Jade, será que sou a única na face da Terra que não está animada com isso?

—Bom, devia estar—ponderou, com um tom de censura.

— Ela é sua mãe! Não quer que seja feliz?

— Feliz, sim. Só não estou muito convicta de que o casamento é o meio de se obter felicidade. Você já percebeu que esse deve ser o Marido Número 3, quase 4?

— Em, acho que precisa superar isso. Nem todo mundo vive uma vida cor-de-rosa. E daí se a sua mãe passou boa parte da vida procurando, contanto que encontre o que deseja no final?

Suponho que tenha razão. — Soltei um suspiro. — Talvez eu não esteja ansiosa pelo Grande Dia, especialmente por ela ter colocado a família inteira junta, velejando até o Caribe para a cerimônia. E adivinha quem será a única convidada numa cabine de solteiro? Lógico, mamãe ainda não sabe.

— O que quer dizer?

— Não consegui me obrigar a contar-lhe sobre Derrick. Não sei por quê... eu só... não consegui.

— Vai ter que contar mais cedo ou mais tarde. Quando é o casamento?

—Ela espera ter algo confirmado até o final de setembro. Fez-se silêncio enquanto Jade refletia.

—Não é muito tempo, mas quem sabe o que pode acontecer até lá. Você pode estar apaixonada por outra pessoa. Ou pode se arrumar com um garçom atraente no navio com quem dividiria a tal cabine de solteiro.

— Mesmo assim, duvido. Mas talvez consiga arranjar alguém para ir comigo.

—Ah, sim. O velho truque do Garoto Debaixo da Cama. — Esse era o nosso termo para o amigo onipresente que era adequado para se levar a eventos como casamentos ou piqueniques do escritório, embora por uma razão ou outra não fosse alguém por quem você nutrisse



qualquer espécie de desejo de namorar de verdade. O meu costumava ser Cal, um garçom que foi meu companheiro no Good Grub, o restaurante onde servi mesas durante a faculdade. Cal era um Garoto Debaixo da Cama perfeito — excelente dançarino, alto o bastante para que você não o sobrepujasse de salto alto e desinteressante o suficiente para não estimular quaisquer demonstrações alcoolizadas de agarramento na pista de dança que viessem a se provar embaraçosas mais tarde. O problema era: Cal sumiu e se casou durante os Anos Derrick. Os homens são mesmo uns crápulas.

— Acabei de atinar que meu Garoto Debaixo da Cama desertou. Cal se casou ano passado, lembra?

— Ah, é mesmo.

Ela hesitou, e a ouvi tragar o cigarro.

— E quanto a Sebastian?

Sebastian era sempre uma possibilidade, claro. Entretanto, ele era mais um Garoto que Saiu do Armário do que um Garoto Debaixo da Cama, o que tornava sua escolha como acompanhante para um casamento meio problemática.

— Nesta conjuntura eu não quero ser a irmã mais velha e gorda, apontada como a perua que só anda com bichas.

— Você não é gorda.

— Bem, nunca se sabe o que pode acontecer até setembro. Comi um pote inteiro da pasta Ben & Jerry's para biscoitos com lascas de chocolate no fim de semana. E nem ao menos era a versão frozen iogurte. Fui ver na embalagem—24 gramas de calorias por porção, quatro porções por pote.

— Grande coisa. Não se preocupe, Em, encontraremos alguém. Haverá sempre aquele modelo de quem lhe falei.

— Sabe como me sinto em relação a modelos.

— Bom, você não precisa casar com ele. E avalie como sairão bem juntos nas fotos do casamento.

— Pensarei nisso — disse, relutante.

—Agora é a Emma que conheço e amo. Não se preocupe. Tudo simplesmente vai acabar bem.

**Confissão: Eu me casaria por um quarto e sala abaixo da tabela de mercado.**

Consegui, afinal, atravessar o resto da semana aos trancos e barrancos sem qualquer desastre emocional relevante. E após passar um segundo fim de semana sozinha sem desmoronar por completo, me senti quase orgulhosa de mim mesma. À medida que descia a rua arborizada voltando a pé do trabalho para casa, no ápice da terceira semana do Período Pós-Derrick, me ocorreu de repente que ser solteira na cidade mais esplêndida do mundo não eratão ruim, afinal. Eu até morava na rua mais bonita, pensei, ao passar pelas delicadas fachadas de arenito pardo na Rua 13 Oeste.

Então cheguei ao meu edifício, com sua fachada decadente de tinta descascada e fileiras de latas de lixo amassadas e não pude conter um suspiro de desgosto. Por que, oh, por que, Derrick e eu não evoluímos para um imóvel partilhado? Ele jamais me abandonaria se tivéssemos arrumado um quarto e sala, com aluguel abaixo da tabela de mercado, no centro da cidade. Nenhum homem em seu juízo perfeito daria as costas a um achado desses.

Nem mulher alguma, concluí agora, odiando Derrick ainda mais por me negar o imóvel dos meus sonhos. Com outro suspiro, marchei escada acima.

Derrick adorava chamar meu edifício de 24 apartamentos de O Prédio dos Incuráveis, porque era repleto de quitinetes que abrigavam, além de estudantes segurando as pontas até a formatura, velhos com distúrbios tanto mentais quanto físicos, que os impediam de se mudarem para apartamentos com um espaço no living amplo o bastante para um tapete no qual não se lesse apenas Bem-vindo. Havia Beatrice no primeiro andar, por exemplo, atingida por uma peça de andaime na Rua 39 Oeste há 16 anos, o que lhe exigiu o implante de

uma placa de metal na cabeça que a colocou na lista dos desabilitados permanentes. Agora, aos 50, colecionava pensões da previdência e aquarelas, que decoravam as paredes do seu cubo diminuto no primeiro andar. Também havia Abe, que pode ter estado em qualquer lugar dos 65 aos 85 e que, toda manhã, transferia todos os objetos do apartamento (exceto a mobília, que não era muita) para duas sacolas plásticas, depositava-as em carrinho de compras e saía para passar o dia Deus sabe onde.

Depois havia eu. Nem estudante nem tampouco psicótica, embora agarrada à quitinete de aluguel congelado como se a minha vida dependesse dela. Contudo, não me interprete mal o endereço é magnífico — justo a poucos quarteirões do metrô, do Film Fórum, do circuito de bares do centro, do Peacock, da NYU e simplesmente de qualquer lugar que qualquer um queira estar na área do centro da cidade. E era fácil demais para mim suportar a falta de um closet e de um living pela localização que atraía olhares invejosos sempre que inundava meu endereço nas festas. Além disso, com Derrick na minha vida, sempre havia aquela esperança renitente do quarto e sala que dividiríamos um dia, assim que Derrick percebesse que o buraco de dois quartos no Lower East Side que dividia com um barman boca-suja simplesmente não lhe confirma. Eu costumava fantasiar sobre nosso apartamento dos sonhos, com direito a prateleiras nas paredes exibindo nossa estonteante coleção misturada de títulos cinematográficos e literários. Foi essa esperança que me manteve sã, e a uma distância segura dos meus incuravelmente psicóticos e velhos, ou irritantemente jovens e provisórios, vizinhos.

Entretanto, logo que Derrick saiu da minha vida, senti-me expulsa da categoria Seguramente Comprometida e inserida na... Outra Coisa Qualquer. E aquela outra coisa qualquer linda estava para ser definida, compreendi, ao entrar no prédio.

— Emma! — ressoou o grito estridente de Beatrice assim que pisei na portaria e a encontrei junto às caixas de correio, os braços abarrotados com todos os catálogos de compra por correspondência que se pode imaginar e um suprimento de envelopes.

— Olá, Beatrice, como vai? — perguntei na costumeira voz melodiosa que reservava para as crianças pequenas e adultos como Beatrice, que não eram, como se diz, muito normais.

— Oh, estou bem...

— Bom — repliquei rápido, marchando para a escada.

—... exceto por essa crise maluca de sinusite. Toda manhã, eu acordo de nariz escorrendo, com os ouvidos entupidos. E os molares. Oh... — Os olhos acinzentados se arregalaram por trás dos óculos grossos. — É insuportável.

— Entendo o que diz, Bea — retruquei, apoiando um pé nos degraus, preparada para decolar na primeira oportunidade. Beatrice gostava de entrar numa descrição completa de suas mazelas, e eu ainda não conseguira descobrir como evitar sua ladainha de modo eficaz. Ela é solitária e significa muito que a ouçam, eu ponderava, em geral após uns bons dez minutos escutando desde congestão nasal até ondas de calor da menopausa.

Mas em vez de prosseguir com os detalhes de sua sinusite, que, com certeza, viriam a seguir, ela parou de falar; de repente, seus olhos perambulando por mim, da cabeça aos pés, de um jeito que me fez sentir sutilmente nauseada. Beatrice, com seu corpo compacto e atarracado, com frequência enfiado em camisas de flanela e calças largas, sempre me pareceu a metade machona de um casal de lésbicas — exceto que permanentemente sem a outra metade. Por isso sua inspeção, em especial durante o vago Período Pós-Derrick da minha vida, foi tão aflitiva.

—Você entende mesmo, não é?— falou a boca se abrindo da maneira como fazia sempre que era abduzida por algum pensamento.

Quando comecei a subir a escada com os votos apressados de que melhorasse logo, ela bradou:

— Espere! — E voltou a atenção para a correspondência em suas mãos. Folheando os catálogos, sacou um volume grosso, brilhante e o estendeu para mim. — Pensei que pudesse aproveitar este - sugeriu, quando relutante aceitei o catálogo.

Aborrecida, contemplei a capa que exibia uma mulher alta e corpulenta, vestida numa camisa de flanela semelhante àquelas que Beatrice preferia, e jeans escuros.

— Há uma grande variedade de estilos para mulheres como nós — continuou, me olhando fixo, com uma expressão satisfeita.

Mulheres como nós? Comecei a ficar defensiva, mas pensei — melhor e efetuei minha fuga.

— Obrigada, Beatrice. Devolvo assim que terminar.

— Oh, não precisa — ela replicou, sorrindo radiante com uma boca cheia de dentes marrons, enquanto eu voava pelas escadas.

**Confissão: Não estou convencida de que um peixe não seria mais feliz com uma bicicleta.**

— Por que não nos casamos ainda? — perguntei a Jade 20 telefonemas mais tarde naquela noite.

— Porque somos mulheres fortes — retrucou. Esta resposta começava a me incomodar.

— O que isso significa, exatamente? Que tenho metal na cabeça e posso suportar inúmeras cacetadas?

— Do que está falando?

— Talvez não estejamos procurando com afinco suficiente.

— Ah, eu tenho procurado bem.

— Ah, é mesmo. E como vão as coisas com Ted Tremendão? Um grande suspiro.

— Descobri que ele parece mais o Ted Bundy.

— O quê? Suspiro.

— Ele não ligou.

Desnecessário dizer, fiquei chocada... e levemente horrorizada. De todas as mulheres que conhecia, Jade era a única que nunca fora

esnobada por um cara. Os homens sempre ligavam para Jade. Ela era minha única esperança de que as mulheres não precisavam ficar esperando junto ao telefone pela eternidade. Cruz-credo. O que significaria para o resto de nós se Jade, a Supergarota Solteira, tivesse dificuldades em conseguir o encontro número 2?

Compreendendo bem demais a frustração que acompanha tais contragolpes, ofereci a única saída que toda mulher deixada à espera por um homem sempre precisa: raiva.

— Obviamente, ele é um babaca.

— Hum.

— Ou gay. Ou deficiente mental. Isto é, que tipo de retardado sai com uma garota bonita, inteligente como você e depois se recusa a pegar o telefone, mesmo que só para dizer que está feliz porque ela está viva e porque teve a oportunidade de passar umas poucas horas em sua companhia?

— Provavelmente, ele não conseguiu administrar o fato de que o derrotei em duas de três partidas de bilhar.

— Veadinho.

Houve uns poucos momentos de silêncio, enquanto ponderamos sobre como Ted Tremendão dera uma guinada para pior.

— Quem sabe fui agressiva demais — sugeriu Jade.

—É. Se ele for sortudo.

Sabia que jamais encontraríamos uma resposta. Por Que Ele Não Ligou era um dos maiores mistérios da vida de solteira. Uma vida, concluí, da qual eu agora relutantemente fazia parte.

**Confissão: O casamento — qualquer casamento — começa a parecer bom.**

Como se a ideia de uma nova e aventureira vida de solteira não fosse bastante exaustiva, no dia seguinte no trabalho fui forçada a

assumir a fachada de Alegrementemente Enamorada quando Rebecca passou pelo cubículo para me brindar com os relatos de uma noite repleta de romance com o namorado, Nash.

— Ele anda bem diferente ultimamente — disse ela, com um lampejo de entusiasmo nos olhos. — Mais comprometido.

Então desatou a contar sobre o magnífico restaurantezinho francês no Upper East Side onde haviam jantado na noite anterior.

— Talvez se você e Derrick um dia se aventurarem por aqueles lados da cidade — acrescentou —, poderíamos sair todos juntos para jantar lá a qualquer hora.

Ao que respondi com o que esperei ser um sorriso convincente, que talvez o fizéssemos, sabendo o tempo todo que seria um milagre caso Derrick sequer se aventurasse à Costa Leste novamente, sem falar no Upper East Side.

Pela hora em que me arrastei para casa naquela noite, estava convencida de que o segredo da vida era encontrar alguém — qualquer um — que permanecesse tempo o suficiente para ser persuadido até o altar. Alguém equilibrado e confiável como Nash. Ou, melhor ainda, como Richard.

Como se para enfatizar tal conclusão, papai ligou. Embora tivesse conseguido afogar boa parte da vida dele em Johnnie Walker Black Label, não havia como negar que papai foi um bom partido na sua época. Aos 30 anos, trabalhou até chegar ao topo numa firma de investimentos. Mesmo quando pediu que mamãe se casasse com ele, na tenra idade de 25 anos, ganhava um salário respeitável e tinha "movimento ascendente" estampado na testa. A vida foi bem confortável à medida que crescemos na nossa ampla residência em Garden City. Não era de admirar que levasse 20 anos para minha mãe perceber que o marido não amava nada nem ninguém mais do que o fundo de uma garrafa.

— Oi, pai — falei —, como vai você? — Esta pergunta ainda tinha certo tremor, a despeito do fato de que já fazia mais de um ano desde que Deirdre, a segunda esposa de papai, o arrastara para um centro de

reabilitação pela terceira vez em seus 12 anos de casamento. Surpreendia-me que Deirdre, que não reparou no que se metia quando casou com ele, àquela altura não o tivesse abandonado, apesar da casa grande e do jardim primoroso. Mas talvez houvesse feito a escolha certa. Afinal, ele conseguiu permanecer sóbrio desde aquele último incidente, e bater a marca de um ano constituiu um novo recorde para ele. Ainda assim, nenhum de nós confiava muito que ele não fosse cair do cavalo novamente.

—Estou ótimo, ótimo. Enfim obtive aquele acordo relativo à torradeira que estourou em cima da gente — disse, com satisfação na voz.

O fim da carreira de beberrão do meu pai teve um efeito colateral: ele se tornou extremamente litigioso. Desde que fez sua primeira tentativa de largar a garrafa, há poucos anos, desandou a processar qualquer um que acreditasse tê-lo desprezado — quer fosse a própria firma, que o obrigou a uma aposentadoria compulsória há três anos, sem uma compensação suficiente (segundo papai), ou no episódio mais recente, em que a torradeira supostamente explodiu em combustão espontânea.

Bastou uma pequena pesquisa para o meu pai descobrir que o modelo tivera um recall seis meses antes.

— Como vai minha garotinha? — perguntou agora. — Já fez seu primeiro milhão?

— Você deve contar com Shaun para isso, pai. — Aos 29 anos, meu irmão caçula ganhava mais dinheiro anualmente na ponto.com onde trabalhava há três anos do que eu jamais esperaria ganhar nos meus quatro anos na Top Noivas.

Ele gargalhou.

—Não sei, Em. Você ainda pode estar no páreo, com aquele seu bom azarão. Como vai o qual-é-mesmo-o-nome-dele?

A despeito do fato de eu estar com Derrick há dois anos, papai sempre declarava não lembrar o nome dele. E embora soubesse que daria a papai um grande prazer saber que eu não namorava mais o



babá de cachorro, barman "vagabundo" (papai nunca engoliu a justificativa de Derrick de que estava a serviço de uma causa maior e que por isso não podia se prender a uma profissão de verdade), parece que não consegui me arrancar do caminho de mentiras que havia começado a trilhar.

—Vai bem — repliquei. —Já contei que vendeu o roteiro?

Não importa o que havia acontecido entre Derrick e eu, de certo modo ainda sentia necessidade de defendê-lo junto a meu pai como um tipo perfeitamente apropriado e em ascensão de namorado. Tudo parecia bobo, porém lá estava eu tagarelando sobre quantas oportunidades se abririam para Derrick já que ele estava com os pés na porta. Negligenciei mencionar que o resto do corpo seguiu aquele pé até LA.

— Hum — respondeu papai, distraído. Esta era a parte da conversa em que ele costumava sair do ar, decerto para refletir sobre como a filha sobreviveria se casasse com um homem que não tinha nenhuma expectativa de um plano de pensão - Como vai Alyssa?— perguntou agora. —Ainda namorando aquele advogado?

Como papai andava entregando a maior parte da própria pensão aos advogados que contratava para seus vários processos, ele havia desenvolvido um respeito inédito por essa espesse particular de namorado.

— Sim, ainda estão juntos. Imagino que cedo ou tarde se casarão, embora Richard esteja tão preocupado em tentar chegar a sócio que provavelmente não vai desembuchar o pedido antes que isso aconteça.

— É o que gosto de ouvir — papai retrucou.

— Jade também está ótima — continuei. — Um dos layouts nos quais trabalhou ano passado acabou de ganhar um prêmio.

— Oh, é mesmo? — replicou. Depois riu. —Aquela Jade. Sempre foi uma pessoa criativa. Aposto que ainda não está namorando ninguém, hein?

—Você conhece Jade. Ela sempre está namorando alguém — respondi, tentando não lembrar que o último alguém se transformara

em ninguém.

— Hum... — De novo papai saiu do ar, decerto preocupado que o sucesso da vida de solteira de Jade pudesse me estimular a alguma forma complementar de existência encaçada.

— E como vai Deirdre? — indaguei.

— Ah, ela está se divertindo a valer agora que lhe dei a bênção para comprar um novo sofá para a sala de visitas. Nunca vi tantas amostras de tecido passarem diante dos meus olhos na vida. Ela acabou de perguntar sobre você. Quer saber se planeja vir para o feriado do Memorial Day.

Oh-oh. Como arrumaria um sócio de Derrick até lá? — Hum... não decidi realmente. Bem... Derrick e eu devemos fazer alguma coisa na cidade.

— Você vai passar o feriado do Memorial Day na cidade? — perguntou.

Papai, que passara os últimos 30 anos indo e vindo do trabalho naquela "toca de ratos imunda", como se referia a Manhattan, ainda não podia acreditar que eu escolhera morar aqui por vontade própria. E num apartamento do tamanho de um selo postal. Ele era um desses proprietários de imóveis que sempre buscam um tamanho maior a cada nova casa que compram, apesar do fato de a família encolher após o divórcio. A atual, uma ampla casa vitoriana em Huntington, era um monumento a tal filosofia.

— Não sei o que vou fazer no Memorial Day. Não decidi ainda — retruquei, com a ansiedade rastejando na voz.

— Tudo bem, tudo bem. Sem pressão. Deirdre só perguntou porque pensamos em viajar neste fim de semana.

— Ah. — E aqui estava eu temendo que papai e Deirdre sofressem com minha ausência no churrasco anual da família.

— Certo, bem, não permita que eu o impeça de fazer planos. - disse, torcendo para que ele e Deirdre saíssem da cidade e deixassem a mim e a meu namorado fantasma a sós.

Conversamos por mais um breve tempo antes de desligar. Então, com um suspiro que evoluiu para um gemido, cedi à tentação e agarrei um álbum de fotos na prateleira. Folheando até me deparar com a minha primeira foto com Derrick, encarei profundamente seus olhos enigmáticos à procura de respostas para o que tinha dado errado. E conforme perscrutei seu rosto sorridente, percebi que, a despeito de todas as boas fases que tivemos, nosso relacionamento havia culminado num absoluto amontoado de nada. Depois lembrei a admiração na voz do meu pai ao perguntar sobre Richard.

Talvez papai estivesse provando algo ali. Talvez eu devesse procurar um homem com maior potencial e uma sólida carreira. Um homem que tivesse construído um nome no mundo por si próprio e que agora estivesse buscando uma esposa por quem voltar para casa. O tipo de homem que eu devia namorar. Alguém como Richard, com quem não caberia a pergunta Ele Vai Me Pedir, mas apenas Como e Onde.

Liguei para Alyssa, esperando descolar um potencial advogado gostoso. No mínimo, arranjaria um encontro para o feriado do Memorial Day. Talvez até para o casamento da minha mãe também.

— Por que um advogado? — perguntou Alyssa quando lhe fiz o pedido.

— Você diz isso com tanto desânimo na voz, Lys. E da última vez que conferi você não só levava uma vida de advogado como vivia com um.

— Falo de você, Em. Você nunca quis um dos pretendentes que arranjei antes.

— Era porque não percebia a vantagem de namorar um advogado até agora.

— Oh-oh. Aí tem.

— Bem, toda a minha observação da espécie masculina através dos anos me conduziu a uma conclusão: os homens só pensam em casamento quando atingem um determinado nível de renda. E supondo que a maioria dos advogados da nossa idade está prestes a alcançar esse marco de comodidade — ou provavelmente já o ultrapassaram —,

calculei que as chances de casar são melhores com um advogado. No mínimo, poderia abrir meu caminho até o altar com argumentos.

— Espere aí um segundo. Gravando. Desde quando você é tão eufórica para se casar?

— Estou com 31 anos. Devia começar a pensar a respeito, não acha?

— Eu também tenho 31, e você não me vê desesperada para comprar um vestido.

— Lys, sem querer ser mesquinha ou coisa assim, mas é bem mais fácil ser corajosa sobre o status de ser solteira quando se tem o Marido Número 1 morando debaixo do mesmo teto.

— Nada é definitivo entre Richard e eu.

— Sim, mas vocês claramente estão... — Uma pontada de pânico me atravessou quando a ficha caiu. Havia algo acontecendo. — Espere um segundo. O que há com vocês?

— Ah... nada.

— Por favor, não me diga que você e Richard estão em crise. Você destruiria minha última crença de que existem almas gêmeas. De que as pessoas podem de fato unir paixão a um felizes-para-sempre.

— Está tudo ótimo, acho.

— Lys...

— Certo. Conheci outra pessoa.

— O quê?

— Não que eu planejasse ou qualquer coisa do tipo. — Ela nunca faria isso. Os homens apenas se apaixonavam por Alyssa sem avisar.

— Quem é esse?

— Não ria.

— Prometo.

— Dr. Jason Carruthers.

Conte com Alyssa para partir de um advogado para um médico.

— Deixe-me adivinhar... seu ginecologista?

— Não seja ridíc...

— Seu optometrista? Seu dentista?

— Meu veterinário.

— Seu o quê?

De repente minha cabeça se encheu de imagens de um homem esquelético, de fala mansa, com tufo de pelos faciais. Afinal, nunca tinha visto um veterinário que não se tornasse parecido com os pacientes que trata.

— Contei que Lulu teve problemas de funcionamento intestinal? Bem, fui ao antigo veterinário, só que ele se aposentou. E no seu lugar estava Jason.

— Jason? Vocês já se tratam pelo primeiro nome?

— Sei no que está pensando. É só que nunca conheci ninguém igual a ele antes. E não é só porque é lindo. Há uma certa... ternura nele.

— Oh, Deus. Não me diga. Vocês fizeram...

—Não... não! Nada do gênero. Me refiro ao modo como ele trata Lulu.

Comecei a ficar desconfiada. Lulu era o lapso de Alyssa, o cão com quem ela crescera no Upper East Side e o último resquício da mãe, que morrera há dois anos. O pai de Alyssa tivera um enfarte fulminante quando ela era adolescente, e a mãe lhe arrumara um filhotinho durante aquele ano difícil. Alyssa amava aquele cachorro como se fosse o último membro da família que lhe restava. E Lulu realmente era. Sem contar eu e Jade, óbvio.

— Como vai Lulu?

— Nada bem. Jason acha que podem ser os rins.

Ahá.

—Bem, não faça nada precipitado, Lys. Apenas cuide desse negócio com Lulu, e depois observe como as coisas caminham. Você e Richard

têm uma longa história juntos. Isso não é algo que você deva analisar às pressas.

— Eu sei. Eu sei. E só que... as coisas mudaram entre nós. Eu... eu às vezes sinto como se nem mais conhecesse Richard. Talvez ele tenha mudado. Droga, talvez eu tenha mudado.

— Lys, tudo o que digo é que não faça nada...

—Ah, merda. Tenho que desligar. Richard acabou de chegar em casa. Ouça, Em, vamos manter isso entre nós. Não contei nem a Jade. Você sabe como ela pode ser... e não me sinto inclinada a ser ridicularizada justo agora. Vou cuidar dessa história do encontro com um advogado. Talvez Richard conheça alguém. Vou ligar para você...

— Alyssa...

— Ei, talvez pudéssemos nos reunir para jantar no sábado à noite? Richard vai sair da cidade a negócios, e faz um longo tempo desde que fizemos um autêntico programa só de garotas. Jade está por aí? Vamos combinar algo.

— Está ótimo, Lys, mas não pense que vou deixar que escape fácil dessa.

— Certo, certo. Prometo que vou me comportar. Ao menos até sábado.

# TRÊS

*"Casar é a parte fácil"*

— Virginia McGovern, mãe de Emma Carter

**Confissão: A sabedoria da minha mãe começa a fazer sentido para mim (que Deus me ajude).**

No dia seguinte era o meu planejado almoço com mamãe, que ainda agia sob a hipótese adorável-porém-absolutamente falsa de que sua única filha estava no caminho certo para o felizes-para-sempre com o próprio homem dos sonhos. Embora eu ainda não tivesse decidido como tratar do assunto Derrick, me dirigi ao restaurante que ela escolheu perto do meu escritório, munida de catálogos e brochuras turísticas repletas de todo o tipo de sugestões para realizar o casamento com que sonhava.

Ela já estava lá sentada a uma mesa nos fundos quando cheguei, e de repente percebi de quem devo ter herdado a técnica de chegar cinco-minutos-adiantada. "Seria eu mais parecida com mamãe do que pensava?", imaginei com súbito horror.

— Emma! — exclamou quando me aproximei da mesa. Levantou-se e me envolveu num abraço caloroso, com perfume de damasco. Quando nos afastamos, concluí que puxar à minha mãe não seria tão ruim, afinal, pelo menos no departamento de aparência. Apesar de ter 55 anos, ela ainda era uma mulher bonita, com cabelos castanhos ondulados emoldurando o rosto de malares salientes. Além do fato de ter os mesmos olhos cor de avelã que eu — embora os dela parecessem definitivamente verdes —, ninguém adivinharia que éramos mãe e filha.

E por falar nisso, como saí com cabelos lisos de um marrom opaco e sem maçãs altas? Talvez tais coisas pulassem uma geração.

— Como vai, doçura? — disse ela, escrutinando meu rosto logo que nos sentamos uma em frente à outra.

— Bem, bem — respondi, escondendo a cara imediatamente atrás do cardápio para disfarçar qualquer lampejo de infelicidade que lograsse me denunciar. — Cansada. O trabalho anda uma loucura, como de hábito.

— Às vezes, é legal tirar uma folga no meio do dia. Eu estava lendo este novo livro: Um espaço mental para você mesmo, que fala como podemos renovar as energias criativas apenas reservando apenas 15 minutos por dia para meditar.

— Infelizmente, não vão nos deixar acender incenso no escritório.

— Ah, Emma, não precisa... — Ela parou, decerto percebendo que não ia conseguir nada comigo, como de costume. — Por que você sempre tem que ser tão difícil?

— Desculpe, eu... — Então vi o anel, uma pedra azul grande e escura que cintilava magnífica em sua mão esquerda. — Ah, é este? Quer dizer, é este o anel que Clark lhe deu?

Ela sorriu radiante e estendeu a mão.

— Não é absolutamente perfeito? Decidimos permanecer longe dos diamantes depois de... Bem, sabe como é, começo a pensar que dão azar após as primeiras duas... Seja como for, quando Clark me deu esta safira, contou que os antigos acreditavam que este era o azul mais verdadeiro do mundo, um reflexo dos céus acima de nós. Quis que eu a guardasse como um símbolo da sua fé, da sua sinceridade. — Ela enrubesceu. — Você conhece Clark. Sempre pensa como um poeta.

A expressão na face da minha mãe era positivamente beatífica. Comecei a suspeitar que talvez isso fosse verdadeiro. Até as palavras seguintes.

— Clark e eu decidimos fazer um voto de celibato.



— O quê? — Hoje em dia a vida sexual de mamãe, ou sua ausência, era um assunto que eu estritamente evitava. Mas não consegui deixar de perguntar: — Para sempre?

— Oh, não. Claro que não! — Então, espiou ao redor e inclinou-se mais para perto, confidenciando: — Só faz uma semana, e Clark está passando por uma fase penosa o bastante do jeito como está. Justo na outra noite...

— Certo, certo — falei interrompendo, sem querer que ela entrasse em quaisquer detalhes que eu não conseguisse suportar ouvir. Ao longo dos anos, o status de solteira intermitente de mamãe sempre me colocava na posição de confidente, considerando que eu era a única outra mulher próxima na sua vida por longos períodos. Mas, apesar disso, há certas fronteiras que mãe e filha jamais devem cruzar. — Me deixe adivinhar. Até a noite de núpcias?

— Sim! Então, já ouviu falar de casais que fazem isso?

— É. Acho que certa vez publicamos uma história a respeito na Top Noivas. Algo sobre recapturar o romantismo de uma noite de núpcias à moda antiga.

— Exato. Sabia que devia ter ouvido falar. Clark, a princípio pensou que eu estivesse louca, mas sabe como ele é conformado.

— Posso trazer uma bebida para as senhoras, como aperitivo? — perguntou o garçom, quando enfim apareceu na mesa.

Mamãe olhou para cima e irradiou um sorriso tal, que ele quase corou.

— Creio que estamos prontas para fazer os pedidos — falou-lhe. Depois me fitando, perguntou: — Decidiu, Emma?

Não, mas aquilo não deteria minha mãe, que tinha fixação por comportamento cronológico eficiente desde que leu Doze táticas para poupar tempo que só vão aumentar sua vida.

— Você pede primeiro. Estarei pronta em um minuto — falei, meus olhos percorrendo o cardápio freneticamente.

— Vou querer a salada com galinha grelhada, molho ao lado e uma água com gás — disse ela. Então, me olhando, continuou: — As saladas são boas mesmo, Emma.

Este é o tipo de comentário que minha mãe faz que me coloca em imediata especulação paranoica. Claro que ganhei peso e sutilmente mamãe me reconduz da beira de um ventre protuberante e manhãs passadas diante do espelho na obsessiva busca por um traje que disfarce a mudança súbita no tamanho de vestido. Se havia uma coisa para a qual eu podia contar com mamãe era a cuidadosa monitoração de peso flutuante. Caso confiasse em meus próprios olhos que tendiam a me iludir naqueles períodos da vida em que sentia uma necessidade opressiva de me empanturrar a qualquer oportunidade, temia acordar um dia precisando de um guindaste para me tirar da cama.

— Vou querer a salada Cobb e um chá gelado — disse, entregando o cardápio ao garçom, que acenou com a cabeça de leve e saiu correndo.

— Já contou a Derrick sobre o casamento?

— Ah, sim, lógico — respondi, depois prosseguindo com rapidez: — Conteí a Jade também. Ela entrou em colapso de tão emocionada que ficou por você.

Mamãe parou, me encarando firme por um momento.

— E você, presumo, não ficou tão emocionada?

Aí vem ela. A hora da confissão.

— Não é que eu não esteja feliz... — comecei.

— Você não bota fé — disse minha mãe. — Receei que isso acontecesse.

Ufa. De fato, fui salva pela psicologia barata. Senti mamãe prestes a assumir daqui, explicando as razões de correr para o altar pela terceira vez.

— Sei que por muito tempo na vida agi como se tivesse enfiado a cabeça na areia, e provavelmente na verdade foi o que fiz — reconheceu.

Me fitava agora com prudência, e vi em seus olhos uma necessidade ardente de cuidar para que as coisas fizessem sentido para mim.

— Não foi tão ruim para você... — afirmei, tentando apagar qualquer ansiedade que ela ainda pudesse ter sobre o trajeto em ziguezague que o curso de sua vida havia tomado até aqui.

— Foi ruim em certas épocas. E penso que foi porque simplesmente me recusei a ver o que estava bem na minha frente. Mas olhei para Clark e vi tudo. Seu calor, Sua compaixão. Seu bondoso, bondoso coração. — Os olhos embaraçaram. — Mas também vi os defeitos. Sei, por exemplo, que às vezes ele fica tão envolvido com o trabalho ou com seus alunos que se desliga das minhas necessidades. E que às vezes sente dificuldade em se adaptar às mudanças... e você sabe que minha vida, pelo jeito, não é nada senão mudanças. — Então sorriu. — E ele ronca. Alto.

— Você ronca também, mamãe.

— Oh, Em, eu fico muda comparada a ele. — Gargalhou antes de ficar séria de novo. — Mas o que sei com certeza é que o amo de um modo como nunca amei ninguém mais. Faria qualquer coisa por ele. Iria a qualquer lugar para estar a seu lado. Cuidaria dele caso adoecesse, que Deus não permita. E sei, desta vez com certeza, que ele faria o mesmo por mim.

As palavras dela ecoaram em mim, ressoando de uma maneira que eu não estava pronta a escutar. A pergunta surgiu espontânea, sobre como Derrick e eu seríamos mesmo as almas gêmeas que sonhei se éramos tão avessos a dar sequer um pouquinho de nossas vidas um para o outro. Mas engoli rápido a dúvida, contornando o nó na garganta. Felizmente, o garçom aproveitou o momento para aproximar-se com as saladas.

Assim que ele se foi, mamãe falou:

— Isso faz algum sentido para você?

Vi em seu rosto o quanto carecia da minha aprovação para esta última série de eventos em sua vida, e embora por vários motivos eu

não estivesse pronta para engolir tudo de uma vez, estava apta para começar a observar suas esperanças e sonhos por um viés mais solidário.

— Compreendo. E fico feliz por você, mamãe. Na verdade, tenho uma pilha de sugestões para tornar o casamento número 3 um charme. — Então ri, incapaz de concluir as coisas sem um toque irônico. — Porque você sabe tão bem quanto eu, mamãe, a questão não é realmente com quem você casa. É como você casa.

E, com isso, mergulhamos no almoço e na pilha de sonhos para o dia de núpcias que havia trazido na mochila. As coisas entraram num ritmo mais equilibrado depois disso, razão pela qual não entendi o nó de emoção que surgiu assim que os pratos de salada se esvaziaram e nos sentamos a examinar minuciosamente as últimas fotos de noivos que olhavam pensativas para a câmera ao posar sob diversas arcadas e caramanchões, que podiam ser alugados e transportados para a locação da sua preferência.

De repente, do nada, senti algo afrouxar dentro de mim. E antes que soubesse o que dizia, contei tudo para mamãe. Sobre a partida desastrosa de Derrick e minha recente desgraça. E depois que derramamos algumas lágrimas e nos angustiamos sobre os "porquês" por trás do rompimento — mamãe é especialmente boa nesse tipo de análise, já que submergiu em livros de autoajuda na medida em que cada relacionamento terminava em sua própria vida. Nos permitimos fatias gigantescas a Mad Mocca Mud de sobremesa. Comemos inclusive as porções de creme de baunilha amontoadas do lado.

— Você sabe do que realmente precisa? — mamãe perguntou, quando finalmente emergiu do prato de sobremesa.

Fitei-a, pressentindo que alguma significativa fração de sabedoria estava por vir.

— Reflexos.

**Confissão: Existem certos males que só um cabelo bonito pode curar.**

Embora concordar com mamãe não seja o meu forte, devo admitir que ela tinha razão — eu estava com cabelo de acomodação de namoro. Longos cachos castanhos denunciavam noites de sábado em casa, abraçada ao suéter e às cuecas samba-canção de Derrick enquanto assistíamos vídeos e nos empanturrávamos com quaisquer beliscos que lográssemos encontrar na mercearia da esquina. Para remediar a situação, fiz como no Período Pré-Derrick, quando as tinturas eram parte regular da minha rotina. Naquela noite, liguei para Sebastian, meu outrora cabeleireiro.

— Emma, que surpresa! — disse ele, com uma pontada de censura na voz, enquanto falamos ao telefone. Esse é o problema quando se toma como amigo a pessoa que no fim das contas se torna responsável pelo seu cabelo. Eles esperam que você se restrinja às fronteiras da amizade, mesmo quando tudo de que precisa são algumas mechas louras. Como não falava com Sebastian há mais de seis meses, precisei amaciar as coisas, convidando-o a sair para tomar uns drinques.

— Oh, eu não bebo mais, Emma. Chá, quem sabe? — respondeu, mencionando qualquer espelunca vegetariana na Rua 3 Oeste e sugerindo que nos encontrássemos lá na noite seguinte.

A atitude abstêmia devia ter me prevenido, mas estava tão absorta na minha futura transformação que ignorei os sinais. Então, ao me dirigir à Rua 3 Oeste depois do trabalho, no dia seguinte, ansiava por encontrar Sebastian e trocar anedotas sobre os homens nova-iorquinos e outras criaturas bizarras. Quando Sebastian e eu nos conhecemos, ele namorava um colega meu de faculdade, Keith. E embora Keith e Sebastian não durassem mais do que um semestre, isso foi o suficiente para selar o vínculo entre nós. Segurei sua mão na época do rompimento, virei alguns drinques discretos com ele e esculachei a lamentável condição da espécie masculina, excluindo Sebastian, é óbvio. E quando tudo foi dito e feito, Sebastian começou a pintar o meu cabelo.

Foi uma relação difícil desde o início, embora meu cabelo nunca sofresse. Sebastian me guiou através de todos os tons de louro, uns

poucos matizes de vermelho e até um marrom-chocolate intenso — que, surgindo de suas mãos mágicas, até pareceu meio perigoso e excitante. Ele era um artista, mas, como todos os artistas, era temperamental. Insistia que os amigos não deviam pagar, depois reclamava que tiravam vantagem dele. Chegou ao ponto em que era forçada a largar o dinheiro furtivamente no balcão quando saía do seu apartamento, após uma sessão de coloração, como um amante deixando presentes discretos para a concubina. Ele era alternadamente aberto, depois reservado, em relação a sua vida amorosa, e eu nunca sabia quando era uma boa ocasião para perguntar como iam as coisas entre ele e quem quer que fosse o bofe delicioso — e eles eram sempre maravilhosos — que estivesse em sua vida.

— Emma — chamou, acenando lânguido para mim enquanto eu me desembaraçava da cortina de veludo pendente entre o balcão de sucos e a área de refeições onde Sebastian estava sentado, reinando sobre as imediações como a rainha que era. De certa forma, Sebastian conseguia achar um lugar que combinava com sua singular aparência — uma mistura de salubridade e exotismo. Em meio aos quadros com molduras douradas de várias plantas e ervas, e fileiras de um magnífico tecido pendendo das janelas e paredes, Sebastian, com exuberantes cachos dourados e olhos orientais incrustados num rosto de querubim, parecia estar em casa.

Assim que cheguei à mesa, ele me colheu num abraço — o substituto para o hábito de beijar ambas as faces que ele instituiu nas escassas últimas vezes em que o vi.

— Sente, sente! Este lugar não é fabuloso? — insistiu Sebastian, estudando meu rosto com um misto de reverência e zelo. Toda vez que estava com Sebastian, as mesmas inseguranças que sentia na presença de uma bela mulher me assaltavam — que minhas sobrancelhas precisavam de trato e o batom de retoque. Em suma, me sentia aflitivamente inferior no departamento da feminilidade.

— Como você está? — perguntou logo que nos sentamos um diante do outro, com gigantescos cardápios escarlates — de um tecido

cuja textura certamente era pouco prática para um ambiente gastronômico — a nossa frente.

— Bem, bem. Como vai você? — indaguei, examinando-o por cima do menu. — Você parece... relaxado.

— Mesmo? Oh! Tenho tanto a lhe contar.

— Posso fazer o pedido?

Afastando o cardápio, fui confrontada por um umbigo com piercing e um jeans de cós baixo. A garçonete, uma garota magricela cujo semblante entediado denunciava uma absoluta indiferença por nossas necessidades, postou-se ao lado da mesa à espera. Aparentava estar exausta e eu percebi um carimbo desbotado no dorso da sua mão, provavelmente de algum clube noturno do East Village. Não fosse pela pergunta feita de mansinho, eu podia pensar que ela iria se esticar no banco ao lado.

— Darjeeling para mim — falou Sebastian, citando alguma substância que presumi ser chá.

Reparando na ausência lamentável de bebidas cafeinadas no cardápio, pedi camomila, decidindo que, já que eu não ia arranjar um estimulante, poderia optar pelo extremo oposto.

— Então, conte, conte. Como vão as coisas? Derrick? — inquiriu Sebastian, ajeitando-se nas almofadas que rodeavam o assento.

— As coisas vão bem. Derrick foi... embora.

— Embora? Como...?

— Consegui uma oferta de trabalho, mudou para a Costa Oeste.

— Ah, puxa. — O nariz pequenino e bonitinho de Sebastian franziu em solidariedade.

— É, bem, acho que não se pode dizer que ele não me avisou.

— Esse é o problema com homens ambiciosos, criativos e deslumbrantes. Sempre arrumam qualquer coisa para ocupar as mãos melhor do que você.

Ergui o copo d'água, e bati no de Sebastian.

— Essa é para os desertores.

— Desertores com fundos de ações — replicou Sebastian, erguendo o copo para beber. — Homens sem dinheiro não tem graça. — É verdade — anuí. — Andei pensando em subir de nível no departamento masculino. Tenho os peitos, tudo de que necessito é a tintura. Que me diz, Sebastian? Topas? — ri, tentando não soar desesperada demais. Eu precisava ficar mais loura, e Sebastian era o único em quem confiava para me levar naquele próximo estágio.

— Oh, Emma. Descobri que tintura de cabelo, mesmo a boa tintura, não pode solucionar todos os problemas.

Aqui foi quando comecei a perceber que Sebastian mudara sob algum aspecto elementar. O medo principiou a me invadir.

— Desembuche — falei, buscando uma entonação descontraída.

— Lembra do John? John Impossível?

— Vocês dois estão juntos de novo? — perguntei com incredulidade. John foi o homem que atormentara Sebastian durante a maior parte do tempo em três anos. Ator medíocre, John era conhecido por jurar seu amor imortal a Sebastião momentos antes de se escafeder com um assistente de produção moreno ou um ajudante de figurino de qualquer set de filmagens em que trabalhasse na época.

— Não, não. Jamais, por sinal — redarguiu, contraindo os lábios quando a garçonete depositou o chá a nossa frente e uma vez mais saiu serpenteando. — John foi substituído permanentemente. — Passou a revirar o interior da mochila brilhante que tinha consigo. Pegando a carreira, abriu-a na parte de fotos e me entregou.

Fiquei chocada ao me flagrar admirando a foto de uma mulher indiana vestida em trajes típicos, com um bindi firmemente ajustado na testa e um sorriso gentil nos lábios, Não apenas era fêmea — uma possibilidade inimaginável como novo par para Sebastian — mas também alarmantemente emancipada do tipo de coisas femininas que normalmente davam prazer a Sebastian, como batom, decore e uma sobrancelha bem feita.

— Conheça a mulher que salvou minha vida — falou, sorrindo.



Fitei-o, perplexa.

— Não entendi.

— Emma, passei pela mais surpreendente transformação.

— Você não virou hetero, virou?

— Deus me livre! — berrou, sacudindo a cabeça. — Não, não é nada disso. Esta é a minha guru.

— Guru?

Sorriu satisfeito, como se faz com uma criança pequena com séria necessidade de esclarecimento.

— Deixe-me começar pelo princípio. Esbarrei em John há uns dois meses, e você não ia acreditar na aparência dele. Completamente careca, para início de conversa.

— John? — disse, lembrando o quanto ele sempre havia cultivado as longas melenas escuras.

— Eu sei, eu sei — replicou Sebastian, mostrando-se triste por um instante, como se o desperdício daquela bela cabeleira ainda pudesse doer, a despeito de quaisquer revelações sobre a vida que houvesse recebido recentemente. Controlando-se outra vez, ele continuou: — Ele tinha um aspecto sereno. De fisionomia quase transfigurada, ficou ainda mais maravilhoso, se você conseguir imaginar isso! — Os olhos se arregalaram diante da ideia. — Perguntei como estava, e ele começou a me contar que tinha seguido um novo rumo na vida. Quando quis saber mais, me contou que estava praticando uma forma de hinduísmo e que treinava para ser curandeiro.

— Uau. Quem podia imaginar — comentei, engolindo a camomila e desejando de súbito que fosse outra coisa... como um martíni. Tive uma sensação de naufrágio quanto às perspectivas capilares, especialmente quando notei de repente que Sebastian deixara as sobrancelhas crescerem. Não era um bom indício num homem a quem uma vez idolatrei por seu regime de beleza.

— Quando dei por mim, ele estava me convidando para uma reunião — contou Sebastian, erguendo a xícara de chá e segurando-a

entre as mãos diante de si. — Vou confessar que quando concordei em comparecer, de início eu tinha sexo em mente. Você sabe que não importa o que aconteça entre mim e John, jamais tivemos problemas nesse departamento. Mas no momento em que atravessei as portas do Centro Holístico de Cura Vital, me tornei um novo homem. Em poucas semanas, eu estava no caminho, e agora eu mesmo estou perto de receber o certificado de curandeiro. Até planejei uma viagem à Índia no outono, para conhecer o guru. Mal posso esperar para ir.

Senti-me arrependida. Sebastian parecia feliz. Quem era eu para estragar sua felicidade com meus próprios desejos egoístas?

— Isso é maravilhoso, Sebastian.

— Sabia que entenderia, Emma. De fato, eu pretendia ligar para você para convidá-la para a reunião. Creio que você, em especial, podia se beneficiar com isso. — Abaixou a xícara, depois estendeu as mãos e segurou as minhas nas dele.

Admito, senti algo como uma força tranquilizante naqueles dedos. É evidente que, incapaz de reconhecer tais coisas, fiz uma última súplica impassível, quase cômica.

— Então, acho que isso significa que uns poucos reflexos louro-acinzentados estão fora de questão, hein?

— Ah, Emma — ele sorriu beatífico, soltando as minhas mãos. — Esse universo parece tão distante de mim agora. — Em seguida, piscou. — Além do mais, você sabe que sempre vi você como loura dourada.

**Confissão: Entro em contato com minha mulher de carreira interior... e descubro que ela saiu para almoçar.**

No dia seguinte, ao examinar apontamentos antigos na tentativa de elaborar um artigo sobre as tendências atuais para arranjos florais, Marcy Keller, assistente de produção e fofqueira oficial do escritório, se esgueirou para dentro do meu cubículo.

— O que há, Emma? — indagou, sentando-se na poltrona de visitante.

Imediatamente entrei em alerta vermelho. A única razão pela qual Marcy Keller chegaria a ponto de se sentar na poltrona de visitante para conversar seria: a) porque tinha algum dedinho de fofoca picante que já compartilhara com todos no escritório e eu era sua última parada; ou b) tinha um dedinho de fofoca picante sobre mim, que viera tentar constatar furtivamente.

Um calafrio percorreu meu corpo. Eles sabiam. Sabiam sobre o recente, brutal rompimento. Mas como?

— Então, o que traz a este canto do mundo, Marcy? — perguntei trêmula.

Ela ergueu o olhar e inclinou-se mais para perto, com os olhos apertados até parecerem fendas por trás da armação quadrada e negra que usava sobre o gancho do narizinho perspicaz.

— Sandra demitiu-se — sibilou para mim. Depois, alisando o cabelo curto castanho-escuro para trás das orelhas reclinou, cingiu os braços em torno do corpo dolorosamente magro e observou suas palavras surtirem efeito.

O alívio varreu meu corpo, seguido pela compreensão. Sandra era uma das três editoras executivas reinantes na Top Noivas e acabara de desistir de um dos poucos cargos executivos ao qual uma editora assistente como eu poderia aspirar. Agora entendo por que fui escolhida para este particular dedinho de fofoca. Como era editora assistente com quatro anos de experiência nas costas e a mais antiga, eu era a candidata mais provável à indicação. Então, Marcy veio em missão de reconhecimento. Decidi não lhe dar o gostinho.

— Sandra demitiu-se? — comecei, reclinando-me na cadeira. — Que loucura. — Fiz uma pausa, ponderando a respeito por um momento para aumentar a tensão dramática. — Hum. Pensei que ela cumpriria a prisão perpétua. Quanto tempo passou aqui, cinco, seis anos?

— Sete e meio — respondeu Marcy, com voz exultante pelo escândalo criado pela saída de uma funcionária de longa data. — Ouvi dizer que ela e Patrícia brigaram.

Agora sabia que ela estava enfeitando. A diretora de redação era gentil, equilibrada, e certamente a última pessoa que começaria um bate-boca na Top Noivas, a revista que era a razão de sua vida. O que me fez matutar sobre a suposta baralha que teria tido com Sandra, que não era exatamente uma grossa, embora corressem rumores de que possuía um gênio difícil.

— Hum. É duro de imaginar.

— Sim, bem, você conhece Sandra — Ela pode ser uma jararaca quando as coisas não vão bem para o seu lado. E não vão mesmo, desde que o marido a largou.

— O marido a largou? — perguntei, subitamente envolvida, a despeito de mim mesma.

Marcy revirou os olhos por trás dos aros quadrados.

— Isso foi há seis meses. Deus, Emma, por onde você tem andado? Fechei a boca semiaberta num estalo.

— Bem, em geral estou ocupada demais com o trabalho para prestar atenção nas fofocas — repliquei, decidindo que agora era a hora perfeita para colocar Marcy no seu devido lugar.

Marcy engoliu em seco e começou a se retratar.

— Sim, você trabalha muito mesmo. Já a vi por aqui até tarde umas poucas vezes — afirmou, mudando de tática quando percebeu que o ridículo não a levaria a parte alguma comigo.

— É, bem. De vez em quando. Quando tenho um prazo a cumprir — retruquei, constrangida que alguém pudesse me tomar por uma das Devotadas, algumas das quais desistiram da própria vida, dos sonhos e, aparentemente, no caso de Sandra, dos maridos, em nome de publicar uma revista mensal sobre como tornar o e-foram-felizes-para-sempre realidade.

— Não, você trabalha duro — protestou, me olhando firme e fazendo com que eu percebesse pela primeira vez que na verdade seus olhos eram cinzentos por trás daquelas grossas camadas de delineador preto. — Li seu artigo "Síndrome de Cinderela: Em Busca do Sapato Perfeito para o Dia de Núpcias". Ficou admirável.

Agora ela me pegou.

— Ah, bem, obrigada. Eu gostei de trabalhar naquele artigo.

— Simplesmente amei o jeito como captou a ansiedade para se encontrar o sapato que seja tão confortável quanto encantador. E o ponto de vista do conto de fadas foi muito inteligente. Qual foi mesmo a frase com que você abriu?

Reclinada na cadeira, com algo próximo a um embaraçoso orgulho curvando meus lábios, recitei:

— Agora que encontrou um Príncipe Encantado que é o par perfeito para você, é hora de se preocupar com o sapato que vai calçar para aquela longa, e potencialmente dolorosa, caminhada até o altar.

— Sim, sim! — disse Marcy, empertigando-se mais na cadeira. — Isso foi impressionante.

— Obrigada, Marcy. Puxa, nunca percebi que você lia a revista.

— Não brinca! — Marcy reclinou-se na cadeira outra vez. — Você é boa, Emma. Boa mesmo. Quanto tempo faz que está aqui agora? Três anos e meio?

— Quatro anos e dois meses na semana que vem.

— Uau. — Sorriu radiante para mim, e os olhos se aguçaram, especulativos. — Sabe, você seria uma excelente indicação para o cargo de editora executiva.

— É gentileza sua dizer isso, mas...

— Isto é, você tem mais anos de casa que todas as subeditoras.

— Eu sei, mas não significa...

— E todos sabem que você é a melhor redatora que possuímos na equipe — completou, lançando o trunfo com uma centelha de satisfação

nos olhos.

— SÉRIO?

— Ah, Emma. Não precisa ser tão modesta comigo. Ou melhor, só presumi que você tentaria a promoção. Afinal, você é a candidata mais forte.

Inclinei-me para a frente na cadeira.

— Bem, já que mencionou isso, pensei em conversar com Caroline quanto às oportunidades dentro da companhia. — Era verdade que recentemente eu havia acalentado vagos pensamentos sobre conversar com minha chefe a respeito do futuro. Mas nas fantasias eu sempre me imaginava entrando no escritório dela com um discurso ensaiado, depois irrompendo arbitrariamente num falatório sobre o quanto ninguém reconhecia o imenso talento que eu era. E foi isso que sempre me demoveu de iniciar qualquer diálogo com Caroline sobre o assunto. Mas agora parecia — pelo menos de acordo com Marcy — que todos andavam bastante impressionados comigo.

— Você devia falar com ela.

— Hum. Talvez eu fale, a qualquer hora na próxima semana. Isto é, tenho este artigo para terminar e outro para revisar..

— Eu não protelaria isso por tanto tempo — advertiu Marcy. Então levantou-se, inclinando-se bem perto para o golpe mortal. — Quer dizer, você não quer que outra pessoa se mexa primeiro.

Ela tinha um bom argumento.

— Sim, é verdade. — Ergui o olhar para ela, tentando encontrar algum lampejo de camaradagem em seu rosto, e descobri algo similar a solidariedade e boa vontade, porém eu estava aturdida demais para discernir no momento. — Farei isso logo cedo na segunda de manhã. Depois talvez ela possa me aconselhar em relação a como abordar Patrícia. — Embora a ideia de abordar uma diretora de redação a respeito do cargo abrisse um buraco no meu estômago. Duvidei que Patrícia sequer soubesse que eu existia. Contudo seria necessário, caso eu realmente fosse levar isso adiante.

E parecia que sim, a julgar pelo sorriso triunfante no rosto de Marcy quando deu uma desculpa ligeira e saiu em disparada do meu cubículo, mais do que provavelmente para encontrar alguém digno da sua mais recente novidade — que Emma Carter, editora desencantada no auge do desespero da carreira, acabara de entrar na corrida atrás da promoção mais alta que uma garota sem nenhuma vertigem pelo casamento e todo o seu martírio poderia desejar aspirar na Top Noivas.

Oh, Deus. O que fui fazer?

Imediatamente procurei Rebecca, esperando que ela no mínimo fosse capaz de oferecer qualquer esclarecimento sobre essa mais recente evolução.

— Ei — disse, afundando na sua poltrona,

— Oi — falou ela, afastando-se devagar da tela do computador, em que digitava com fúria.

— Não estou interrompendo, estou? — perguntei, subitamente consciente de que ela se mostrava tão concentrada no que fazia que eu era mais um estorvo do que uma colega de escritório no momento.

— Não, não. Só queria concluir este artigo antes da hora do almoço — ela respondeu, salvando o arquivo e virando-se para mim.

Terminar um artigo antes do almoço? Desde quando Rebecca se tornou tão eficiente? Sem tempo para ponderar tais questões, comecei:

— Já soube da Sandra?

— Oh, sim. Marcy já fez as honras — disse Rebecca, revirando os olhos.

— Estou pensando em tentar.

Ela hesitou pelo mais breve instante, porém longo o suficiente para que eu percebesse a surpresa em seu rosto.

— Não acha que eu devia? — perguntei, repentinamente na defensiva. O que havia comigo que Rebecca ainda não me considerava uma potencial editora executiva? E quem era ela para julgar, já que foi contratada há apenas um ano e meio?

— Não, não. Nada disso. — Então sorriu. — Você devia tentar. Se é o que realmente quer.

— Óbvio que é o que quero! Isto é, o que vou fazer? Sentar aqui por mais quatro anos, ganhando o mesmo salário estúpido? Afinal, não é como se essas oportunidades surgissem todo dia. Sandra levou sete anos e meio para debandar e deixar o cargo em aberto.

— É verdade. — Rebecca suspirou. — As coisas não eram as mesmas para ela desde que o marido partiu.

— Puxa, acabei de ouvir esse fuxico no escritório. Eles casaram apenas há dois anos. Isso não deixou você zozza?

— Sim — replicou Rebecca —, sempre pensei que ela e Roger tinham o casamento perfeito.

— Você o conheceu?

— Bem... Sandra convidou a mim e a Nash para jantar cerca de um ano atrás. Ela também frequentou a Sarah Lawrence, se formou uns poucos anos antes de mim. Acho que calculou que tivéssemos muito em comum. Foi uma noite divertida. Sandra é mesmo pé no chão, uma vez que você a conheça.

— É... — Agora essa novidade realmente me pegou. Jamais vislumbraria Sandra e Rebecca como amigas. Novamente as suspeitas em relação a Rebecca se ataçaram. Até onde ela estava entrincheirada nesse mundinho maluco?

Descobri, minutos mais tarde, quando escutei suas palavras seguintes.

— Acho que você devia tentar o cargo de editora executiva, Emma — começou —, caso sinta que é a direção que deseja tomar. — Então, baixou ligeiramente o olhar para as mãos crispadas sobre o colo, antes de encontrar meus olhos outra vez — Mas, para ser franca, acho que deve saber que eu também já me candidatei ao cargo.

**Confissão: Minha mulher de carreira interior abandonou o prédio.**



— Quem ela pensa que é? — perguntou Alyssa, com a testa sulcada de indignação ao me encarar do lado oposto da mesa sob a luz fraca do restaurante. Nos encontramos para jantar no Bar Six, um dos nossos inferninhos favoritos no West Village. Jade também se reuniria a nós, embora ainda não tivesse chegado. Sentamos no bar, para que Jade pudesse fumar logo que chegasse, e bebericamos Cosmopolitans enquanto eu atualizava Alyssa com os detalhes sórdidos da minha recém-descoberta competição contra, dentre todas as pessoas, Rebecca.

— Ela nem tem tanto tempo de casa — reclamei. — Claro, decerto passou bastante tempo com a boa e velha Sandra. Sandra provavelmente a preparou para conseguir o cargo sem ao menos tentar. — Dei outro gole no drinque, esperando anestésias os sentidos e aliviar a dor irritante entre os globos oculares. — Por que esse tipo de coisa sempre acontece comigo?

— Que tipo de coisa aconteceu com você agora? — indagou Jade, chegando a tempo de me ouvir lamuriar-se. Rapidamente atirou-se para cumprimentar cada uma de nós com um abraço, antes de afundar na terceira cadeira.

— Rebecca está disputando um cargo de editora executiva na Top Noivas com Emma — informou Alyssa.

O olhar de Jade voltou-se para mim, especulativo.

— Você vai tentar um cargo de editora executiva?

— Sim — sibilei para ela. Na defensiva, argumentei: — Por que é tão difícil acreditar nisso? Tenho escrito e editado para a revista nos últimos quatro anos... e com um brilhantismo e tanto, devo acrescentar. Justo no outro dia minha chefe elogiou um artigo que escrevi sobre trajes de baixo para usar com o vestido. Ficou positivamente brilhante... isto é, para um artigo sobre lingerie. Tive até uma grande inspiração para o título: "A Noiva Revelada."

Sentei de novo, respirando fundo, enquanto contemplava a expressão cautelosamente indiferente de Jade.

— Soa... inteligente — disse ela, acendendo um cigarro quando o garçom se aproximou para anotar os pedidos. Ele era jovem e bonito,

como os garçons do Bar Six costumam ser, com uma vaga aura mediterrânea. Observei Jade dar-lhe uma geral completa enquanto me recolhia em mim mesma de mau humor.

Eu sabia o que se passava na mente de Jade. Ela achava que de repente eu penhorava o coração e a alma, apostava todo o meu amor-próprio numa carreira que até poucas semanas atrás eu não podia negligenciar mais. Contudo, ela estava enganada. Não sabia que durante os Anos Derrick meu papel na Top Noivas assumira proporções épicas. Ele se tornara minha absoluta razão de ser. Ninguém sabia — além de Derrick, lógico. Derrick, ele que sempre admirara o fato de eu ser uma das poucas abençoadas que arrumaram um emprego fixo escrevendo ao passo que ele fazia de tudo, desde servir mesas até passear com cães, para ganhar uns poucos trocados enquanto exercitava sua "arte". Derrick... ele que me admirava tanto que nem sequer tinha ligado ainda para informar que estabelecera vida sem mim.

Quando sintonizei de novo, ouvi Alyssa explicar com calma as razões pelas quais eu era mais qualificada para o cargo de editora executiva que Rebecca. A boa e velha Alyssa. Eu sempre podia contar com ela para me apoiar quando acalentava minhas ilusões. Jade, por outro lado, era um pouco mais complexa.

— Certo, certo — dizia Jade agora. — Entendo a questão. — O garçom voltou, depositando com cuidado um Cosmopolitan na sua frente enquanto ela analisava o antebraço e as mãos dele. Então, nos espiou com um olhar que dizia: "Vejam só quem vem para o jantar." Quando o garçom escapou ileso do seu escrutínio, ela ergueu a taça. — Então, se vamos dar uma força a esse negócio de promoção, vamos fazer direito. — Quando também erguemos as taças, ela disse: — À próxima encarnação de Emma... como Chefe da Editora Stepford.

Ficamos paralisadas, com as taças em pleno ar. Alyssa arriscou um sorriso impaciente.

— Jade!

— Certo, certo. Esqueçam. Vamos progredir para um brinde que eu realmente possa apoiar — disse ela, lançando um último olhar penetrante em minha direção. — Ao garçom. Por ser apenas gostoso o

bastante para manter viva a esperança tardia de que farei sexo novamente.

Tilintamos as taças, Alyssa às gargalhadas e eu aliviada por mudarmos para um assunto que não tinha nada a ver com a súbita sensibilidade quanto a meu próximo passo na carreira. Embora Jade não fosse deixar que me iludisse, sabia quando recuar.

— Então, o que há com você? — falou Alyssa para Jade. — Emma contou que conheceu um grande sujeito. Ted, foi isso?

— Ted. — Jade suspirou. Em seguida, sorvendo a bebida, deu de ombros. — Aposto que Emma não chegou na parte em que Ted desaparece da face da Terra.

— O que aconteceu? — indagou Alyssa.

— O que mais? Ele não telefonou. — Apagou o cigarro, depois deu de ombros outra vez.

Apesar de tentar disfarçar com prudência, vi algo nos olhos de Jade que me fez pensar que aquela frustração de certo modo a trouxe ao mundo real. Imaginei por quê. Depois calculei que certamente fora porque Ted era o primeiro cara com quem ela saíra que desaparecera no vácuo gigantesco dos Homens Que Jamais Telefonam. O tipo de vazio que deixa uma mulher angustiada não pela mágoa, mas pelo ressonante por quê?, que tende mais a se voltar contra ela do que contra ele, com respostas como: Talvez eu seja muito gorda muito chata muito dura muito confiante muito insegura muito agressiva muito passiva muito feliz muito deprimida... Contudo, tal pensamento foi acompanhado pela consciência de que essa não era a linha normal de raciocínio de Jade, mas a minha. No entanto, até as mais fortes podiam estremecer diante de um fora silencioso porém mortal. Talvez ela carecesse de outro lembrete de que Ted Tremendão não era tão tremendo afinal.

— Li em certo lugar uma vez que o tamanho dos músculos é inversamente proporcional ao tamanho do cérebro — comecei. — Você não comentou que Ted era bem avantajado no departamento muscular?

Jade deu um meio sorriso.

— Tudo bem, tudo bem. Sei o que está tentando fazer. E não, eu disse que Ted era esguio. Como um surfista. Mas essa não é a questão.

— Qual é a questão? — perguntou Alyssa, e pude notar que ela também percebeu um efervescente desconforto em Jade.

— A questão é que pensei que realmente possuíssemos uma espécie de ligação. Quer dizer, gostamos das mesmas músicas. Ele apreciava as mesmas boates. E até gostava de Simply Red. E vocês sabem como me sinto em relação ao Simply Red.

— Bem, foi só um encontro — disse Alyssa, sempre racional.

— Um encontro formidável — argumentou Jade. — E isso não acontece com muita frequência.

Jade tinha razão. Se havia uma coisa que eu sabia é que numa cidade grande desse jeito, onde toda sorte de interação com o sexo oposto é tragada pela hora do rush ou pelo engarrafamento ou seja lá o que for que afaste as pessoas dos rituais de acasalamento, uma noite significativa com um homem, um sério começo de alguma coisa. Razão pela qual perder Derrick, após dois anos dividindo tudo, desde discussões intelectuais até escovas de dente, era algo quase idêntico a um desastre.

— Eles são uns desgraçados sem coração — interrompi.

— Sim, bem, caso eu espere fazer sexo de novo um dia, quero descobrir como manter um desses desgraçados sem coração por perto tempo suficiente.

— Talvez você esteja concentrada demais no resultado final, Jade — comentou Alyssa — Talvez devesse experimentar uma abordagem mais zen para toda essa coisa de namoro.

— Falar é fácil quando se tem um bibelô em casa — alfinetou Jade, embora fosse difícil vislumbrar Richard como um bibelô seus ternos escuros e mocassins enfeitados. Não me leve a mal — com uma bela aparência talhada à mão e altiva compleição atlética, ele era um tanto gostoso. Todavia Richard era o tipo de homem com quem as mulheres fantasiavam marchar até o altar, e não balançando de uma corda no

quarto Tarzan, do Motel Terra da Fantasia. Por essas e outras, Jade decerto apreciava dizer que me faltava visão no tocante aos homens.

— A grama sempre é mais verde — ponderou Alyssa, cabisbaixa.

— Oh! — redarguiu Jade, aquecendo-se para a discussão. — Vamos ver. Fazem seis semanas e quatro dias desde que fiz sexo pela última vez — e não estou contando Carl, porque estou falando de penetração. Quando foi a última vez que você e Richard transaram? E se disser na noite passada, serei forçada a sentir inveja.

Ainda contemplando sua taça, Alyssa replicou:

— Três meses atrás.

— O quê? — Jade e eu exclamamos em uníssono.

Alyssa nos olhou e suspirou.

— Bem, não é exatamente verdade. Transamos há cerca de três semanas, mas foi o tipo de esforço que é melhor nem mencionar. Pura mecânica, sem emoções. Como se estivéssemos apenas aliviando um pouco da pressão após um dia duro de trabalho.

— O que há com vocês dois? — perguntou Jade.

— Não sei. Tudo anda só... diferente entre nós nos últimos meses. Como se estivéssemos atravessando as oscilações de um relacionamento.

— Talvez seja apenas rotina — disse eu, desesperada para achar qualquer motivo por que as coisas subitamente fugiam de controle para as duas últimas pessoas no mundo que tinha certeza que eram Predestinadas. — Quer dizer, Richard não está tentando se tornar sócio? Ele deve estar sob enorme pressão no trabalho. E você vem trabalhando naquela ação judicial de classe há um bom tempo...

— Talvez — suspirou Alyssa. — Mas é como se nós sequer enxergássemos mais um ao outro. Me sinto mais uma companheira de quarto. A garota com quem ele divide a trouxa da lavanderia.

— Você só precisa dar uma sacudida nas coisas — disse Jade. — Faça algo para lembrá-lo de que mora com uma mulher linda e inteligente, que qualquer cara poderia roubar. — Em seguida arqueou

as sobrancelhas quando lhe surgiu uma súbita inspiração. — O que você precisa é que apareça de repente uma rivalidade séria, dê ao velho Richard um bom rival para o dinheiro dele.

Alyssa imediatamente olhou para mim com um sorriso culpado, e não pude fazer nada senão sorrir de volta, pensando no veterinário e imaginando como um homem que passa boa parte do dia driblando fezes de cachorro serviria a Richard, um bem-sucedido advogado corporativo que decerto o comeria no almoço, como rival.

— O que há? — perguntou Jade, desconfiada.

Olhei para Alyssa, deixando a confissão por sua conta.

— Bem... a verdade é que... conheci outra pessoa.

— Não brinca — falou Jade, e tive a sensação de que ela se perguntava, como eu, como Alyssa sempre conseguia manter os homens chegando, não importa em que circunstâncias. — Quem? E mais importante, como?

— Tem que prometer que não vai rir. — Alyssa fitou resoluta dentro dos olhos de Jade.

— Rir coisa nenhum. Se você tem algum método que eu devia conhecer, quem sou eu para julgar?

— Certo. Bem. não sei se esse método funcionaria para você porque requer que se adquira um bicho de estimação. — Alyssa parou, me olhando em busca de segurança. — Veja, Lulu não andava se sentindo bem ultimamente, então a levei ao veterinário. E, bem, o veterinário antigo se aposentou, deixando o consultório para um novo, jovem... estonteante... veterinário.

— Você está dormindo com o veterinário da Lulu?

— Não! — Alyssa e eu gritamos em coro, o som da minha própria negativa ansiosa me fazendo perceber o quanto era importante para mim que Alyssa não fizesse nada para arriscar o que tinha com Richard.

— Então o quê? Estão trocando dicas de adestramento em casa? Banhos contra pulgas? O quê?

— Não está acontecendo nada realmente — disse Alyssa. — É só que...

— Ela tem uma quedinha por ele — declarei, me intrometendo. — Sabe como é, magnetismo animal. — Depois espiei Alyssa. — ... sem trocadilho intencional.

— Não sei se é só uma quedinha — protestou Alyssa. — Quer dizer, é como você falou que se sentia em relação a Ted, Jade. Sinto uma verdadeira ligação com ele.

— Sim, bem — disse Jade —, você pode entender isso como quiser, Alyssa.

— Desculpe, eu não pretendia... — começou Alyssa.

— Olha, desculpas não são necessárias, Lys — retorquiu Jade. — Só tem uma coisa em que você precisa pensar, e pensar para valer. O quanto esse limpador de cocô bonitinho é importante para você? O suficiente para correr o risco de perder Richard?

Como Alyssa não respondeu, virei-me boquiaberta para ela.

— Alyssa!

— Ei — intercedeu Jade, acendendo um cigarro e reclinando com um certo ar de afetada indiferença quanto a relacionamentos, que adotou desde que Michael arrancou-lhe qualquer veia romântica. — Se representa tanto para você, digo que pague para ver.

— Jade, não encoraje... — comecei, mas Jade em seguida inclinou-se mais para a frente, numa confiança.

— Mas seja lá o que venha a fazer, por favor faça longe do consultório dele. Não posso imaginar todos aqueles estofados com xixi e antissépticos servindo muito de atmosfera.

— Ah, ah — disse Alyssa, levando o drinque aos lábios para tentar esconder o sorriso.

Um sorriso, devo acrescentar, que denunciou que planejava fazer exatamente o que Jade havia sugerido, e com um homem cuja única distinção era haver curado a mais recente dor de barriga de Lulu.

Eu devia encarar os fatos. Alyssa e Richard estavam verdadeiramente em crise. E Jade, que vi resplandecer quando o garçom boa-pinta retornou, passou de Garota Que Não Conseguia o Bastante para Garota Que Não Podia Conseguir Tudo.

E havia eu, é claro, que não tinha uma única esperança no mundo em convencer o homem que amo de que ele apenas cometeu o maior erro do planeta ao se mudar para longe de mim, no outro extremo do país, em especial se considerarmos o fato de que o cretino sequer perdeu um momento para ligar e dizer oi.

A pergunta aprisionada nos recônditos da minha mente, recalcada com firmeza pela ansiedade, aflorou, espontânea.

O que seria de nós?

**Confissão: As coisas, definitivamente, podem piorar.**

Após uma noite que culminou com Jade — estimulada por Alyssa — garantindo com sucesso o número de telefone do garçom, acordei na manhã seguinte resolvida a fazer de mim mesma um sucesso retumbante na Top Noivas. Talvez tenha sido o encorajamento de Alyssa, ou talvez revolta contra a descrença absoluta de Jade diante da minha decisão, mas acabei gastando parte do domingo no preparo de uma apresentação para expor a Caroline na segunda, e me concedendo uma camada de esmalte à francesa que sei lá por que esperei que me alçasse a algum novo patamar profissional. Na segunda-feira, vesti a única coisa no armário que se assemelhava a um terno — um par de calças pretas que não parecia desbotado demais em contraste com o único blazer preto que eu possuía, e uma camisa branca menos similar as outras de decote padrão — e rumei para o ilustre escritório da Broadway, onde meu novo destino me aguardava. A intenção era discutir a decisão com Caroline e obter sua aprovação para avançar para a próxima etapa: convencer os Poderes Constituídos na Top Noivas que não só eu era a melhor candidata à editora executiva que poderiam



esperar, mas que estava, de fato, de pleno acordo com o mantra editorial "Casamento ou Morte".

Assim que cheguei, caminhei resoluta até o meu cubículo. Mantive o olhar focado em frente para evitar perceber quaisquer sobrancelhas erguidas devido ao meu súbito progresso nos trajés de trabalho.

— Confiança — dissera Alyssa ao me abraçar na despedida após o jantar. — Tudo de que você precisa é mostrar a eles o quanto está segura de sua aptidão para o cargo.

Mas tudo o que pude fazer logo que me sentei na escrivaninha para praticar o discurso aparentemente não ensaiado foi pensar em Sandra e Rebecca, sentadas para almoçar enquanto Sandra ditava a rota infalível para a editoria executiva à pupila. Como eu poderia competir contra tal espécie de circuito interno? Todo mundo sabia que negócio incestuoso era aquele. Era como se as posições mais cobiçadas fossem mantidas em aberto com cuidado para os poucos escolhidos que conseguissem imitar seus superiores de modo tão perfeito que os Poderes Constituídos não podiam fazer nada a não ser lutar para fazer com que evoluíssem para se tornar os novos Poderes Constituídos.

Alguém podia argumentar que Rebecca, com o namorado perfeito, as mechas perfeitas, as blusinhas de seda elegantes e saias na altura do joelho, nem remotamente lembrava Sandra, que tendia mais para uma aparência desgrenhada, enxovalhada. Porém agora eu tinha certeza de que um elo havia se formado entre elas no momento em que Rebecca se reunira a equipe. Naquela época, Sandra havia se juntado recentemente aos Felizes Casados, e a imaginei dando uma olhada em Rebecca, com sua educação refinada e o namorado ascendente, e enxergando muito de si mesma e de sua vidinha feliz para tentar ajudar. Afinal, fazia apenas poucos meses desde que Sandra alcançara seu próprio marido estável financeiramente e seu dúplex no Upper East Side, e estou certa de que não poderia se furtar a imaginar um jantar com Rebecca e seu galã como nada menos do que uma oportunidade apoteótica para exibir a porcelana Lenox pela qual era obcecada e que definitivamente catalogou nos meses que antecederam sua marcha nupcial ao casamento fatídico. E a despeito do fato de que Sandra agora, seja lá por

que razão, acabou de se unir à categoria dos Desgraçados Divorciados, eu sabia que ela compartilhara algo em definitivo com Rebecca naquela noite — algo que só ia crescer agora que Sandra desistiu do papel de Bem-sucedida e Casada e precisava entregar o manto a outra pessoa. Alguém tão educado, constante e perfeito como Rebecca.

Como eu podia competir com isso? Eu, com as sapatilhas rotas tiradas do fundo do armário e o namorado fantasma?

— Que aparência refinada — ecoou a voz de Marcy Keller quando ela enfiou a cabeça por trás da divisória do meu cubículo e deu uma piscadela conspiratória.

Sentindo-me horrivelmente grata pelo elogio, mesmo proveniente de uma mulher mais conhecida pelas artimanhas do que pela camaradagem, sorri de fato, o que foi convidativo o bastante para que ela afundasse a silhueta espinhosa na poltrona de visitante.

— Então, enfim vai agir, hein? — perguntou, numa espécie de sussurro rouco que sugeriu que eu usaria uma metralhadora contra as colegas em vez de ir até a minha superior pedir uma promoção.

— Não há hora melhor do que agora — repliquei numa falsa bravata.

— Concordo — respondeu, balançando a cabeça vigorosamente, com as sobrancelhas arqueadas acima dos grandes aros negros. — Ainda mais agora que Rebecca já reuniu cópias de textos e o currículo e entregou.

— Já?

— Óbvio.

Espiei a caixa aberta "a ser preenchida", onde havia enfiado tudo de relevância pessoal, desde recortes de textos amarelados e velhos memorandos de férias até cardápios afanados de restaurantes vizinhos.

— Você acha que devo reunir alguma coisa antes de ir até Caroline?

Seu olhar acompanhou o meu até a pilha de papéis, e vi os olhos dela se arregalarem brevemente.

— Neca — retrucou, dando um tapa no ar num gesto que sugeria que eu me preocupava por nada. — Levaria muito tempo. É melhor você correr até lá e ao menos informar que ficou interessada. Depois, mais tarde, poderia reunir algo para quando fosse conversar com Patrícia.

De repente, percebi os benefícios de tratar Marcy como amiga. Ela era um tesouro de informações sobre como se negociar para ser promovido. Nem mesmo havia pensado em anexar cópias de texto. Apenas presumi que Patrícia teria visto meu trabalho em algum momento ou outro. Quer dizer, ela era diretora de redação desta sublime publicação.

— Eu certamente tentaria incluir alguns textos além dos que fez para a Top Noivas — continuou Marcy, como se lesse a inconveniente pergunta que persistia no fundo da minha mente — Acho que Rebecca anexou uma penca de material daquele jornal de economia em que trabalhou.

O pânico principiou a me invadir. Rebecca tinha outras matérias. O que eu tinha além de umas poucas crônicas inacabadas e algumas poesias autodepreciativas, escritas durante um prévio chá de piedade pós-rompimento?

— Outros recortes de texto?

— Sabe como é, material que possa ter escrito como freelancer, ou num emprego anterior — prosseguiu Marcy, que logo chupou as bochechas para dentro quando a consciência assomou. — Ah, é mesmo. Você nunca teve um emprego anterior.

Ela tinha razão, fora o trabalho como garçõete e um período de empregos temporários que não resultaram em nada, além de pés calejados e ficção ruim. Até a minha ilustre carreira na Top Noivas na realidade fora resultado da sorte aleatória e da confiança um tanto infundada de Caroline em mim.

— Você já fez algum freelance? — indagou Marcy.

Na verdade, ela parecia mesmo preocupada comigo, o que julguei estranhamente reconfortante. Talvez eu tivesse rotulado Marcy de

modo totalmente equivocado.

— Não realmente — repliquei, minha confiança esmorecendo até o nada absoluto.

Ela me avaliou por um instante, como se tentando distinguir valor para promoção em mim e fracassando. Então deu de ombros.

— Eu não me preocuparia com isso — falou, pondo-se de pé. — Isto é, afinal, Rebecca trabalhou numa publicação econômica. — Torceu o nariz, como se a ideia de que alguém pudesse trabalhar para um jornal de negócios, definhando nas mesas de algum escritório de fundos de um lugar qualquer, em vez de uma revista exibida com destaque nas gôndolas da banca de jornais mais próxima, fosse de certa forma desagradável.

— Creio que sim — retruquei, sem convicção.

Espiando o relógio de pulso, ela disse:

— Bem, o dever me chama. Arrase com eles, Emma. — Então, após se esquivar meio espevitada do meu cubículo, ela enfiou a cabeça para dentro de novo. — Ah, e boa sorte.

Você vai precisar. Contudo a implicação que ela não proferiu acelerou minha mente enquanto a observava bater em retirada.

**Confissão: Minha vida se tornou uma espécie de piada interna — e sou a única que não entende a graça.**

— Entre, entre — convidou Caroline, assim que finalmente juntei coragem para ir em frente e fazer minha um tanto patética solicitação da vaga de editora executiva. Graças a Deus, eu tinha Caroline com quem ensaiar primeiro, antes de levar o caso até Patrícia. Desde que cheguei na Top Noivas, Caroline é minha protetora, louvando generosamente meus primeiros (?) para escrever e me encorajando a tentar o cargo de editora assistente quando a vaga surgiu. Agora, enquanto me dirigia ao seu escritório ensolarado, repleto de plantas e prateleiras atulhadas com tudo, desde as bonecas estrangeiras que

coleccionava até as fotos dela com Miles, o marido, e os três filhos lindos como uma pintura, fiquei feliz que ela fosse minha chefe. Mas ao sentar diante dela me ocorreu de repente que a teoria que construí recentemente quanto ao sólido laço entre Sandra e Rebecca não se sustentava quando se tratava de Caroline e eu. Não havia a menor chance de que eu fosse uma versão menor de Caroline, com seu lar aconchegante e amoroso nos arredores de Connecticut, e, tinha certeza, com artesanato no qual se esmerava e o cheiro de biscoitos frescos que metia nas lancheiras das crianças antes de enviá-las a colégios particulares sofisticados, meticulosamente escolhidos segundo os talentos singulares dos filhos bem-dotados. Até o marido, um empreiteiro sempre pronto a construir uma nova ala na já ampla residência para acomodar a próxima e adorável adição à família Jamison, aparentava pertencer a um molde masculino que eu ainda precisava encontrar em minha própria vida. Não que eu qualquer dia houvesse sido convidada ao suposto lar feliz ou conhecido o marido e os garotos, mas deduzi bastante pelas histórias contadas por Caroline com ternura na mesa da sala de almoço sobre as alegrias da vida familiar. Agora mesmo ela estava radiante, grávida do Bebê Perfeito Número 4, sob o vestido floral e feminino de gravidez.

Todos sempre ficavam tontos de surpresa pelo modo como ela regressava ao trabalho, bebê após bebê, eternamente pronta a fazer sua parte pelo bem maior da Top Noivas.

— Alegro-me que tenha passado por aqui — disse Caroline, assim que me acomodei na cadeira posicionada perto da mesa larga, que era um labirinto de papéis cuidadosamente empilhados. De algum jeito, não importa o quanto estivesse ocupada, Caroline sempre estava preparada a oferecer uma cadeira e um ouvido para discutir qualquer coisa que simplesmente nos passasse pela cabeça, quer fosse uma justa indignação pelo artigo cortado de uma edição, ou um desânimo de natureza mais íntima, caso você ousasse dividi-lo com um superior. Não que eu algum dia o tivesse feito. E não ousaria dividir o recente Desastre Derrick com ninguém do escritório agora que eu supostamente fazia tanto progresso na vida que uma promoção parecia ser o próximo passo natural. Afinal, quem já ouviu falar de uma editora

desiludida e nova integrante dos Recém-chutados se tornar editora executiva no mais completo guia para o e-foram-felizes-para-sempre?

— Queria conversar comigo? — indaguei, de súbito receosa que Caroline, com suas maneiras gentis, estivesse prestes a me informar que percebera o quanto eu era seriamente negligente com a maioria das áreas na vida e no trabalho.

— Não, não. Nada específico. É só que, como não converso realmente com você há tempos, fiquei imaginando como as coisas vão indo. Sabe como é, às vezes, com toda a correria e pressão dos prazos de fechamento e, bem, da vida, esquecemos de fazer um levantamento das coisas. Como vai você?

— Bem, bem. ótima, por sinal — respondi, lutando para achar a entonação de uma mulher no comando da própria vida e pronta a administrar qualquer desafio profissional que aparecesse no caminho.

— Maravilha. — Sorriu, com a mão descendo até o ventre suavemente arredondado e acariciando-o com delicadeza.

— Como vai tudo com você? Se sente bem, com o bebê e tudo mais?

— Ah, sim. — Ela riu. — A essa altura sou uma especialista nessa coisa de bebê. Miles sempre brinca que vou ganhar da enfermaria da maternidade o meu próprio gorro de papel com monograma.

Meu olhar caiu sobre a foto de Miles sorrindo para mim, com os fortes dentes brancos e a pele bronzeada de um homem destinado a fazer uma mulher feliz.

— Aposto que você e Miles estão tão entusiasmados com esse bebê quanto ficaram com o primeiro — disse, percebendo de repente que esquecera o nome do primeiro bebê e torcendo para ser poupada de um momento constrangedor nessa brincadeira amistosa mas de suma importância. Afinal, não queria que uma suposta indiferença em relação às crianças que ela amava mais do que a própria vida se tornasse escandalosamente evidente. Não que eu não ligasse — seus filhos eram realmente adoráveis, pelo menos nas fotografias. Era só que não podia me equiparar à sua produtividade.

Felizmente Caroline me poupou da desgraça.

— Ah, estamos entusiasmados. Porém a minha Sarah nunca nos deixa esquecer quem é o mais velho da casa. Juro que, pelo jeito como ela manda no irmão e na irmã sem parar, não duvido que tenha um cargo de gerência no futuro.

— Engraçado você mencionar isso — falei, encontrando a deixa e me aprontando para dar o mergulho e aterrissar sobre o quanto eu era reconhecidamente a mais sã, mais forte e mais inteligente candidata a um cargo sênior na revista. Oh, Deus. — Como sabe... — comecei, agarrando os braços da cadeira na tentativa de eliminar o tremor dos dedos — ... fui promovida à editora assistente há dois anos.

— Sim, e tem feito um excelente trabalho — falou Caroline com um sorriso.

— Obrigada — respondi, sentindo-me uma dose mais confiante e relaxando os dedos. — Durante esse tempo, fui uma colaboradora efetiva, sempre sugerindo ideias para artigos e me envolvendo mais com a diagramação. Até redigi grande parte da edição publicitária na nossa mais recente promoção de assinaturas.

— A sua edição ficou adorável, Emma, como sempre.

— Obrigada — falei mais uma vez e um tanto mais calma, pensei, considerando que as minhas entranhas berravam "Consegui, consegui!". — Penso que a aptidão para escrever, bem como o sólido conhecimento da revista, conquistado nos últimos quatro anos — continuei —, me tornam uma excelente candidata à vaga em aberto de editora executiva.

O queixo de Caroline caiu, as sobrancelhas despencaram conforme a surpresa se espalhou por seu rosto.

— Ah.

Ah? Meu estômago revirou.

— Interessante — murmurou ela, franzindo o cenho ao me estudar.

Interessante? O que isso significava, me perguntei, as esperanças recém-nascidas se desintegrando.

— Hum. Eu me pergunto, Isto é, eu quero... bem, o que preciso fazer para... me candidatar ao cargo?

Finalmente ela sorriu, com o calor que era sua marca registrada voltando e me oferecendo mais uma vez um diminuto farrapo de coragem.

— Bem, a primeira coisa que precisa fazer é conversar com a Pat, evidente — disse. O uso do apelido da diretora de redação era um privilégio aparentemente dispensado à gerência, já que nunca escutei ninguém mais se referir a Patrícia daquele jeito.

— E você me recomendaria anexar cópias de textos para Patrícia?  
— indaguei, esperando que a pergunta demonstrasse o quanto eu estava ciente das etapas seguintes do processo de promoção.

— Boa ideia — disse. — Você também devia atualizar o currículo, para dar a Pat melhor noção de sua carreira.

Gulp. Imaginei de que forma o serviço no Good Grub e uma fileira de empregos temporários poderiam competir com a experiência de Rebecca como editora de economia e só-Deus-sabe que outras realizações.

— Hum. Sim. É uma boa ideia — concordei.

A testa de Caroline venceu-se outra vez ao me avaliar. Após uns poucos instantes dolorosos ela falou:

— Enquanto folheia as matérias e atualiza o currículo, Emma, aproveite o tempo para fazer um levantamento. É uma boa oportunidade para ver o trabalho que realizou, analisar suas forças e pensar sobre rumos futuros. — Reclinando-se na cadeira, prosseguiu: — Afinal de contas, não é todo dia que pensamos naquilo que vamos querer fazer nos próximos anos.

E isso não era verdade? Com efeito, caso eu tivesse pensado sobre o futuro, poderia ter percebido umas poucas coisas: como o fato de não haver qualquer chance de que jamais pudesse competir com Rebecca, que parecia crescer em realizações a cada minuto. Eu poderia ter até



descoberto, no caso, que, aos 31 anos, seria uma encalhada em vez de casada com Derrick, percebendo como ele planejara sua saída do nosso relacionamento desde o primeiro dia. Mas não contei nada disso a Caroline quando levantei, murmurei umas poucas palavras de agradecimento e saí, estava certa, para o meu próximo e iminente desastre.

## QUATRO

*"Comer ou não comer, eis a questão."*

*— Fugitivo dos Vigilantes do Peso*

### **Confissão: Não sou tão magra quanto penso que sou.**

No caminho do trabalho para casa, depois de conseguir me convencer de que tinha o absoluto direito a uma orgia magistral, parei na mercearia da esquina.

— Olá! — saudou o Homem Sorridente atrás do balcão, apelidado por mim e Alyssa devido ao fato de que, apesar do provável status de trabalhador de renda mínima, explorado pela própria família, dona de uma franquía de armazéns, ele era invariavelmente animado, não importa a hora da noite em que a gente aparecesse — e ele trabalhava a noite inteira.

— Olá! — bradei alegre de volta, disfarçando as sensações de desespero e rumando direto para a gôndola da Hostess nos fundos. Quando contemplei os Ho-Hos e Suzy Q's — até virei o pacote de Twinkies para conferir desavergonhadamente o teor calórico, com uma vaga esperança de que a versão sem chocolate pudesse me salvar da indulgência total—, percebi pela primeira vez em dois anos que eu estava prestes a me dirigir até o balcão da frente (com os braços cheios de barras de doce) sozinha. Sem Derrick a meu lado para confiscar três quartos dos despojos e fazer alguma piada sobre como ele devia se limitar a uma ou duas opções. Ao escolher um Suzy Q — com larga vantagem o maior bolinho da prateleira e o que continha a maior quantidade de chocolate por centímetro quadrado — na verdade cogitei comprar um bolo aqui e depois dar uma batida em uma ou duas

outras mercearias até obter delícias suficientes para apagar qualquer lampejo de infelicidade que pudesse sentir quanto a minhas perspectivas na Top Noivas e na vida em geral.

Mas, em seguida, uma antiga raiva familiar me dominou. "Por que diabos eu ligava para o que o Homem Sorridente pensava quanto à minha ingestão de calorias?", disse a mim mesma, agarrando com fúria uma torta de café para juntar ao Suzy Q antes de prosseguir até a próxima gôndola à procura de um pacote de creme amargo e batatas fritas com sabor de cebola. Percebi agora que esse era exatamente o meu problema: eu me importava um pouco demais com o que os outros pensavam. Esqueça Caroline e suas expressões enigmáticas (que diabos interessante significava em todo caso?). E quem ela pensava que era para me julgar, com sua abordagem bicho-grilo da vida e o casulo construído à perfeição em que morava no subúrbio, só porque eu queria algo melhor para mim mesma, pensei, apanhando um Yoo-hoo na seção de laticínios antes de rumar para a frente e, com um olhar de falsa bravata, jogar tudo no balcão.

— É tudo? — indagou o Homem Sorridente, seu sorriso parecendo um tanto mais largo ao contemplar minhas escolhas.

— Sim, é tudo — retruquei, permanecendo forte ao conferir a quantia obscena que a registradora exibiu depois que ele somou as compras.

— Até logo! Tenha uma boa noite! — gritou ele em melodiosa resposta ao meu resmungo de agradecimento.

Caminhando rua abaixo até o meu prédio, tentei inutilmente evitar quaisquer pensamentos sobre como Derrick e eu costumávamos fazer esse trajeto, de braços dados, admirando rodas as belas fachadas de arenito e, sonhadores, escolhendo aquelas nas quais gostaríamos de morar. Claro, ele apenas cativado pelo momento, enquanto eu...

— Olá, vizinha — disse Beatrice, mantendo aberta a porta do edifício dilapidado no magnífico quarteirão, o nosso.

— Oi, Beatrice, como vai você? — perguntei, mecanicamente, me encolhendo para aguardar a resposta.

— Bem, estaria um bocado melhor se não tivesse me permitido comer pastrami no almoço. Estou sentindo o gosto desde então! Oh, a indigestão que essa coisa me dá, não sei por quê. Verdade. Eu...

— Chegou correspondência hoje? — perguntei, sem querer, pela segunda vez, mais qualquer informação acerca das particularidades do pastrami desde que entrei na portaria.

— É claro que chegou — respondeu, me acompanhando até o escaninho e postando-se um pouco perto demais para meu desconforto enquanto eu puxava um maço de contas e correspondência inútil.

Espiando um catálogo de roupas na minha mão, ela indagou: — Já achou alguma coisa de que gostasse no catálogo que lhe dei?

Na verdade, folheei o catálogo antes de jogá-lo no lixo, talvez movida pela vaga curiosidade acerca do universo de compras das velhas solitárias. Não que eu planejasse me tornar uma ou qualquer coisa assim, Deus me livre.

— Não, não consegui achar nada. — Fechando a caixa de correio, parei para uma despedida rápida e uma saída idem, quando as palavras seguintes de Beatrice me detiveram.

— Fico surpresa. Quer dizer, é perfeito para mulheres como nós. Em geral eu...

— O que isso significa exatamente... mulheres como nós? — interrompi. Eu sabia que deveria apenas ignorar, mas não consegui me controlar. Eu precisava saber.

Os olhos dela se esbugalharam por trás dos óculos de lentes grossas. Provavelmente, porque lhe dirigi um olhar penetrante.

— Bem, só queria dizer de tamanho 46 em diante. Sabe como é. Mulheres grandes. Você não acha complicado encontrar roupas que caiam bem e sejam confortáveis? Sei que eu...

O saco de guloseimas escorregou da minha mão. A voz de Beatrice se apagou quando uma versão mais volumosa de mim mesma nadou diante de meus olhos mentais. Muito maior. Uma que não sei como consegui perder de vista todas as manhãs ao me postar diante do espelho.

Então, minhas defesas extraíram o melhor de mim.

— Bem, isso é muito meigo da sua parte, Bea, preocupar-se comigo, mas tenho que lhe informar que sou tamanho 42.

— E, com essa, marchei escada acima, deixando Beatrice olhando, com certeza, meu traseiro subitamente avantajado.

Uma vez a salvo dentro do meu apartamento, entretanto, minha mente explodiu em pensamentos sobre todas as saias que precisei deslocar para o fundo do armário nos meses recentes porque o zíper fechava um pouco rente demais à pele para meu gosto. E todos os cardigãs sem cintura marcada e túnicas que tomaram a frente na tentativa de dissimular um ventre meio saliente. Então, me lembrei da calça nova que havia comprado dois meses atrás e larguei a sacola de gostosuras ilícitas na bancada e corri para o armário, numa busca frenética. Puxando o cabide de onde as calças pendiam, de: uma rápida espiada na etiqueta da cintura. Tamanho 44.

Eu estava acabada.

Pendurando novamente as calças, tirei o blazer posei de perfil diante do espelho, notando — aparentemente pela primeira vez - que meu estômago inflara o bastante para fazer com que as calças parecessem coladas, e o meu físico nada atraente.

Desabei na cadeira, encarando os doces da Hostess que espreitavam para fora da sacola na bancada como se fossem as sementes do demônio. Como permiti que isso acontecesse comigo?

Para piorar ainda mais as coisas, comecei a contabilizar todas as ocasiões em que fizera algum comentário sobre ter ganho peso, e percebi, com súbito horror, que ninguém havia contrariado minha declaração nos últimos poucos meses. Nem mamãe. Nem Alyssa ou Jade tampouco. Nem mesmo Rebecca, que apesar de todos os seus defeitos recém-descobertos sempre vinha com um "Você parece ótima", sem importar o estado em que eu me encontrava. E, pior de tudo, nem mesmo Derrick.

Nos primeiros meses do namoro, quando ainda nos descobríamos sob o esplendor da primeira relação sexual e das primeiras palavras de

afeto trocadas com maior intimidade, inventei uma piada sobre como adquirira uma dobra extra de gordura devido às comodidades do amor. É claro que comida e espetáculos de sexo jamais tiveram qualquer efeito sobre Derrick, que de alguma forma conseguia manter o físico magricela em meio a tudo aquilo. Notando minha súbita insegurança, Derrick me puxou para seus braços e disse que me amaria sem ligar para minha aparência.

Agora minha mente retrocedeu seis meses, quando eu tentava me enfiar numa minissaia para comparecer a um festival de cinema em que o amigo de Derrick tinha um curta-metragem. Fiz a pergunta fatal:

— Isso me faz parecer gorda?

Só para que Derrick erguesse o olhar da revista que lia e dissesse:

— Bem, você tem outra coisa qualquer para vestir?

Eu devia ter percebido os sinais naquela época. Agora me perguntava se isso, no final, tenha sido uma das coisas que condenaram minha relação com Derrick. Talvez ele tivesse planejado me levar para LA só para descobrir que a mulher que amou um dia havia se transformado numa candidata ao catálogo da Big Gatas. Quem sabe me tornei... indesejável por completo.

Meu olhar se abateu sobre o telefone. Quis tão desesperadamente conversar com ele de repente. Eu precisava de uma confirmação — mas de quê? Que ele me largou porque não me queria mais? Que a razão para não ter ligado ainda, a despeito do fato de que certamente estava mais do que "instalado" àquela altura, era que já andava namorando alguma sílfide loura que sequer precisava depender da esquisitice do próprio cabeleireiro para manter sua condição de platinada? Podia vê-los agora, marchando para a pré-estreia do filme de Derrick, ela pendurada a tiracolo no braço dele, com um trejeito que só as desnutridas conseguem fazer com aprumo. Eu a odiava. E o odiava ainda mais.

Liguei para Alyssa.

— Por que não me disse que engordei?

— Quê?

— A mulher do andar de baixo... você sabe, Beatrice?... acabou de me acusar de ser um membro do time do tamanho 46 em diante.

— Ah, e de repente você leva a sério as opiniões de uma mulher que tem uma placa de metal onde antes havia parte do cérebro?

—Você acha que Derrick me largou porque percebeu de repente que, caso ficasse comigo, acabaria casado com uma daquelas donas-de-casa de nhenhém cansativo, queixo duplo e talento para arrumar qualquer desculpa para manter cheio o velho esconderijo de doces?

—Em, Derrick largou você porque conseguiu um emprego na Costa Oeste.

— Podia ter me levado junto.

— Você não quis se mudar para LA.

— Esta não é bem a questão, Lys. Ele nem ao menos perguntou!

Ouvi Alyssa suspirar.

— Olha, se quiser, pode vir à academia comigo. Tenho toneladas de passes para convidados que jamais usei.

— Oh, meu Deus. Você acabou de admitir. Você também acha que estou gorda, não é?

— Emma...

— Pode falar. Eu aguento...

—Emma! Vai me ouvir um minuto? Acho que você parece ótima do jeito que está. O problema é que você não acha que parece ótima do jeito que está, e isso não é bom. Apenas sugeri ir à academia porque um bom exercício sempre me faz sentir melhor em relação a mim mesma. Além do mais, é bom para o estresse. E, nitidamente, você tem estresse de sobra.

— Pode me culpar? Fui ver Caroline hoje para dizer que queria me candidatar ao cargo de editora executiva e sabe o que ela resmungou enquanto fiquei sentada lá, toda produzida pronta para receber sua bênção?

— O quê?

— Interessante. Há dois anos, ela praticamente me empurrou para o cargo de editora assistente. Agora que quero subir de novo, ela diz que é interessante. Que merda isso significa?

— Isso é bizarro.

— Vê o que quero dizer?

— Mas você ainda vai falar com a diretora de redação? — Creio que devo, já que coloquei a bola em jogo. Caroline me falou que eu devia atualizar meu currículo para que Patricia pudesse conferir toda a minha experiência anterior em editoras... sabe, a experiência que eu não tenho?

— Vou ajudar você com o currículo, Emma. Existem meios de fazer com que pareça uma candidata forte mesmo sem ter muita experiência. Mas vamos cuidar de uma coisa de cada vez. Vá à academia comigo amanhã. Vai se sentir melhor depois de um belo exercício.

— Tudo bem, tudo bem — concordei, enfim me acalmando. Alyssa exercia essa espécie de efeito tranquilizante sobre mim. Desligamos o telefone logo em seguida, após eu ser informada que Lulu andava tendo problemas com a medicação nova e que Alyssa deveria levá-la ao irresistível Dr. Jamison Carruthers novamente. Pelo menos eu teria a manhã na academia para dissuadi-la de quaisquer intenções que ainda reservasse para o doutor. Sentindo-me a salvo e satisfeita por hora, me permiti a metade de um Suzy Q—isto é, eu ia malhar amanhã, então certamente me era permitido algo para compensar um dia particularmente estafante. Fui para a cama, mantendo o telefone próximo, caso Derrick chegasse em casa de uma noitada com a nova gata loura e quisesse conversar com a mulher que acabou de descobrir que amava de verdade.

**Confissão: Tenho um profundo pavor dos clubes de fitness.**

Na manhã seguinte, precisei praticamente me arrastar, gritando e esperneando, até a academia. O dia não fora melhor do que o da véspera. Enquanto me esforçava para concatenar algum argumento



convincente por que eu devia ser promovida ao folhear minha coleção de artigos em busca da mais distinta seleção de textos condizentes com uma assim chamada especialista em casamento, Marcy Keller apareceu no meu cubículo para informar, que por sorte, Rebecca arrebatara a reportagem de capa da edição do próximo mês sobre "Os Melhores Locais do Mundo Para Um Casamento". Para completar, Derrick ainda não havia telefonado, apesar do fato de que me forcei a dormir na noite anterior, me convencendo de que ele certamente ligaria quando eu estivesse no trabalho, não se arriscaria a cair na secretária eletrônica, em casa, onde eu poderia estar filtrando os recados. Contudo, nenhuma telepatia mental foi capaz de fazer o telefone tocar o dia inteiro — exceto quando mamãe ligou para me lembrar que o fim de semana depois do próximo seria o Memorial Day, e eu, como a filha solteira sem nada melhor para fazer, era naturalmente esperada a comparecer no churrasco que ela planejara para domingo.

— Talvez até pudéssemos comprar meu vestido na segunda-feira — vibrou, mal contendo o entusiasmo. Com tanto pelo que ansiar como uma garota poderia não ficar deprimida?

Agora, empacada do lado de fora da academia à espera de Alyssa, elaborando desculpas mirabolantes pelas quais eu precisava voltar imediatamente para o meu apartamento sombrio e a metade de um Suzy Q, comecei a desabar sob o peso de qualquer coisa.

— Ei — disse Alyssa, aproximando-se, vestida num terno cinza-escuro, com uma sacola de ginástica azul brilhante sobre um dos ombros.

— Ei, dondoca — respondi, recorrendo ao humor. — O que... você foi ao tribunal hoje? — Os trajes profissionais na firma de advocacia bicho-grilo costumavam ser mais casuais, a não ser que se precisasse defender um caso na corte.

— Fui. — Ela se inclinou para um abraço, depois me fitou nos olhos. — Como você está?

— Miserável. E nem sequer acredito que a Stair Master possa me salvar.

— O que há?

—Você reparou que Derrick se foi há quase três semanas e ainda não ligou?

Ela me analisou por um instante.

— Devia ligar?

—Você não ligaria para a mulher há quem um dia jurou amor eterno caso mudasse sem ela para o extremo oposto do país?

—Foi um grande passo, Em. Talvez ele ainda esteja se adaptando — replicou Alyssa, embora a expressão dela denunciasse que não estava convencida das próprias palavras.

— Adaptando? Ele pode estar casado a essa altura.

— Não sei por que, mas eu duvido.

— Bem, eu não consideraria que ele não é capaz disso. Não está tão distante de Vegas. E você sabe como os homens ficam quando saem de uma relação duradoura. Às vezes se sentem tão desorientados, que de repente desejam se algemar a qualquer mulher de boa vontade só para resolver isso. — Assim que o horror dessa hipótese assomou, vislumbrei Derrick deitado sobre um catre qualquer num apartamento chinfrim, discando o meu número de telefone, desesperado de pura solidão, preparado para exigir que eu me mudasse para LA e casasse com ele. Ao ruído do clique da secretária eletrônica, ele fica frustrado, desiludido. Segue para o inferninho mais próximo para afogar as mágoas e, numa questão de horas, parte a caminho de Vegas para um casamento rapidinho com uma fulaninha qualquer de pernas compridas que lhe sorriu tempo demais.

— Preciso ir para casa.

— Quê? — disse Alyssa, mantendo a porta da academia aberta para mim com uma expressão incrédula na face.

— Acabei de ter a estranha sensação de que ele vai ligar me hoje à noite e que minha ausência poderia provocar consequências terríveis. Quem sabe ele decidiu voltar para casa no Memorial Day. Ou melhor, ainda daria tempo de escapar do rega-bofe do Memorial Day da minha

mãe, que, a propósito, não só será estrelado pelo meu irmão caçula casado, Shaun, mas pela mais recente noiva recatada da família—mamãe. Além do mais, não preciso mesmo dessa história de academia. Derrick sempre gostou de mim com uma carninha sobre os ossos.

— Esqueça, Emma. Você não vai se safar dessa — advertiu Alyssa, agarrando meu braço e me puxando para a entrada da academia. — Vamos.

Derrotada, acompanhei-a, relutante, apesar da ideia de Derrick postado frente a um imitador de Elvis e fitando uma fulaninha qualquer igualmente estupefata nos olhos ainda me desse nos nervos.

No vestiário, me flagrei rodeada de mulheres em vários estágios de nudez, que pareciam diretamente proporcionais a quão torneados e esguios eram seus corpos.

Ora, para ser precisa só havia ido à academia duas vezes na vida: uma vez quando fui persuadida por uma fanática dos campos de faculdade — uma dessas garotas que nasceram com muita elasticidade, que se partem em duas com pouco esforço e muita presunção. E a outra vez com Derrick, quando um amigo dele descolou passes gratuitos para a ACM e passamos o tempo todo na extremidade rasa da piscina da unidade, vendo quem melhor esguichava água entre dentes. Em ambas as ocasiões, fiquei ligeiramente apavorada como o vestiário, com seu bando de mulheres em trajes sumários fazendo de tudo — desde secar o cabelo até alongar a panturrilha —, parecia destinado a fazer a gente se sentir envergonhada se por acaso tivesse, Deus me livre, uma pequena celulite aqui ou ali. "Onde as minhas companheiras de pelanca se esconderam?", perguntei a mim mesma, virando para a parede e começando a desabotoar a blusa com relutância. Era mais do que provável que estivessem em casa com seus doces da Hostess, sentindo-se felizes à beca consigo mesmas.

Enquanto eu tentava revelar pouco mais que uma dobra ou duas, rapidamente enfiei meu mais velho — e único — short de ginástica, junto com uma das poucas camisetas que possuía que não considerava roupa de trabalho. A princípio coloquei na bolsa uma antiga camisa justa de jérsei com as mangas cortadas, mas quando o tecido macio

escorregou pelos meus dedos lembrei que era a camisa de jérsei de Derrick — e um dos raros artigos remanescentes do vestuário dele que me restaram. Então, com cuidado meti a camiseta na gaveta de baixo, acompanhada pelas cópias impressas de cada e-mail que ele já havia me enviado, uma rosa seca — recordação de um dos primeiros encontros, um desenho que ele fez de nós dois assistindo a um filme, escrito e dirigido, como a tela veio a revelar, por Derrick Holt — e diversas outras lembranças dos nossos malfadados dois anos juntos.

Já vestida, virei-me para encontrar Alyssa, que envergava um sutiã esportivo bem modelado e um short de corrida de cores combinadas, à minha espera.

— Pronta? — indagou, com um sorriso determinado no rosto.

— Seja gentil — falei, seguindo-a documente até a escada após meu pedido para pegar o elevador ser negado com firmeza.

Quando chegamos ao terceiro andar, profeticamente rotulado de Treino Cardiovascular, fui saudada por fileiras e fileiras de máquinas reluzentes, manejadas por fileiras e fileiras de homens e mulheres suados-e-motivados-por-só-Deus-sabe-o-quê.

— Devíamos alongar primeiro, depois fazer um pequeno aquecimento aeróbico antes de irmos para a sala de pesos — disse Alyssa, dirigindo-se para uns colchonetes no canto mais remoto da sala.

— Isso não é muito para a minha primeira malhação? Não quero me exceder. Digo que, se ficar dolorida demais, não serei capaz de voltar à academia por um tempo, e isso meio que abateria minha força de vontade, não é?

Ela apenas revirou os olhos para mim e sentou no colchonete.

— Vamos lá, Emma. Você vai gostar desta parte.

E gostei, descobri, ao me sentar do lado dela, com as pernas esticadas, à medida que girava o tronco para os lados. Quase caí no sono durante o alongamento lombar, até Alyssa me pôr em ação às chibatadas. Levantei e a segui até aquelas máquinas de aspecto aterrorizante.

— Jade me contou que vai sair com aquele tal garçom — comecei, torcendo para distraí-la.

— Ela vai? — perguntou Alyssa. Embora eu a tivesse encorajado a pegar o telefone dele, pensei que era tudo brincadeira. — Isto é, ele parecia um pouco jovem, não é?

— Imagino. Mas ele trabalha num bar. Não é preciso ter ao menos 18 para servir álcool? Jade não liga que sejam jovens, desde que sejam legalizados. Isto é, ela não quer ser presa ou qualquer coisa do tipo.

Alyssa riu.

— Quando Jade começou a dar em cima dele, a princípio não pensei que ele sequer falasse inglês, pela maneira como gaguejava.

— Só um pouco — disse eu. — O nome dele é Enrico, e não creio que esteja no país há muito tempo.

A despeito dos meus esforços para detê-la ou distraí-la. Alyssa parou em frente à máquina de aparência mais torturante da sala. A Stair Master. Não que eu já houvesse experimentado, mas ouvi histórias assustadoras das poucas pessoas do escritório que se aventuraram nela no passado.

— Sabe, acho que essa deve ser redundante para mim — falei —, se pensar que moro quatro lances de escada acima. Talvez eu devesse tentar algo que normalmente não faço. — Olhei em volta de forma frenética e, espiando uma garota na bicicleta ergométrica com um livro apoiado a sua frente num suporte para leitura e sem uma gota de transpiração na testa, sugeri: — Como aquela ali.

— Apenas experimente esta, Em — retrucou Alyssa. — Ela obtém melhores resultados para você. Minha bunda levantou pelo menos um centímetro desde a primeira vez que comecei a usá-la.

Espiando a bunda de Alyssa, que sempre considerei perfeita e com certeza um fator-chave para o seu status infinito de namorada, subi na máquina e esperei Alyssa apertar alguns botões para iniciar o exercício. Assim que terminou, comecei a me mexer, as pernas subindo e descendo num ritmo que eu normalmente temia sempre que chegava

em casa e encarava c-s quatro lances de escada até o meu apartamento. Sorri dócil para Alyssa, que subiu na máquina ao lado da minha.

Antes que se completassem cinco minutos, eu estava tão esbaforida que qualquer promessa de um traseiro irresistível tenha sido substituída pelo medo de que, com certeza, eu morreria de ataque cardíaco na jovem idade de 31. Deixei os degraus afundarem até o chão e saltei.

— Não posso... continuar... — estrebuchei para Alyssa, que ainda subia e descia, nem sequer um pouquinho ofegante.

Ela contemplou minha face avermelhada com apreensão.

— A puxada dessa aí é dura de acompanhar no começo. Por que não experimenta alguma outra coisa por enquanto?

Alguma outra coisa? Como o chuveiro talvez?

— A esteira também é legal — disse, apontando, atrás dela, para uma fileira de gente correndo no que parecia ser uma espécie de esteira transportadora. De repente pensei no hamster que tive na infância. — Eles têm piscina aqui? — perguntei, imaginando se teria a chance de aperfeiçoar minhas habilidades esguicho aquático. Porque, se Derrick retornasse um dia, ia afogá-lo um pouco por me fazer passar por esse inferno específico.

— Não. Não nesta filial — falou Alyssa. — Experimente a esteira. Vai gostar dela.

Sim, lógico, pensei, passando pelas esteiras e descobrindo, para meu deleite, que estavam todas ocupadas. Para benefício de lys, soltei um ostensivo suspiro. Então, me dirigi para a leitora de romances que não suava, maravilha de exemplo que ainda pedalava sem esforço ao lado de uma fortuita bica desimpedida. Apanhei uma revista feminina na conveniente estante de revistas, na parede próxima às bicicletas eletrônicas. Uma vez confortavelmente sentada, abri no artigo da capa que me chamou a atenção enquanto fazia a escolha: “Sinais Concretos de que Ele Está Apaixonado por Você.” Selecionando um módulo de exercício-padrão, com colinas sinuosas, que me pareceu lento o bastante, comecei a pedalar e a ler.

Espera que o coração dele esteja no lugar certo? — começava o artigo com petulância. Leia mais para descobrir se o seu homem está exibindo sinais de que está irremediavelmente devotado a uma mulher especial — você! — Pedalando sem escrúpulos, esquadrinhei a lista, ordenada com coraçõezinhos vermelhos.

Ele lhe compra flores, sem nenhum motivo específico.

Sorri quando a lembrança da rosa seca na Gaveta do Derrick me surgiu.

Os amigos dele gostam de você — mais provavelmente porque ele sempre diz o quanto você é maravilhosa!

A imagem de Ed Riley, o melhor amigo de Derrick, pipocou na minha cabeça, me enchendo de agonia. Ed tinha a mania de sempre convidar Derrick para eventos que estranhamente nunca me incluíam. Hum...

Você é a primeira pessoa para quem ele telefona quando consegue a grande promoção.

Bem, eu estava no apartamento de Derrick na noite em que o agente dele ligou com a notícia de que vendera o roteiro. No momento em que Derrick desligou o telefone, me puxou para os seus braços e me deu um sonoro beijo. Me abraçou como se nunca fosse me soltar.

Ele acha você bonita, de manhã, à tarde, ou de noite — e até sem vestígios de maquiagem!

Minha mente desenredou uma lembrança de Derrick e eu, deitados na cama certa manhã de domingo, com o The New York Times disposto à nossa frente sobre os lençóis amassados. Lembro de me sentir consciente de repente da minha piaçava de cabelo desganhado e da cara limpa de Derrick quando ele se esticou para roçar a minha perna nua com os dedos compridos. Também me recordo do sorriso safado que me deu antes de me arrancar a camiseta surrada como se fosse uma camisola esvoaçante, acariciando meu rosto e depois o corpo, como se eu fosse à mulher mais desejável do universo.

Um nó engrossou na minha garganta. Pedalei com mais força.

Ele sai numa viagem de negócios e liga toda noite só para dizer o quanto sente sua falta.

A página pareceu borrada à minha frente, e de repente me senti ofegante. Fechando a revista num só golpe, descobri que o módulo-padrão que eu tinha escolhido indicava que eu estava prestes a atravessar uma colina para a qual não estava física ou emocionalmente preparada. Parei de pedalar, apanhei a toalha que pendurei na traseira do selim e rumei direto para a Stair Master e Alyssa.

— Ei — disse ela, com as bochechas rosadas, o que fazia seus olhos mais azuis do que nunca, enquanto continuava a caminhar incansavelmente.

— Vou correr para o chuveiro — falei, enxugando o rosto com a toalha e torcendo para esconder qualquer tumulto íntimo ali inscrito. — Não calculei que isso demoraria tanto, tenho coisas a fazer em casa. — Como berrar até cair dura.

Ela deixou os degraus baixarem até o chão e saltou.

— Os pesos só vão levar cerca de meia hora. — Enquanto estudava minha expressão, soube que ela havia notado meu tormento emocional. — Você vai se sentir melhor com isso — prosseguiu. — Prometo.

Após gaguejar no decorrer de umas poucas desculpas cretinas, me flagrei acompanhando Alyssa com relutância à sula de pesos, onde, sob seu comando, esmaguei cada pitada de miséria, raiva, ansiedade e absoluto desespero que sentia contra grandes blocos compactos de peso destinados a me tornar, seja como for, uma pessoa melhor, mais forte e definitivamente esbelta. Empurrei. Puxei. Suei e xinguei. E assim que regressamos aos colchonetes para executar o alongamento final, descobri que Lys tinha razão. Eu me sentia melhor. Muito melhor.

— Vou malhar no sábado de manhã se quiser vir—convidou, ao flanarmos num último alongamento. — Mas cedinho. Preciso levar Lulu ao veterinário depois. Contei que a medicação dela não fez efeito?

Oh-Oh. . — Vou com você.

— Ao veterinário? — perguntou Alyssa.



— Sim. Acho que Lulu necessita de apoio. E você precisa de uma dama de companhia.

Alyssa revirou os olhos, mas sorriu e pensei ter percebido algo como alívio nos olhos dela. Talvez só estivesse tão apavorada quanto eu por ser capaz de vir a fazer algo que pudesse simplesmente destruir qualquer destino de felicidade reservado a ela e Richard.

—Tudo bem. Isso, em todo caso, vai lhe dar a chance de conferir Jason. E então quem sabe você compreenda como me envolvi nesse dilema.

— Sim, sim. Você e seus dilemas. Um grande sujeito em casa. Outro nos bastidores. Vou dar um genuíno chá de caridade por você.

—Ah, isso me lembra. Tenho um homem nos bastidores para você — disse ela, pondo-se de pé e secando o rosto com a toalha.

— O quê?

— Lembra daquele advogado que imaginou poder ser sua nova Cara-metade? Bem, tenho alguém para você. Ou Richard tem. Um cara da firma dele... Henry Burke.

—Henry? — indaguei, concluindo que o único "Henry" que conhecia era o vizinho da minha mãe em Long Island, um sujeito baixinho e careca com uma barriga rotunda, que me olhava com malícia toda vez que por acaso eu o avistava em seu quintal, de peito nu, regando o gramado com entusiasmo.

—É um cara muito bacana. Eu o conheci na festa de Natal de Richard do ano passado.

—Ele nunca foi apelidado de Hank? —inquiri, levantando e tentando envolver minha mente em torno da ideia de sair com um sujeito chamado Henry. O que você fez na noite passada? Bem, Henry e eu fomos jogar boliche. Nem sequer pensei que pudesse gritar aquele nome na vertigem da paixão.

— Que diferença faz? — indagou Alyssa, dirigindo-se escada abaixo para o vestiário. — Ele é muito meigo. E... — virou-se para me fitar—... parece que está pretendendo sossegar.

— Não estou pronta — retruquei, espiando meu corpo molhado de suor e concluindo que uma sequência de exercícios não havia criado uma rainha da beleza.

— Do que está falando? Você me pediu.

— Isso foi antes de perceber que era uma forte candidata à foto "antes" numa propaganda de produtos para dieta da Jenny Craig.

— Você não está gorda — protestou Alyssa quando chegamos ao vestiário e fui cercada, mais uma vez, pela próxima geração de esguias e flexíveis supermodelos.

Diga isso a Henry Burke quando ele se flagrar sentindo-se um trouxa por concordar em conceder uma noite na cidade a uma garota gorda, pensei, imaginando quantas daquelas incursões de auto flagelação seriam necessárias até que eu estivesse verdadeiramente pronta a me integrar ao universo dos solteiros.

### **Confissão: Vender tudo é mais fácil do que pensei.**

Na manhã seguinte, acordei com um remoto senso de determinação, embora não até me reanimar com uma xícara de café quando lembrei que hoje era o dia em que enfrentaria Patricia. Com a ajuda de Alyssa na noite anterior, refiz meu currículo para ratificar que não só estava pronta e disposta a me tornar editora executiva, mas, com a longa lista de aptidões meticulosamente detalhadas que adquiri durante meus quatro anos como editora assistente, eu estava mais do que qualificada. Surpreendeu-me como, sob a orientação de Alyssa, consegui transformar quatro anos de regurgitação da mesma sabedoria de planejamento nupcial, de oohs e aahs para layouts pelos quais não poderia me lixar menos e de redigir manchetes destinadas a cativar a atenção das ansiosas à beira do altar no tipo de experiência diversa e empolgante de que são feitas as grandes editoras.

Esta manhã descobri uma saia cinza há muito esquecida para combinar com o fiel blazer preto. Apesar de ficar horrorizada ao descobrir que servia, já que fora comprada durante um surto anterior

de flacidez, percebi que ela permaneceu na cápsula do tempo do fundo do armário por um período longo o suficiente para atender às demandas de comprimento na altura do joelho, do novo estilo classe A da temporada atual. Pelo menos segundo Jade, a quem convoquei para uma consultoria de guarda-roupa.

Agora tudo que restava era encontrar Patricia. E como o nosso era um ambiente de trabalho razoavelmente informal, tudo o que isso requeria era uma breve caminhada pelo corredor até o escritório do canto para ver se ela estava disponível.

Eu já sabia que ela estava ali hoje, tendo memorizado seus horários e me tornado obcecada em descobrir qual seria o melhor momento de atacá-la. Decidi que uma visita antes do almoço seria bom. Afinal, eu não a queria empanturrada de carboidratos e sonolenta para ver como eu era perfeitamente adequada para o cargo.

— Ela está? — perguntei a Nancy, a assistente administrativa que, tirando o piercing na sobrancelha, que lhe emprestava os ares da torpeza, aparentava ser do tipo competente linha-dura, capaz de manter a vida, de outro modo confusa, de Patricia em ordem.

Tentei ignorar o fato de que ambos, sobrancelha e brinco, saltaram à minha aparição de blazer e saia diante dela.

— Claro — disse com algo que se assemelhou a um sorriso de escárnio nos lábios.

Ela sempre parecia sorrir de escárnio, disse comigo mesma quando passei por ela com gosto — com meu novo conjunto de saia-e-paletó e postura ferida-porém-aparentemente-mais-decida, me sentia quase elegante —, na entrada da sala de Patricia.

Bati com delicadeza, e Patricia olhou por cima de um documento que examinava sobre a mesa. Ao me ver, ergueu as sobrancelhas intrigada.

— Pensei se você... disporia de uns poucos minutos — falei tão suavemente que ela mal conseguiu me ouvir.

— É claro. Entre. Sente. Me dê um minuto enquanto termino isto.

Me esgueirei para dentro e, com cautela, sentei diante da mesa, fitando a parte lateral de seu cabelo louro mel, pulo para trás no costumeiro enrolado à francesa, quando ela curvou a cabeça sobre a papelada à sua frente. Meu olhar se transferiu para a foto que mantinha na prateleira atrás de si, ela e o marido no dia do casamento. O casamento de Patricia era lendário no escritório, realizado como foi num romântico vilarejo no sul da França e estrelado por Patricia num vestido Vera Wang de 17 mil dólares, carregando um buquê florescente de luxuriosas e exóticas orquídeas importadas da América do Sul. A única coisa bizarra a respeito do casamento de Patricia é que logo que desposou o marido, um bem-sucedido corretor de letras de câmbio, ele virtualmente desapareceu. Sem nenhuma aparição nas festas de Natal do escritório nem tampouco nos chás beneficentes aos quais Patricia — que era herdeira de aristocratas abastados e tinha convite vitalício para tais eventos — comparecia com frequência. Uma vez até vi uma foto dela na coluna social do *The New York Times*, mostrando-se estonteante na criação de algum estilista, mas essencialmente sozinha. Era como se ela houvesse contratado o futuro noivo, Lawrence Landers, junto com os chefes de cozinha cinco estrelas franceses chamados para abastecer o evento, e depois prontamente o dispensado com o resto dos auxiliares contratados assim que a última creme brulée foi tirada da mesa. A única coisa que assegurava à sua leal equipe que ela, de fato, ainda estava casada, era o diamante de dois quilates e meio, de lapidação esmeralda, que cintilava na sua mão esquerda. Alguns dos funcionários especulavam — Marcy Keller a primeira entre eles — que Patricia era uma lésbica que se casara apenas para manter as aparências. Afinal, como poderia a diretora de redação da *Top Noivas* não gastar dois anos de salário e 18 excruciantes meses de planejamento no próprio dia de núpcias? Droga, dedicamos uma edição inteira ao seu grande dia.

Agora, ao me fitar por cima do documento que revisava, um sorriso sereno se estendeu em suas feições suaves, quase plásticas, e seus olhos azul-marinho se mostraram ansiosos.

— O que posso fazer por você, Emma?

Surpresa que ela até lembrasse o meu nome, mergulhei a cabeça.

— Bem, não sei se Caroline comentou com você ou não — comecei evasiva, embrenhando-me por um caminho que não planejava e encolhendo-me mentalmente. Não mencione Caroline, falou uma voz interior. Deus sabe que tipo de introdução interessante ela deve ter feito a Patrícia. — Isto é, gostaria a me candidatar ao cargo de editora executiva que estará disponível em breve.— Pigarreei, mas fui em frente, mudando para o piloto automático ao engrenar no discurso ensaiado.

— Durante os últimos quatro anos, fui uma sólida colaboradora com artigos para as seções Estilo e Beleza da revista. Até contribuí para a seção Viagens e Lua de mel, quando houve uma baixa na equipe há seis meses — continuei, mostrando, como Alyssa me instruiu, o quanto rendi para a Top Noivas quando a revista estava no aperto. — Também trabalhei na promoção dos lay-outs da edição de aniversário ano passado, e com frequência tenho sido útil no desenvolvimento de textos para manchetes e matérias para promoções especiais. — Tendo aquecido o assunto, comecei a me derreter em poesia quanto meu conhecimento do mercado, minha capacidade para liderar e inspirar os outros e meu indispensável talento para detectar tendências. Quando terminei, não só havia convencido a mim mesma da minha promocionabilidade mas, a julgar pela expressão no rosto de Patrícia, eu a havia convencido também.

— Bem, Emma, você fez uma sólida apresentação de si mesma — disse Patrícia com um sorriso. — E, verdade seja dita, certamente já reparei no seu trabalho. A matéria sobre lingerie ficou maravilhosa, e Caroline sempre menciona o quanto tem sido útil no desenvolvimento de matérias de capa. Encorajada, entreguei-lhe a pasta, estufada com cópias de artigos com os quais passei obcecada a semana toda, assim como o currículo meticulosamente elaborado.

— Espero que isto a ajude a rever minhas qualificações para o cargo.

— Maravilha. — Ela pegou a pasta, depois levantou-se, assinalando o fim da reunião. — Com certeza, levarei tudo isso em

consideração. Obrigada por vir, Emma. Apreciei seu entusiasmo e fico encantada que se interesse em fazer carreira conosco.

Levantei-me e flutuei para fora do escritório, sorrindo com escárnio para Nancy quando passei pela mesa dela, e até aproximando-me do cubículo de Rebecca, em meus trajes elegantes, só para mostrar a ela que a competição havia se tornado feroz. Num piscar de olhos, tudo parecia possível. Eu podia ser promovida. Eu até me apaixonaria algum dia, não que isso importasse, pelo menos até onde interessava a Patrícia. Claramente, ela não precisava de ninguém, a julgar pela maneira como mantinha o pseudomarido à distância de um braço. Talvez fôssemos espíritos semelhantes, Patrícia e eu. Talvez aquele brilho que vi infiltrar-se em seus olhos quando anunciei o interesse pelo cargo fosse à esperança de quem-já-conquistou para aqueles destinados-ao-sucesso. Talvez houvesse mais pari mim, Emma Carter, do que Caroline, Rebecca — ou, diabos, mesmo Derrick — pudessem enxergar.

Ah!, eu seria um sucesso retumbante. E faria com que ele lamentasse o dia em que abandonou minha ilustre companhia

### **Confissão: Estou pronta para o meu schnauzer em miniatura.**

Como prometi, encontrei Alyssa na academia no sábado de manhã. E após a hora e meia que passei sacudindo vigorosamente as pernas, erguendo os braços e suando mais do que jamais imaginei ser possível, fomos ao apartamento de Alyssa apanhar Lulu para a consulta com o supostamente irresistível Dr. Jason Carruthers. No vestiário, tentei não implicar muito com Alyssa enquanto ela tomava uma ducha e reaplicava com esmero toda a maquiagem para a ocasião, mas eu obviamente estava grilada com a coisa toda. Meus sentimentos pioraram quando entramos no apartamento de Alyssa e avistei Richard espichado no sofá, mostrando-se inesperadamente vulnerável de cueca samba-canção e uma velha camiseta da escola de Direito da NYU.

— Oi — ele me saudou animado, alheio à perfídia na qual agora havia me envolvido.

— Olá, Rich, como tem passado? — cumprimentei quase espevitada demais, ao observar Alyssa arrebanhar Lulu.

— Ótimo. Como vai você? — respondeu, certamente avaliando se eu ainda estava tão arrasada como da última vez em o vi, poucos dias após a partida de Derrick. Se ao menos soubesse o que o aguardava, pensei agora.

Pigarreei.

— Estou bem. Me mantendo ocupada com o trabalho e mais.

— Alyssa contou que está à beira de uma grande promoção.

— Ah, isso. E, bem, eu só conversei com a diretora de redação a respeito e ela foi muito encorajadora, tão...

— Ótimo. — Sorriu tão terno e inocente que eu quis puxá-lo para perto e avisar sobre os riscos de deixar Alyssa sair mundo afora desacompanhada. Mas logo Alyssa estava a meu lado, com Lulu sorrindo feliz para nós agora que sua coleira fora afivelada. Até Lulu estava alheia ao fato de que não se tratava de mero passeio inocente, mas de uma temível jornada até o Dr. Jason Carruthers, um sujeito que só iria examiná-la com frios instrumentos metálicos enquanto contemplaria Alyssa com desejo.

— Vocês duas estão prontas para sair? — perguntou Richard, saltando do sofá e aproximando-se brincalhão para cocar atrás das orelhas de Lulu, o tempo todo murmurando agrados que a fizeram abanar a cauda furiosamente. Meu coração foi a pique.

Richard nos conduziu até a porta e beijou Alyssa na testa, da maneira como papai costumava me beijar quando eu tinha seis anos.

— Cuide-se, Em — disse ele, voltando-se para mim. — E não aja feito uma estranha. De fato, se você e Henry toparem, talvez possamos sair em quatro. Você contou a ela sobre Henry, não foi, Lys?

Gulp. Agora íamos sair em quatro. Imaginei se Henry conversaria comigo, se sequer sairia comigo, caso um dia descobrisse que cruzei os

braços enquanto algum veterinário mulherengo dava uns malhos na garota do melhor amigo dele.

— Sim, contei — disse Alyssa, levando Lulu até a porta.

— Me lembre, Em, de lhe dar o telefone de Henry.

— Ele é um grande sujeito — falou Richard, encorajador.

Você também, pensei consternada, seguindo Alyssa e Lulu porta afora ao encontro do próprio destino.

Assim que chegamos ao térreo, me flagrei correndo para acompanhar Alyssa, que parecia apressada demais para o meu gosto.

— Não sei se é uma ideia muito boa — falei quando enfim sincronizei o meu ritmo com o dela.

— Preciso saber se é uma irritação no intestino ou algo mais grave — replicou Alyssa, fitando Lulu com preocupação.

— Não, não — disse eu, aporrinhada por sua estupidez.

— Me refiro ao caráter do tal Dr. Carruthers. Você e Richard estão juntos há um longo tempo. Vocês criam um cachorro juntos, ora bolas.

— Lulu é minha cadela, Em. Eu a tenho desde os 16.

— Sim, e por que sua mãe a deu para você, hein? Alyssa continuou caminhando, o rosto sob uma máscara.

— Porque eu era uma boa menina?

— Não, porque o seu pai havia morrido um mês antes. Ela estava tentando fazer você reagir, voltar a aproveitar vida. Você mesma me contou.

Alyssa então parou, me olhando, com Lulu sentada ansiosa aos pés. Baixou o olhar para a cadela, que empertigou a intrigada antes de abrir um sorriso canino.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa?

Recomeçou a caminhar, e fiz o mesmo.

— Talvez você tenha medo de perder Lulu. Ou mesmo Richard, em certo nível. Quer dizer, você perdeu sua mãe há uns anos. Talvez essa



história com o Dr. Carruthers seja a sua maneira de equilibrar a mente. Sabe como é, se mantiver a si própria em movimento, não vai acabar magoada.

— Isso é ridículo — retrucou, então parou novamente, desta vez diante de um amplo batente de madeira de uma fachada de arenito. A brilhante placa de latão, afixada logo acima do interfone, informava: "Dr. Jason Carruthers, M.V" Ela pressionou o botão do interfone, e ao soar o zumbido, empurrou a porta pesada até abrir com uma determinação renovada, mal olhando para trás ao manter a porta aberta para que eu a acompanhasse. Após atravessarmos um pequeno vestíbulo nos encontramos numa aconchegante sala de espera decorada com pinturas de cães e gatos em poses variadas, e almofadas bordadas com dizeres como "Lata se For Amigo dos Cães". Atrás da mesa da recepção, uma mulher com uma nuvem de cabelos grisalhos e a voz mais suave que jamais ouvi cumprimentou Lulu depois ergueu os olhos para Alyssa quando nos aproximamos.

Enquanto Alyssa preenchia o registro, me acomodei numa almofada que proclamava que "O Amor Felino É o Ame: Miau-lhor", e contemplei um transporte de bichinhos vazio aguardando no meio da sala para ser ocupado por qualquer companheiro ideal. Ao ficar sentada ali imaginando o tipo de amante de gatos de nhenhêném cansativo que devia ser o dono de um transporte de colorido tão berrante, a porta interna do consultório se abriu, e uma loura alta com saia tamanho de um selo postal saiu, carregando o menor cachorro que já vi. Imediatamente espiei com suspeita as pernas compridas da loura. Que espécie de mulher usa cinta-liga num sábado — e para ir ao veterinário? Quando a mulher parou para colocar o cão no ostentoso transporte, murmurando sem parar palavras de consolo através dos lábios vivamente pintados, comecei a imaginar que espécie de operação esse E: Jason Carruthers comandava.

— Ele está pronto para nós — disse Alyssa, ao concluir seja qual fosse a papelada que tivesse que preencher e gesticulando para que eu me levantasse.

—Aposto que está mesmo — resmunguei, acompanhara: Alyssa e Lulu pela porta do consultório adentro.

Assim que pisei na reluzente sala branca que cheirava a uma mistura de antisséptico e areia de gato, caí num silêncio aturdido.

Lá, vestindo um jaleco branco de laboratório e uma camisa azul toda abotoada que realçava a cor estonteante dos seus olhos, estava o Dr. Jason Carruthers: 1,90m, ombros largos, quadris estreitos e 80 quilos dignos do macho mais incrível que já vi.

Engoli em seco, analisando suas belas feições quando ele parou atrás da mesa de exames, com as mãos confortavelmente enlaçadas atrás das costas e um brilhante sorriso em sua — ousaria dizer sensual? — boca.

—Jason — sussurrou Alyssa a meu lado, e de repente me lembrei por que estava aqui.

—Alyssa, como vai?—falou ele, depois ajoelhou-se perto de Lulu.

Estranhamente, até o cachorro de Alyssa mostrou-se delicadamente feliz ao ver o sujeito que em breve seria o instrumento da sua própria tortura. Ele a acariciou atrás das orelhas com as grandes mãos bronzeadas, antes de aninhá-la sem esforço nos braços e ficar de pé em toda a sua estatura de novo.

— Vejo que trouxe uma amiga desta vez — comentou, saudando-me com um meneio da cabeça.

— Oh, sim — disse Alyssa, como se de súbito lembrasse que eu estava na sala. —Jason, conheça minha boa amiga, Emma Carter.

Como as mãos dele estavam ocupadas com Lulu, apenas em cumprimento. Não creio que conseguisse falar, de qualquer modo, a julgar pela forma como eu salivava.

— Emma ficou preocupada — continuou Alyssa, me fitou — Isto é, com Lulu.

Ele anuiu com a cabeça, como se a resposta fizesse perfeito sentido.

—Você mencionou no telefone que ela não estava reagindo ao medicamento — afirmou, acomodando Lulu gentilmente na mesa de exame, acariciando-a sem parar com aqueles dedos largos, bronzeados.

Quedei hipnotizada. E, muito francamente, chocada, porque de repente ficou muito claro para mim que aquele homem poderia ser a nova Cara-metade de Alyssa. Ele era gentil com os animais, deslumbrante além de qualquer comparação — e aquelas mãos, pensei, observando quando ele puxou o estetoscópio que pendia em volta do pescoço e com cuidado colocou-o no peito de Lulu. A língua da cadela escapulia para fora da boca como se estivesse recebendo uma massagem no corpo todo.

Nem sequer parecia um veterinário, concluí de repente. Bem, talvez um veterinário famoso.

— Vamos precisar efetuar alguns testes — dizia ele agora com o belo olhar fixo no rosto de Alyssa. — Alguns serão bem demorados e podem exigir um pernoite. — Fez uma pausa como se estivesse prestes a sugerir um pernoite para Alyssa também. Então, como se lembrando de algo, desviou o olhar de Alyssa e começou a circular pelo consultório, recolhendo instrumentos, depois parando para folhear um organograma no balcão. Encarando Alyssa mais uma vez, continuou: — Hoje eu só vou colher um pouco de sangue, mas vou marcar uma consulta para que a traga de volta dentro das próximas duas semanas para que possamos fazer mais uma bateria de exames. Até lá terei o exame de sangue pronto; assim, caso seja preciso... — fez uma nova pausa, como se cativado outra vez pelo olhar de Alyssa — caso precisemos tomar certas medidas adicionais, estaremos prontos.

— Medidas adicionais? — repetiu Alyssa.

Ele encarou-a por um instante, como se prestes a puxá-la para seus braços a qualquer momento para consolá-la com carícias.

— Bem, cirurgia, por exemplo. Mas quero eliminar umas poucas outras opções primeiro. Lulu é meio idosa, e cirurgia seria a última opção, caso seja, de fato, viável ou necessária.

—Então, sorriu gentil. — Nesse meio-tempo, você mantém o analgésico, e tudo vai acabar bem. Confie em mim.

Olhando dentro daqueles olhos azul-bebê, soube que confiaria minha vida a ele.

Quando Alyssa prendeu Lulu na coleira outra vez e ternamente a recolheu da mesa de exames, percebi que estávamos de partida e me odiei pela pontada de desapontamento que senti.

Jason apertou minha mão.

— Foi ótimo conhecer você — disse.

A força daquela mão se irradiou pelo meu corpo, e de repente pensei em parar na loja de animais a caminho de casa e apanhar o schnauzer em miniatura que andei namorando desde a partida de Derrick. Droga, eu pegaria uma víbora de estimação se pensasse que ela me traria para a vida daquele homem.

Então, lembrei de mim mesma e, mais importante, de Alyssa.

— Provavelmente vou ver você depois do Memorial Day — disse Alyssa. — Eu... bem, vou sair da cidade.

— Grandes planos para o fim de semana do feriado? — perguntou ele, com o que pareceu um interesse sincero.

— Ah, nada especial — replicou Alyssa —, só coisa de família.

Sim, a família de Richard, pensei comigo mesma, lembrando onde jazia minha lealdade.

Ainda assim, quando fizemos as despedidas finais e nos dirigimos para a porta, não consegui fazer nada além de me virar ansiosa junto com Alyssa quando o Dr. Casa nova nos chamou novamente.

— Ah, quase esqueci.

— Sim?—disse Alyssa, os olhos arregalados de ansiedade. Ele sorriu.

— Da próxima vez que vier, não esqueça de trazer a amostra de fezes.

Ah, o romance naquilo tudo, pensei, com a vertigem borbulhando dentro de mim quando o Dr. Carruthers nos mostrou a saída.

Embora eu quase tivesse perdido a cabeça diante da visão do bom doutor, agora que estávamos sãs e salvas fora do consultório fiquei aliviada por conseguirmos passar por aquilo sem flertes relevantes. Não importava o quanto o Dr. Jason. Carruthers era deslumbrante, eu não podia — não iria — me permitir vê-lo como parte da vida de Alyssa.

Caminhamos em silêncio de volta ao apartamento de Alyssa, cada uma perdida nos próprios pensamentos. E quando Lys parou de repente, a duas portas de distância da fachada de arenito onde morava, fiquei surpresa ao descobrir que seus olhos estavam cheios de lágrimas não derramadas.

— O que vou fazer?

Pisquei.

— Lys, não fique triste. O que quer que aconteça, você vai fazer a melhor escolha. Você sempre faz. — Suspirei. — Se faz com que se sinta um pouco melhor, achei que ele é esplêndido. Posso ver por que você consideraria...

—Não, estou falando de Lulu. Ah, Em, ela precisa de cirurgia, ela nunca vai sobreviver nessa idade. — As lágrimas jorravam enquanto ela olhava para Lulu, que se comprimia contra uma de suas pernas e gania ao ver a aflição de amada dona.

— Oh, Lys — disse, abraçando-a apertado. Era tudo o que podia fazer, realmente, porque não tinha nada a dizer. Nenhuma resposta em absoluto. E nenhum jeito de evitar qualquer infelicidade prestes a saltar no caminho dela.

## CINCO

*"Tudo o que qualquer um precisa na vida é de um bom advogado."*

*— Burt Carter, pai de Emma*

**Confissão: Eu poderia mais facilmente me submeter a tortura física do que usar um vestido de seda pérola.**

Talvez estivesse fugindo do transtorno emocional, ou talvez tivesse ficado motivada pelo encorajamento de Patrícia, mas na semana seguinte, no trabalho, fiz a tentativa de me tornar a única coisa que jamais sonhei ser: uma mulher de carreira. Organizei os arquivos, respondi a todos os e-mails que não costumava responder e até entreguei uma reportagem antes do prazo. Comecei a me sentir como matéria-prima de chefia, capaz de mandar qualquer subeditora correr até a fotocopidora e ao aparelho de fax para cumprir minha ordem.

Isto é, até Rebecca aparecer no meu cubículo na quarta-feira à tarde no tipo de terno azul-marinho que forçava as outras se acovardarem diante dela e um sorriso aberto de mil quilowatts no rosto.

— Acho que finalmente vai acontecer — disse ela, com os lindos olhos azuis acesos de empolgação ao sentar, sem ser convidada, na cadeira de visitantes.

O alarme soou dentro de mim conforme tentei esconder meu trunfo dos seus olhos intrometidos — um memorando para Patrícia, com ideias para a próxima promoção de assinaturas.

— O que vai acontecer? — indaguei, em pânico.

— Nash vai me pedir. No feriado do Memorial Day. Tenho certeza disso — afirmou, avaliando minha reação.

É claro, pensei comigo mesma. Não só Rebecca era certamente a melhor para o cargo de editora executiva aos olhos de minhas superiores, como aparentemente era a principal candidata a Esposa Número 1 — e talvez até a Esposa Número 1 e Única — aos olhos do namorado. Vaca.

— Isso é maravilhoso — respondi, torcendo para que meu sorriso não parecesse muito atarraxado na cara. — Como... hum, como sabe?

— Bom, andamos planejando viajar no Memorial Day já faz algum tempo. Até onde entendi, íamos para o chalé da família dele em Berkshires. Então, ontem à noite, ele me diz que tem uma surpresa: conseguiu uma reserva de quarto com café da manhã em East Hampton! Balancei a cabeça, sem compreender como East Hampton correspondia ao Cenário Espetacular Para O Pedido. De acordo com Jade, era mais o Cenário Espetacular Para Um Boquete para os ricos e desiludidos.

Como se lesse a confusão no meu rosto, ela prosseguiu:

— Não é qualquer quarto com café; é exatamente o mesmo quarto com café da manhã que ficamos no nosso primeiríssimo fim de semana fora. Ah! Nash foi buscar o verdadeiro romance. Eu podia imaginá-lo com seus traços esculturais e óculos de aros metálicos — apesar de um pouco reprimido demais, Nash era exato o tipo de Gato Com Óculos que eu desejava com luxúria —, fitando Rebecca numa praia enluarada, com um diamante monstruosamente grande na mão.

— Uau! — exclamei. Pensei nos meus próprios planos para o fim de semana do feriado, que mais do que certamente incluíam me expor ao esplendor do amor de Clark e mamãe enquanto ouviria extática meu irmão Shaun, e sua esposa, Tiffany, detalharem os planos de tornar a nova casa maior e suas vidas mais ricas.

— Mal posso tirar o sorriso da cara desde a noite passada quando arrumei a lingerie na mala — dizia Rebecca agora. — Até trouxe junto a

roupa de baixo que usei na primeira noite em que fizemos amor — continuou, ruborizada.

— Você lembra da roupa de baixo que vestiu?

— É lógico que sim! — exclamou.

Ora isso era especial.

— Uau! — repeti, parecendo ter perdido a disposição para qualquer tipo de discurso prolongado.

— Eu sei. — Então baixou o olhar para as mãos dobradas sobre o colo antes de erguer os olhos para encontrar os meus uma vez mais. — Quis contar a você primeiro porque é uma das minhas amigas mais íntimas.

Eu sou?

— Isso é, hum, muito meigo da sua parte, Bec — consegui resmungar sei lá como.

— E quero que saiba que, quando Nash e eu nos casarmos, vou pedir que você participe da minha festa de casamento.

O quê?

— Bem, isso é realmente, hum... Não acha que é um pouquinho precipitado para já estar planejando as... núpcias? — Então ri, aflita, esperando atenuar o tom. — Você não quer agourar a si própria colocando o carro na frente dos bois.

Ela sorriu.

— Não brinca. Já decidi até minhas cores! O que acha de Pérola para o seu vestido?

Ela ergueu o olhar e me examinou um instante como se não me reconhecesse. Então, a face meiga e enrugada irrompeu num sorriso largo.

— Emma!

Abracei-a, beijando ambas as bochechas e depois os lábios, o que era tradição nossa desde que eu era menininha. Quando recuei, notei um olhar acusador nos ternos olhos castanhos. — Você perdeu peso.



Sorri, querendo desesperadamente levar o comentário dela a sério, mas ciente de que esse era um comentário que vovó Zizi fazia com razoável regularidade para todas as mulheres da família que sofriam de cinturas oscilantes. Acho que era o seu jeito de ser encorajadora — o equivalente octogenário de "Continue nessa, garota".

— Obrigada, vovó. Estou tentando. Como vai você?

— Oh, sabe como é. Velha. Como vai você, meu bem? — Então, de repente, como se atingida por uma lembrança, espreitou por cima do meu ombro, com os olhos intrigados, Eu sabia exatamente o que procurava, apesar de não oferecer qualquer ajuda enquanto ela se esforçava para atinar o nome da minha melhor parte desaparecida. Enfim, perguntou: — Onde está Derrick? Ainda está saindo com ele, certo?

Acachapei mentalmente. Ou ninguém lhe contou, ou ela esqueceu. Mais provável que fosse o último, já que a memória de vovó Zizi não era mais o que costumava ser.

— Não, vovó, Derrick e eu terminamos. — Como a sua boca virou para baixo num vinco aturdido, me apressei a explicar. — Ele arrumou um emprego na Califórnia. E se mudou para lá.

— Oh, minha nossa. — Ainda o semblante perplexo. Em seguida me fitou, com os olhos repletos de compaixão. Uma compaixão com que eu não podia lidar no momento esse fato enquanto estivesse ocupada banhando-a de presentes e cumulando-a com toda sorte de camaradagens de madrinha?

Eu precisava fazer algo para fugir desse casamento quando ele acontecesse. Como fingir minha própria morte.

**Confissão: Namorar pode vir a ser minha única saída.**

Assim que botei os pés nos degraus do meu apartamento aquela noite me flagrei com fumaça saindo pelas orelhas devido à presunção de Rebecca de que eu quisesse participar do seu inferno nupcial particular. Pensei mesmo em descongelar os doces da Hostess que

havia empilhado no congelador por segurança, até que a sensibilidade nos músculos abdominais me lembrasse da malhação estafante e me fizesse evitar a indulgência de uma comilança furiosa à qual certamente eu tinha direito a essa altura.

Como Rebecca se atreve a me convidar para participar de sua festa de casamento? Eu — a reles colega de trabalho e agora rival! Conte com Rebecca para mostrar-se superior e manter os ressentimentos do escritório fora do caminho da grandiosa amizade que vislumbra entre nós.

Precisando de alguma perspectiva, liguei para Jade.

— Rebecca me pediu para participar da festa de casamento dela.

— Você está de gozação. Eu nem sabia que ela era noiva.

— Não é... ainda. Segundo ela, Nash vai soltar a velha pergunta este fim de semana.

— Oh! E como ela descobriu?

— Quem sabe? Todo mundo na Top Noivas parece ter um tipo de radar quando se trata de propostas de casamento iminentes.

Ela ficou muda por um momento, e escutei quando tragou um cigarro.

— Eu nem sequer sabia que vocês duas eram tão íntimas.

— Não somos. Pelo menos não na minha concepção. Andei esmiuçando esta situação a tarde toda, e acho que entendi. Rebecca é filha única. Nash tem dois irmãos, além disso, ele é bem apegado a muitos dos caras da antiga fraternidade. Desde que tenho notícia, Rebecca só tem umas poucas amigas íntimas fora do escritório e uma família muito pouco chegada. Isso, basicamente, nos leva, por eliminação, a um jogo de números. Ela tem um amontoado de padrinhos e nenhuma madrinha para acompanhá-los. E você sabe o quanto isso faz com que as fotos pareçam desequilibradas.

Jade gargalhou.

— É bem fútil, se esse for o pretexto dela.

— Eu não consideraria ninguém na Top Noivas incapaz desta estratégia de recrutamento de madrinhas. Às vezes penso que Patrícia, nossa diretora de redação, escolheu o noivo num catálogo e cuidou para que ele só aparecesse depois de encenar seu prídigo romancezinho.

Jade riu contente.

— Agora tudo o que quero fazer é me empanturrar com um ou cinco bolinhos de café e sentir pena de mim mesma, não fosse o medo mortal de ficar um pouco mais gorda do que estou atualmente. — Suspirei. — Seria benfeito para Rebecca se eu começasse a encher a cara de doces toda noite para ficar bela e redonda na hora de precisar me espremer dentro de qualquer pesadelo em tafetá que ela escolheu para que eu trilhasse o caminho até o altar.

— Quer dizer que vai levar a sério essa história de madrinha?

— Como posso sair dessa? Depois Rebecca saberia o quanto acabei por desprezá-la. Isto é, não quero ferir seus sentimentos.

— Essa é a coisa mais ridícula que já ouvi.

— Tem razão — admiti. — Não posso acumular gordura logo quando estou prestes a embarcar na aventura mais cruel conhecida pelo gênero feminino, paquerar em NYC.

— Então decidiu se unir aos vivos mais uma vez?

— Alyssa já colocou um sujeito, advogado do escritório de Richard, à minha espera.

— Você está de gozação.

— Não, não estou. Ela me deu o telefone dele após a inocente ida ao veterinário no meio da semana. Ainda não liguei, mas agora não há como voltar atrás. Ele aguarda notícias minhas, apesar de eu não estar bem certa se sabe no que se meteu. Sabe como Alyssa pode ser gentil quando fornece descrições das pessoas. Embora, deva dizer, ela não tenha me preparado para o pedaço de veterinário com que ela e Lulu andam passando o tempo.

— Ah, é?

— É o George Clooney dos quadrúpedes. Exceto pelos olhos azuis. Flamejantes olhos azuis, devo acrescentar, com cílios encorpados, escuros.

— Humm. Talvez eu devesse pegar aquele filhote de chinchila em que andei pensando. Onde você falou que essa clínica veterinária fica?

— Jade! — exclamei, prestes a repreendê-la por invadir o campo de Alyssa. O que me deu na cabeça? O campo de Alyssa era Richard. Richard, Richard, Richard, repeti calada, embora minha voz interior, a essa altura, soasse como um reles sussurro.

— Não me diga que, desde que o conheceu, ainda não pensou em adquirir, digamos, um porquinho-da-índia, na Petland?

Graças a Deus Jade não podia ver minha cara. Acho que corei quando lembrei do schnauzer miniatura que me cativou no momento em que botei os olhos no Dr. Jason Carruthers.

Decidi mudar de assunto.

— E o que aconteceu com o seu italianinho importado? Enrico, não era isso?

— Ah, puxa.

— Isso já soa promissor.

— Emma, ele é incrível.

— Já dormiu com ele? Por onde andei? Detalhes, por favor.

— Não, não. Apenas saímos para dançar ontem à noite.

Ele é a coisa mais gostosa do mundo. Não conseguimos tirar as mãos um do outro na pista de dança.

— E daí?

— E daí nada. Eu não ia levá-lo para casa e desperdiçar toda a ebulição pré-sexual. Além do mais, tem uma coisa me preocupando.

— Apenas use um preservativo.

— Não, não é isso. É que ele é muito novo.

Oh-oh.

— Novo até que ponto? — perguntei, temendo que Jade viesse a se incriminar numa espécie de escândalo sexual qualquer.

— Vinte e dois.

Ufa. Nenhuma chave de cadeia.

— Então, qual é o problema? Você nunca dispensou os mais novos. E quanto ao estudante de teatro que adotou por uns tempos? Mark? Ele também não se enquadrava logo acima do limite legal?

— É, porém Mark era diferente. Ele tinha aquela pinta de durão que NYC impõe os caras jovens, esforçados. Isto é, ele só tinha 24, mas era cobra criada

Eurico parece... quase inocente.

— Jade, eu mesma o vi. Não havia nada de inocente no jeito como espiava você enquanto tomava nota dos drinques.

— Não falo sexualmente. Ficou claro para mim, pelo modo como agiu na pista de dança na noite passada, que ele saberia como tratar um corpo de mulher.

— Então, qual é o problema?

— De certa forma, ele parece muito vulnerável. Especialmente no final da noite, quando me levou para casa. Começou a falar sobre o quanto sentia saudades da família e da Itália. Depois me deu um olhar meloso e fez piada a respeito de me levar para a Itália com ele.

— Oh-Oh. Sentimentalismo pré-ejaculatório — concluí, usando a frase que Jade e eu designamos para a riqueza de emoções que determinados homens aparentam ter antes que se durma com eles.

— Parece que está só procurando uma namorada ou coisa assim. E você sabe como me sinto quanto a toda essa história de relacionamento.

Sim, sabia. E ainda me perguntava se a atitude de Jade lhe fazia bem, ou se ainda se protegia de todos os sentimentos que tinha desperdiçado com Michael.

— Por que você simplesmente não dá um passo de cada vez, e vê o que acontece?

—Acho que vou precisar. Porque não vou deixar esse escapar sem carregá-lo para a minha cama de jeito nenhum. Já mencionei como ele se mostrou promissor quando me apertou na pista de dança?

— E você vai possuí-lo mesmo sob o grande risco de partir seu coração adolescente?

— Sim, bem. É a vida na cidade grande. — Então suspirou. — Talvez eu não devesse me preocupar tanto com o coração dele afinal. Não é como se eu tivesse qualquer evidencia concreta de que ele ao menos possui um. E você sabe tão bem quanto eu, Emma, embora deteste admitir: a maioria dos homens não possui quaisquer sentimentos profundos por ninguém além deles próprios.

Me tornei incapaz de discutir com ela, concluí. E quando me flagrei olhando fixo para o telefone silencioso após desligarmos, até comecei a acreditar nela. Aparentemente, Derrick estava tão absorvido pela nova vida de Grande Roteirista que não podia se dar ao trabalho de me ligar. Eu nem sequer existia mais na cabeça dele. Com um suspiro revirei o livro de bolso e saquei o número do telefone de Henry Burke, depois enfiei-o na carteira com cuidado. Ligaria para ele amanhã. Ao diabo com a espera pelo amor da minha vida só para perceber que ainda estava viva e ansiosa por ele. Eu ia partir para outra.

**Confissão: Descubro que não se pode voltar para casa (ao menos, não sem perspectivas de casamento).**

Na tarde seguinte, telefonei para Henry Burke. A secretária atendeu, avisou que ele estava em reunião e anotou meu número de telefone para que ele pudesse me ligar de volta. Desliguei, me sentindo vagamente estremeada. Uma secretária.

Eu ia sair com um homem que tinha uma secretária. Que adulto. Atendi o telefone a tarde toda com a minha melhor voz sensual-embora-indiferente, até ele retornar a ligação cerca de duas horas mais tarde. Sincronia perfeita, na minha opinião — nem demorado o bastante para me torturar com a espera e não rápido o bastante para

me levar a crer que ele era um panaca qualquer a perigo. Os primeiros breves e constrangedores minutos de conversa foram preenchidos pelo seu comentário inspirado sobre como todos os amigos. Enamorados-Felizes-e-Quase-Casados sempre tentavam lhe arrumar companhia. Lógico, proferi uma resposta solidária. Que mais eu poderia fazer? Admitir que atazanei Alyssa descaradamente para que me encontrasse qualquer substituto apropriado para o homem que deixou meu coração em frangalhos?

Após dispararmos mais uns poucos chistes inteligentes a respeito da vida de solteiro, soube que Henry ia para Hamptons no fim de semana do feriado. Já que eu estava a caminho da câmara de tortura da minha família — que descrevi empolgada como um churrasco em Long Island —, fizemos planos para a quinta-feira seguinte. Desliguei extasiada. Era oficial. Eu tinha um encontro. Com um advogado bem-sucedido, nada menos. Lá se foi a Ex-namorada, substituída pela Mulher-requisitada.

Quando arrumava a bolsa para o final de semana, dobrando com capricho as combinações arrojadas que proclamavam que eu era despreocupada, divertida e livre como um pássaro, bani todos os pensamentos acerca de schnauzers miniatura e de tevê solitária da madrugada. Sim, eu ainda era aquela mulher de carreira que Patrícia um dia transformaria em pupila, mas também era a garota solteira com um Grande Encontro na agenda. Me surpreendeu o quanto a tênue promessa para tomar uns drinques mudou minha perspectiva, porém não estava inclinada a questionar essa animação há pouco encontrada. Até passar a noite de sábado em casa com um vídeo assemelhou-se a uma escolha pessoal, em vez de uma concessão ao fato de que eu estava encalhada e todas as minhas amigas se mandaram para o fim de semana. Jade me convidou para ir até Fire Island com ela, porém declinei. Afinal, agora que, por minha vez, eu também era comprometida, devia ir ao churrasco da família no domingo, e não haveria escapatória da grandiosa Corrida pelo Vestido de Noiva do Memorial Day com minha mãe na segunda-feira.

Eu ainda estava de bom humor ao saltar do trem em Garden City no domingo à tarde e encontrar Clark me esperando.

— Ah, a formosa Emma chegou em seu fiel corcel — disse ele parado ao lado do carro esporte compacto, me aguardando. Curvando-se, fincou um beijo na minha testa e declarou: — Você nunca pareceu mais adorável, minha cara. — Em seguida apanhou minha sacola de viagens, atirou-a no assento traseiro e manteve a porta do carona aberta para mim. Geralmente o cavalheirismo habitual de Clark me constrangia, embora, hoje, de alguma forma eu tenha sido capaz de aceitá-lo como minha quota de sacrifício. Deve ter sido o vestido de verão cor-de-rosa que trajei para o rega-bofe familiar — a única roupa no meu armário que lograva disfarçar as recentes dobras e saliências que adquiri.

— E como vai tudo, Clark? — perguntei, logo que ele manobrou com sucesso o veículo para o tráfego.

— Ótimo, ótimo. Sua mãe está dando os retoques finais numa sobremesa gelatinosa, então pensei que poderia fazer as honras e apanhar as mocinhas para ela. — Sorrii diante do próprio gracejo, formando covinhas na face e acrescentando uma faísca aos olhos escuros. Ele realmente era um homem bonito, pensei agora, espiando o espesso cabelo grisalho e imaginando se ele conseguira evitar a calvície aos 63 anos por meio de alguma espécie de técnica. Com efeito, ele não era do tipo que recorre a tais vaidades, mas nunca se sabe ao certo com relação a essas coisas.

— Shaun e Tiffany já chegaram?

— Oh, sim, sim. Tiffany já nos colocou a par do seu plano para os próximos cinco anos e Shaun mantém os coquetéis fluindo. Acho que ele está preparando umas piñas coladas enquanto conversamos. — Então piscou para mim, como se compartilhássemos um segredo qualquer sobre o meu irmão caçula e sua conservadora esposa.

Talvez hoje não viesse a ser tão ruim afinal, pensei, sentindo como se Clark estivesse me espreitando. Então, lembrando das suas núpcias iminentes com minha mãe — como se eu pudesse ter esquecido —, dei-lhe os parabéns.

Ele positivamente sorriu radiante em resposta e citou John Donne:



— "Amai estas almas confusas que se confundem novamente e se tornam ambas o isto e aquilo uma da outra."

Me sentindo uma alma por demais confusa para sequer começar a refletir sobre aquilo, simplesmente concordei, e caímos num amistoso silêncio durante o curto trajeto até em casa. Assim que estacionamos na entrada de veículos e nos desembaraçamos dos cintos de segurança, mamãe surgiu na porta da frente, nos acenando extasiada.

— Ah, lá está ela agora, a minha rainha — disse Clark ao marchar na direção da porta, com um sorriso largo na face como se não a visse há meses, quando não poderia ter demorado mais que os 20 minutos que lhe custaram para ir e voltar da estação ferroviária.

Acompanhei-o, observando como mamãe o beijou com doçura nos lábios, depois deu uma palmadinha no seu traseiro quando ele passou por ela. Em seguida ela me abriu os braços, me devassando com os olhos.

Logo que o seu olhar perambulou por mim, saltei imediatamente na defensiva.

— Sei que estou gorda. Não ouse dizer nada.

— Oh, Emma! — gritou ao passar os braços a minha volta e me puxar para si. Largando-me com um jocoso beliscão na cintura, ela disse: — Mais de você para amar. — Então sorriu, minimizando. — Você está linda.

Ao perscrutar seus olhos brilhantes, quase acreditei nela. Então, encabulada, me desculpei e saltitei pelos degraus para atirar a sacola de viagens no quarto de hóspedes, sabendo que, se Shaun e Tiffany decidissem ficar, eu seria banida para o sofá, onde todos os Solteiros e Desafortunados eram condenados a dormir sozinhos.

Quando voltei para a cozinha, mamãe estava no fogão, pondo uma cobertura no que tivesse cozinhado. Virou-se para me olhar, sorrindo radiante como se esse fosse nosso primeiro encontro em meses, quando se haviam passado meras semanas.

— Onde está todo mundo? — perguntei, receando de repente ser deixada a sós com ela.

Minha mãe era notória pelo hábito de sondar territórios emocionais profundos nas horas mais inoportunas — como logo antes que eu encarasse meu bem-sucedido irmão e sua esposa perfeita. E como já havia pendurado minha fachada de Garota-de-Carreira-Fehz-Com-Perspectivas cuidadosamente no lugar, não queria fazer nada para arriscá-la.

— No quintal. Shaun preparou piñas coladas. — Levando um copo cheio de uma mistura espumante aos lábios, deu uma piscada marota. Desde o casamento com papai, mamãe não mais se permitia o drinque diário depois do trabalho, do qual os outros se julgam merecedores, sem pensar que ainda estava traumatizada pelo estigma da loucura particular do meu pai. Agora, nessas raras ocasiões quando se comprazia com um coquetel, era sempre com uma sensação de prazer proibido. — Vamos nos unir a eles — convidou, me conduzindo para fora através da porta corredeira de vidro que levava ao pátio dos fundos.

Sentado à mesa redonda de cedro, abarrotada por uma extensa amostragem de todas as batatinhas e molhos conhecidos pela humanidade, estava meu irmão, Shaun, bronzeado e relaxado na bermuda caqui e na camisa polo terracota provavelmente escolhidas por Tiffany, e Tiffany em pessoa, meio semelhante a uma torta de queijo — das caras, lógico —, num conjunto curto bege e amarelo e sandálias combinando. Vovó Zizi, assim chamada porque quando bebê Shaun não era capaz de pronunciar Zelda, estava sentada no extremo oposto, sob um pequeno arvoredor.

— Ei, Em, tudo legal? — disse Shaun, erguendo a face para um beijo superficial quando me aproximei.

— Oi, Shaun. Oi, Tiffany — respondi, pairando perto de suas bochechas como se beijássemos o ar. Endireitando-me, contemplei vovó Zizi a uma curta distância.— Por que vovó está sentada tão longe?

— Ela não gosta do sol — disse minha mãe, sentando-se perto de Clark com um coquetel na mão.

— É provável que seja todo aquele poliéster — argumentou meu irmão, cuja gargalhada me perseguiu quando caminhei até vovó Zizi para dizer olá.

— Ei, vovozinha! — falei, alto o bastante para que ela ouvisse; por alguma razão ela geralmente mantinha o aparelho de surdez desligado.

— Deixe que eu lhe traga mais um pouco de refrigerante — sugeri, puxando com cuidado o copo quase cheio dos seus dedos enquanto ela me admirava entristecida.

Efetuei minha fuga rumo ao refrigerador, abastecendo o copo com gelo, devagar e derramando um pouco de soda, na tentativa de dar tempo suficiente para que ela perdesse o fio do raciocínio.

Quando retornei a vovó Zizi, ficou claro que toda a lembrança da minha visita anterior momentos antes se apagara. — Emma! — exclamou ela, inclinando-se mais para perto para a nossa ritual série de beijos. — Você perdeu peso — insistiu mais uma vez, e logo quando o seu olhar começou a perambular por cima do meu ombro esquerdo á procura de Derrick, dei-lhe um beijo fugaz na testa, murmurei qualquer coisa quanto a precisar beber e parti para a relativa segurança da mesa de piquenique.

Quando me sentei e puxei o jarro de piña colada na minha direção para encher um copo, Tiffany discursava sobre o novo emprego que acabara de conseguir.

— Praticamente dobraram o meu salário — dizia agora —, como eu poderia não aceitar?

Tiffany era uma analista financeira que recebia telefonemas bimestrais de firmas rivais, tentando carregá-la para o outro lado com promessas de polpudas comissões em dinheiro e períodos de férias adicionais. De repente, me senti ridícula, sofrendo por um reles aumento de mil dólares e um ajuste um pouco melhor de cargo na Top Noivas. Mas engoli o pensamento, junto com um gole de piña colada, a qual, notei com satisfação, tinha bastante rum para me manter calorosa e amigável.

— Bem, isso soa maravilhoso — replicou mamãe, sorrindo para o meu irmão como se ele tivesse acabado de ter o salário duplicado.

— Sei que andei trocando de emprego à beca, mas esta parece ser uma companhia em que posso ser capaz de sossegar por um tempo —

continuou Tiffany. — Pelo menos enquanto Shaun e eu nos dedicamos a começar nossa família. — Com esse anúncio, um rubor envolveu suas feições normalmente compostas, e ela se virou para sorrir para Shaun.

Vendo os dois juntos, não pude deixar de imaginar como os filhos deles seriam ofensivamente adoráveis, vestidos em trapos de grife e exibindo o cabelo castanho tom de mel e a compleição alva dela, combinados com os olhos verdes dele.

Claramente, esse também foi o rumo que os pensamentos da minha mãe tomaram, pois seus olhos se embaçaram com uma mistura de júbilo e, suspeitei, ganância matriarcal.

— Ah, vocês não sabem como essas palavras me fazem sentir. Netos! — Virou-se para Clark, como se estivesse incapaz de conter a felicidade e precisasse que ele a partilhasse.

Ele, óbvio, inclinou-se para a frente e sapecou um beijo nos lábios dela enquanto todos contemplávamos a piña colada com renovado interesse.

— Não antes de um ano pelo menos — avisou Tiffany mas ela sorria desligada, talvez destacando mentalmente um bloco de espaço no seu planejamento diário para cuidar das crianças. Me pareceu que tudo o que Tiffany possuía era resultado de um meticuloso planejamento — o tipo de estratégia resoluto a qual eu ainda haveria de contemplar até Derrick dar no pé e me abandonar sem as peças do jogo.

Como se percebesse meu desconforto, Tiffany se voltou para mim.

— E como vai tudo com você?

— Ótimo. Excelente, de fato — repliquei, emplastrando o que eu esperei ser um sorriso convincente no rosto.

As pequeninas sobrancelhas impecáveis de Tiffany se ergueram sobre os grandes olhos azuis e o nariz atrevido.

— Soubemos do Derrick. Isso deve ser mesmo um saco — falou Shaun, com sua pose costumeira.

— Sim, bem, ganham-se umas e perdem-se outras — respondi, ignorando a visão do cenho preocupado de mamãe — Além do mais,

não é como se eu pudesse ir com ele para LA. Especialmente agora que estou prestes a ser promovida a editora executiva.

— Oh, Emma, por que não me contou? — interrompeu minha mãe.

— Bom, nada foi decid...

— Grande aumento de salário? — indagou Tiffany, chegando-se mais para perto.

Nada mau, nada mau. — Nada espetacular. Mas não estava inclinada a contar isso para a Srta. Me Encontre Para Almoçar no Plaza.

— Legal — disse Shaun agora, apanhando a jarra de piña colada e nos servindo a todas.

Tomando um gole do próprio copo, mamãe lambeu os lábios com um sorriso satisfeito.

— Acho que é exatamente do que você precisa, Emma. Não há nada como um aumento de salário para fazer com que a gente se sinta humana de novo. Talvez agora você possa começar a pagar alguns daqueles empréstimos estudantis, pensar em guardar algum dinheiro. Eu estava mesmo lendo um livro, Os Dez Passos Para a Verdadeira Fortuna...

Quando minha mãe desembestou a tagarelar sobre a minha aparentemente horrenda situação financeira e como o pequeno, porém miraculoso aumento de salário mudaria tudo, desejei cavar uma toca no chão do quintal. Pelo modo como Tiffany e Shaun persistiram em me lançar olhares enquanto ela falava, tive o pressentimento de que haviam descoberto que minhas perspectivas de futuro eram bem menos alegres do supunham. Quer dizer, não havia lugar para uma casa, muito menos uma BMW no meu futuro, enquanto o deles era impensável sem ambos os itens. E embora eu nunca realmente cobiçasse coisas materiais, além das ofertas de saldo da Banana Republic, de repente senti o buraco na minha vida de solteira se alargar mais e mais.

Curiosamente, foi Clark quem pareceu reparar no meu estado de desespero repentino. Cortando minha mãe logo quando ela engatou no

sétimo passo para a verdadeira fortuna — que era algo sobre reconhecer o verdadeiro valor de si próprio — ele disse:

— Sabe o quê, meu amor? Acho que devíamos brindar a tudo o que Emma é agora. Porque na corrida pelas futuras conquistas com frequência esquecemos de valorizar todos os triunfos presentes.

— Oh, Clark! — exclamou mamãe, com os olhos brilhando de orgulho e felicidade ao chegar-se mais para perto e dar-lhe o tipo de beijo que provavelmente embrulhou o estômago de todo mundo na mesa. Quando sentou de volta em sua cadeira, ela perguntou, em aparente assombro: —O que fiz para merecer um homem assim? — Então, caindo em si, ergueu o copo. —A Emma. Por tudo o que você é, minha filha adorada

Todos tilintaram os copos e beberam, alguns de nós — como eu — mais que outros. E talvez fosse o álcool fluindo no meu organismo, mas de repente experimentei a sensação de bem-estar que irrompeu através do desespero. Dominada pelo súbito influxo de emoção, levantei rápido.

— Vou Ver se vovó Zizi precisa de alguma coisa. — Dê isso a ela — falou mamãe, me entregando um prato com um sortimento de roscas salgadas e batatinhas.

Vovó Zizi notou quando me aproximei com um sorriso de surpresa espalhando-se pelo rosto.

— Emma! — disse ela, fazendo biquinho para me beijar, como se eu acabasse de chegar.

Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come, pensei, me entregando ao ritual do beijo.

Ela então me encarou fixo como se algo inquietasse sua fraca memória.

— Ainda está saindo com Derrick? — indagou esperançosa. Suspirei, concluindo que hoje eu teria que aturar isso. Sempre que vovó Zizi pressentia que algo não ia lá muito bem, se lançava ao hábito desgraçado de fazer a mesma pergunta repetidamente, como se temesse receber uma resposta perturbadora. E eu tinha certeza de que seria muito perturbador para vovó Zizi que sua neta de 31 anos tivesse

acabado de perder o homem com quem esperava vê-la marchar até o altar.

— É claro, vovó — menti, oferecendo-lhe o que nós duas precisávamos para manter a sanidade. — Derrick não pôde vir hoje, mas mandou lembranças. — Então, distraíndo-a com o prato de salgadinhos, que ela espiava com gula enquanto eu colocava na mesa dobrável a seu lado, beijei-a na testa e disparei para longe outra vez.

Sentada com os outros novamente, enchi o copo de piña colada enquanto mamãe anunciava empolgada que ela e Clark haviam enfim definido a operadora de cruzeiros para o pensamento.

— Qual delas? — indagou Tiffany.

— Operadora de Cruzeiros Bom Bons Ventos. Foi altamente recomendada por um dos guias que Emma me deu. — Sorriu radiante para mim.

— Ah, ouvi falar dessa operadora — disse Tiffany, balançando a cabeça com aprovação. — Tem excelente reputação.

Ela saberia, pensei.

— Então, para onde vamos navegar? — indagou Shaun.

— Bem, parece que para St. Thomas. O que vocês acham? — Maravilhoso — Tiffany e Shaun responderam em uníssono enquanto eu balancei a cabeça docilmente. Clark sorriu, e todos soubemos que qualquer coisa que mamãe decidisse estaria ótimo para ele.

— Emma, nos só precisamos descobrir uma locação na ilha.. Pensei numa tenda na praia, mas não sei se é possível, Felizmente, posso contar com sua experiência nesses assuntos.

— Puxa, Emma — falou Tiffany agora. — Queria ter você por perto quando me casei.

Bem, talvez tivesse, pensei impiedosa, se não houvesse casado com meu irmão quando contava, vejamos... 12 anos. Tiffany sequer chegara aos 30 ainda, e já era casada há cinco anos completos.

O que fiz de tão errado para acabar com trinta e poucos e solteira?

— Eu estava prestes a reservar quartos para todos nós esta semana — mamãe continuou — quando tive a mais fabulosa das ideias.

Oh-oh.

— Emma, já que não vai dividir o quarto com ninguém pensei que talvez você e vovó pudessem partilhar um beliche.

Não seria divertido?

Espiei vovó Zizi, que caiu no sono sentada, com o copo de refrigerante ainda firme na mão enquanto a cabeça escapulia para o lado e a boca despencava até se escancarar num ronco suave.

Pacas.

**Confissão: Tudo o que tenho a esperar agora é uma sonda na bexiga e perdas momentâneas de memória.**

Mais tarde naquela noite, após uma orgia de churrasco que me deixou mais entupida, mais gorda e ainda mais insatisfeita, fui eleita para conduzir vovó Zizi de volta à casa de repouso, apenas a uns poucos quilômetros da casa da minha mãe, principalmente porque ninguém mais estava disposto a fazê-lo. Shaun adormeceu no sofá após uma tarde de escravidão diante da grelha quente do churrasco e a pobre Tiffany teve uma enxaqueca — provavelmente de fome, porque mal tocou na bandeja de costelas que mamãe pôs no seu prato apesar dos protestos. Mamãe estava no meio da limpeza da cozinha e Clark — bom, alguém precisava contemplar mamãe com fascínio enquanto ela esfregava as panelas.

— Apenas cuide para que não a deixem no corredor tempo demais antes de a levarem para a cama - recomendou mamãe, interrompendo o serviço de esfregação momentaneamente para acomodar as chaves do carro dela na minha mão e abraçar e beijar vovó Zizi, que começou a esboçar um protesto pelo fato de que mamãe ia deixar Clark passar a noite em casa. Pelo jeito, vovó Zizi não tinha atentado para o fato de que Clark se mudara para lá seis meses antes.



Eles nunca compram a vaca se podem conseguir o leite de graça - resmungou enquanto a conduzia pelo corredor até o carro e a acomodava no assento do carona. Não parecia importante para vovó Zizi que mamãe fosse uma mulher adulta, que já fora casada duas vezes. Ainda via mamãe como uma garotinha sob o sério risco de perder o inalienável direito a utensílios de cozinha novos por deixar "aquele homem", como se referia a Clark, lhe "fazer companhia" antes que os votos de núpcias fossem proferidos.

Quando dei a partida no carro e manobrei na entrada, em segredo fiquei aliviada por vovó Zizi transferir seus pensamentos para o suposto estilo de vida vergonhoso de mamãe. No decorrer da tarde, vovó Zizi havia perguntado sobre a situação de Derrick e o nosso relacionamento não menos que seis vezes, até que a obriguei a encarar a verdade: que sua última neta solteira remanescente provavelmente continuaria assim por um bom tempo.

Logo que chegamos na Casa de Repouso Colinas Felizes e tirei vovó Zizi do carro, para a cadeira de rodas que aguardava ao lado da porta para levá-la, ela caiu no que eu poderia chamar de silêncio pensativo caso acreditasse que vovó Zizi ainda era capaz de manter um pensamento na cabeça tempo o suficiente para refletir a respeito. Depois de empurrá-la até o quatinho solitário que partilhava com uma velha rabugenta com tendência a gritar no meio da noite, alertei a enfermeira que ela estava de volta e precisava ser posta na cama. Então me inclinei para tocar primeiro uma bochecha com os lábios, depois a outra, o tempo todo espiando por cima de seu ombro quarto escuro e solitário que a aguardava, imaginando se, após todo o esforço para casar, ter filhos e fazer com que aqueles filhos casassem, isso era tudo o que havia. Mas antes que eu pudesse arrematar com uma beijoca em seus lábios, ela prendeu meu rosto entre as mãos ossudas e me fitou como se me visse realmente pela primeira vez no dia.

— Você é boa demais, Emmy — disse, veemente, firmando o aperto. — Boa demais para qualquer um deles. Esse é o problema.— Beijando-me nos lábios, afrouxou o aperto com um sábio sorriso. — Além do mais, aquele camarada não era bom para você de qualquer jeito.

— Derrick? — falei incrédula.

— Isso mesmo, Derrick. Nada bom mesmo.

— O que havia de errado com...

— Bem, para começar — falou ela —, era baixo demais para você. Você precisa de alguém alto.— Em seguida, largou as mãos sobre o colo, piscando cúmplice para mim. — E rico.

Com isso, a enfermeira chegou para guiar uma sorridente vovó Zizi até o quarto sombrio enquanto a imagem de um homem alto e rico perdurou em minha tela mental por um instante enchendo-me de uma vaga esperança antes que a dúvida a levasse embora.

## SEIS

*"Uma mulher tem que usar ou certamente vai perder."*

*— Betty, vendedora, boutique A Noiva dos Sonhos*

**Confissão: Convenço-me de que o casamento é nada mais que a oportunidade de usar um vestido formidável.**

Claro e cedo na manhã seguinte, me peguei embarcando com minha mãe no passeio de compras do inferno. Pois mamãe estava determinada a encontrar um vestido que não a fizesse parecer gorda, velha ou virginal, ou que tampouco a deixasse tentando não parecer gorda, velha ou virginal. Apesar de tentar convencê-la de que teria mais sucesso em alguns ateliês de noivas em Nova York, como o Kleinfeld's — eu esperava protelar essa busca o máximo possível —, ela não me deu ouvidos. Teria seu vestido de noiva naquele dia e o conseguiria com um superdesconto. Segundo seu raciocínio, já havia gasto dinheiro suficiente com vestidos de grife. Desta vez, iria atrás dos saldos.

— Ninguém jamais vai perceber — afirmou, acelerando o motor do carro esporte compacto e decolando da calçada, comigo como refém no assento do carona.

Mamãe havia convidado Tiffany, que graciosamente declinou, explicando que ela e Shaun precisavam chegar cedo em casa para desentulhar a cozinha para os homens do armário que iriam na terça. Uma estratégia nada má, já que todos sabíamos que mamãe jamais se colocaria entre Tiffany e seu projeto de reforma. Creio que mamãe em segredo admirava a habilidade da nora em encontrar pretextos para arrancar armários e remover pisos num piscar de olhos. Agora eu desejava que Tiffany estivesse conosco, pois seu alegre tagarelar

poderia aliviar um pouco da tensão que eu sentia sobre esta orgia de compras em particular. Uma tensão que só piorou quando entramos na primeira loja e a mais que solícita vendedora tentou me enlaçar com uma fita métrica no momento em que mamãe anunciou que queríamos comprar um vestido de noiva. Imagine a surpresa dela — e minha humilhação — quando descobriu que a noiva era mamãe, não eu.

A partir daí as coisas só pioraram. Após oito passagens malogradas por várias minas de ouro núpcias no estilo armazém, minha paciência chegou ao limite. Eu elaborava mentalmente um argumento convincente de por que seria razoável reciclar o vestido de seu último casamento quando nos detivemos diante de uma lojinha estrategicamente espremida entre uma boutique de acessórios e uma loja de sapatos num pequeno centro comercial a descoberto. A Noiva dos Sonhos dizia a placa em escrita cursiva contra um fundo rosa néon. Vá sonhando, pensei. Escorregando relutante para fora do carro, analisei a vitrine, onde um manequim de expressão aflita vestia uma espumante criação em tafetá, que parecia dominar a pequena vitrine da loja e começava a parecer levemente amarelado pelos efeitos do sol. Ainda assim, mamãe não pôde ser detida. Agarrando minha mão, ela fez à mesma declaração que fizera diante das oito anteriores:

—Tenho um bom pressentimento em relação a esta aqui.

Senti um arrepio me agitar quando entramos pela porta sob a placa na qual se lia "Onde a Bênção dos Noivos Começa!" e nos flagrei de pé numa saía estreita e comprida, revestida de fileiras e fileiras de vestidos de todas as cores e tamanhos. Pelo bem-estar de mamãe, tentei abafar o suspiro que me escapuliu. Depois de um dia pelejando contra cabides abarrotados de roupas e vendedoras tacanhas, concluí que havia outras razões para esbanjar um monte de grana num vestido de grife; razões que não tinham nada a ver com o dia do casamento e tudo a ver com sanidade pessoal.

Nos fundos da lojinha, meio escondida por uma peça longa, bordada em pedrarias com a qual imaginei Ivana Trump vestida, caso decidisse barganhar uma pechincha para as próximas núpcias, uma mulher pequenina estava sentada atrás do balcão, com uma expressão

entediada nas feições combalidas. A medida que nos aproximamos, ela lentamente tirou os olhos das palavras cruzadas em que trabalhava e pareceu nos analisar, provavelmente tentando avaliar se éramos dignas de qualquer esforço de venda que viesse a despender conosco.

— Boa tarde! — mamãe cumprimentou.

A mulher espiou o relógio de pulso, como se surpresa por descobrir que eram quase três horas.

—Tarde — respondeu, por uma fresta da gengiva. A face era carnuda e os lábios, com pequeninas rugas em volta, haviam perdido qualquer que fosse a cor que ela espalhara neles horas antes. Sob o cabelo duro de laquê e alourado demais, que há muito precisava de retoque, os olhos eram de um azul desbotado.

— Estou procurando um vestido para mim — começou mamãe. Então, hesitante, concluiu: —, para um terceiro casamento.

A vendedora pareceu reanimar-se depois disso, com as sobrelanceiras erguidas no que transpareceu interesse.

—Bem, isso restringe as coisas consideravelmente — falou, acenando com desprezo na direção dos quilômetros de branco fulgurante do lado esquerdo da sala. Saltando do banquinho em que estava sentada, começou a caminhar para o fundo da loja com um ar confiante que quase poderia ser considerado gracioso, a despeito da blusa comprida cafona e das calças pretas colantes que vestia.

Pude notar que mamãe recobrou o bom humor quando desembestou a tagarelar com a vendedora sobre como andara procurando o dia inteiro, quantos vestidos experimentara, como eu fora prestativa.

— Minha filha é editora numa das maiores revistas de noivas... Top Noivas. Tenho certeza de que já ouviu falar.

A mulher parou e virou-se para mim. Então, contemplando minha mãe com uma expressão que denunciava que não ficara nem um pouco impressionada pela informação, perguntou.

— Quando você casa?

— Bem... na terceira semana de setembro — mamãe respondeu, vacilante. — Em St. Thomas — arrematou com um bravo sorriso.

A mulher digeriu a informação e continuou na direção de um cabide de vestidos em diversos tons de branco.

Gostei dela de cara. Talvez fosse a falta de reação que minha ilustre carreira invocava, ou talvez o jeito circunspecto como revirou o cabide como se soubesse exatamente o que procurava. Algo nela me dizia que era o tipo de mulher que não seria flagrada na loucura que o casamento implica, embora cuidasse dos detalhes com absoluta precisão. Depois de procurar decidida nos cabides, fisionomia um vestido que parecia mais próximo do branco do que do marfim, com uma longa saia esvoaçante, e o que aparentou ser um mimoso busto ultra-acolchoado e falsas mangas.

Mamãe contemplou alternadamente o vestido e depois a vendedora, como se tentasse decidir se devia permitir que uma mulher insignificante, de blusa bordada com miçangas e batom Day-Glo, tomasse uma das decisões mais importantes do seu dia de núpcias.

— Eu... eu estava pensando em algo... menos branco. E menos... esvoaçante. Quem sabe um terno??

A mulher enfiou o cabide num gancho sobre a própria e virou-se para encarar mamãe.

— Primeiro, deixe-me dizer-lhe uma coisa, querida — começou, inclinando-se para a frente, confidente. — Não ligo para o que dizem acerca do que se deve ou não deve vestir no segundo ou terceiro casamento... mulher nenhuma acima 50 anos fica bem em marfim. A menos que seja loura, e, claramente, você não é.

Mamãe me espiou, contudo eu olhava hipnotizada para pequeno dínamo transformado em oráculo.

— Em segundo lugar — prosseguiu, por entre a brecha na gengiva —, você já viu esse filme antes. Da primeira vez, fez isso pelos seus pais. Da segunda vez, talvez por amor. Talvez solidão, quem sabe?

Os olhos da minha mãe se esbugalharam.

— Mas se foi sortuda o bastante para arrumar o número 3 - disse a mulher, a boca curvando-se num sorriso sábio —, aposto uma grana se não está fazendo isso por você. Enfim, mamãe sorriu, como se a mulher estivesse falando sua língua.

Puxando a saia do vestido, a vendedora continuou:

—Vê este tecido, este corte? —Ao aceno positivo da cabeça de mamãe, ela prosseguiu: — Você tem um pequeno estresse antes do casamento, decide comer aquele pedaço extra de torta de café pela manhã, ganha algum volume aqui. E ninguém vai sequer notar o que você andou aprontando.

Sorri. Era como se ela enxergasse o íntimo das almas femininas.

—As mangas são finas o bastante para manter você refrescada, e ao mesmo tempo não requerem quatro noites por semana no Jack La Lanne durante os próximos seis meses para te: boa aparência. E o talhe da gola, nenhuma mulher, mesmo as do seu tamanho — acrescentou, com um aceno da cabeça para o peito quase insignificante da minha mãe —, fica mal nele,

Quando olhou para si própria, mamãe demonstrou-se duvidosa.

— Confie em mim — a mulher disse, apanhando o vestido e colocando-o nas mãos da minha mãe —, experimente.

Uns poucos minutos depois, mamãe posava no pedestal diante de um espelho de três faces, uma visão em branco amarelado.

Sorriu trêmula, e percebi que sabia que parecia bem. A vendedora, que se apresentou como Betty ao ajudar mamãe a entrar no vestido, ficou apreciando, com uma expressão: satisfeita no rosto.

— Você está linda, mamãe — falei.

Ela sorriu radiante. Depois, com uma espiada nervosa para o generoso busto acolchoado, disse:

— Acho que passei do sutiã 42 para o 44.

Betty sorriu torto.

— Ouça, meu bem. Até a mulher que vai para o número 3 precisa de certas ilusões.

Com isso, a decisão de mamãe foi feita. Logo que Betty tomou umas poucas medidas, dirigiu a atenção para mim, informada de que eu seria a madrinha e — como mamãe lhe contou num rasgo de cumplicidade — que acabara de ser brutalmente jogada fora pelo namorado de longa data.

— Navios de cruzeiro são os melhores lugares para conhecer homens — disse Betty.

E como ela acabara de exhibir o belo conjunto de colar e brincos que fizera com os diamantes ganhos dos três primeiros maridos, me submeti docilmente à pequena criação escorregadia em suave tom de lilás que escolheu, com pregueado na cintura apenas o suficiente para disfarçar qualquer comilança ansiosa de última hora.

Tudo ia ficar bem, pensei, quando pagamos os vestidos e acenamos em despedida para uma satisfeita Betty.

E mesmo se tudo não ficasse bem, ao menos eu usaria um vestido formidável.

**Confissão: Estou pronta para chutar qualquer perspectiva futura de promessas vãs.**

Apesar de sempre considerar o retorno à cidade após um fim de semana em casa compensador, nesta particular noite de segunda-feira, depois do longo feriado na berlinda como o último membro encalhado da família, não senti o mesmo conforto que normalmente encontrava ao avistar os cafés e lojas cintilando sob o crepúsculo crescente. Em vez disso, tudo o que vi foram casais caminhando de braços dados, ou inclinados na direção um do outro, conversando ao redor de pequeninas mesas iluminadas por castiçais. Ao marchar escada acima rumo ao meu solitário apartamento, até me peguei desejando que houvesse ocorrido um belo saque enquanto estive fora. Nada muito sério — só uma dupla de bandidos que se esgueirassem pela janela perto da saída de incêndio; roubassem uns poucos itens essenciais: como o notebook recheado de sonhos meio crus e minha coleção de



lembranças de Derrick. Afinal de contas, qualquer coisa é possível na cidade de Nova York, certo? Até ladrões sentimentais. Contudo, ao me esgueirar para o interior escuro e quieto do apartamento e acender a luz, tudo estava como deixei. E igual à minha vida.

Com um suspiro, comecei a esvaziar a mochila quando notei que a luz da secretária eletrônica piscava. Pressionei o botão Play com qualquer coisa semelhante à indiferença. Acho que garota morando sozinha em NYC fica verdadeiramente apática diante da visão de uma luz vermelha piscando na secretária eletrônica?

Após o ruído de apalpadelas, como se a pessoa que ligou não conseguisse segurar o fone ou sequer os pensamentos, a voz que encheu o ar fez meu coração parar:

— Ei, Em, é Derrick.

Minha mochila caiu no chão com uma sonora pancada.

— Só liguei para dar alô. Ver como você anda. Bem ia ligar antes, mas levei um pouco de tempo para encontrar um lugar. Acredite ou não, os aluguéis em LA são quase tão caros quanto em NYC. — Então riu, a risada mansa que dava sempre quando alguma coisa desafiava seu senso de lógica. O som me envolveu. — Em todo caso, não pensei que estivesse em casa no final de semana... você provavelmente foi para Long Island, encalhou por lá ou coisa parecida. Mas fiquei aqui pensando em você, então pensei em dar uma ligada

— Pausa. — Me dê um alô quando chegar. O número daqui é 213-555-5684. De qualquer maneira, espero falar com você logo. Sinto sua falta.

Pasma, tropecei até a secretária e apertei "Voltar". Precisei ouvir de novo cada uma das palavras arrebatadoras — mas especialmente as três últimas. Ele sentia minha falta. Sentia falta de mim. Rabisquei o número num pedaço de papel que achei perto da cama, e de novo no local mais seguro da minha agenda de endereços. Enquanto contemplava o número de telefone estranho que anotei logo abaixo do antigo endereço a Rivington Street — que eu não toleraria riscar—, cogitei se devia ou não ligar de volta na mesma hora. Uma espiada no

relógio revelou que eram nove e meia, o que correspondia seis e meia no fuso horário dele. Não pareceria muito desesperado da minha parte? Talvez devesse torturá-lo por umas poucas semanas, fazer com que pensasse que havia me esquecido dele do jeito como aparentemente se esqueceu de mim. Não, concluindo que eu jamais sobreviveria àquelas poucas semanas, apanhei o telefone e disquei.

Ele atendeu de imediato.

— Alô?

— Derrick? — indaguei, embora conhecesse aquela voz mais do que a minha própria.

— Emma. — O alívio na voz rouca fez meu coração martelasse três vezes mais rápido. — Esperava que ligasse hoje à noite. Como vai?

— Ótima, ótima — respondi, e de repente fiquei mesmo.

Como vai LA? O apartamento novo? O que estou dizendo? Como vai o novo emprego?

Ele riu.

— Tudo vai bem, bem. O emprego é ótimo. Um monte egos enormes, mas estou me saindo bem por hora, desde que eu ande na pontinha dos pés.

Você está detestando? — perguntei, esperançosa.

— Não, não, de jeito nenhum. — Depois riu novamente — Deus, como sinto sua falta, Em, do sarcasmo e tudo mais.

Ignorei o fato de que não fui sarcástica e, ao contrário, me ative ao fato de que ele sentia minha falta. Ele sentia minha falta!

— Então me conte tudo. O apartamento é legal? Não é solitário demais?

— Que nada, os aluguéis enlouqueceram, na verdade, tive que recorrer àquela história do companheiro de quarto outra vez.

— Parecido com o velho Craig, o Mascate Grudento?

— Não, graças a Deus. O apartamento na realidade é formidável. Fica a uma curta caminhada da praia e tem uma vista espetacular da

água pela janela do meu quarto.

— Uau! — falei, virando a cabeça para olhar através da minha própria janela para o muro de tijolos do prédio vizinho.

— Parece incrível. — E incrivelmente romântico. Um peso oprimiu meu peito.

— Você tem mesmo que vir fazer uma visita, Em. Acho que vai gostar daqui.

O peso se dissipou.

— É? Bem, por coincidência, ainda tenho uma semana de férias de sobra, e provavelmente poderia até usá-la do final de junho.

Ele hesitou, e no breve silêncio me encolhi ao ressoar meu próprio desespero.

— Bem, é algo a se pensar—ponderou, e depois graciosamente mudou de assunto antes que eu desenraizasse mi vida inteira e a colocasse num avião com destino à Costa Oeste.

— E como vai indo seu emprego?

— Ótimo — respondi, ainda me penitenciando mentalmente por parecer tão carente. Esperando recuperar alguma Autoestima, inventei: — De fato, uma das editoras executivas acabou de sair, e estou à beira da promoção. — Ah. Isso devia me salvar. Deixe que ele veja o quanto eu estava magnífica apesar da sua abrupta saída da minha vida.

— Isso é maravilhoso, Em. Sempre soube que você estava destinada à grandeza.

Ele sabia? Guardei essa para depois — não tinha tempo para refletir sobre todas as razões pelas quais um homem largaria a mulher que julga destinada à grandeza. Estava ocupada demais me expondo ao cálido, puro, incorrupto amor, que escutei na voz dele.

— Deus, Derrick, é mesmo bom saber de você.

— Sim, e é bom ouvir sua voz. Fiquei tão preso na loucura cesse emprego novo, me estabelecendo, que não tive chance m sentir saudades. Depois veio esse fim de semana prolongado, e tudo em que pude pensar foi como diabos conseguimos dividir aquela casa em East

Hampton com 16 pessoas no último fim de semana do Memorial Day. — Riu.—Lembra? Nunca pensei que me pegaria dividindo um quarto com você e Sid —disse, referindo-se ao sujeito com quem trabalhou durante os tempos de garçom no Reservoir. — E a maluca da namorada metida à stripper de Sid. Como era o nome dela?

— Barbie, eu acho. Ou era Bambi?

—Alguma coisa parecida. — Riu, e depois, com voz mais caixa, comentou: — Mas, em todo caso, conseguimos escapar de todos para um pequeno show de strip-tease só nosso...

Um silêncio se sucedeu enquanto ambos recordávamos a noite em que escapulimos e fizemos amor numa região deserta da praia, com a lua alta no céu, o luar nos enchendo tanto com a excitação do desejo quanto a ansiedade por estarmos completamente expostos a qualquer um que por acaso perambulasse pelas imediações. Foi uma das sessões de sexo mais estimulante que jamais tivemos, e a lembrança fervilhante daquela noite estonteante claramente estalou ao longo da linha que nos separava. À medida que o calor inundou minhas veias e fez minha pele latejar, compreendi de repente porque as pessoas recorrem ao telessexo.

—Você parecia tão bonita naquela noite — lembrou Derrick. — Os cabelos estavam compridos e quase lhe cobriam os seios.

Meu cabelo nunca ficou tão comprido, mas eu não destruí a fantasia dele, especialmente quando eu tinha o papel principal.

—Você também não parecia nada mal. Todo bronze com uma leve sombra de barba no rosto.

— Ah, Em, foram bons tempos aqueles.

— Foram mesmo. — Deixei a verdade daquilo zunir de volta ao ponto de partida, esperando desesperançada que isso o estimulasse a tomar qualquer atitude, como arrumar as malas e apanhar o próximo voo para uma semana de devassidão no Chez Moi.

Em vez disso, ele afirmou:

— Devo esquecer você.

Não!

—Podemos conversar mais um pouco, se quiser... —

Ele riu, como se ele fosse a pessoa com a necessidade desesperada de manter a conexão fluindo.

— Sim, bem, tenho que chegar cedo de manhã para uma reunião com um dos produtores, e tenho todo esse material para preparar hoje à noite. Sabe como é, o dever me chama.

"Desde quando se tornou tão responsável?", pensei, para depois concluir que ele nunca tivera um emprego com que se importasse o bastante para estar bem preparado e bem descansado.

— Entendo — respondi.

— Falo com você logo, certo? — perguntou esperançoso.

— Você precisa me manter informado quanto à grande promoção.

— É claro — respondi, querendo deixar as vias de comunicação escancaradas o suficiente para que ele ligasse toda vez que lhe desse na telha, e torcendo para que isso fosse frequente.

— E precisa me manter informada sobre como anda o grande roteirista.

Ele riu.

— Boa noite, Em.

— Boa noite, Derrick. — Amo você, ecoou o meu cérebro, em parte por costume, mas principalmente por puro desejo, quando o ruído do tom de discagem inundou meu ouvido.

**Confissão: Estou pronta, apta e disposta a nutrir umas poucas ilusões quanto à vida amorosa.**

Pela primeira vez em longa data hesitei antes de telefonar para Jade ou Alyssa. Sabia que mais do que provavelmente elas estavam em casa depois do fim de semana prolongado, Jade cheia de anedotas chulas das aventuras em Fire Island Alyssa cheia da angústia de futura

nora. Entretanto não consigo me obrigar a discar um único número no cálido e aconchegante arrebol da tarde do telefonema de Derrick. Não queria que Jade comentasse, na voz afável que faz toda vez que se refere aos males da humanidade, que Derrick só ligou porque estava solitário. Que as palavras ternas e ambíguas pouco significavam de fato. E Alyssa... Alyssa enxergaria bem através da minha súbita felicidade. Ela a reconheceria pelo que era: falsa esperança.

Mas falsa esperança era melhor do que esperança nenhuma, certo? Além do mais, eu ainda era viciada pela ideia de que Derrick e eu éramos Predestinados. Estava só esperando que ele compreendesse isso. E, a julgar pela amargura solitária em sua voz, pensei que ele estava a caminho da verdade principal. Minha verdade.

Optei por não ligar para ninguém, me recolhi naquela noite e desavergonhadamente escutei o CD da Sade, comemorando as letras exuberantes e sensuais sobre amor verdadeiro, como se elas se aplicassem a mim.

Até consegui chegar a salvo no escritório no dia seguinte, com as ilusões intactas. Resisti responder o e-mail picante de Jade que recebi assim que liguei o computador, apesar de aludir ao que pareceu ser um significativo encontro sexual. Na verdade, estava saindo para o almoço e salva com minhas ilusões quando Rebecca apareceu no meu cubículo. A primeira coisa que notei foi que ela estava com uma aparência terrível. E Rebecca nunca tem uma aparência terrível. A face estava solene e os olhos orlados de vermelho quando perguntou com o tipo de voz fina e patética que jamais que saísse dos seus lábios.

— Quer almoçar comigo? Realmente preciso conversar com alguém.

Com uma espiada para a mão esquerda desprovida de anéis lembrei. O cenário do pedido. Pelo jeito nada aconteceu conforme planejado. Concordando impotente com a cabeça peguei a bolsa e a acompanhei até os elevadores.

Ao nos dirigirmos ao Tivoli, um pequeno restaurante italiano a poucos quarteirões do escritório com preços que até um grupo de editoras do mais baixo escalão da Broadway podia pagar, falamos muito

pouco. Não foi antes de nos sentarmos uma de frente para a outra, com os cardápios nas mãos, que Rebecca enfim falou sobre o óbvio assunto que pesava cruelmente em sua mente.

— Não aconteceu. Nada de anel, nada de pedido, nada... nada.

Vi as lágrimas ameaçarem cair e uma pontada de compaixão dardejou em mim. Segurei a mão dela no lado oposto da mesa e apertei.

— O que aconteceu?

— Bem, dirigimos até East Hampton, como planejamos — Começou ela, piscando as lágrimas de volta como se a lembrança lhe desse força. — Durante todo o caminho, aproveitamos à beça, conversando sobre a última vez em que estivemos lá e como tinha sido divertido.

Aquiesci encorajadora.

— Chegamos ao quarto com café incluído... aquele que lhe contei, com toda a mobília antiga e as autênticas relíquias que eram as cortinas das janelas? Bem, a primeira coisa que repararei é que o lugar tinha sido todo reformado. Essa devia ter sido a primeira dica.

Dei um sorriso débil, sem entender o que um pouco de gesso e tinta fresca tinham a ver com qualquer coisa.

— Naturalmente, Nash viu como fiquei surpresa e explicou que reformaram o lugar inteiro. Ele na verdade gostou. — Ela virou os olhos. — Isto é, não ficou ruim, mas eu deixaria mais dos detalhes originais. Graças a Deus tiveram o bom senso de deixar a escadaria, que é uma verdadeira maravilha do século XIX.

Balancei a cabeça de novo, meu sorriso emplastado se transformando em careta. Como se eu soubesse qualquer coisa acerca do que constitui uma escadaria de arquitetura histórica.

O garçom chegou, anotou os pedidos e desapareceu com educação, permitindo que Rebecca prosseguisse com sua história aparentemente desconexa.

— O fim de semana inteiro, ele só pareceu... desligado, ou coisa assim. Quer dizer, toda vez que ficamos a sós no quarto, ele começava a

se derramar em poesia quanto à nova hidromassagem que instalaram, ou o quanto preferia o carpete novo ao piso de tábua corrida que tinham antes. Bem, calculei a origem daquilo tudo.

Oh! Inclinei-me mais para perto, esperando que tudo se esclarecesse para mim também.

— Eu estava na recepção da frente, perguntando sobre os barcos de aluguel na área, porque Nash gosta de velejar e pensei que não seria um mau lugar para ele fazer o pedido.

No mar aberto. Só nós dois. Bem, fico conversando com a recepcionista do balcão da frente sobre todas aquelas reformas aparentemente maravilhosas e ela deixa escapar que enviaram cupons com 20% de desconto a todos os hóspedes anteriores para recebê-los na primeira temporada da nova reforma.

Ah.

— Bem, ele é um contador. E essa não é uma das coisas que me contou que amava em Nash... a cabeça boa que ele tem para dinheiro?

— Sim, vou dar a ele uma cabeça boa — murmurou. — Pensei que tínhamos ido para lá por causa do romance, não por causa dos descontos.

Apesar de chocada pelo nível de amargura que Rebecca demonstrou, não falei nada.

— Seja como for, durante o fim de semana inteiro fiquei imaginando quando ele ia fazer o pedido, quando, quando, quando. A certa altura, estávamos comendo nesse restaurante com vista para o mar e pensei que com certeza o momento havia chegado. O sol se punha. Haviam acabado de nos servir uma garrafa de Bordeaux. Nash olhava para mim. Eu olhava para ele. E então ele se lança numa história estúpida sobre como o chefe dele ainda não tinha ligado para falar da reunião que estavam planejando para a semana seguinte. Não me lembro sobre o que seria, exatamente. Tudo o que sei é que aquela definitivamente não era hora de pensar em trabalho!

— Talvez ele ande um pouquinho ansioso por causa do trabalho e precise resolver isso antes de dar o próximo passo — opinei, como se



determinada sabedoria ancestral quanto a por que os homens fazem as coisas que fazem de repente se acumulasse dentro de mim. — Sabe como é, certos homens sequer pensam no pedido de casamento até conseguir um sólido salário de seis dígitos e um polpudo plano de previdência.

— Oh, ele tem isso tudo — falou Rebecca com desprezo, bebericando delicadamente a água, como se namorar um sujeito pobretão nunca lhe houvesse passado pela cabeça. Suspirou.—Foi como se ele nem ao menos pensasse no futuro. Sobre nós. Quando o domingo terminava e vi que não sairia nenhum anel no final de semana, fiquei furiosa! — O lábio inferior tremeu e curvou-se.

Devo admitir, me senti meio alarmada ao vislumbrar sua raiva. Era isso que acontece com as mulheres quando não conseguem o que querem? As veias saltavam no meu pescoço cada vez que eu agora falava em Derrick? Senti o ímpeto repentino de tranquilizar Rebecca. Dizer qualquer coisa para impedir que sua fúria nos engolfasse a ambas. E agora que havia dominado a arte de cegar a mim mesma, estava certa de que poderia iniciar Rebecca nos artifícios da autoilusão.

— Bec, você sabe que vai acontecer. Está apenas chateada porque não aconteceu quando queria — sorri. — Olhe, em todo caso foi melhor assim. Isto é, você não queria realmente ficar noiva numa casa que nem sequer possui os cortinados originais das janelas, não é? — Sufoquei uma risada quando vi que ela considerou minhas palavras com grande seriedade.

— É verdade — concordou, com a expressão cautelosamente esperançosa.

—Além disso, aposto que Nash pensa num pedido ainda mais empolgante do que você possivelmente consegue imaginar.

— Talvez você tenha razão. — Ela sorriu.

Foi fácil demais, pensei.

— Tudo o que digo é, mantenha a mente aberta. Você não sabe o que Nash pensa — rodeei, me sentindo culpada por atirar um osso que ela atacou tão rápido. No entanto, não me preocupei muito. Sabia de

coração que Nash pediria a Rebecca para casar-se com ele um dia. Ele tinha matéria-prima de casamento estampado na testa, e Rebecca... bem, quem não ia querer casar com uma mulher que tinha um sistema de arquivo à altura da Biblioteca do Congresso e o tipo de pele delicada que provavelmente parece fresca e adorável desde o momento em que ela tira a cabeça do travesseiro Laura Ashiey de imitação?

O almoço chegou, o meu frango grelhado sobre um campo de verduras, com limão e molho vinagrete ao lado, e o hambúrguer grosso pingando queijo derretido e cercado por uma horda de batatas palhas crocantes de Rebecca. E embora eu tentasse manter a pia atitude de recém-convertida à fanática dos pântanos, desejei me unir a Rebecca na comilança ao observá-la dar a primeira mordida de deixar água na boca.

Com um suspiro, afoguei as folhas no molho, e ataquei. Enquanto Rebecca continuou a falar sobre o quanto Nash era bom para ela na maior parte do tempo, o quanto se divertiam juntos, me peguei sonhando sobre como tudo costumava ser entre nós, como se tudo ainda estivesse do mesmo jeito entre Derrick e eu. Afinal, aos olhos de Rebecca, eu continuava sendo a namorada terna e carinhosa de Derrick.

E eu ainda não estava pronta para espetar aquela pequenina bolha feliz.

**Confissão: Estou irremediavelmente despreparada para conhecer minha cara-metade.**

— Por onde você andou? — perguntou Jade quando me pegou em casa na noite seguinte.

— Andei? — respondi, inocente.

—Mandei um e-mail, liguei ontem à noite... Ah, esquece. Como vai? Como foi o fim de semana?

— Me conte você — respondi, desviando o assunto de mim com cuidado. — Parece que alguém finalmente transou?

— Quem?

—Você! Não mencionou algo no e-mail a respeito de um cara gostoso por quem se enrabichou?

— Oh, não, não. Foi do Ricky Phillips que falei. Já comentei sobre ele antes. Aquele que tem a própria linha de jaquetas de motoqueiro? O modelito é um horror. Mas ele é absolutamente gostoso.

— E o problema de dormir com ele é...?

— Ele é a maior piranha de Fire Island.

— Pode-se chamar um homem de piranha?

— Pode-se chamar Ricky Phillips de piranha. Aquele cara dormiu com todo mundo do ramo.

— Exceto você, óbvio.

— Óbvio que comigo não. Posso estar a perigo no momento, mas não sou estúpida. Dormir com aquele cara — num fim de semana de feriado em Fire Island quando todos que conheço estão lá para testemunhar — seria como o beijo da morte. Você dorme com Ricky, fica conhecida como uma das garotas de Ricky, e ninguém quer dormir com você.

— Por que não?

— Porque daí você é jogo fácil. E isso não tem graça para ninguém. A maioria dos caras gosta de desafio. E caso se renda Ricky, vai se render para qualquer um.

Aparentemente, esqueci tudo o que precisava saber sobre como administrar os encontros sexuais com eficiência.

— E o que foi que aconteceu com Enrico?

—Ainda aparece, mas está começando a me irritar. Juro que se não fosse pelo fato de que senti o pacotinho maravilhosa me esperando debaixo daquelas calças jeans, eu o deixaria ir.

— O quê? — Eu começava a suspeitar de que a falta da vida sexual de Jade tinha mais a ver com a implicância deis do que com qualquer outra coisa.

— Cheguei em casa vindo de Fire Island na segunda à noite e havia duas mensagens dele. Aí estava cansada e tal, e não liguei de volta. No dia seguinte, estou no trabalho e ele me aporrinha porque não liguei de volta. Depois entra maior fúria ciumenta por causa dos caras com quem imaginou que passei o fim de semana em Fire Island.

— Pobre Enrico.

— Pobre nada. Tivemos um encontro e ele está bancando o namorado possessivo.

— Não é terrível? Ele realmente gosta de você o bastante para desejá-la só para si.

— O que pretende dizer com isso?

— Quero dizer que dê um desconto para ele, Jade. Ele gosta de você. É claro que não quer ver você indo para Fire Island sem ele.

— Sim, sim. Bem, vou dar outra chance, não vou? Vamos ir este final de semana. E vou deixar aquele garoto pelado antes que game completamente por mim e tenha que dispensá-lo e me virar por três meses ou mais. Embora esteja um pouquinho receosa quanto ao que acontecerá quando dormir com ele. Provavelmente, vai me arrastar para a Itália pelos cabelos para conhecer a mãe dele.

— Uma viagem à Itália não seria tão ruim.

— Nessas circunstâncias, seria.

Ouvi que ela acendeu um cigarro. Então me perguntou, um modo meio desconfiado:

— E quando se tornou porta-voz do time da testosterona? Nunca soube que você fosse tamanha defensora do sexo vil.

Oh-oh. Ela sabia.

— Bem, só pensei que talvez as mulheres sejam duras demais com os homens. Quer dizer, aqui estava eu toda amarga por causa do Derrick, quando tudo o que ele está fazendo é viver os próprios sonhos... quero dizer, quem sou eu...

— Ele ligou, não foi?

— É, mas não tem nada...

— Deixe-me adivinhar... era fim de semana do Memorial Day e Derrick Holt, garoto novo na cidade, não tinha ninguém com quem brincar no feriado, então pensou em ligar para a EX e desentulhar o coração.

Uma aflição me preencheu, mas imediatamente esmaguei o sentimento, correndo em defesa de Derrick.

— Ele só ligou para dizer oi. Ou melhor, falou que ia ligar quando estivesse acomodado...

— Não diga que permitiu que ele usasse a cláusula de amizade do rompimento?

— Evidente que vamos permanecer amigos. Por que não deveríamos?

— Escute, Em — disse ela, tragando o cigarro com vontade —, ouça isso de uma ex-namorada experiente. A única coisa pela qual os caras sempre querem permanecer amigos das ex é que assim conseguem "amizades coloridas" durante os períodos de seca.

Ah. Entendi agora. Rindo por dentro, falei:

— E, como se Derrick e eu fôssemos transar a valer morando em lugares opostos.

—A família dele ainda está aqui. Algum momento ele tem que vir em casa. Não seria conveniente para ele ter um belo naco de bunda para mantê-lo feliz durante a estada?

— A família dele mora em Jersey — retruquei, tentando não me sentir esperançosa em relação à perspectiva de Derrick vir para casa e me possuir. Era muito para se desejar no Natal?

— Bem, sim. Eles aceitam qualquer coisa. Quero dizer, quando as coisas estão a perigo, até telessexo começa a parecer atraente.

Glup.

— Olha, Jade, não é como se eu pudesse dizer que não vou conversar com ele nunca mais. — Só a ideia irradiava um terror gélido pelo meu corpo.

Ela suspirou.

— Certo, certo. Converse com ele. Só digo para ser cuidadosa. Converse bastante com ele. Você vai começar a pensar que tem um namorado quando não tem. Depois vai rejeitar namorados de verdade a torto e a direito devido a um senso distorcido de lealdade.

De repente uma lembrança me apunhalou. De um homem, potencialmente rico, potencialmente alto e potencialmente matéria-prima de casamento. Ela tinha razão. Eu já havia esquecido meu próximo namorado em potencial. Henry Burke.

— Oh, meu Deus! Eu tenho um encontro.

— Vê o que digo? Já está se sentindo culpada.

— Não, não é isso. É que é amanhã de noite. — Olhando miserável para o meu abdome volumoso, gemi lamuriosa: — E não tenho nada para vestir!

**Confissão: Encontrei alívio temporário sem pagar os preços das lojas de departamento.**

Jade veio em meu auxílio, me encontrando para almoçar no dia seguinte e me arrastando para a liquidação de mostruário de um estilista por quem ela botava a mão no fogo. Quando se tratava de moda, eu confiava em Jade enfaticamente. Não só porque estava desesperada, mas porque acreditava de verdade que ela percebia o que me caía bem melhor do que eu. Sempre me espantou como podia dar uma geral em um homem ou mulher e adivinhar as proporções, tudo desde a cintura até o tamanho do sapato. Isso talvez se refletisse na infalível habilidade de medir o equipamento de um homem enquanto ele ainda se encontra completamente vestido, o que a poupava de quaisquer desapontamentos uma vez que levasse o sujeito para casa.

Logo que a hora do almoço terminou, Jade me abraçou se despedindo e me mandou de volta para o escritório com uma pequena saia preta rodada, uma blusa justa de tricô num tom azul-escuro que ela jurou fazer meus olhos brilharem intensamente em contraste, e um

deslumbrante cardigã preto, com um único botão, para me proteger da friagem noturna. Não que ainda fizesse muito frio à noite, mas eu não suportaria sair da liquidação sem ele após descobrir o preço fabuloso.

Voltei ao escritório para encontrar piscando no correio de voz uma mensagem de Henry, que tomou uma atitude cavalheiresca e ligou para confirmar que íamos, de fato, tomar uns drinques naquela noite. Liguei de volta para ele, transbordando confiança e sugerindo encontrá-lo no Karma, um barzinho convenientemente localizado na Rua 4 Oeste, a poucos quarteirões do meu apartamento. Não que planejasse carregar Henry para minha casa. Muito pelo contrário. Só queria poder correr de volta ao lar na eventualidade de o encontro ser um completo desastre, e esperar Derrick telefonar de novo.

Mais tarde naquela noite, ao me aprontar para o primeiro ataque ao universo dos solteiros, comecei a ter receios. Não estava pronta, pensei, ao tomar uma ducha rápida, torcendo para lavar quaisquer ansiedades residuais que sentisse. Depois gastei um tempo incrível secando o cabelo, tentando convencer a mim mesma que não importava o que acontecesse com Henry Burke, ao menos eu tinha Derrick... em algum nível. Quer dizer, tinha um número de telefone, não tinha? Um convite para visitar? Isso era alguma coisa.

Depois que a maquiagem foi meticulosamente aplicada, me vesti com meus novos trapos. A partir do momento em que senti o tecido sedoso da nova saia deslizar ao contato com as pernas depiladas há pouco, a confiança se reforçou. Depois de passar a blusa com cuidado pela cabeça e escorregar os pés para dentro das sandálias sempre-confiáveis-embora-futilmente-sensuais, parei diante do espelho de corpo inteiro. E fiquei boquiaberta.

Eu estava deslumbrante. Senti isso, das pontas das unhas dos pés recém-pintadas de rosa até o topo dos cachos brilhantes. Nenhuma protuberância ameaçava romper o caimento suave da saia, e a blusa de tricô conseguiu tirar o máximo do busto e até exibir o que aparentavam ser os primeiros resultados da malhação na academia: braços e ombros torneados.

Checando o relógio, vi que tinha pouco tempo. Liguei para Alyssa.

— Ei — falei quando ela atendeu no segundo toque. — Vou sair com o bom e velho Henry hoje à noite.

— Você vai? Por que não contou?

—Estou contando. Além do mais, imaginei que você tinha outras coisas mais importantes em mente — continuei, me recusando a mencionar que eu mesma tinha quase esquecido do bom e velho Hank após o telefonema de Derrick. — Como vai Lulu?

—Ainda está um bocado na mesma. Vou levá-la para ver... — ela se impediu de pronunciar a palavra que começa com/, e percebi que Richard devia estar na sala. —Vou levá-la para aqueles exames no sábado.

— Precisa de companhia? Podia me encontrar lá com você e poderíamos ir à academia depois...

— Sabe como é, acho que será melhor se eu for sozinha, Em — disse Alyssa, com a voz cheia de intenções que não logrei decifrar naquele momento.

— Bem, estarei aqui se precisar de mim — afirmei, esperando que compreendesse que isso significava que não importava o que acontecesse com Lulu, Jason... sei lá.

— Eu sei, eu sei. Não se preocupe comigo. Apenas vá e se divirta. Eu só encontrei Henry uma vez, mas ele pareceu mesmo um cara genuinamente agradável. E Richard gosta dele.

Agora sorri.

—Bem, se tem a bênção de Richard e a sua, como ele pode ser ruim?

**Confissão: Sim, para mim, aparência importa. Mais do que jamais imaginei.**



A primeira coisa que percebi logo que entrei no bar mal iluminado é que parti para este encontro às cegas sob a ilusão de que minha amiga Alyssa me conhece bem o bastante para saber que espécie de homem considero atraente. Porém, à medida que meus olhos perscrutaram o lugar, à procura de um tipo de cabelos escuros e óculos, espiando pensativo por cima do martíni servido há pouco, concluí que tal homem não estava aqui.

A segunda coisa que percebo, ao ver um estranho de terno cinza-escuro levantar e acenar hesitante a mão branca descarnada na minha direção, é que Henry Burke não é aquele homem. Não pelo fato de não usar óculos, ou sequer beber um martíni. E que ele era incrivelmente baixo. E completamente careca.

Bem, não completamente, descobri ao caminhar até ele, com um sorriso emplastrado em meu rosto cuidadosamente maquiado. Ele ainda tinha um bico-de-viúva na testa, que ostentava cabelo castanho-claro, o suficiente para pentear por cima do vasto espaço careca entre a fronte e o cocuruto. Mesmo assim, juntei o mínimo de entusiasmo quando parei ao lado da mesinha para dois que ele escolhera para o nosso tête-à-tête.

—Você deve ser Emma — disse ele, segurando minha mão na sua mão magra e meio úmida.

— Henry, certo?— falei, reunindo coragem para conseguir ir até o fim do encontro.

— Ah, pode me chamar de Hank — retrucou.

Nem mesmo isso poderia salvá-lo agora, pensei ao sorrir para ele novamente. Então, ele me sorriu de volta, e o rosto inteiro se transformou. Quando me ofuscou com uma fileira nivelada de dentes brancos, concluí que ele poderia se passar por um daqueles tipos de executivo bacana que eu imaginava passar os sábados no campo de golfe com os meninos, bronzado e confiante, de bermuda caqui e camisa polo. Senti um pequeno frêmito de esperança, e me perguntei se seria prematuro demais no florescente relacionamento para recomendar um produto para calvície da Rogaine.

— Esperou muito tempo? — perguntei, quando ele puxou a cadeira para mim, surpreendendo-me tanto com o gesto cavalheiresco que quase tropecei na perna da cadeira quando tentei sentar. Rezei para que ele não tivesse notado, recompondo rápido as feições quando ele se sentou no lado oposto.

— Não, não, acabei de chegar. — Sorriu de novo, e em seguida acenou para o garçom. — O que gostaria de beber? — indagou, quando um rapaz moreno e bem vestido aproximou-se da mesinha, com uma animação que não condizia com sua posição — nem com meu estado mental, no caso.

— Um spritzer de vinho branco — respondi, sentindo alguma surpresa pela minha própria escolha. Na verdade nunca bebi vinho branco, a não ser vinho branco diluído. Eu devia ter sido acometida por alguma estranha crença, sedimentada por anos de leitura de revistas femininas, de que um spritzer me faria parecer mais delicada, preocupada com a saúde e, definitivamente, mais atraente. Henry — isto é, Hank — pediu um Dewar's com gelo, impressionando-me ainda mais com a escolha viril. Talvez dê certo, afinal, pensei, desviando o olhar dos magros dedos pálidos para me concentrar em algum lugar seguro, abaixo do disfarce da careca e dos incongruentemente belos dentes brancos. Aqueles dentes refletiam grana, concluí agora, imaginando se ele havia mandado branquear.

— Richard contou que é escritora — disse Hank, indo direto ao ponto.

"Contou?", pensei, mas exibi uma educada modéstia.

—Ah, bem... —enquanto me perguntava como Richard sabia qualquer coisa a respeito da minha encarnação anterior. Então lembrei que eu ainda estava ocupada trabalhando num malogrado romance quando Alyssa me apresentou a ele, anos atrás, como a "amiga escritora".

— E que tipo de coisa você escreve? — perguntou Hank.

Decidi não dilacerar as ilusões que Richard deve ter encorajado em Hank com relação às minhas habilidades artísticas e reverti por ora à

antiga personalidade de escritora.

— Ah, contos na maioria. Embora pense acerca de um romance.

— Isso é impressionante. E um compromisso e tanto.

Oh-oh. Comecei a temer que a única qualidade redentora que Hank lograva possuir resvalasse para longe lentamente.

Será que tinha fobia a compromisso? Pensei que apenas os tipos artísticos, pobres e esforçados eram afligidos por esta condição.

De qualquer jeito, larguei na disparada.

— Sim, bem, eu não... comecei o livro ainda exatamente.

—Admiro qualquer um que possa escrever. — Em seguida riu melancólico. — Sabe, uma vez pensei que pudesse ser escritor. Nos tempos da faculdade.

Um grande oh-oh. De repente, o confiante sujeito bronzeado e sorridente do campo de golfe foi transformado num pálido escriba desiludido, que vagamente aspirava a uma vida mais boêmia. Por sorte o garçom chegou com os drinques nesse momento, nos resgatando da perigosa reviravolta da conversa.

— Então, está na Holworth, Barnes & Steingold há muito tempo? — indaguei, orgulhosa de mim mesma por lembrar o nome da firma de Richard e dirigir a conversa com segurança para tópicos que de certo modo pudessem reviver a ideia de Hank como Matéria-prima Perfeita Para Marido.

— Dez anos. E sócio há dois deles — respondeu, com os olhos piscando sedutores enquanto me ofuscava com seus dentes caros.

Hank estava de volta ao tapete gramado outra vez.

—Deve ser um trabalho muito interessante. Com que tipo de casos você lida em geral? — inquiri, e então percebi tarde demais o erro fatal.

Hank começou a contar, no decorrer da próxima hora, cada detalhe excruciante dos casos com os quais lidava. E vou dizer agora mesmo que direito corporativo não é papo de coquetel para não iniciados. À medida que Hank prosseguiu tagarelando, obviamente inconsciente da sua absoluta falta de charme, flagrei meus olhos fixos no bico-de-viúva,

que depois de certa análise começava a parecer uma ilha de cabelo em si. Passei a me perguntar se ele cogitaria raspar a cabeça toda em vez de tentar manter dois visuais diferentes, um para a frente da cabeça e outro para a parte de trás.

Felizmente Hank enfim percebeu que falava sem parar, pois de súbito arrematou a explicação obscura de algum tópico breve com uma pergunta trivial:

— Bem, foi o bastante a meu respeito. Agora, conte, o que acha de mim?

Ri graciosa e concluí que talvez o encontro com Henry Burke não tivesse sido uma perda total. Ao menos aprendi como fingir interesse, o que era uma técnica de sobrevivência fundamental para a garota solteira. Uma técnica que eu seria esperta em aprender a manipular, e a manipular bem.

Afinal de contas, acabei de começar a paquerar.

### **Confissão: Esqueci a arte do fora casual.**

Quando Henry me deixou em frente à minha porta, umas duas horas mais tarde — sim, o máximo que lhe permiti foi um vislumbre do meu cafofo —, eu estava levemente embriagada. Com certeza, devido ao fato de ter virado três spritzers de estômago vazio, na vaga tentativa de manter as coisas interessantes. "Por que será que nunca se janta num encontro às escuras afinal?", eu agora me perguntava. Ao erguer o olhar para Hank quando ele parou em frente ao meu prédio, concluí que era assim porque provavelmente ninguém quer se arriscar a passar mais de duas horas com uma pessoa pela qual não se está absolutamente atraído.

— Passei uma noite ótima — comentei, sorrindo o que pensei ser talvez um sorriso sincero. Afinal, passei uma noite suficientemente agradável, percebi agora que o álcool aquecia meu sangue e entorpecia meu cérebro. E deve ter sido a névoa aduzida pelo álcool que me fez deixar escapulir: — Devíamos sair para jantar qualquer hora.

"Por quê?", gritou meu cérebro em silêncio em resposta a mim mesma. Por que proferi as palavras fatais? Foi o vinho? Ou o vago temor que me inundou quando percebi que em poucos minutos veria Hank ir embora e teria que me dirigir às escadas, passando por Beatrice e voltar à minha insignificante existência solitária?

Ao notar que o sorriso de Hank se aprofundou num esgar confiante, compreendi que o estrago já estava feito. Aquele esgar estalava de satisfação. Ele me pegou, ou assim pensava. Agora havia deixado por conta dele o que fazer comigo.

— Claro — falou, inclinando-se para a frente, que Deus me ajude, para um beijo.

Foi misericordiosamente breve, um mero roçar de lábios — os dele surpreendentemente macios. Então, com uma piscada e o famoso "Vou ligar para você", ele se foi.

E agora estava pior do que sozinha. Eu estava, ao menos na cabeça de Henry Burke, à espera de sua ligação. Ah, que meleca.

### **Confissão: Não preciso de um homem, só de uma lobotomia.**

— No que você estava pensando? — perguntei para Alyssa na manhã seguinte. Havia telefonado para ela logo que chegara ao escritório, em parte porque estava curiosa para descobrir o que ela havia pensado que eu acharia atraente em Hank e, em parte, porque esperava adiar o início do próximo artigo, provisoriamente intitulado "Controlando os Futuros Sogros Antes de Casar Com Eles".

— Você pediu um advogado — respondeu Alyssa.

— E especifiquei baixinho e careca?

— Pensei que ele fosse um cara legal. Simpático. Meigo.

— Acho que tem razão. Ele foi legal. Talvez eu seja obcecada por bonitão e malvado.

— Ou talvez seja obcecada por Derrick. Suspirei.

— Bem, mesmo se ele não tivesse ligado...

— Ele ligou?

Opa. Agora eu tinha que confessar. — Bem, sim. Foi. Na segunda à noite. Acho que ele... pensa que está com saudades.

— Claro que está com saudades.

Senti um brilho cálido por dentro diante da insistência dela.

— Mas isso e um dólar furado não vão levar você a lugar nenhum.

Desabei por dentro.

— Eu sei.

— Os homens são criaturas essencialmente egoístas, Emma. Só se preocupam com o que eles querem, com o que eles precisam. E não importa os sentimentos de quem eles ferem nesse processo.

De repente fiquei desconfiada. Essa não era a Alyssa entusiasmada pela humanidade inteira que eu conhecia.

— O que há com você?

— Comigo?

— Não me entenda errado, mas nunca pensei que você compreendesse o mal que o homem é.

Suspirou.

— Richard e eu brigamos ontem à noite. Oh-oh.

— Sobre?

— Bem... numa palavra, sexo.

Tomei isso como um bom sinal. Havia chances de alguém querer sexo e o outro não. E já que o desejo de alguém estava implicado, ainda havia esperança.

— O que aconteceu?

— Bem, numa tentativa patética qualquer de salvar nossa vida sexual, planejei toda esta noite romântica. Jantar à luz de velas... acessórios. Depois, estamos no sofá dando uns amassos e decidimos ir para o quarto. Bem, entro no banheiro para colocar o diafragma — o

que levou exatos três minutos — e ele está desmaiado na hora em que saí.

— Talvez você tenha servido carboidratos demais no jantar. Sabe aquele prato de arroz pilão que preparou para mim uma vez e me nocauteou...

— Não se atreva a encontrar desculpas para ele, Em. Creia-me, tentei compreender. Até me arrastei pela cama e tentei acordá-lo com um beijo, só para ele rolar de lado e resmungar que estava cansado demais e se eu não podia esperar?

— Bem, talvez estivesse cansado. Quer dizer, ele não está tentando virar sócio? Deve custar um bocado de trabalho. E o estresse...

— Emma!

— Certo, certo. Não vou inventar desculpas para ele. Tudo o que digo é que deve haver um motivo para ele estar cansado.

— Sim, e esse motivo, seja lá o que for, está prestes a fazê-lo perder a namorada — disse Alyssa, sombria. — Se Jason ao menos sugerir um encontro agora, não vou me segurar...

— Agora, espere aí um segundo. Não vá usar essa briga para justificar o desejo pelo extremamente gostoso Dr. Carruthers. Quero dizer, sou muito boa em enganar a mim mesma, Alyssa, e, devo dizer, essa é ruim à beca.

— Bom, ruim ou não, é assim que me sinto. Estou cansada também, sabe. Cansada de ser aquela que tem que manter as coisas sob controle o tempo todo. Quer dizer, por que sempre é a mulher que é responsável por reacender a magia numa relação? Alguém tem que fazê-lo, suponho, caso se queira ficar junto, construir uma vida junto. O casamento seria uma instituição morta se não fosse pelos nossos esforços. E, sabe o que mais, Em? Começo a pensar que devíamos deixá-la morrer!

De repente, a discussão toda me esgotou. Quer dizer, se Alyssa não conseguia se comprometer de coração com Richard, o último homem perfeito em toda a cidade de Nova York, quem era eu para contrariar? Talvez o casamento fosse superestimado. Talvez até... desnecessário.

## SETE

*"O amor realmente não tem nada a ver com isso."*

— *Alyssa Reynolds, Namorada-a-procura-de-aventuras*

**Confissão: Concluo que é melhor deixar o casamento para os de fato comprometidos — ou mentalmente insanos.**

Alyssa tinha um argumento, compreendi mais tarde ao tomar assento na reunião editorial, escutando Patrícia, que acabara de se levantar para discursar, com a face solene.

— A circulação da revista caiu — começou. — Mesmo com as edições de primavera e verão, quando a circulação em geral chega ao auge, os números simplesmente não subiram. E embora possamos atribuir boa parte disso às mudanças de mercado e à competição mais acirrada nas gôndolas, precisamos trabalhar com mais afinco para publicar um produto que permaneça acima e além da competição...

Talvez fosse um sinal, pensei agora, espiando ao redor da sala para as "Casadas" e percebendo que a maioria delas — observe Patrícia com o pseudomarido, por exemplo — não vivia a vidas de sonhos que os ilustres dias de núpcias prometeram. E o casamento entre a equipe assistente era desigual, pensei. Claro que havia Grace e Penélope, da seção de Turismo Lua de mel, que, com seus conjuntos de suéter e belos cabelos, eram praticamente filhas ilustres do gênero de sólidos casamentos protestantes e anglo-saxões que a maioria de nós pensa que só existe na coluna social do *The New Times*. As assistentes editoriais eram jovens demais para se preocupar, e a assistente administrativa... bem, todo mundo sabia que era lésbica. Verdade, a maior parte da equipe mais velha era casada, mas ela estava a quase a



uma geração inteira de distância e realmente não contava na minha pesquisa informal sobre o casamento. Então, havia as subeditoras, com duas que foram até o altar e seguravam firme, e Rebecca, a caminho do noivado, ao menos na cabeça dela. Uma vez terminada a contagem, concluí que a despeito do fato de sermos uma revista que baseava toda a sua existência na instituição do casamento, mais da metade de nós era solteira, divorciada ou só plenamente indiferente.

O que estava havendo? Se a ilustre equipe da revista de noivas mais popular do país não estava casada e feliz, quem estaria?

De repente, meu recente status de solteira me fez sentir... na moda.

— ... Já que eu adoraria ouvir as ideias de vocês sobre como devemos levar a revista à próxima etapa e torná-la um modelo acima da competição — dizia Patrícia agora —, gostaria de transformar o restante desta reunião numa sessão de brainstorm. Então vamos abrir para as ideias de vocês.

Talvez fosse a adrenalina correndo através do meu corpo quando cheguei à conclusão anticasamento. Ou talvez apenas estivesse me rendendo a uma estranha tendência de sabotar a mim mesma e a minha carreira em nome de uma boa tirada, quando me flagrei a falar em voz alta, deslizando perigosamente sobre o silêncio que se abateu pela sala assim que Patricia terminou o discurso.

— Talvez a circulação tenha caído porque o casamento está ultrapassado — afirmei, ensaiando em seguida uma risada quando todos me encararam. — O que quero dizer é que talvez não existam tantas novas noivas como existiam antes — continuei, tirando o pé do acelerador na esperança de me salvar de uma desgraça maior. — Afinal — rodeei —, as mulheres estão se casando cada vez mais e mais tarde. Talvez o mercado esteja... envelhecendo.

Embora Patrícia aparentasse me observar, pensativa, absorvendo o comentário, pude jurar que, debaixo da testa franzida, ela questionava a sanidade de me manter na equipe, quanto mais me promover.

De repente, outra voz começou a soar, e percebi que eu estava prestes a ser resgatada. E por Rebecca, dentre todas as pessoas.

— Talvez Emma tenha um argumento — foi dizendo. Se eu tinha, não podia esperar para ouvi-lo.

— Quem sabe nos concentramos demais na noiva mais jovem. A mulher de vinte e poucos anos que vai para o altar pela primeira vez.

Inclinei-me para a frente, aguardando que o meu negligente e estúpido comentário fizesse sentido. Vi que Patrícia aguardava também, com o olhar treinado esperançosamente fixo em Rebecca.

— Talvez precisemos de uma edição dedicada à noiva madura dura e seus interesses. A mulher que pode ter esperado até mais tarde para casar. Ou... — e me fitou simpática, como se eu tivesse inspiração escrita na expressão desconcertada — a noiva que vai casar pela segunda ou mesmo pela terceira vez.

As iminentes núpcias de mamãe emergiram de súbito em minha mente. Agora ao menos sabia de onde Rebecca tirara a inspiração. Apatetada, assisti enquanto os outros reagiram.

— Mas já existe uma revista dedicada a casamentos posteriores — alguém argumentou.

— Não estou propondo que mudemos o rumo editorial da revista inteira — retrucou Rebecca. — Talvez fazer disso apenas o tema de uma única edição. Ou até um assunto regular.

Assim você conquista a ambos os segmentos de mercado... a noiva de primeira viagem e a noiva madura.

Para meu assombro, percebi que Patrícia ficou radiante. Em seguida ela atirou a bomba.

— Adorei, Rebecca. Por que não desenvolve a ideia da noiva pela segunda vez um pouco mais. Quem sabe dá mais ideias para abordagens e artigos em potencial. Podemos até elaborar algo para a próxima edição. — Então seu olhar caiu sobre mim, e seu brilho me pareceu um tanto malicioso. — Emma, por que não trabalha em alguns conceitos para uma edição dedicada às noivas mais velhas... mulheres que se casam pela primeira vez no final da casa dos 30 e dos 40. Vamos ver o que vocês duas conseguem aprontar. Talvez possamos fazer duas

edições à parte, dependendo da quantidade de material que conseguirmos.

Com um sorriso trêmulo nos lábios, espiei Rebecca e encontrei seu olhar triunfante. Oh, Deus, no que fui me meter?

**Confissão: Não estou acima do desejo de esculhambar, esculhambar, esculhambar.**

— O que realmente me deixa fula da vida — disse para Jade, a quem arrastei até o Whiskey para tomar uns drinques depois do expediente naquela noite, antes de seu grande encontro com Enrico, ansiosa para afogar as mágoas em álcool e por um festival maciço de esculhambação —, é que ela não poderia ter planejado melhor se tivesse escrito a coisa toda.

— E o que vai fazer? — perguntou Jade, alcançando o Cosmopolitan e o sorvendo graciosamente.

— Tenho ao menos que tentar competir com ela. O que mais posso fazer? Minha edição sobre noivas maduras contra a edição dela de noivas pela segunda vez. Aposto dinheiro que ela vai me sondar alegremente atrás de material sobre o terceiro casamento de mamãe, e depois ganhar todo o crédito por isso. Ou melhor, Patrícia já pensa que a ideia foi dela.

— Não foi?

— Bem, decerto foi minha mãe que a inspirou!

Jade baixou a bebida, estudando minha expressão.

— Que foi? — perguntei, desesperada para romper o incômodo silêncio.

— Nada — respondeu, apanhando novamente o drinque, com os olhos avaliando o local. — Por que a gente sempre vem para cá depois do trabalho?

— É convenientemente próximo dos nossos escritórios? — indaguei, ainda ponderando que conclusões Jade havia tirado de minha

situação profissional que se recusava a partilhar.

— Humm. Montes de imigrantes europeus pobres. Nunca havia percebido isso antes — comentou, virando-se para me encarar de novo.

— Sei no que está pensando — desabafei—, está pensando que Rebecca é mais qualificada do que eu para o cargo.

— Eu não disse...

— Nem precisava. Posso notar. Você acha que ela merece ser promovida e que eu mereço rolar na lama por mais alguns anos, esperando que alguém descubra que sou a melhor droga de redatora que eles têm na equipe! — Engoli o drinque num único trago, colocando o copo no balcão do bar com uma pancada.

— Você é a melhor droga de redatora daquela equipe — disse Jade. — Porém, isso nem sempre significa que vai ser a rainha. Você sabe tão bem quanto eu que qualquer gerente começa como puxa-saco. E você não é puxa-saco.

— Tampouco Rebecca.

— Sim, bem, ela é uma vaca. O outro tipo de pessoa que consegue se tornar gerente.

— Você não está brincando. Posso até vê-la esperneando e gritando caso não consiga a promoção. Parecia pronta a esquartejar Nash quando ele não a enfeitou com uma pedra enorme na semana passada.

— Ah, é? — disse Jade, com um sorrisinho faceiro no rosto.

— Sim, aparentemente Rebecca previu mal o noivado. Começo a me perguntar se Nash sequer percebe o quanto o relacionamento deles é sério.

— Sim, os homens podem ser um tanto ineficientes para entender se vão apenas trepar ou casar com você.

— Humm... — murmurei, imaginando como me sentia em relação a ser atirada na categoria "trepada" no barômetro para relacionamentos de Derrick. Obviamente, não havia caído na categoria matrimonial E a julgar pelo telefonema da outra noite, eu podia ser

qualquer coisa desde alma gêmea até transa em potencial da Costa Leste.

— Veja Enrico, por exemplo — continuou Jade, aquecendo para o assunto. — Quando vou para Fire Island passar o fim de semana sozinha, ele acha que somos praticamente noivos. Entretanto, quando somos só eu e ele na pista de dança, é óbvio que sou a garota que ele está comendo. Ou serei, se as coisas saírem desse jeito

— Então, está me dizendo que é o velho padrão duplo.

— Não, estou dizendo que os caras são apenas uns babacas.

Olhei para Jade enquanto ela acendia o cigarro, depois tragava fundo. Cada vez que fazia uma dessas declarações explosivas contra os homens — não que não fossem verdadeiras quase sempre —, eu temia que os resíduos de cinismo que Michael deixara em sua vida fossem impedi-la de ter um relacionamento satisfatório com o sexo oposto.

— Por que você não quer namorar Enrico a sério? — indaguei.

— Ele é jovem demais. Além disso, exceto pelo corpo arrasador, de não é realmente o meu tipo.

— Qual é o seu tipo, exatamente?

— Você sabe... tatuagens. Um pouco de aspereza. Meio como. Ted

— Ela suspirou. — Mas você sabe como é isso... os que você quer são os que nunca ligam de novo.

De repente desejei encontrar alguma coisa encorajadora para dizer sobre o assunto, mas realmente não havia nada que pudesse fazer a não ser me condoer com ela.

— E, bem... quase posso garantir que terei notícias de Henry Burke, considerando o fato de que ele é tampinha, careca e definitivamente nada atraente.

— Ah, puxa. Eu pretendia perguntar como foi. Nada bom, hein?

— Não pude nem juntar interesse suficiente para remodelá-lo. Quer dizer, restará sempre os produtos da Rogaine...

Jade amassou a guimba do cigarro.

— A última coisa que você precisa agora é um projeto de melhoramento de homem. Creia-me, já passei por isso — disse, e eu sabia que pensava em Michael e nas tentativas de persuadir, bajular ou simplesmente seduzi-lo para livrá-lo da impotência, tudo sem proveito.

— O que me surpreende de verdade — continuei — é que Alyssa o escolheu. Ela sabia como era a aparência dele e ainda pensou que eu pudesse achá-lo remotamente atraente. Fiquei um pouco... ofendida.

— Bem, é assim que os arranjos são. Quer dizer, será que qualquer pessoa realmente aproximaria você de alguém quem ela mesma pudesse se imaginar trepando?

— Alyssa tem Richard. Ela não está no mercado atrás... — Interrompi o raciocínio de repente, pensando no Dr. Jason Carruthers, médico canino e conquistador extraordinário.

Erguendo as sobrancelhas para mim, Jade entornou o drinque.

Acenei para o garçom com um suspiro.

— Acho que a pedida é uma outra rodada.

— Conte comigo — falou Jade. — Ouça, se quiser sair para escolher seu próprio homem, tenho dois convites para a festa de lançamento daquela nova revista masculina mensal, Mastro.

Revirei os olhos.

—Você não espera realmente que eu me enrole com um homem ligado a uma revista dedicada à adoração do seu... seu...

— Olha, você não precisa gostar de um homem para dormir com ele. E conheço alguns dos modelos que aparecem na primeira edição. Lindos de morrer.

— Sabe como me sinto em relação a modelos.

— Emma, haverá homens de todas as espécies por lá. Editores. Escritores.—Ela ergueu as sobrancelhas para mim, sabendo que havia me pegado. E pegou mesmo. Imagens de sócias de Derrick já dançavam na minha cabeça.

— Certo, certo. A que horas devo estar lá? E onde?

— Na Envy, por volta das dez horas, amanhã à noite.

— Bem, ao menos tenho algo para vestir — falei, imaginando que poderia reciclar o traje do encontro com Henry Burke.

"Nem tudo estava perdido ainda", pensei. A cidade de Nova York era cheia de homens interessantes. Certamente poderia encontrar um para me distrair da depressão pós-Derrick.

### **Confissão: Descubro a esperança — e um novo creme esfoliante.**

Após chegar em casa dos drinques com Jade e achar na secretária eletrônica uma mensagem de Hank, contando como se divertiu na noite anterior e o quanto esperava que pudéssemos nos encontrar logo, sofri um ajuste definitivo de atitude. De repente, eu era a Mulher Requisitada. Não ousei ligar de volta. Não só porque era noite de sexta-feira e aquela seria a coisa desesperada a fazer, mas porque não queria me arriscar a estragar a recém-descoberta fantasia de ser a mulher muito desejada com conversa fiada ou tentativas ruins de dar-lhe o fora. De fato, fiquei num tal bom humor depois da ligação dele que até me flagrei de pé na portaria do prédio na sexta à noite por dez minutos inteiros antes de rumar para o Ricky 's Artigos de Beleza para uma farra de produtos de cabelo, caridosamente escutando Beatrice enquanto ela descrevia seu atual estado dispéptico. Descobri que podia ser generosa. Podia ser bondosa. Afinal, tinha uma mensagem de um homem de verdade piscando na secretária. E embora não estivesse nem um pouquinho interessada em Henry Burke, não fui capaz de me obrigar a apagá-la.

Junte a isso o fato de que eu possuía um passe livre para a festa mais quente da cidade deste final de semana. Nem mesmo me importei em passar o grosso da noite de sexta sozinha no meu apartamento. Na verdade, disparei em volta do Ricky's planejando me conceder uma massagem de corpo inteiro com o novo creme esfoliante de pêssigo que comprei com outro tubo de gel Bedhead para modelar. Até que concedi um tratamento de pedicure com esmalte vermelho

Arrebatador, um novo tom que comprei devido ao estímulo da vendedora, que pareceu perceber a minha recém-descoberta sensualidade.

As quatro paredes do apartamento não podiam me intimidar esta noite, por abrigarem, como o faziam, uma agenda de endereços com o número de telefone cuidadosamente anotado de um certo roteirista promissor que eu torcia para não conseguir me tirar da cabeça. Ele podia até ligar de novo se por acaso estivesse em casa numa noite de sexta, completamente só e lembrando o quanto sou desejável. Logo que minha pele foi esfregada até ficar macia como a de um bebê e os dedos dos pés brilhavam encantadores, aninhei-me nas cobertas lavadas há pouco com um bom livro. Sentia-me tão contente, tão plenamente digna da atenção masculina, que por um breve instante cogitei ligar para Derrick. Afinal, eu tinha o número dele. Mas então lembrei que conversei com ele há menos de uma semana, e que para telefonar Para ele — numa noite de sexta — precisaria de algum pretexto. Minha mente divagou pelas possibilidades. Podia ligar para matraquear sobre a situação com Rebecca, porém toda aquela angústia relacionada ao trabalho agora me parecia bem distante. Além do mais, não queria estragar a imagem que ele fazia de mim como a editora em vias de promoção e capaz de "grandezas". Então, lembrei que ainda não havia contado sobre as iminentes núpcias de minha mãe. Isso com certeza era digno de um telefonema. Mas quando alcancei o telefone, hesitei. Seria tão mais satisfatório se ele ligasse...

De repente, o telefone tocou, fazendo meu coração quase explodir para fora do peito. Seria possível que Derrick e eu estivéssemos conectados por alguma espécie de vínculo espiritual que lhe permitia pressentir minha necessidade dele mesmo a dois mil quilômetros de distância?

— Alô — atendi ao terceiro toque, torcendo para que minha voz soasse controlada e rouca.

— Você está em casa? — ladrou de volta a voz descrente de mamãe.

Toda a esperança se esgotou em mim numa única onda.



— Sim, estou em casa — respondi exasperada.

— Ah — retrucou ela, recuando.

— O que há? — indaguei.

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo, mamãe, simplesmente ótimo. Como vai você? Já foi à primeira sessão de ginástica?

— Oh, não, não. É cedo demais — protestou. — Além disso, tenho uns poucos quilos a perder, embora Clark, Deus abençoe seu coração, ache que estou perfeita exatamente do jeito que estou. Ah, nossa.

— Você parece ótima, mas se quer esperar, tenho certeza de que não é nada demais.

— Sim, acho que vou esperar um pouquinho. Além do mais, existem tantos outros detalhes para cuidar. Como o navio do cruzeiro. Reservei algumas cabines para nós, como disse que faria.

— E aposto que vou dormir com a vovó Zizi, hein? — Toda a esperança de arrumar um paquera para arrastar nesse cruzeiro nupcial do inferno desmoronou. Até um romance a bordo do navio parecia agora um sonho impossível.

— Bem, na verdade, coloquei você e vovó Zizi em cabines interligadas. Desse jeito, você poderá estar perto, caso ela necessite de ajuda, mas também poderá ter um pouco de privacidade, caso você... precise. Sabe como é... Afinal, Betty falou de homens disponíveis em cruzeiros. — Deu uma risadinha adolescente.

Agora me senti ainda pior. Parecia que as esperanças de mamãe quanto a mim diminuíram até o nível do romance a bordo.

— Ou posso ter um namorado até lá, quem sabe?

— Oh, Emma, não seria maravilhoso?

Talvez fosse a nostalgia na voz da minha mãe. Talvez fosse a luzinha auspiciosa da mensagem piscando ao meu lado lembrando que não estava sem perspectivas, mas alguma coisa me fez soltar:

— Tive um encontro ontem à noite. Com um advogado. Na verdade, um sócio da firma de Richard.

— Um sócio! Da firma de Richard? O Richard de Alyssa? — Escutei uma inspiração profunda de ar. — Oh, Emma, é maravilhoso. Quer dizer, aquele Richard... ele mesmo é um partido e tanto.

Diga isso a Alyssa.

— Sim, ele era uma cara bacana e tudo mais.

— Qual é o nome dele?

— Henry. Hank, na verdade. Hank Burke.

— Boa-pinta?

— Bem...

— O que estou dizendo? Esse negócio não importa para você, em todo caso. Ou melhor, veja Derrick.

— O que há com Derrick?

— Oh, desculpe, meu bem. Eu apenas não achava que ele fosse atraente o bastante para você. Quer dizer, você é bonita...

— Derrick era charmoso! — protestei, cheia de descrença que alguém pudesse questionar a beleza daqueles olhos que admirei por dois anos de sonhos, aquele lábios celestiais...

— Não sei, Emma, ele parecia um pouquinho... CDF. Mas o que sei? Tenho 59 anos de idade!

— Bem, Jade achava que ele era charmoso. E Alyssa também — argumentei infantilmente, desesperada, tentando recordar se alguma vez elas comentaram a aparência de Derrick.

— Ah, Emma, que diferença faz agora?

— Que diferença faz? — redargui, com o humor voltado para a defesa de Derrick. — A diferença é que eu amo Derrick!

Um silêncio apreensivo brindou a declaração. E de repente percebi que tinha revelado coisas demais.

— Ora, Emma, não creio que seja saudável...

— Por favor — supliquei —, não me venha agora com aquela chorumela hipócrita de autoajuda.

Novamente o silêncio, mas esse parecia repleto de mágoa.

— Desculpe — capitulei. — Não pretendia. Eu só... podemos conversar sobre qualquer outra coisa?

— Por mim, tudo bem. Isto é, não sei como saímos do grande encontro com um advogado bem-sucedido para, para... Derrick! — falou, sem esforço para dissimular o desagrado pelo simples som do nome dele. — Por que não me conta sobre Hank Burke? Quando vão sair de novo?

Espiei a luz piscando na secretária eletrônica, resolvendo apagar Hank Burke da minha vida assim que saísse da ligação com mamãe.

— Não vamos.

— Do que está falando?

— Não posso, mamãe. Apenas não estou... interessada.

— Ah, Emma. — Então houve outro silêncio, e senti que ela lutou para não tocar em assuntos que eu não queria. Enfim falou: — Juro que é a última coisa que vou dizer quanto assunto Derrick, mas isso precisa ser dito. Suspirei.

— Vá em frente.

— Você precisa esquecê-lo, Emma. Você precisa tocar sua vida adiante.

Como se eu não soubesse disso, em algum lugar bem lá no fundo. Mas não podia contar isso a mamãe. Afinal de contas, nenhuma garota jamais deve admitir para a mãe de todas as pessoas, que está presa contra todas as esperanças a um homem que vive uma outra vida, a dois mil quilômetros de distância. Sem ela.

**Confissão: Mulher não precisa de homem, só de amplo espaço e muito dinheiro sobrando.**

No dia seguinte, acordei com o som das advertências de minha mãe estrilando nos ouvidos. Como se estivesse no piloto automático, desliguei a campainha do telefone e esfreguei a cozinha até brilhar. Quando acabei, resolvi banir todos os pensamentos sobre Derrick e me divertir com Jade à noite. Até imaginei que pudesse conhecer minha próxima Cara-metade

Instantânea, o que era bom o bastante para mim, já que também concluí que, com Derrick, bani todos os sonhos de Cara-metade.

Contudo, assim que vesti a nova saia rodada, combinando com a fiel blusa preta para todas as ocasiões que guardei ao alcance da mão na gaveta de cima à direita, tive um ataque de nervos. Atinei que à noite estava pronta a mergulhar num dos cenários mais badalados que rolavam em NYC e nem sequer me dei ao trabalho de retocar o batom. Graças a Deus pelas sandálias sensuais e as unhas do pé com esmalte novo, pensei, espiando os pés na tentativa de evocar alguma coragem. Na medida em que estudei o rosto maquiado há pouco e o cabelo armado com capricho, amaldiçoei Sebastian e sua recém-descoberta paz interior. O que eu não faria por uns poucos reflexos agora mesmo. Talvez devesse mandar tudo para o inferno e procurar um novo salão. O que teria a perder, exceto o equivalente a um mês de supermercado?

Enfiando o mais moderno tom de batom vermelho na mais minúscula das bolsas e agarrando as chaves, rumei para fora, determinada a fulminar a crise de fé de última hora. Encontraria Jade no apartamento dela, já que o seu loft no Soho ficava a caminho da Envy. Como de costume, saí correndo um pouquinho adiantada, e quando apertei a campainha do apartamento, ela me implorou para subir, o que em geral significava que eu passaria a maior parte de uma hora assistindo Jade dar os toques finais na maquiagem e no cabelo.

No entanto, quando o elevador abriu a porta no apartamento dela — sim, Jade podia pagar um daqueles lofts — ela estava escarrapachada no sofá, com uma taça de cristal na mão.

— Está pronta? — perguntei, quando a porta corrediça do elevador fechou atrás de mim.

— Sim, sim. Mas estamos adiantadas. Entre, sente-se. Tome uma taça de champanhe.

— Champanhe? — repeti, largando a bolsa no balcão da cozinha e espreitando o lacre rompido de champanhe na pia. — Por que a comemoração?

Ela saltou do sofá, rodeando em minha direção num vestidinho preto e com os pés descalços, parecendo quase pequenina em contraste com o fundo do teto alto.

— Jade transou — revelou, parando na minha frente.

— Você está de brincadeira — falei, mas sabia que não estava, pelo sorriso satisfeito em seu rosto quando abriu o armário, tirou uma taça de champanhe e me serviu.

— Não. E Enrico foi tudo o que sonhei que seria. Mais, na verdade.

— Ah,é?

— O garoto não só tem um ótimo apetrecho, mas sabe como usar.

— Nunca duvidei disso. Ainda não sei como você é capaz de medir o equipamento de um cara a 200 metros de distância.

— Bem, você pode calcular pelos antebraços. E pela atitude. Um cara com um pinto grande sempre tem aquela aspereza adicional. Além disso, não doeu que ele só tenha 22, pelo menos em termos de pura energia. Nas últimas 24 horas, transei não menos que cinco vezes. Três na noite passada. Duas esta manhã.

— Um brinde à juventude — disse eu, tilintando a taça na dela.

— À juventude — repetiu Jade, com uma expressão sonhadora na face ao beber.

— E por onde anda o nosso exímio garanhão esta noite? Ele vai com a gente?

Ela engoliu o resto do champanhe.

— Por favor. Levei a tarde inteira para me livrar dele.

— Se livrar dele?

—É, contei que tinha planos para hoje à noite e ele ficou todo possessivo outra vez. Até mais, agora que fizemos sexo. Na verdade, tive que apelar e mentir para ele. Falei que você e eu íamos sair para um jantar e um cineminha. Proibido para meninos.

Conte com Jade para ficar irritada com um cara que na realidade quer ficar com ela o tempo todo.

— Suponho que é melhor do que a rotina habitual. O sujeito dorme com a garota. A garota espera ao telefone. O sujeito se evapora em pleno ar.

— Ah, ele não vai a lugar nenhum depois da noite passada, é claro.

— Então aproveite, Jade.

Ela me olhou engraçado.

— Ah, espero. Não me entenda mal. Não estou prestes a fugir de um cara que está pronto, apto e disposto. — Revirou os olhos. — Especialmente agora que sei a peça rara que eles são.

— Bom.

— Não fique toda melosa para cima de mim, Em. Não procuro o que você procura. Não quero uma relação. Se quisesse, por que namoraria um sujeito de 22 anos? — Colocou a taça vazia na pia, e com uma espiada no relógio art déco da parede perto da geladeira, anunciou: — Vou só apanhar os sapatos, a bolsa. Depois chispamos daqui.

Observei Jade enquanto ela seguia para o quarto em seu vestido Calvin Klein, com certeza à cata de um par igualmente caro de sapatos, e me perguntei como ela conseguia manter-se tão alheia às patologias mentais causadas pelos homens. E enquanto passei os olhos pelo apartamento espaçoso — com as paredes recobertas com as deslumbrantes fotografias em preto-e-branco de uma colega que ela admirava, as pinturas que coletou durante anos de saracoteio pelas galerias e a mobília retro de bom gosto — compreendi que era porque provavelmente Jade não precisava de um relacionamento. Por que precisaria, com o armário abarrotado de roupas arrasadoras e dinheiro suficiente para satisfazer seu gosto por móveis antigos e dispendiosas e

sofisticadas refeições em todos os novos e mais badalados restaurantes?

Logo que desceu pelo corredor agora num par de sandálias Dolce & Gabbana, com as madeixas vermelhas numa perfeita espiral em torno das feições graciosas porém exóticas, concluí que talvez fosse minha penúria particular que estivesse me levando à busca imediata da alma gêmea número 2. Talvez se tivesse um loft no Soho, um armário cheio de roupas da moda e uma renda pessoal que permitisse grandes compras de móveis em caráter bienal, eu não daria à maioria dos homens uma segunda olhada.

— Pronta? — perguntou Jade, esfregando os lábios um no outro para acertar o batom.

Tão pronta como sempre estarei, pensei, ao me dirigir ao elevador e me atirar a um mundo para o qual eu não tinha o apartamento nem a renda para pertencer de verdade. Mas e daí? Eu estava vivendo a vida de Jade esta noite. Eu era uma mulher no comando.

**Confissão: Minha encarnação anterior como Namorada me tornou inadequada ao circuito de clubes noturnos.**

Após uma curta corrida no táxi que Jade insistiu que tomássemos, a despeito do meu protesto por estarmos à distância de uma caminhada, chegamos na Envy. A partir do momento em que passamos pela segurança corpulento de sorriso simpático e entramos no salão mal iluminado, pulsando com a música e as conversas quase inaudíveis entre mulheres sumariamente vestidas e homens musculosos, percebi que só havia um meio de sobreviver a esse tipo de cenário.

— Vamos pegar uma bebida — sugeri a Jade, que já avistara um homem alto e incrivelmente arrebatador, que pelo jeito já conhecia e pretendia abordar antes que eu estivesse calibrada o suficiente para ser sua encantadora acompanhante.

— Lógico — concordou, esquecendo o gostosão por hora e me seguindo até o bar comprido repleto com uma nova multidão de

mulheres magras o bastante para botar tudo de fora e os homens que as amavam.

Quando finalmente conseguimos nos esgueirar através das hordas até um ponto no bar amplo o suficiente para acomodar nós duas, saquei uma nota de 20 e comecei a acená-la, sabendo que era o único meio capaz de arrancar a atendente lourinha de blusa justa da matilha de homens aduladores no extremo oposto do bar.

— O que posso lhe servir? — perguntou, quando enfim me enxergou pelo canto do olho e se aproximou.

— Tequila linda? — perguntei a Jade, citando a mistura de Cuervo, soda e suco de lima Rose que ela mesma havia inventado durante sua breve carreira de atendente de bar na época da faculdade.

Ela concordou com a cabeça, os olhos perscrutando a multidão atrás de rostos familiares ou de novas perspectivas quentes, eu não poderia dizer qual dos dois.

Pedi os drinques, e assim que foram devidamente servidos e pagos, dei um gole demorado, tranquilizante.

— Você esqueceu de brindar — falou Jade, apenas levando o copo aos lábios enquanto espreitava minha bebida, que já estava a um terço de acabar.

— Oh — disse eu, momentaneamente envergonhada. Contudo, percebi que Jade já esquecera minha transgressão e avaliava um espetacular espécime vestido nas calças de couro mais apertadas que já vi.

Voltando a atenção para mim, ela ergueu o copo.

— Aos homens bem-aventurados — disse, usando o termo que ambas aprendemos com vovó Zizi, que sentia uma compulsão por nos informar sobre os tópicos mais sutis para selecionar um companheiro quando nós duas completamos 16 anos.

— Amém — respondi e bebi de novo, o álcool fluindo através do meu corpo como coragem recém-descoberta.



E graças a Deus pela coragem, porque antes que me desse conta, o homem mais incrivelmente lindo se plantou na nossa frente. Fiquei muda por um instante até que ele abrisse os braços em volta de Jade e a envolvesse num abraço, com direito a beijos nas duas faces.

— Como vai você, querida? — escutei-o gritar por sobre a música que pulsava ao nosso redor.

Com algo semelhante a alívio por estar momentaneamente a salvo de ser escrutinada por um paquera em potencial, percebi que ele era gay. Não consegui me lembrar de um hétero, no meu histórico de paqueras, que chamaria uma garota de querida naquela espécie oscilante de cadência.

— Esta é minha melhor amiga, Emma — explicou Jade, assim que o seu conhecido terminou de tagarelar sobre como ela estava esplêndida. — Emma, este é Davis. Ele e eu trabalhávamos juntos com frequência quando eu fazia produções para a Vogue. Davis foi o homem por trás da paleta de maquiagem no primeiro layout que fiz para eles. Mas agora ele progrediu para coisas maiores e melhores.

— Ah, pare. Você está me fazendo corar — disse Davis, e me flagrei surpresa, como sempre, pelo quanto esse tipo de comentário, saído da boca de um homem de outro modo arrebatador, podia fazer com que de repente ele parecesse tão desinteressante, ao menos no sentido sexual. Quero dizer que, de fato, não se pode chamar um homem que é alto, tem ombros largos e é tão bonito quanto a Cindy Crawford exatamente de desinteressante.

— Não disse nada que não seja verdade — redarguiu Jade. Então, virando-se para mim outra vez, continuou: — Davis fez maquiagens para a televisão atualmente. Você está olhando para o homem responsável por fazer Heather Locklear parecer tão gostosa em Melrose Place.

— Por favor — protestou Davis com um revirar de olhos —, Heather não precisa de mim para parecer gostosa. Ela é fabulosa.

— E qual é o segredo para fazer uma mulher parecer gostosa? — indaguei, decidindo obter dicas de beleza direto do mestre.

— Tudo é uma questão de lábios, querida — respondeu Davis. — Os lábios são tudo. — Em seguida soltou uma sonora gargalhada, os dentes refulgindo sob as luzes que espocavam na nossa direção, vindas da pista de dança. Quando se recobrou do surto de hilaridade, ele me olhou com renovado interesse — E o que é que você faz, Emma?

Ah, a hora da verdade. Aquela previsível pergunta com a qual sempre se pode contar quando se está cercado de pessoas mais ricas e bem-sucedidas que você. Quando comecei a balbulciar o costumeiro discurso sou-uma-editora-da-Top-Noivas-sim-aquela-Top-Noivas-não-é-um-arraso?, Jade me cortou:

— Emma é escritora. E uma das boas. — Então ela tilintou o copo no meu com uma piscadela. — Vamos beber a isso.

Engoli o resto do drinque enquanto Davis vibrava sobre o quanto adorava escritores, como certa vez namorou um e como até hoje ainda vivia com medo de que o ex escrevesse sobre sua vida sexual logo que se tornasse famoso. Em seguida Davis avistou outra pessoa que conhecia, e com mais um beijo em Jade e até um abraço em mim, ele afastou-se, bradando pródigos elogios a um belo homem negro que o aguardava de braços abertos para o esperado abraço.

— Parece que já está pronta para outro — comentou Jade, espiando meu copo e me arrastando para reabastecer no bar.

Várias horas e uns poucos drinques mais tarde, eu nem sequer precisava de Jade para me apresentar como a amiga escritora às inúmeras pessoas que conheci à medida que nos misturamos, dançamos e nos espreguiçamos nos longos sofás que se alinhavam numa sala banhada em luz escarlate, nos fundos. Já havia adotado a personagem eu mesma — exceto que, com três drinques na cabeça, parecia mais uma vocação genuína do que apenas papo de festa. Até me surpreendi flertando audaciosamente com um modelo de vinte e poucos anos chamado Cliff, com os olhos azuis mais admiráveis que jamais vi. E até o teria convencido a ir para casa comigo, o que, no meu vertiginoso estado de embriaguez, revelou-se uma perspectiva agradável, caso eu não tivesse — durante uma súbita inundação de nervosismo quando suspeitei que a atenção dele começava a decrescer

— deixado o meu drinque cair no chão, fazendo com que toda a bebida entornasse nos mocassins Armani dele.

Após Cliff pedir licença para ir ao banheiro com um semblante que denunciava completo desagrado pelo meu total descaso com o seu sapato, cheguei à sóbria conclusão de que não havia nenhuma chance no mundo de me enrabichar por alguém num cenário como aquele. Procurei por Jade, que rodopiava furiosamente na pista de dança com um Davis ainda mais exuberante.

— Vou dar o fora — berrei, tocando-lhe o braço para ganhar sua atenção. De início, ela se mostrou surpresa, depois resignada.

— Certo, certo. Vou embora cedo também. Só mais uma dança? — suplicou.

Fiquei impotente para resistir ao pedido que vi nos olhos dela para não ser deixada sozinha na boate com Davis, que como ela mencionara mais cedo, era notório por seduzir o acompanhante da ocasião encenando uma festa dançante noite adentro.

— Estarei nos sofás — falei, apontando para os fundos do bar. Diante de sua aquiescência, parti, afundando graciosamente no primeiro divã disponível que encontrei.

Quando reduzi o casal que se agarrava no sofá do lado oposto do salão à categoria de tipos desesperados e pegajosos, que buscam qualquer afeto que possam encontrar, me tornei ansiosamente consciente do homem alto e de cabelos escuros, parado na entrada do salão, revelando-se deliciosamente charmoso, do jeito incomum que eu adorava.

Lutei para não encarar. Na verdade, lutei com tanto afinco para fingir que estava completamente indiferente à sua confiante e esbelta presença, que temi estar enviando vibrações negativas. Sente-se, sente-se, desejei silenciosamente, desesperada de receio de olhar na sua direção com medo de que ele conseguisse ver a expressão positivamente carente dos meus olhos.

Ou ele escutou minha súplica muda, ou meu divã tinha uma localização conveniente — em todo caso, por milagre, alguma coisa

fazia meu novo homem dos sonhos se sentar.

Reclinei mais para o fundo do assento, esforçando-me para fazer o tipo de beleza lânguida e impassível, que deixa os homens loucos de desejo. E enquanto me desdobrava para concatenar uma introdução para uma conversa neutra, ele falou de repente.

— Está tão entediada com esta cena quanto eu? Algo similar a alívio se liberou dentro de mim. Mas só durou um momento. Pois quando me virei para olhar para ele percebi que tinha uma aparência ainda mais incrível do que havia notado antes. E usava óculos! Como pude não notar os óculos?

— Totalmente — afinal consegui responder.

— Apenas não é a minha praia. Essa história de boate.

Estávamos sintonizados na mesma frequência de onda. Depois de dois anos de fim de semana após fim de semana comigo? Derrick e uma fita de vídeo selecionada com atenção na locadora da vizinhança, desenvolvi repulsa pelo tipo de romance que requer uma noite passada com um bando de estranhos suados num salão mal iluminado.

— Sim... bem... é a minha primeira vez aqui. E provavelmente a última — respondi, revirando os olhos e torcendo para demonstrar o quão pronta, apta e disposta eu estava a abandonar esta vida glamourosa por algo mais pacato e significativo. Ele fazia o tipo filósofo. Pude notar pela camisa sem colarinho que vestia, que lhe dava um aspecto meio acadêmico.

— Max Van Gelder — disse, estendendo a mão que toquei apenas de leve, esperando que ele não reparasse na camada de suor na minha palma.

— Emma Carter — falei com um sorriso.

— Emma. Emma. Que nome bom e vigoroso. Como se você houvesse saído de um romance inglês.

Então, era um tipo literato, pensei, com o coração batendo mais rápido.

—Sim, meio como Clarissa depois que Lovelace acabou com ela — zombei, antes de perceber que parecia terrivelmente como a ex-namorada amarga e recém-abandonada que era. Afinal, Clarissa bem que morreu depois que Lovelace a deixou se me lembrava direito do romance.

Entretanto, ele apenas riu, e gostei daquele som encorpado. Forte. Confiante.

— Epa — disse ele —, deixe-me adivinhar. Você também é escritora.

Também?

— Sim — desabafei, desamparada —, corno sabe?

— Porque só alguém devotada à palavra poderia se dar ao trabalho de ler o resto de Clarissa depois que Lovelace "acaba com ela", como você colocou.

Devotada à palavra. Gostei. Acreditei. Droga, queria acreditar em qualquer coisa enquanto estivesse sentada tão próxima do homem mais celestial que encontrei em longa data.

— Então, você escreve para a... Mastro? — perguntei.

— Deus, não. Só vim a esta festa porque um amigo me arrastou. Faço freelances basicamente. De fato, no momento estou trabalhando num artigo sobre o sublime e as transformações da Times Square para a The New Yorker.

Oh, Deus. Era muita areia para o meu caminhãozinho.

— Parece incrível. Uau, a The New Yorker.

— Sim, bem... — então, ele sorriu o mais exageradamente modesto dos sorrisos —... tenho que fazer alguma coisa para pagar as contas enquanto trabalho no meu romance. E o que você escreve? — indagou.

Romance. Ele escrevia um romance. Meu próprio sonho inatingível valsou diante de mim, embaçando meus olhos e travando minha garganta.

— Um romance? — repeti, ignorando a pergunta quanto ao que eu escrevia. Melhor deixar a Top Noivas fora disso até que ele se tornasse

irremediavelmente obcecado pelo meu charme e perspicácia.

— É o segundo, na verdade — afirmou, com outro daqueles sorrisos nos quais comecei a me viciar. — O primeiro está escondido debaixo da cama.

— Melhor do que se ainda estivesse escondido nas células cerebrais — retruquei, ganhando outra daquelas grandes risadas.

— Bem, meu agente disse que esse tem potencial — prosseguiu Max.

Ele até tinha um agente. De repente, senti o coração balançar entre a esperança e o total desespero, enquanto minha mente saltava desse encontro fortuito para o dia em que ele vendia aquele segundo romance e partia numa excursão promocional do livro e para uma vida melhor sem mim, como autor de best-seller do The New York Times. E quando eu estava prestes a fazer uma piada autodepreciativa sobre como minha mais recente conquista literária foi comprar um computador novo para surfar na Internet, Jade surgiu de repente, com o rosto vermelho e, para meu espanto, ansiosa.

— Vamos embora — disse ela, e, então, notando que acabara de interromper o que parecia um momento muito aconchegante entre mim e minha próxima decepção, se retratou. — Ou melhor, se estiver pronta, isto é...

— Bem... posso ir se... — comecei, de repente incerta sobre como manobrar o próximo momento crucial do florescente relacionamento com Max Van Gelder.

— Sabe... — falou Jade, como se percebesse que eu estava pronta a estragar tudo —, vou ao banheiro. Me encontre lá fora quando estiver pronta.

— Certo — concordei, aliviada. E quando me virei para Max para apresentá-lo a Jade, ela havia desaparecido.

— Puxa, desculpe por isso — comecei.

— Ei, sem problema. Eu estava mesmo pensando em sair desta animada espelunca.

Sorri, e, então, enquanto tentava maquinar um modo aparentemente-não-desesperado de conseguir seu número de telefone, ele perguntou:

— Talvez possamos concluir esta conversa com uma xícara de café qualquer hora?

— Claro — respondi, surpresa com minha boa estrela.

— Você tem um cartão? — indagou.

— Bem... — Comecei a catar dentro da bolsa, então me dando conta que, mesmo se tivesse um, não ia querer afugentá-lo com ele, já que exibia um bolo de noiva e o lema da Top Noivas: "Fazendo os sonhos nupciais se tornarem realidade há mais de uma década." — Não creio que tenha trazido um comigo.

— Espere um segundo — ele pediu. De pé, dirigiu-se ao bar, me concedendo uma ótima vista de sua bundinha perfeita.

Após uma breve conversa com o barman, que espiou por cima do ombro de Max e piscou para mim, ele voltou e me entregou uma caneta e um guardanapo de coquetel.

Escrevi rapidamente o número do meu telefone de casa e devolvi ambos os itens para Max, esperando que minhas mãos não tremessem porque eu estava vibrando de alegria por dentro.

— Bem, foi ótimo conhecer você, Max.

— Foi ótimo conhecer você também — respondeu, então tomou minha mão na dele e segurou-a bastante tempo para me encher com uma espécie de esperança palpitante. — Vou ligar para você, Emma. — E, com isso, sorriu e soltou minha mão.

Fiquei parada, sorrindo estupidificada para ele por uns poucos instantes antes de atinar que essa era a parte onde eu devia fazer uma retirada furtiva. Finalmente, com um meneio da cabeça e um pequeno aceno, deixei o salão, sentindo os olhos dele queimando em minhas costas e rezando para que a saia não tivesse de algum modo ficado agarrada na calcinha ou que minha bunda não parecesse tão gorda.

Não podia acreditar na minha sorte. Quando cheguei na entrada, onde Jade tragava — meio zangada ao que pareceu — um cigarro, senti como se estivesse em alguma espécie de sonho esquisito.

— Espero que não tenha saído sem o telefone dele — falou

Jade.

— Dei o meu a ele.

— Ah, bem. Aposto que isso deve bastar. Mas, no futuro, não saia entregando seu número de telefone. Sempre pegue o dele.

Temendo que já houvesse estragado tudo, indaguei:

— Por quê? — Porque então cabe a você decidir se vai ou não querer vê-lo de novo. Põe todo o poder em suas mãos.

Droga, pensei, concluindo que, se Max Van Gelder decidisse não ligar, jamais me perdoaria por esse erro fatal.

— Não se preocupe com isso. Vamos apenas dar o fora daqui — ponderou, começando a caminhar, a mão em riste para chamar um táxi que estivesse rodando às duas da manhã.

Notei a rigidez em seus movimentos, e, correndo para alcançá-la, perguntei:

— Está tudo bem?

— Está tudo ótimo — respondeu, sem olhar para mim. Mas nada estava ótimo. Eu podia perceber pela tensão em sua expressão e pelo modo como não me olhava enquanto caminhávamos lado a lado. — Jade...

— Está bem, está bem. Michael apareceu.

— Na Envy?

—É. E trazia essa adorável moreninha pelo braço.— Girou para ficar de frente para o tráfego e começou a andar para trás, esquadrinhando com os olhos a avenida vazia. — Onde diabos estão todos os táxis?

Entrei em choque. Não só porque Michael aparecera na boate — Jade sempre dizia que ele as detestava — mas porque Jade estava



claramente abalada por sua aparição. Depois de dois anos.

— Você está bem? — perguntei.

— Vou ficar ótima. Não se preocupe comigo. Sou imune àquele babaca.

— Jade...

— Ele parecia um bocado à vontade com aquela morena. Talvez ela tenha conseguido descobrir o que deixa aquele pinto duro.

— Jade, se você não pôde, duvido seriamente...

— Eu não ligo. Por que ligaria? Tenho alguém que sabe como tratar uma mulher na cama. Na realidade eu não...

— Ei, Jade, por que não vamos ao restaurante — sugeri interrompendo.— Tomar café da manhã como costumávamos fazer quando saíamos para badalar. — Meu plano era colocá-la sentada e calma em algum lugar para que pudéssemos conversar.

Jade, porém, me contrariou.

— De jeito nenhum — retrucou, quando o táxi enfim encostou no meio-fio. — Sei o que está tentando fazer, Em, e pode simplesmente esquecer. — Enquanto mantinha a porta do táxi aberta e gesticulava para que eu entrasse, prosseguiu:

— Já chorei o bastante por homens babacas na vida, obrigada.

Vou para casa dormir.

Ao rodarmos pelas ruas escuras e vazias, não a provoquei. Aparentemente, ela havia conseguido dominar a angústia quanto a Michael muito bem até agora. Quem era eu para forçá-la a abrir outra vez as feridas, se eu não conseguia sequer encontrar um meio de fechar as minhas próprias? Mas me incomodou que, mesmo após dois anos, o rompimento com Michael ainda lhe causasse dor.

Comecei a recear que talvez houvesse certos homens que você simplesmente nunca esquece.

## OITO

*"Existem razões muito boas para se automedicar."*

— *Dr. Steve Coburn, autor de A família americana: um guia de sobrevivência*

*"Leia este livro!"*

— *Virgínia McGovern, mãe de Emma Carter*

**Confissão: Descubro que a disfunção está apenas a um telefonema de distância.**

Na manhã seguinte, acordei com o ruído de um telefone tocando, reverberando enlouquecido no meu cérebro encharcado de álcool. Atendi, só para fazer parar o ruído.

— Ainda está dormindo? Já são dez e meia. O que há? Era o meu pai, cheio da costumeira indignação moral que o acometia sempre que era forçado a reconhecer que nenhum dos filhos herdou a rígida disciplina de deitar cedo para levantar cedo. Papai era um crente fiel de que o pássaro madrugador era o que apanhava a minhoca. Até durante seus dias mais sombrios de bebedeira, sempre conseguiu pular da cama sozinho, como se despertar antes do alvorecer de certa forma o salvasse de quaisquer danos que a noite de devassidão da véspera tivesse causado.

— É domingo — retruquei, sabendo que os protestos ecoavam em ouvidos moucos. Acomodei o fone confortavelmente no ouvido, aninhada no travesseiro e preparada para o longo puxão de orelhas. Papai não ligava nas manhãs de domingo sem um motivo muito bom.

— Estou de pé desde as cinco e meia — falou. — Não que tenha me feito qualquer bem.

— O que aconteceu? — indaguei, me preparando para qualquer que fosse o desastre que houvesse aprontado a si mesmo.

— Sofri um pequeno acidente ao substituir algumas telhas na casa.

— Você está bem?

— Estou ótimo, ótimo. Nada que dois meses de tipoia não curem.

— O quê?

— Bem, fracturei o ombro direito — finalmente admitiu, parecendo quase envergonhado.

— O quê? — repeti alarmada.

— E o braço direito. Mas não foi grande coisa — minimizou, dispensando a preocupação que deve ter escutado na minha voz.

— O que aconteceu? — perguntei outra vez, aguardando a oportunidade de dar-lhe o sermão bienal sobre como atingira uma fase da vida em que seria melhor que reparos domésticos, especialmente os que exijam que escale a casa, fossem deixados para profissionais. Em todo caso, papai não conseguia se convencer a pagar pelo tipo de reparo para o qual ainda se sentia jovem e bem capacitado para executar sozinho, a despeito de todos os reveses que causava a si próprio.

— Eu estava em cima do telhado, trabalhando, sabe — começou. — Tudo ia bem. Até usei aquela correia de segurança que Shaun comprou quando escalava montanhas. Achei-a jogada num canto da garagem e imaginei que pudesse me impedir de cair do maldito telhado. E então sabe o quê? Num minuto estou trabalhando, no outro estou no chão.

— A correia partiu?

— Só Deus sabe. Estava toda inteira, de acordo com Deirdre. Mas havia algo de errado com o grampo. De fato, liguei para Bernie... — Hoje em dia papai já tratava o advogado pelo primeiro nome. —... para

conversar com ele a respeito, mas o patife mal escutou o que eu tinha a dizer. Tudo que ficou me dizendo é que eu não tinha um caso!

Fiquei imediatamente desconfiada.

— Você bebeu enquanto trabalhava?

— Não, não — resmungou, embora a rapidez da negativa me deixasse ainda mais desconfiada. — Pode acreditar que o filho da mãe não vai aceitar o caso, depois de todo o trabalho que dei a ele?

— Humm... — retruquei, suspeitando que estava prestes a ser envolvida na mais nova encrenca de papai. Quando escutei suas palavras seguintes, soube que estava certa.

— Seja como for, imaginei como aquela amiga sua, Alyssa, tem passado. Ela ainda desperdiça tempo tentando salvar as florestas tropicais com aquele diploma de advogada?

— Alyssa não pode aceitar o seu caso, pai, e eu não... — E quanto ao advogado que ela namora? Onde ele pratica?

— Pai, Richard pratica legislação corporativa. Ele não é um... um... perseguidor de ambulâncias!

— Perseguidor de ambulâncias? Que espécie de coisa é essa para se dizer? Seu velho pai quer alguém que seja bom. Respeitável. Não um perseguidor de ambulância qualquer. Quer dizer, estou ferido aqui. Sinto dor subindo pelo meu braço.

Uma pontada de compaixão me atravessou.

— Estão lhe dando alguma coisa? — Então percebi a pergunta que fizera. Alguém ofereceria analgésicos a um homem que lutou contra o abuso de entorpecentes durante a maior parte da vida? Para mim, era como entregar um revólver carregado a um maníaco suicida.

— E claro que estão me dando alguma coisa — retrucou. — Mas não é o suficiente. Este braço está me matando. E, para completar, agora tenho que procurar um novo advogado. Porque não posso deixar que os desgraçados se safem dessa. Quando a gente usa um produto, espera que ele não falhe com a gente. Em que tipo de mundo vivemos aqui?

Aqueles filhos da mãe vão pagar com as calças desta vez. Não estou brincando...

Após escutar seus impropérios sobre as injustiças do mundo, procurei acalmá-lo, prometendo perguntar a Alyssa e Richard se conheciam alguns bons advogados para esse tipo de caso. Satisfeito, ele fez os habituais questionamentos sobre a minha vida — já ganhei o primeiro milhão e/ou encontrei um marido decente? Sentindo um impulso repentino de sacudi-lo de seu estado desiludido, desabafei:

— Derrick e eu terminamos.

— É sério?— papai retrucou, com uma mistura de surpresa e indulgência na entonação. —Aquele vagabundo finalmente entendeu que não era bom o bastante para você?

Não, pensei acabrunhada. Ele se tornou bom demais para mim.

— Ele se mudou para LA. Arrumou um emprego como consultor de roteiros para um estúdio de lá.

— Hum — retrucou, e pude notar que ficou surpreso por Derrick conseguir se sair tão bem sozinho.— Lamento, querida.

— Sim... — disse, sem saber mais o que falar.

— Sabe, você pode processar — disse ele, afinal.

— O quê?

— Não estou brincando — avisou, aquecendo-se para o assunto. — Li outro dia que uma mulher processou o noivo por abuso emocional quando ele rompeu pouco antes do casamento.

— Não estávamos noivos, pai.

— É verdade — disse, e pude escutar as engrenagens de sua cabeça funcionando. — Ele já lhe deu quaisquer presentes? Cartas de amor que pudessem ser interpretadas como promessas de compromisso?

— Esqueça, pai — redargui, sem querer confessar o fato de que me permiti cair de amores por um homem que logo no primeiro dia disse que não ia se comprometer.

— Bem, se me perguntasse, Emma, acho que é para melhor — papai falou sereno. — Quem sabe, talvez conheça um advogado bacana. Então poderíamos matar dois coelhos com uma cajadada só! — E gargalhou numa tentativa equivocada de me animar, mas tudo que consegui pensar foi a lustrosa cabeça careca de Henry Burke e o quanto seria totalmente incapaz de amar tal homem, apesar dos anseios do meu pai. Elaborei uma resposta imparcial, depois avancei para um terreno mais seguro, como o meu emprego e como fisionomia a promoção. Quando desliguei, já havia conseguido convencer papai de que a minha vida era bem mais animada do que aparentava. Porém, ao contemplar o aparelho, me senti mais vazia do que nunca.

Quando pensei a respeito, concluí que boa parte da insatisfação tinha a ver com estar quase certa de que papai andara bebendo de novo. E não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Compreendi perfeitamente por que Bernie não aceitaria o mais recente caso de papai. Como poderia argumentar que a correia de segurança era defeituosa quando, na verdade, era papai que tinha defeito? E o pior de tudo era que no meu atual estado de ressaca, não estava realmente em posição de julgar. As pessoas fazem o que precisam fazer para aguentar a barra, certo?

Pude ouvir mamãe descrever uns poucos paradigmas psicológicos que podiam se adequar a essa perturbação específica. E, no momento, a maioria deles se aplicava a mim.

Descartando tal ideia já que os verdadeiramente perturbados são os que incorrem no hábito, liguei para Jade, minha cúmplice de libertinagem, para ver se passava bem. Ainda achava que talvez ela precisasse me encontrar para tomar café e conversar sobre toda aquela história de Michael. Mas, quando discava, pressenti que teria que pisar em ovos, porque, quando se tratava de Michael, Jade ora tendia a fechar-se ora a tornar-se defensiva.

Caí na secretária e imaginei se ela estava se escondendo.

— Jade, você está aí? — fiz uma pausa para dar-lhe a chance de atender. — Certo. Bem, não posso afirmar que não estou com inveja da sua capacidade de sair da cama tão cedo após nossa intrépida noitada

de ontem. Minha cabeça está me matando. — Fiz outra pausa, imaginando uma vez mais se ela estava lá e apenas não queria conversar. — De qualquer maneira, só liguei para ver se talvez você quisesse sair para tomar café da manhã e conversar sobre a noite passada. Não que eu ache que você precisa conversar sobre a noite passada — acrescentei rápido. — Tudo bem. Bom, ligue quando tiver chance.

Desliguei e sentei, me perguntando por onde ela devia andar. Depois disquei para Alyssa, pensando que tanto podia ver como ela passava quanto retirar o pedido do meu pai do caminho.

Richard atendeu o telefone.

— Ei, Em, como vai?

— Bem, bem, como você anda? — retruquei. A imagem de Henry Burke surgiu diante de mim, e de súbito me senti encabulada. Como se Richard tivesse me oferecido um Mercedes Benz que só carecia de um polimento e educadamente eu houvesse recusado.

— Ótimo, ótimo. Ouvi falar que meu amigo Hank e você se divertiram na outra noite.

— Ah, sim. Bem, nós...

— Soube que ele acabou de comprar ingressos para o show do Sting no Madison Square Garden esse fim de semana. Você vai com ele?

— É mesmo? — Talvez existisse uma razão para retornar a ligação do bom e velho Hank, pensei, e em seguida fiquei imediatamente horrorizada ao descobrir que corria o risco de me tornar uma dessas garotas que fazem de tudo por uma refeição grátis, um show grátis, qualquer coisa grátis.

— Sim. Acho que ele mencionou assentos de pista.

— Não brinca — falei, imaginando se eu não era uma daquelas garotas que fariam qualquer negócio por um passeio grátis.

— Hank é o cara. Tem conexões em todos os lugares. Você nunca terá que se preocupar com nada quando estiver com ele.

Exceto calçados. Pode uma mulher realmente se comprometer com os saltos baixos para o resto da vida?

— Ele me pareceu um sujeito bastante agradável. Quer dizer, foi muito meigo.

Richard ficou mudo por um instante.

— Ah, entendo. Você não ficou a fim dele.

Aliviada por não ter que viver uma outra mentira, mesmo em nome dos assentos de pista para o Sting, retruquei:

— Não, acho que não. Ele ligou... mas não retornei — confessei, culpada.

— Ei, isso não é nada demais. Valeu a tentativa, certo? Esses encontros às cegas são complicados, sabe?

Ele era tão sensato, tão bem-humorado, pensei. Era melhor que Alyssa não partisse seu coração.

— É, acho que tem razão. Mas me sinto mal porque ele era um cara legal e não quero magoar seus sentimentos. Talvez eu devesse ligar de volta... ou coisa assim.

Richard riu.

— Você está de gozação? Não se preocupe com Hank. Provavelmente ele já arrumou outra pessoa. De fato, saí com ele para uma happy hour na noite passada, e o vi conversar com uma loura bonita. Acho que até deve ter conseguido o número do telefone dela.

O cretino.

— Ah, bem. Isso é... bom, acho.

— Ah, é. Não se preocupe com Hank. Se quiser, da próxima vez que o vir, darei cobertura para você. Digo que deixou o país ou algo do gênero. — Então gargalhou. — Hank vai superar. Isto é, o cara nunca fica sem mulher.

De repente, Hank, com o luzidio disfarce da careca e habilidade em conversas maçantes, tornou-se incrivelmente atraente na minha imaginação. Dispersei rápido a sensação. O que eu era, doida? Em que



tipo de mundo vivemos aqui, onde homens baixinhos e calvos tinham encontros marcados de ponta a ponta e belas mulheres solteiras como Jade — e, sim, até arriscaria a incluir a mim mesma nessa categoria — mal conseguiam achar alguém com quem se prender tempo suficiente para uma transa insignificante? Ah, correto. Nova York. Onde as mulheres são abundantes e os homens... lamentáveis.

— Bem, fico feliz que o pobre Henry não sofrerá por minha causa — falei.

Ele deu uma risada.

— Sinto saudades do seu sarcasmo, Emma. Quando vem jantar aqui de novo?

Logo que você e Alyssa estiverem seguramente casados e não tiver que me sentir culpada ao olhar para você, pensei.

— Logo, logo. Ei, ouça, andei pensando se não poderia recomendar um advogado para o meu pai litigioso.

— Oh-oh. O que ele aprontou agora? — Richard era bem versado nos processos de papai, já que passamos mais de uma noite analisando a pura audácia de muitos deles.

— Caiu do telhado. — Então, acrescentei:— Estava usando uma daquelas tralhas de segurança de alpinismo e pelo jeito o grampo não funcionou devidamente. — Não mencionei a suspeita de que ele devia ter andado bebendo. Sempre hesitei quando se tratava de revelar minha infância conturbada, em especial para homens como Richard, que cresceu em Westchester, num lar perfeito, com pais perfeitamente agradáveis, um, médico, e o outro, advogado. Os pais até tinham um cachorro golden retriever chamado Skip, para tudo isso dar vontade de chorar.

— Seu pai está bem? — perguntava Richard agora. Depende do que você chama de bem, pensei, mas em voz alta falei:

— Bom, fraturou o ombro e o braço direitos.

— Ai — falou Richard.

— É, não foi brincadeira.

— Bem, deixe-me pensar a respeito. Ver se consigo encontrar um bom advogado para ele. Parece que talvez tenha um caso, quem sabe?

Tão doce, assim era Richard. Muito, muito doce. Maldita Alyssa e seus hormônios em fúria.

— Obrigada, Richard. Então, Alyssa está por aí?

— Não. Foi ao veterinário. Oh, Deus.

— Num domingo?

— E, bem, você sabe que Lulu passou por aqueles exames ontem, e Alyssa andava realmente preocupada. Não queria ter que aguardar o fim de semana inteiro pelos resultados. Então o médico se ofereceu para encontrá-la hoje e conversar sobre os resultados. Que sujeito legal, hein?

Maravilha de sujeito.

— E sim.

— Me ofereci para ir junto, mas Alyssa não topou. Parece que ela acha que deve cuidar dessa coisa toda com Lulu sozinha. — Suspirou. — Aposto que deve ser duro para ela. Ela tem aquele cachorro desde criança.

E. — Meu coração deu um triste mergulho até os tornozelos ao escutar a apreensão na voz de Richard.

— Apenas torço pelo melhor — disse ele. Depois deu uma risada melancólica. — Sabe, eu costumava implicar com Alyssa por causa desse seu apego com aquela bolinha de pelos caduca. Devo admitir, entretanto, que eu mesmo me tornei muito apegado à velha garota.

— Você não vai perder Alyssa — afirmei, com a voz cheia de determinação.

— Alyssa? — gargalhou. — Eu estava falando de Lulu. Idiota!

— Claro. Foi o que eu quis dizer. Lulu. — Mordi o lábio inferior. Com força.— Seja como for, não se preocupe com nada, Richard. Você e Alyssa vão superar essa história. Com Lulu. Tudo vai simplesmente acabar bem.

E quando desliguei o telefone uns poucos minutos mais tarde, me perguntei o quão bem tudo na verdade acabaria.

**Confissão: Eu me tornei a outra.**

Consegui chegar até a noite de segunda-feira sem ceder ao impulso de ligar para Derrick, o que foi muito bom, considerando que Jade estava desaparecida desde sábado e indisponível para me dissuadir. Fiquei preocupada com o que teria acontecido com ela, até que liguei para a Tendências na segunda e descobri que ela, de fato, havia batido o ponto às dez horas daquela manhã, antes de partir para uma sessão de fotos. Eu devia ligar para Alyssa de novo, mas não conseguia suportar a ideia de saber que Richard podia estar em casa e corria o risco de por acaso me escutar esculachando com ela. Já que hoje ela passaria o dia inteiro no tribunal, eu precisaria esperar antes de ter a chance de lhe dizer o quanto julgava que ela era inexplicavelmente cruel por fazer o que estava fazendo com Richard.

Entretanto, enquanto a noite de segunda ia passando, me senti autorizada a ligar para Derrick. Afinal, agora já fazia mais de uma semana desde que nos falamos pela última vez. E daí se ele não ligara de novo, ansioso para conversar comigo, após aquela declaração inicial do quanto sentia minha falta? Ele tinha me dado o telefone dele, certo? Talvez esperasse que eu ligasse para ele. E porque eu era o tipo que jamais deixa ninguém sofrer tão imensamente por minha causa, esperei até depois da meia-noite, matando o tempo rabiscando ideias capengas para aquela maldita pauta sobre a noiva madura para Patrícia; depois, com cuidado, disquei o número de telefone dele, o qual, admito, já havia memorizado por contemplá-lo com muita frequência.

Depois do primeiro toque, percebi que tinha feito a coisa certa.

No segundo toque, a ansiedade me invadiu.

Ao terceiro toque, comecei a tramar o próximo passo. Deixo um recado se ele não estiver em casa? Isso colocaria a bola no campo dele. Uma ideia nada boa no meu atual estado de espírito.

Após o quarto toque, me perguntei se ele já havia arranjado uma secretária eletrônica. Caso não houvesse, não ia fazer a menor ideia de que eu havia ligado. Diabos, eu podia deixar tocando a noite inteira, a menos, é claro, que ele tivesse um identificador de chamadas. Infelizmente, eu não tinha nenhum meio de descobrir isso.

De repente, uma voz ofegante e — que Deus me ajude — feminina ecoou através da linha.

— Alô?

— Eu, hã... acho que disquei o número errado.

— Quem você está procurando?

— Derrick Holt?

— Não, você tem o número certo — chilreou, petulante.

— Ele não está aqui agora, posso anotar o recado? Fiquei tão arrebatada por essa mulher — quem quer que ela fosse — que não pensei sobre o próximo melhor passo. Respondi estupidamente:

— Apenas diga que Emma ligou.

— Emma? Ele tem seu número?

Sim, querida. Marcado a ferro e fogo no cérebro.

— Sim, tem.

— Obrigada — retruquei, débil, com a cabeça girando. — Tenha uma boa noite — falou com simpatia, e desligou. Quem era ela, droga? Minha mente imediatamente divagou em meio às possibilidades até me decidir pela que magoava menos. A companheira de quarto. O alívio me inundou. Ela tinha que ser a companheira de quarto. Não havia como Derrick ficar bem à vontade com uma nova namorada rápido assim de jeito nenhum, certo? Não o bastante para que ela ganhasse o privilégio das chaves. Diabos, não ganhei um molho de chaves de Derrick até estarmos namorando seis meses seguidos. E mesmo assim precisei exigir.

A companheira de quarto. Certo. Eu podia viver com isso.

Então, um novo horror me invadiu. Richard e Alyssa praticamente tinham sido companheiros de quarto uma vez.

Liguei para Jade, sabendo que ela era a única que podia me demover da terrível virada que meus pensamentos sofreram. Ao som da mensagem, comecei a entrar em pânico.

— Onde diabos você anda} — gritei ao ruído do bipe.

— Emma? — surgiu a voz grogue de Jade quando ela atendeu.

— Oh, Deus, desculpe, Jade — falei, me sentindo culpada de imediato.— Estava dormindo ? — espiei o relógio. Era meia-noite, afinal, embora soubesse que Jade ficava acordada até bem tarde na maioria das vezes.

— Sem problema — ela disse.

— Está tudo bem com você?

— Sim, ótimo. Só cansada. — Então gargalhou, um som encorpado e satisfeito.— Estive numa maratona de sexo desde sábado à noite.

— Sábado à noite?

— É, depois que você saiu do táxi, decidi que não havia motivo por que eu devesse ficar sozinha. Rumei direto para o apartamento de Enrico. Não entrei em casa até umas poucas horas atrás.

— Você ficou com ele esse tempo todo?

— Bem, exceto pelo breve intervalo de hoje quando saí para uma sessão de fotos. Do contrário, estaria muito bem na horizontal. — Deu uma gargalhada gutural. — E na vertical. Já mencionei que meu pequeno Enrico era um atleta lá na Itália? Hummmm — ronronou.

Aparentemente, Jade conseguira exorcizar os pensamentos a respeito de Michael do único modo que conhecia. Com muito sexo selvagem.

— Você deve estar acabada. Vou deixá-la se safar.

— Está tudo bem?

— Derrick arrumou companhia — desabafei, com a lembrança da vizinha alegre da mulher me enchendo de uma angústia recém-

descoberta.

— E daí? Você sabia disso, não é?

— Uma companheira de quarto.

— Oh.

— Agora tudo em que consigo pensar é nele voltando para casa para estar com ela a noite toda. Nos dois partilhando jantares. Vídeos. Quando menos se esperar, vai ser mais namorada que companheira!

— Emma...

— Sei o que vai dizer, Jade. Que devia esquecê-lo. Afinal, ele não é mais meu namorado. Não está na minha vida. Tem o absoluto direito de partir para outra.

— Ele não partiu para outra, Emma. Ele só arranjou uma companheira de quarto.

— Sim, mas é bem fácil se apaixonar pelo companheiro de quarto. Veja Richard. Ele se apaixonou por Alyssa quando ela passava tempo demais no apartamento dele.

— Precisa tirar isso da cabeça. Você não vai a lugar nenhum com...

— Não posso tirar isso da cabeça. De fato, é tudo no que fui capaz de pensar desde que desliguei o maldito telefone. Tudo o que consigo ver é Derrick conversando com a companheira de quarto, rindo com a companheira de quarto, descrevendo tudo sobre o dia dele para a companheira de quarto. A ideia para o próximo roteiro. As esperanças e sonhos. — Suspirei. — E serei apenas aquela garota que ele conheceu na Costa Leste. Não posso suportar a ideia de... de... me tornar uma anedota. Uma parte do seu passado. — Minha voz falhou. — Ainda o amo, Jade.

Ela suspirou, e foi um dos sons mais tristes que já ouvi de Jade.

— Eu sei, meu bem. — Então, calou-se, e percebi que aquele hiato de silêncio estava pleno de compreensão. Ela sabia o que eu passava. Diabos, sofria do mesmo mal.

— Você precisa de outro cara — disse ela afinal, com a voz cheia de determinação —, alguém que tire Derrick da sua cabeça. O que

aconteceu com o cara que conheceu sábado?

— Nem sombra dele ainda. — Um abismo se formou no meu estômago. Talvez eu simplesmente não fosse a espécie de mulher pela qual os homens padecem, perseguem, cortejam. Pelo jeito, era do tipo que afastava os homens. Leia-se: direto para o extremo oposto do país.

— Bem, é cedo demais em todo caso — ponderou Jade. — Ele não me pareceu nenhum panaca desesperado. Enquanto isso, deixe-me checar se Enrico tem algum amigo.

— Não, eu não quero...

— Emma, sexo é o Prozac da garota solteira. Confie em mim.

— Esqueça, Jade. Vou conseguir — respondi, depois me dei conta de que os armários no momento estavam pelados de qualquer coisa semelhante a comida de desespero.

Santo Deus, como eu sobreviveria a isso?

De repente meu olho se abateu sobre uma garrafa empoeirada de Baileys Irish Cream, presente que ganhara no Natal passado e ainda não abrira.

Oh, Deus.

— Você acha que sou uma alcoólatra? — indaguei, espreitando a garrafa com pavor.

— Opa. De onde saiu essa? — perguntou Jade.

— Bebi horrores no sábado. Três ou quatro drinques em algumas horas. E depois vieram aquelas doses que Manny pagou para a gente. Isso não é normal. Eu poderia ter um problema.

— Três ou quatro drinques e umas poucas doses de tequila numa noite de sábado só classificam você para uma ressaca.

— Mas foi quase como se precisasse beber para... funcionar.

— Dá um tempo, Emma. Você não é alcoólatra. Sei que pensa que apenas porque o seu pai teve um problema...

— Tem. Papai tem um problema, Jade — cortei. Então, com um suspiro exasperado, confessei tudo. — Ele caiu do telhado de casa na

semana passada. Não comentou nada, mas suspeito que andou bebendo de novo.

— Ah, que merda. Ele está bem?

— Fora o ombro e o braço quebrados, está ótimo. Tanto quanto sempre estará ótimo, sei lá. Todo preparado para processar e pôr toda a culpa em outra pessoa.

Ela ficou quieta novamente, e durante esse silêncio imaginei que estivesse juntando as peças — minha necessidade de álcool para dar continuidade a uma conversa numa festa, a necessidade de álcool do meu pai antes de subir no telhado da casa.

— Veja Emma, sinto muito pelo que aconteceu com seu pai. Sinto realmente. Mas tudo o que você está fazendo é usar o incidente com o seu pai para tirar Derrick da cabeça, quando tenho uma solução muito melhor.

— Sexo? Sexo é a melhor solução?

— É a mais saudável. Boa para o sistema cardiovascular.

E nada má para a autoestima também.

Suspirei ao concluir que não tinha nenhum desejo de transar novamente. A ideia toda de súbito pareceu exaustiva. Não pude sequer imaginar ficar nua com qualquer um a não ser Derrick. Então, me dei conta de que havia uma possibilidade muito forte de que Derrick em breve ficasse nu com outra pessoa.

— Nesse ritmo, não creio que um dia vou transar de novo. E muito menos com algum garoto imigrante de vinte e poucos anos tarado que você possa arrebanhar para mim.

— Tudo bem, mas não sabe o que está perdendo...

Ah, se sabia, pensei. Só que não tinha nada a ver com sexo. E tudo a ver com um determinado roteirista que estava no caminho certo para o felizes-para-sempre. Com outro alguém.

**Confissão: Nem sequer gosto mais de mim.**



No dia seguinte, no trabalho, lutei para me concentrar no pesadelo de projeto com o qual empaquei só por causa do meu comentário falastrão na reunião editorial da semana passada. Que diabos eu sabia acerca da noiva madura de primeira viagem? Saco, seria sortuda se ao menos conseguisse chegar àquela categoria, pelo ritmo que eu ia. Talvez devesse trabalhar na edição de Noivas Maduras. Aquela era mais a minha velocidade. Com um suspiro, tentei visualizar Patrícia, que casou bem aos 30, mostrando-se acanhada enquanto o futuro marido se ajoelha. Porém tudo o que minha mente conjurou foi a visão de duas pessoas sentadas em extremidades opostas de uma mesa de negociação, cada uma delas armada de advogados que negociam cautelosamente os termos do que conceder ou não conceder à pessoa com quem pretendem partilhar a vida. Quem poderia me culpar? Afinal, era de conhecimento geral no escritório que a própria Patrícia havia estipulado um acordo pré-nupcial polpudo à beca. E o boato era de que o futuro noivo a presenteara com um contrato tão gordo quanto. O romance daquilo tudo estava quase além do suportável.

Suspirei e olhei o relógio. Já eram duas horas, e eu havia gasto metade do dia nesta pauta, deixando que todas as outras responsabilidades se empilhassem e minha vida se tornasse ainda mais miseravelmente atribulada. Patrícia queria ver alguma coisa a respeito em menos de uma semana, e eu mal havia juntado duas frases sobre a beleza e a maravilha de ser uma noiva de primeira viagem beirando os 40. "Onde estava a magia?", perguntei a mim mesma.

Deixando as notas rabiscadas de lado, apanhei o telefone e disquei, sem nem mesmo questionar o que fazia. Afinal, ele provavelmente estava em casa, pelo horário irregular que mantinha agora que vivia a vida de meus sonhos como escritor. Provavelmente em casa e só ignorando o fato de que liguei para ele há mais de 12 horas e deixei recado.

— Alô?

— Derrick — falei, com os nervos cantarolando de alívio ao som daquela voz que conhecia melhor do que a minha própria.

— Ei, Emma, o que há? — respondeu, com um sorriso na voz.

Ele ficou contente ao me ouvir! Contudo, depois surgiu a suspeita.

— Tentei achar você ontem à noite. Deixei um recado, na verdade. Com uma... uma mulher que atendeu.

— Ah, Carrie não me disse que você ligou. Piranha.

— Carrie?

— Minha companheira de quarto. Ela é um pouco... avoada às vezes.

Sorri por dentro. Definitivamente, não era o tipo de Derrick. De uma coisa eu podia estar certa — ele nunca correu atrás das avoadas.

— Ah, é? Bem, imagino o que se pode esperar de um companheiro de quarto. Afinal, não é o caso de se importarem se você recebe ou não os recados telefônicos. Ou saber como você passou o dia.

— Que nada, Caroline é ótima. De fato, é excelente cozinheira. E como ela pesa uns 41 quilos e cozinha como se fosse alimentar um exército, eu colho os benefícios. Ela deixa tantas sobras que pode ser que jamais tenha que cozinhar para mim mesmo outra vez.

Oh, Deus, ele era um moribundo.

— Então... o que achou dessa... companheira de quarto? Carrie? — indaguei com a garganta travada.

— Na verdade, alguém do estúdio a colocou no meu caminho, sabendo que eu procurava apartamento e que ela procurava um companheiro de quarto. É uma atriz. Você até deve tê-la visto na tevê. Ela faz um monte de trabalhos em comerciais. Na verdade, está numa propaganda de pasta de dentes agora. Close-Up, acho. Sabe aquele em que a garota esbarra no cara no elevador?

— Bem... não. Não creio ter visto. Então, vocês dois já devem estar um tanto íntimos.

— Íntimos? Bem, estamos começando a nos conhecer...

— Parou de supetão. — Emma, o que está rolando?

— Rolando?

— Está com ciúmes, não é? — Então, gargalhou. Realmente gargalhou.

— Não estou!

— Certo, não está. — Riu de novo e mudou de assunto.

— E o que há com você? Já conseguiu a promoção? Baixei os olhos para as revistas espalhadas na mesa, retiradas de cada banca num raio de 500 metros do escritório, todas compradas com a ideia de que me inspirariam a emplacar uma pauta vencedora para a promoção. Mais cedo ou mais tarde.

— Bem... estou trabalhando nela — respondi, enquanto minha mente vasculhava freneticamente à procura de um meio para conduzir a conversa de volta ao odioso assunto da magra, e decerto bonita, atriz companheira de quarto dele. — Então, aposto que deve ser bacana morar com uma mulher dessa vez.

— Sim, é ótimo. Ei, já contei que consegui os polegares para cima no primeiro roteiro que revisei? Um filme de horror maluco, mas eu me diverti.

— Isso é espetacular, Derrick.

— É, bem... não é o mesmo que ouvir que o próprio roteiro vai ser produzido, mas vou aceitar. Ou melhor, pelo menos até ter alguma notícia sobre o que está acontecendo com aquele roteiro que vendi. Mas fiquei feliz por receber um bom retorno.

—Você deve ter comemorado o sucesso, hein?—insinuei.

— Sim... Tomei umas duas cervejas com Carrie quando cheguei em casa.

Meu coração afundou, e de repente me perguntei por que lutei com tanto ardor para voltar a um assunto que não podia me render conforto algum.

— Isso é... legal.

— É. De fato, detesto interromper você, mas estou em cima de um prazo sério. Posso ligar de volta qualquer outra hora?

—... sim — retorqui, ainda mais miserável. — Se quiser.

— É óbvio que quero, Em. Ei, está tudo bem?

— Tudo bem?

— Quero dizer, você me pareceu um pouco... chateada ou algo assim.

— Eu? Não, estou ótima. Simplesmente ótima — respondi. Nada que umas poucas banheiras de Ben & Jerry não curassem. Ou pior, uns poucos drinques. Talvez até alguma transa insignificante.

— Bom, bom. Ouça, conversaremos em breve. Quero terminar antes de Carrie voltar para casa. Ela sempre me distrai tanto que não consigo terminar nada. O que há de se fazer? Companheiros de quarto.

— Certo.— Dei uma risada débil, e após mais umas poucas palavras de despedida e promessas vazias de que "conversaríamos em breve", desliguei, sentindo quase como se tivessem escavado meu peito no ponto onde o coração outrora estivera.

E como se não estivesse me sentindo bastante miserável, momentos mais tarde Rebecca apareceu no meu cubículo. Uma olhada para a minha cara e o seu sorriso brilhante desapareceu.

— O que há de errado? — perguntou, sentando-se na cadeira de visitante, com o rosto condoído.

— Oh, nada — respondi. — Apenas conversava com Derrick. — Então, lembrando que ela não sabia da conjuntura da minha vida, retifiquei: — Bem... sabe como é. Ele agiu como o sujeito típico. Tão ocupado com o trabalho que nem mesmo tem tempo... para... para jantar comigo esta noite. Nada demais.

— Sim, sei como isso é — disse, revirando os olhos. — Na semana passada precisei lembrar Nash de que o meu aniversário estava próximo. Quer dizer, acho que ele teria esquecido inteiramente no ano passado se não o tivesse arrastado para a Bloomingdale's para mostrar o que eu queria. — Com outra revirada de olhos, continuou: — Se não desse a dica, talvez jamais ganhasse o meu Bulova. — Estendeu o braço e exibiu o relógio incrustado de diamantes que sabia que eu cobiçava.

De repente, me surpreendi admirando Rebecca. Ali estava uma mulher que claramente sabia como conseguir o que queria. Eu podia

aprender alguma coisa com ela.

— Mas não creio que Nash tenha esquecido o meu aniversário este ano — prosseguiu. — De fato, quando toquei no assunto, semana passada, ele contou pelo telefone que estava saindo naquela hora para tentar conseguir reservas no Le Colonial.

— Uau, muito galante. Quando vocês vão?

— No sábado, no meu aniversário, é lógico — respondeu com surpresa, como se esperasse que eu lembrasse a data.

Fiquei acachapada diante das palavras seguintes.

— Acho que vai acontecer desta vez.

— Acontecer?

— Bem, Nash vai me pedir, é claro! Quer dizer, por que mais ele me levaria a um dos melhores restaurantes da cidade? Quer dizer, é meu aniversário, mas não é como se fosse o meu 30° ou coisa que o valha.

Notando dolorosamente que ela proferiu "30°" como se fosse um palavrão — Rebecca ainda era uma moçoila beirando-os-vinte-e-nove —, afirmei:

— Bem, suponho que qualquer coisa é possível.

Ela se mostrou desapontada pela minha falta de entusiasmo quanto a seus prognósticos. E, então, como se esperando para se vingar, perguntou:

— E como sua pauta está progredindo? — Vi seus olhos perambularem pelas pilhas de revistas, os rabiscos no bloco de notas e a metade comida de um Twinkie em cima da mesa.

— Ah, excelente. Acabo de ter uma excelente... sessão de brainstorm — menti. — Como vai a sua?

— A minha? — falou, com as sobrancelhas erguidas. — Oh, a minha está pronta. Só quero revisar antes de entregar — explicou, dando uma palmadinha no bolso lateral do terno, onde, reparei, ela havia acomodado um maço de folhas dobradas com capricho.

No íntimo, eu quis gritar. "Será que um dia eu ganharia alguma coisa?", pensei com uma tristeza súbita.

— Bem, acho que é melhor me apressar. Tenho uma reunião com Patrícia esta tarde. Ela falou que tem algo importante que queria conversar comigo.

Pelo jeito dancei, concluí, ao observar Rebecca afastar-se quase aos saltos, com meus sonhos e esperanças meticulosamente enfiados no bolso lateral de seu terno de grife.

**Confissão: Descubro que monogamia significa jamais ter que pedir perdão.**

Quando enfim Alyssa retornou a ligação naquela tarde, interrompeu o longo discurso que preparei sobre as virtudes de Richard com as palavras "Me encontre na academia às sete e meia". Quando tentei protestar, ela apenas retrucou:

— Olha, você precisa se exercitar. E eu realmente preciso conversar.

Agora, ela pairava acima de mim no banco onde eu jazia, espiando enquanto eu levantava dois pesos sobre o peito num exercício que prometia manter os seios apontando para o norte por mais uns poucos anos.

— Vou dormir com Jason — desabafou.

Meus braços afrouxaram e larguei ambos os pesos nas laterais.

— O quê?

— Você não vai me convencer a desistir, Em — falou, rápido, enquanto eu virava as pernas para o outro lado e sentava aprumada para encará-la.

— Vou convencê-la a desistir sim, Alyssa. Você compreende o que está fazendo? Poderia arriscar a relação potencialmente mais importante da sua vida por causa de... de... uma luxúria alucinada.

Ela cruzou os braços na defensiva.

— Não é luxúria alucinada. É... é mais que isso. Devia ter visto Jason quando o encontrei para tomar café outro dia. Ou melhor, o fato de que ele concordou em me encontrar quando o consultório estava fechado porque não queria que eu passasse o resto do final de semana preocupada com Lulu só demonstra que tipo de homem ele é.

— Um mártir?

— Não, piedoso. E sensível. Não consigo lembrar da última vez em que Richard deu bola para o que eu pudesse querer ou necessitar.

— Alyssa, por acaso sei que Richard se importa um bocado com você. Devia ter escutado a preocupação na voz dele quando conversamos no telefone outro dia. Ele ama você.

Ela olhou para longe, com os olhos momentaneamente embaçados antes de piscar para espantar as lágrimas, junto com quaisquer dúvidas que pudesse **ter**.

— Não posso pensar nele agora. Preciso pensar em mim. Está tudo desmoronando na minha cabeça justo agora. Lulu... — A voz falhou. — Lulu precisa de cirurgia.

— Oh, não. O que há de errado?

— Bem, um dos exames apontou um cisto na bexiga. Jason diz que pode ser benigno, mas é o que está provocando tanto desconforto. Ele não acha que a cirurgia vá ser complicada,.. o tumor é pequeno. Mas Lulu tem 15 anos e... — Fechou os olhos, apertando-os para deter as lágrimas. —... qualquer coisa pode acontecer.

Levantei e coloquei os braços em volta dela num abraço, que ela aceitou com gratidão até as minhas palavras seguintes.

— Acho que devia deixar Richard apoiar você durante...

Repeliu os meus braços.

— Pare com isso, Emma. Por favor. E não ouse pensar que tem o direito de me julgar, caso eu queira aceitar um pequeno... um pequeno consolo de alguém com quem sinto forte ligação.

Embora não creia que "consolo" descreva bem o que Alyssa poderia obter por meio de sexo com um cara tão gostoso quanto o Dr. Jason Carruthers, engoli uma objeção ferina e ponderei:

— Tudo o que digo é que você deve apenas refletir sobre o que suportaria perder. Richard e você passaram muitos anos juntos. E poderiam muito bem ter uma vida juntos.

Alyssa cruzou os braços na altura do peito, na defensiva.

— Seria justo comigo entrar num compromisso para a vida inteira com ele se tenho dúvidas?

Ela tinha um argumento aqui. De repente, imaginei o que faria caso estivesse nesses apuros com Derrick, sobre quem eu andava tendo sérias dúvidas desde nossa última conversa. É possível conhecer realmente a pessoa que a gente ama até terminar com ela um dia? Quer dizer, na verdade nunca esperei que Derrick se tornasse amigo, muito menos se apaixonasse, por qualquer atriz lambisgoia.

Entretanto, não estava pronta para desistir da crença de que certas pessoas, ao menos, eram absolutamente predestinadas a ficarem juntas.

— Todas nós temos dúvidas, Alyssa. Mas decidimos renunciar a elas se quisermos ter uma vida com alguém... com alguém que amamos. De que outra maneira espera que nos casemos, tenhamos filhos? Que nos comprometamos com uma vida ao lado de outra pessoa?

Ela sentou no banco com um suspiro. Pressionou a toalha no queixo.

— Começo a pensar que o compromisso é superestimado. Sabe, os seres humanos são das poucas espécies que se unem para a vida toda.

— Oh, nossa. E esse o tipo de isca com que um veterinário-à-espreita atrai sua presa?

Ergueu o olhar, como se estivesse chocada que eu pudesse pensar assim sobre seu amado veterinário.

— Jason não está à espreita. Deus, queria que estivesse. — O cenho dela franziu. — Não, de fato, talvez eu goste dele precisamente porque ele não está à espreita. — Suspirou. — O engraçado é que não acho que



gostaria tanto dele se fosse o tipo que dá o bote numa mulher que é praticamente noiva de outra pessoa. É por isso que não contei sobre Richard.

— Oh, fantástico. Vamos proteger a inocência do bom doutor... pelo menos até você flagrar a si mesma debaixo dele na cama de algum Motel 6.

— Não existe nenhum Motel 6 em Nova York.

— Alyssa, você não está considerando trair Richard no próprio gramado dele! No mínimo, atravesse o túnel Lincoln e fique a salvo em Nova Jersey.

— Você ficou maluca? Que importa onde durmo com ele...

— Olhe — retruquei, apanhando os pesos e jogando-os em suas mãos. — Está falando com alguém que não quer de jeito nenhum que você durma com ele.

— Isso não é uma opção — respondeu, aceitando os pesos e deitando-se estirada de costas no banco, a determinação visível na ponta do queixo.

— Podia pelo menos me prometer uma coisa? — perguntei, de pé acima dela enquanto se acomodava para iniciar o exercício.

Ela me fitou, aguardando qualquer que fosse o pedido ultrajante que imaginou que eu faria.

—Podia pelo menos esperar até depois da cirurgia da Lulu?

Sorriu. Creio que quase aliviada por eu não ter pedido outra coisa. Como evitar a penetração ou algo do gênero.

— Parece razoável. A cirurgia de Lulu está marcada para a semana que vem. Acho que posso sobreviver até lá.

Contemplei sua face determinada à medida que ela levantava os pesos, e firmei minha própria resolução.

Uma semana. Eu tinha uma semana para convencer Alyssa de que estava à beira de cometer o maior erro da vida.

## **Confissão: Descubro um substituto diet para o desespero.**

Sempre fico espantada com a quantidade de tarefas insignificantes que consigo executar enquanto adio algo infinitamente mais importante — como a pauta que ainda não entreguei a Patrícia. Comecei o dia elaborando uma lista inteligente das Dez Maiores Razões Por que Sexo É Melhor Com o Homem com Quem Você Viveu por Cinco Anos, que prontamente enviei para Alyssa via correio eletrônico. Depois senti uma súbita inspiração para organizar o arquivo que eu mantinha empilhado num esconderijo seguro entre a mesa e a divisória do cubículo. Naquela tarde, Rebecca deu uma passadinha para me informar que Patricia havia adorado sua pauta para a edição do segundo casamento e até pedira que começasse a distribuir as reportagens. Então teve o descaramento de me perguntar se queria escrever um artigo sobre o terceiro casamento de mamãe. Eu, é lógico, prontamente recusei. Afinal, contei, com certeza estaria preocupada em organizar a edição sobre Noivas Maduras. Não contei que sequer havia esboçado a pauta ainda.

Logo que ela saiu, compreendi que precisava dar uma agilizada caso quisesse competir com Rebecca de verdade. Porém, uma espiada no relógio de pulso mostrou que era quase quatro e tarde demais para dar início a um projeto tão grande. Então, disquei para o escritório de Jade, torcendo para conseguir seu palpite quanto a todo o caso Derrick/companheira de quarto, agora que sabia que a companheira de quarto de Derrick não só era mulher, mas magra e bonita o bastante para fazer comerciais da Close-Up, que claramente era uma das marcas de pasta de dentes mais sensuais nas prateleiras, ao menos segundo uma perspectiva mercadológica. Já havia posto Alyssa a par da situação quando tomamos uma ducha na academia na noite anterior, mas ela foi incapaz de oferecer qualquer consolo, salvo dizer que eu devia considerar fazer terapia.

"Não em caráter permanente", disse, quando notou o assombro na minha cara. "Apenas para ajudar você a superar. A esquecer."

Eu, é claro, descartei rápido o conselho, informando-a que ela era a última pessoa que devia recomendar terapia. Digamos apenas que houve uma abrupta mudança de assunto depois disso.

— Ei — ecoou a voz animada de Jade da outra ponta. Claramente o sexo em caráter regular estava operando maravilhas em seu estado de espírito, pensei, sentindo-me um pouquinho culpada por acumular mais angústia sobre Derrick em cima dela. Contudo, depois que trocamos cumprimentos, não consegui me impedir de colocá-la a par do quanto Derrick andava à vontade com sua nova companheira de quarto. Sabia que era errado, mas precisava de alguma coisa para fazer a vida parecer um pouco menos miserável do que era. Mesmo que isso significasse malhar a boa e velha Carrie, que parecia ser o tipo de mulher que Jade e eu normalmente tínhamos grande prazer em atacar. Magra. Distraída. Loura — esta última parte era suposição minha. Afinal de contas, ela morava na Califórnia.

— Ah, e escute essa — anunciei, aquecendo —, ela é atriz. Como se não bastasse, Derrick diz que ela está estrelando um comercial da Close-Up.

— Acho que vi esse comercial — retrucou sisuda. — A garota entra correndo no elevador. Esbarra direto nesse cara alto, bonito.

— Oh, Deus. Que clichê. E aposto que ela é um clichê também. Como ela é? Aposto que é a loura anoréxica básica — falei, esperando ansiosa que Jade confirmasse minhas suposições.

— Ela tinha ótimos... dentes — foi o único comentário de Jade.

Sentindo-me vagamente nauseada, apressei-a a largar o telefone, alegando ter incumbências urgentes a cuidar no caminho de casa. O que realmente queria era buscar refúgio no meu apartamento e me enterrar não sei como. Encontrar qualquer modo de me aliviar do fardo que era a dolorosa verdade: Derrick partiu para outra. Enquanto eu... eu corria até perder o fôlego... sem sair do lugar.

Logo que alcancei minha esquina, não pude tolerar a ideia de regressar para o claustrofóbico e diminuto apartamento. Especialmente quando me dei conta de que era quarta-feira e o último dia razoável

para aceitar um encontro com Max Van Gelder para o fim de semana sem parecer desesperada, ao menos segundo o Guia de Caça ao Bofe, de Jade. Ele ainda não ligara, e a julgar pelo jeito como estava sendo o meu dia até agora, sinceramente duvidava que o fizesse.

Rumei para a mercearia coreana, com visões de guloseimas dançando na cabeça. Quase. Então, a sensação dos músculos abdominais ainda doloridos me lembrou o quanto havia progredido, e que sangue, suor e lágrimas derramados na academia na noite passada não valeriam nada caso me permitisse aquela patética festinha de piedade. Então, dobrei à esquerda, lembrando de repente que tinha outras opções.

Rumei para a Deleites Celestiais, uma lojinha de comida saudável onde costumava ir quando tentava provar a Derrick o quanto eu era preocupada com a saúde. Foi durante um período em nosso relacionamento em que experimentamos o primeiro marasmo de nossa vida sexual, e eu estava dolorosamente temerosa de ter inchado demais para ser atraente. Mais tarde, quando meus poderes sexuais foram recobrados, costumava ir lá simplesmente porque desenvolvera um vício pelo produto mais procurado da Deleites Celestiais, Skinny Scoop, uma substância gelada similar a sorvete, que havia conseguido convencer a mim mesma ser pobre o bastante em gorduras e calorias para comer tubos inteiros sem ganhar nenhum grama.

Assim que cheguei a University Place e o alegre toldo vermelho surgiu à vista, lembrei do meigo casal de idosos que administrava o lugar e me perguntei por que um dia havia parado de fazer compras lá. Enquanto caminhava em direção à simpática lojinha e espiava as fileiras de verduras orgânicas e as prateleiras de petiscos destinados a consolar o espírito sem destruir a cintura, soube que havia novamente encontrado minha Meca.

— Ora, olá, você — chilreou a sexagenária de rosto bondoso, que dirigia o lugar com o marido igualmente adorável. Ele estava a postos na registradora, com um largo sorriso na face.

— Oi, como vão? — respondi, me sentindo levemente envergonhada por negligenciá-los tanto. Não pensei que de fato fossem

recordar de mim.

— Estamos ótimos. Não vemos você há um tempo — disse a mulher, sorrindo radiante como se eu fosse uma filha pródiga voltando para casa.

— Sim... bem... Estive ocupada e tudo mais — retruquei, sem querer que pensasse que tinha andado traindo a feliz lojinha dela e do marido com o novo supermercado vegetariano do lado oposto da rua.

— Double Mocca Chips, certo? — disse ela, citando o sabor de Skinny Scoop que eu costumava vir comprar fielmente, durante aquele longo e remoto período da minha Era Derrick. Fiquei mortificada por ser tão... óbvia. Era como se ela conseguisse enxergar as chagas abertas sob a saia do meu traje emagrecedor.

— Adivinhou — respondi. Então ela hesitou.

— Sabe o quê? Acho que acabamos de vender o último pote. Puxa, Ed... acha que podemos ter mais um pouco no freezer lá embaixo? — perguntou, virando-se para o marido, que pareceu pensar profundamente a respeito.

Assaltado por uma ideia, seu rosto se iluminou e ele disse:

— Já sei, por que não liga lá para baixo para o Griff e vê se ele pode conferir para nós?

A mulher sorriu para o marido, como se a sugestão que ele dera fosse pura genialidade.

— Boa ideia. — Então virou-se para um telefone na parede e, após um minuto ou dois, conversou pelo viva-voz com alguém sem rosto do outro lado, que aparentemente aguardava para acatar suas ordens.— Me faça um favor, Griffin, e confira se no freezer lá de baixo temos mais um pouco daquele delicioso Skinny Scoop Double Mocca Chips. — Ela piscou para mim. — E traga aqui para cima se tivermos.

Desligou o telefone.

— Acabamos de instalar o interfone, e funciona como mágica. — Sorriu. — Nosso filho recomendou que adquiríssemos.

Está sempre pensando, aquele ali. É muito esperto. Na verdade, administra a própria firma de design. — Voltou o rosto radiante para o marido por um momento, depois concentrou-se de novo em mim.

Retornei o sorriso, imaginando o que havia de tão pateticamente errado com o filho para que ela sentisse a necessidade de vender o peixe dele para mim, a freguesa desleal. Ela continuou a sorrir radiante, e depois voltou a atenção para os folhetos promocionais que estava envelopando. O marido, vendo que ela se atrapalhava um pouco com o lacre de uma nova caixa de envelopes, imediatamente se aproximou para ajudar. Foi então que lembrei da outra coisa que eu amava ao frequentar esta loja: ver os dois juntos. Meu coração doeu por dentro, nostálgico. Percebi que eu também podia ganhar a vida envergando um avental bobo e permanecendo atrás de um balcão cor de pêssego, caso encontrasse um homem que se importasse comigo do jeito como esse obviamente se importava com a esposa.

Enquanto os assistia trabalharem juntos num silêncio cúmplice, a porta dos fundos se escancarou, e dela saiu o homem mais bonito que jamais vi. Antes que eu pudesse me preparar, ele parou na minha frente, vestindo milenares calças de brim e uma camiseta suja que aparentava estar lambuzada com cada um dos sabores de Skinny Scoop que a Deleites Celestiais tinha a oferecer. No entanto, nada disso diminuía o fato de ele ter os ombros largos e os quadris esguios, e lindos olhos castanhos orlados por fuliginosos cílios espessos. Até o curto cabelo castanho conseguia se mostrar sedoso, a despeito dos grãos de poeira que pareciam sedimentados em cima por qualquer trabalho que estivesse fazendo lá embaixo no porão. E, nas mãos largas e bronzeadas, estava o maior balde de Double Mocca Chips que eu já vi.

— Você é a freguesa que queria o Double Mocca? — indagou ele.

— Sim — respondi, indefesa.

— Nós só temos o galão — explicou, estendendo o vasilhame para mim. — Serve?

Hipnotizada pelo modo como os olhos marrons achocolatados se concentraram em mim quando ele falou, respondi abobalhada:

— É perfeito. — Então, percebendo o que eu devia estar parecendo, parada ali e concordando com uma quantidade indecente de sorvete que podia não conter calorias tão baixas quanto o nome implicava, acrescentei: — Eu e as minhas companheiras de quarto somos absolutamente viciadas nesse negócio.

Ele sorriu, apanhou um saco plástico embaixo do balcão, colocou o galão dentro dele e me entregou.

— É todo seu. Aproveite — disse ele. Depois, virando-se para o casal de velhos, que pareciam subitamente absortos na contemplação da cola de um dos envelopes, completou: — Informem se precisarem de qualquer coisa. — E desapareceu escada abaixo enquanto eles sorriam agradecidos em sua direção.

Depois de pagar o velho homem pelo meu prêmio de consolação, segui para casa, com a cabeça repleta de fantasias imorais sobre voltar à Deleites Celestiais na hora de fechar e seduzir o novo homem do Skinny Scoop sensual. Perguntei-me qual seria a função dele. Estava só fazendo alguns reparos ou era um funcionário normal? Com um vinco na testa, concluí que seria muito melhor se fosse alguma espécie de mecânico. Quer dizer, não podia me permitir um arroubo com um homem que ganhava pouco acima do salário mínimo, podia? Afinal, uma garota precisa ter certos padrões. O velho casal, entretanto, demonstrara lidar em termos bem familiares com ele. Talvez fosse o inventor do Skinny Scoop que eles mantinham no porão, batendo baldes e mais cremosos e suculentos baldes do tipo de sobremesa espumante destinada a fazer as mulheres se sentirem indulgentes e satisfeitas, e também seguramente livres das calças com cintura elástica. Deus, se fosse verdade, ele seria o homem perfeito. Minha alma gêmea. Talvez eu só tivesse procurado nos lugares errados.

Despertei do devaneio ao me aproximar do meu prédio. Quem eu queria enganar com as ridículas ilusões de felizes-para-sempre com o homem do Skinny Scoop? Claramente, eu estava pirando. Na realidade eu não era nenhuma sedutora da meia-noite rondando uma loja de comida saudável. Era alguém ligeiramente balofa, uma recentemente chutada ex-namorada, que voltava sozinha para casa, sob sério risco de

comer um galão inteiro de Skinny Scoop ao descobrir que a secretária eletrônica não tinha nenhum recado de Max — ou Derrick, tampouco.

Abrindo a porta da frente com um suspiro carregado, fiquei cara a cara com Beatrice, que aparentemente também acabara de chegar em casa, com os braços abarrotados de víveres enquanto tentava entrar pela porta de seu apartamento.

— Olá, minha amiga — cantarolou ao me ver.

— Oi, Beatrice, como vai? — respondi, automaticamente.

— Oh, estou bem, apesar do fato de que a minha artrite anda me pregando peças. Entre todos os dias, tinha que ser quando fui fazer compras na mercearia! — Então, seus olhos se iluminaram quando uma ideia a assaltou. — Acha que pode me ajudar com esses pacotes?

Embora eu estivesse relutante a me envolver qualquer tantinho a mais do que o necessário com Beatrice, aproximei-me e aliviei-a de umas poucas sacolas, depois acompanhei-a até o apartamento do tamanho de uma caixa de fósforos.

À primeira vista, alguém poderia afirmar que o apartamento dela se assemelhava ao meu tintim por tintim. Mas então observei as paredes, que eram cobertas por aquarelas brilhantemente pintadas, muitas assinadas pela própria Beatrice. Algumas delas eram até bastante impressionantes, embora outras parecessem obra de criança.

— Pintou todas essas, Beatrice? — indaguei.

— Sim, quando era muito mais jovem — disse, acomodando as sacolas na mesa e virando-se para olhar as paredes comigo. — Agora, mal posso enxergá-las — comentou, forçando a vista através das grossas lentes.

— Bem, são muito bonitas — elogiei, olhando para ela com interesse renovado e imaginando se talvez houvesse mais a respeito de Beatrice do que pensei inicialmente. Talvez ela não fosse apenas uma mulher velha e solitária, condenada a uma vida de desespero. Talvez fosse uma artista, ou no mínimo uma artista aposentada. Subitamente, me permiti imaginar sua atual solidão como o resultado de uma decisão consciente de dedicar-se à ascética vida de artista, em vez de algum



trágico lampejo do acaso. Quando olhei para ela agora, tentei desesperadamente enxergar além dos dentes marrons, do cabelo ruim, da figura baixa e corpulenta e descobrir a mulher escondida. A artista no comando do próprio destino.

— Ora, obrigada, Emma — Beatrice agradeceu efusiva. — Todo mundo no centro de reabilitação achava que eu tinha um olho bom para a cor.

Todas as minhas visões desapareceram num piscar de olhos e Beatrice se transformou... em Beatrice de novo. Uma velha mulher solitária com muito pouca graça social e uma orientação sexual ambígua.

E quando eu estava prestes a debandar e relegar Beatrice à sua miserável existência insignificante em troca da minha de certa forma elevada no quarto andar, vi que ela puxou um grande tubo de plástico de uma das sacolas, com um rótulo que pareceu terrivelmente familiar: Double Mocca Chips, percebi com um profundo e repentino desgosto. O confeito de baixo teor calórico das solitárias. E perdas de amor.

## NOVE

*"Nunca deixe que ele a veja suar — pelo menos não até que o tenha na cama."  
— Jade Moreau, Supergarota Solteira*

### **Confissão: Eu me transformei na ex-namorada do inferno.**

Talvez tenha sido a recém-descoberta e extremamente incômoda associação com Beatrice que me levou a fazer isso. Talvez tenha sido a mensagem de papai quando voltei para casa na noite de terça, perguntando se eu havia encontrado um advogado — ou, melhor ainda, um marido promotor —, que pudesse representá-lo no mais novo processo e, quem sabe, dar a ele uns poucos netos. Talvez eu estivesse apenas tremendamente cansada de esperar que Derrick ligasse e se desculpasse por morar com uma mulher que o fazia bem mais feliz do que eu jamais conseguira. Seja por que motivo fosse, fez o impensável — pelo menos de acordo com o Guia de Como Caçar um Homem, de Jade. Concordei em sair com Max Van Gelder na noite de sexta, embora ele tivesse esperado até as dez da noite de quinta para me convidar.

Embora soubesse que me faria parecer desesperada, encalhada e chata por estar tão disponível, não pensei nisso quando cheguei em casa na quinta depois de outro dia improdutivo no escritório. Admito que fiquei meio inchada depois de ter passado a noite anterior com uma banheira de Skinny Scoop e sentindo como se não existisse um macho no universo que pudesse me julgar sequer remotamente atraente. Até os operários que trabalhavam na reforma da Union Square Station durante a última década deixaram de me saudar com a habitual piscada ou sorriso quando passei por eles a caminho de casa.

Inútil dizer que, quando o telefone tocou, às dez da noite, fiquei desesperada de contente. E quando descobri Max Van

Gelder no outro extremo da linha, fiquei tão supremamente feliz que teria concordado em encontrá-lo a qualquer hora e em qualquer lugar.

Mas é claro que não lhe contei isso ao sentar na sua frente na noite seguinte à mesinha aconchegante de um pub chamado Chelsea Square, com o primeiro de uma longa série de drinques com tequila e soda diante de mim. Ao contrário, pensei sei em como ele estava incrivelmente charmoso de camisa azul-bebê de botões e jeans, e como fiquei alegre por ter optado pelo jeans — combinado com uma blusa justa—, parecendo bastante casual e, eu torcia, naturalmente sensual.

Admito que mesmo então uma pequena parte de mira ainda se perguntava como eu havia me tornado tão afortunada para estar sentada diante de um homem que era articulado, bem versado e completamente intimidante.

— Isto me faz pensar em Dickens — dizia ele agora, era resposta ao meu comentário ameno para preencher o silêncio de que nunca havia estado em Chelsea Square antes.

Sorri tímida por isso e dei um bom gole na tequila. Afinal, eu era uma das raras graduadas em inglês que conseguiram obter um bacharelado e um título de mestre sem abrir um Dickens sequer, que lacrimejara de tédio quando me enfiaram Tempos Difíceis goela abaixo no ginásio. Eu considerava minha bem-sucedida negligência um motivo de orgulho, mas não ia mencionar isso agora que estava ocupada sendo a audiência cativa de Max.

Quando ele terminou de discutir os tópicos mais sutis sobre o ambiente lotado e tenebroso do tenebroso do pub, prontamente mudei de assunto.

— Então, finalizou aquele artigo para a The New Yorker — indaguei.

— Ah, sim. De fato essa foi uma das razões por que não foi capaz de ligar antes — respondeu, a propósito. — prazos de entrega, sabe

como é.

— Oh, eu sei — disse, com um revirar dos olhos, e outro gole no drinque. Ele bebia um martíni Bombay, o que achei deveras impressionante embora eu mal mexesse um cílio quando ele pediu.

— Sim, você mencionou que era escritora, mas não acho que teve a chance de me contar o que anda escrevendo.

A hora da verdade chegara. E antes que eu pudesse me preparar mentalmente para o discurso autodepreciativo sobre o emprego na Top Noivas, a boca partiu em outra direção.

— Na verdade, estou trabalhando num romance.

— Ah, espíritos semelhantes — disse ele, com as graciosas e perfeitas sobrelanceiras erguidas.

Esse pouquinho de encorajamento me deu todo o combustível de que precisava. Bem, isso e outro saudável gole da bebida.

— Sim, venho trabalhando nele já há algum tempo. — Tudo verdade, raciocinei. Comecei o romance logo após o curso de graduação. Embora, desde Derrick, a única coisa que tenha feito foi me angustiar pelo empenho que não dediquei a ele.

Outro gole da bebida trouxe à baila uma meia-verdade.

— Na realidade, ando meio travada com ele há muito tempo. Talvez seja um bloqueio criativo. — Ou talvez eu tenha desistido. Sorri tímida.— Ou talvez seja meu espaço. Tenho um computador, mas realmente não tenho um bom lugar para sentar com conforto e escrever.

Ele sorriu.

— Sim... bem... quando bate a necessidade, acho que consigo escrever em qualquer lugar. Creio que só é preciso descobrir o próprio tema.

Sentindo como se ele enxergasse direto através das minhas desculpas veladas, entornei o drinque. Zombando de mim mesma, percebi que precisava virar a atenção de volta para ele — e rápido.

— E qual é o seu tema, caso não se importe que eu pergunte.

— Bem, é um romance sobre amadurecimento. Um jovem rapaz perde o pai e tem que encontrar o próprio rumo no mundo.

Esta explicação me aborreceu. Por que os homens sempre escrevem sobre jovens rapazes às margens da humanidade? Como se qualquer um se interessasse realmente pelas reflexões filosóficas dos pré-púberes. Mesmo assim, balancei a cabeça em reconhecimento ao gênero.

— Ah, um bildungsroman. Fascinante.

Sua resposta foi um largo sorriso que me derreteu toda até o sutiã de renda negra que usava, só por precaução.

— Bem, a princípio parece que precisamos providenciar outra bebida para você — disse ele, apontando o meu copo vazio e depois acenando para o garçom.

Quando espiei o martíni quase cheio dele, fiquei envergonhada.

— Puxa, acho que eu estava com mais sede do que pensava. Você mal tocou...

— Um martíni Bombay deve ser bebericado caso se espere encontrar o caminho de volta para casa. Não se preocupe comigo, fique à vontade.

E fiquei mesmo, relaxando no segundo drinque e escutando enquanto ele falava sobre a inspiração para o livro, da morte do próprio pai. Por volta do terceiro drinque (o segundo dele), fiquei calibrada o suficiente para confessar o santo emprego de todo dia, e comecei a brindá-lo com narrativas dos dias desperdiçados, rascunhando o que resultava em manifestos de casamento. Até dei uma esculhambada em Patrícia.

— Todo mundo no escritório suspeita que o noivo nas fotos de casamento é um display de papelão — disse para diverti-lo. Prossegui descrevendo a mania de chegar ao altar que o nosso conteúdo editorial demonstrava estimular, e para me fazer parecer ainda mais superior, descrevi, com grande comicidade, as maníacas tentativas de Rebecca para arrancar um pedido de casamento de seu namorado perfeito.

Max não só se divertiu, como estava praticamente às lágrimas de tanto rir quando terminei. Eu diria que foram os martinis, mas ele pediu uma cerveja na segunda rodada.

— Deus, Emma — falou, enfim controlando-se de novo —, aposto que você é uma escritora danada de boa. Esse é um tremendo material. — Então, vendo que meu copo se esvaziara outra vez, acenou para o garçom.

Minha cabeça estava boiando.

— Não, não, acho que não posso tomar outro.

— Tem certeza? — perguntou ele, em seguida. — Vou tomar outra cerveja.

Era todo o encorajamento de que eu precisava. Afinal, não me sentia bem assim há muito tempo. Max gostava de mim. Achava que eu era engraçada. Imaginava que eu era uma escritora danada de boa.

Me sirva outra dessas, digo. Então tomamos outra, enquanto eu continuava a ser igualmente encantadora e, esperava, absolutamente desejável. Femi os cílios. Bati no antebraço dele de brincadeira. Fiz contato visual. E, quando terminamos, ele me levou para casa de braço dado comigo. Talvez porque se sentisse tão aconchegado a mim quanto eu a ele. Ou talvez porque eu tenha começado a tropeçar no momento em que pisamos na calçada. Quando enfim alcançamos a porta da frente, aquela calidez induzida pelo álcool já fluía pelo abismo do meu estômago, tornando-me líquida por dentro e ansiando de desejo reprimido por este homem que aparentava me julgar tão cativante. Percebi então que seria perfeitamente capaz de dormir com Max Van Gelder, e nada menos do que no primeiro encontro! A voz recriminatória de Jade quase se afogou na enchente de tequila das minhas veias. Contemplei-o quando paramos, com os olhos lânguidos e, torci, sugestivos.

Então, ele me beijou. E não apenas uma bitoca de boa noite, mas uma investida de boca aberta. Eu a caracterizaria como o ato de um homem com uma única coisa em mente, não fosse pela hesitação que senti nele, como se só estivesse sondando o território.

Recuando, ele admirou o edifício, como se procurando minha janela, depois me contemplou mais um pouco com um pequeno sorriso.

— Acho que seria mais seguro se nos despedíssemos aqui.

Max. Precioso Max, pensei na minha cabeça confusa. Que cavalheiro. O tipo que até vovó Zizi admiraria, pensei, concluindo que a altura e sua boa aparência também correspondiam a outras qualificações dela. Diabos, deve até ser rico. Sorri para ele, sentindo algo como amor empoçando dentro de mim.

Exceto que não chamamos isso de amor, não cedo desse jeito. Não até alugar vídeos na noite de sexta e dividir uma escova de dentes na manhã de sábado.

Ele sorriu de volta. Depois, removendo com delicadeza os meus braços que estavam em torno do seu pescoço, segurou minhas duas mãos na sua e, mantendo-me afastada, me analisava com um olhar que me deixou tonta e ligeiramente nervosa. Em seguida riu, desfazendo a tensão. E falou, interrompendo meu murmúrio.

— Ainda não consigo acreditar que você tenha tomado quatro drinques com tequila em... — largou as minhas mãos e espiou o relógio —... tantas horas. — Riu outra vez, com as sobrancelhas arcadas.

De repente, aqueles quatro drinques convulsionaram meu estômago, sob sério risco de fazer uma reparição em cima dos mocassins de couro macios dele. Ri, aflita, quando ele recuou um passo e como o mais gentil, mais inócuo dos acenos, disse:

— Vou ligar para você.

Eu tinha certeza, naquele momento, de que jamais o faria. Cambaleando degraus acima até o meu apartamento, com a cabeça confusa e os olhos ardendo com alguma coisa assustadoramente similar a lágrimas, concluí que só havia uma única coisa a fazer. E essa coisa foi guiada por uma dor tênue na minha alma, que o álcool apenas amplificou e a visão do apartamento vazio tornou absolutamente imperativa. Liguei para Derrick. Não me pergunte o que eu esperava. Nem eu mesma estava certa. Tudo o que sabia é que diante da aparente rejeição de Max Van Gelder senti um anseio quase doloroso de escutar a

voz do homem que um dia falou que me amava mais do que a própria vida.

Quando o telefone tocou no meu ouvido, consultei o relógio: meia-noite e vinte. O horário de Nova York correspondia a nove e vinte da noite no horário da Califórnia. Ele podia estar em casa. Podia estar na rua. Podia estar transando com a companheira de quarto. Rapidamente apaguei este último pensamento. É uma das excelentes virtudes que o álcool produz: negação.

— Alô?

— Derrick! — exclamei, com o alívio evidente na voz.

— Ei, Em, como vai você? — replicou. Tive certeza de que foram carinho e felicidade que escutei na voz dele. Estava contente em ouvir que era eu. Talvez mesmo exultante.

— Vou bem. Como vai tudo com você?

— Excelente, de fato. Estou pronto para ir a uma festa fechada para um dos novos filmes do estúdio.— Deu uma risada. — E sendo funcionário do estúdio, desta vez tenho um convite. Meus dias de penetra terminaram.

— Parece maravilhoso — comentei, ansiosa.

— E o que anda fazendo? Deve ter acabado de chegar em casa de algum outro lugar.

— Ahã. Chelsea Square.

— Oh, eu amava esse lugar.

Deve ser coisa de homem.

— Sim, foi bacana.

— Essa é a única coisa pela qual realmente sinto saudades de morar em Nova York. LA não tem o mesmo tipo de bares antigos legais que se pode encontrar em todo canto de Nova York.

Fiquei arrepiada, depois graciei:

— Ah, então essa é única coisa de que sente saudade em NYC? — O medo me inundou enquanto aguardava pela resposta dele.



— E de você, Em, lógico — declarou, para meu alívio. — Nem é necessário dizer.

Meu coração gorjeou por dentro. Ele me ama, ele me ama, ele me ama.

— E com quem você saiu?

— Com Jade — respondi, rápido. Depois, calculando que poderia infligir minha própria tortura, acrescentei: — e uns poucos amigos modelos dela. Só uns gays com quem fez algumas fotos.

— Que legal — retrucou, claramente inalterado pelo fato de que eu havia passado a noite cercada pelos homens mais bonitos que NYC tinha a oferecer. — Como vai Jade?

— Está ótima. Alyssa está ótima também. Embora Lulu não esteja tão bem. A pobrezinha precisa de cirurgia.

— Oh, não, sério? Deus, espero que Lulu fique bem. Eu amava aquele cachorro.

Mesmo? Então por que, oh, por que, você abandonou

Lulu? Por que me abandonou? Engolindo a raiva, falei:

— Espero que ela fique bem. Alyssa anda um bocado arrasada por causa disso.

— Bem, dê um abraço nela por mim.

— Darei.— Sentia-me bem leve de repente. Ele se importava comigo. Até com as minhas amigas. Diabos, ele se importava com o cachorro da minha amiga.

Então, ele foi em frente e arruinou tudo.

— Ouça, Em, preciso correr. Carrie vai chegar a qualquer minuto. Eu devia estar pronto para sair quando ela chegasse, mas ainda nem tomei banho.

—Carrie? Pensei que tivesse dito que você foi convidado para a festa.

— Foi. Mas chamei Carrie para ir comigo — respondeu inocente.

— Mas ela é sua companheira de quarto — insisti.

Ele gargalhou. — É, e daí? Existe alguma lei secreta de festa que diga que não se pode levar a companheira de quarto a um boca-livre de pré-estreia? Imaginei que seria uma boa oportunidade para ela fazer alguns contatos. Ela é uma atriz e...

— Me conte a verdade, Derrick.

— Verdade?

— Você está dormindo com ela, certo?

— O quê?

— Tudo bem, talvez não esteja dormindo com ela. Ainda. Mas é só uma questão de tempo. Uns poucos jantares em casa, umas poucas festas. Cedo ou tarde, vocês dois vão chegar em casa certa noite e desabar na cama. Cedo ou tarde, vão se transferir para um quarto.

— Emma...

— É tão típico da sua parte, Derrick. Sempre fazendo qualquer merda que queira, sem se importar com quem possa magoar. Bem, cansei disso. Cansei de tudo.

Ele ficou em silêncio do outro lado da linha, o que apenas me encorajou a ir em frente.

— Como ousa me largar depois de dois anos e ligar como se estivesse tudo ótimo entre nós? — perguntei, com um poço de raiva transbordando de dentro de mim, cuja existência eu não havia notado até agora. — Daí você tem o deslante — o deslante! — de começar a trepar com sua companheira de quarto e acha que isso não vai me aborrecer? Bem, aborrece, droga. Sei que você talvez possa dizer a alguém que a ama, e depois se mudar para dois mil quilômetros de distância. Mas eu não. Falei que amo você e ainda amo. Você simplesmente não pode mudar minhas regras. Não pode.

Quando parei para tomar fôlego, me dei conta de que ele não havia proferido uma palavra. E isso começou a me deixar nervosa.

— Você não vai dizer nada?

Suspirou.

— Talvez não devêssemos conversar mais.

Essa me deixou realmente furiosa.

— Ah, lá vamos nós. A típica solução masculina. Apenas não vamos conversar mais. Por que conversar sobre qualquer coisa? Por que sequer tentar manter uma relação? — Não temos uma relação, Emma.

Calei a boca no ato. Com essa, ele me pegou. E a verdade, proferida por sua boca, me apunhalou dolorosamente, bem no centro do coração.

— Pensei que fôssemos amigos — ponderei, tímida.

— Talvez não possamos ser amigos. Não sei por que um dia pensei que pudéssemos. Diabos, até me espanta que tenhamos durado tanto como casal. Você é tão... difícil, Emma. Você nunca deixa as coisas rolarem apenas da maneira como são.

Eu era difícil? Eu não deixava as coisas rolarem?

— Isso é correto? — perguntei, com a raiva borbulhando outra vez. — Se você é o grande gênio dos relacionamentos, por que não me esclarece exatamente o que eu deveria deixar rolar?

— A gente, Emma — disse, num sussurro letal.— Deixar a gente rolar. Nós terminamos, droga. Terminou! — berrou no meu ouvido.

Fiquei quieta de assombro diante de suas palavras. E, de repente, dolorosamente sóbria.

— Olhe, Emma — disse ele, com a voz mais branda. — A última coisa que eu quero é magoar você. Talvez fosse errado da minha parte pensar que pudéssemos ser amigos logo em seguida. Talvez precisemos de um tempo. Para... para esfriar a cabeça.

Minha garganta travou quando compreendi o que ele sugeria. Não conseguia me imaginar sem conversar com Derrick. Sem ouvir sua voz.

— Não penso que seja boa...

— Pare de pensar tanto, Emma. Esse é o seu problema. Você pensa demais. Sobre tudo.

— Desculpe, não percebi que eu era um problema tão grande — retruquei, buscando consolo na raiva, mais uma vez. Ele suspirou de novo.

— Não vamos a lugar nenhum com isso. Escute, vamos só dar um tempo, certo? Vamos só combinar de não conversarmos por, digamos, um mês.

Um mês? Minhas entranhas reviraram, mas escudada pela raiva debochei.

— Um mês?

— Não é tanto tempo assim.

Agora fiquei furiosa. Furiosa e triste que ele estivesse tão desencantado por mim a ponto de conseguir passar um mês inteiro sem ao menos escutar minha voz. Sem saber tampouco se estou morta ou viva. Entretanto, a ira me impeliu a dar um basta, sabendo, mesmo como eu sabia, que isso me destruiria definitivamente.

— Não acho que um mês seja tempo suficiente.

E, com isso, bati o telefone e, enfim, enfim, me permiti chorar.

**Confissão: A verdade me libertou: agora estou verdadeiramente enalhada.**

Algo se partiu dentro de mim. Não tinha certeza se necessitava do que quer que aquilo fosse, porém me senti libertada de um fardo que nem sequer notei que carregava. Acordei na manhã de sábado e a primeira coisa que me veio à mente foi que estava sozinha. Completa e definitivamente sozinha. A segunda coisa foi que não tinha tempo para me aporrinhar com isso. Eu tinha coisas a fazer.

Passei o dia na frente do computador. Não fiquei apenas sentada ali, eu escrevi. Desliguei a campainha do telefone e apenas escrevi. E em poucas horas elaborei o que julguei ser a mais forte, melhor e mais inovadora pauta para a Top Noivas que já fiz em toda a minha carreira por lá. Me derramei em poesia em relação às escolhas enfrentadas pelas mulheres maduras solteiras, expandi ideias para artigos. Fui brilhante.

Quando fui trabalhar na segunda-feira, apropriadamente vestida com o blazer preto e calças combinando, o que de repente me pareceu

um terno do poder, entreguei confiante as páginas recém-impressas à assistente administrativa de

Patrícia, Nancy, que me olhou surpresa. Depois marchei rumo ao cubículo de Rebecca para me gabar, só para me deparar com uma nota declarando que ela não estava porque ficara doente. Coitadinha, pensei sarcástica. Provavelmente, estava em casa polindo o novo anel de noivado, esperando para cegar a todas nós com o seu resplendor quando viesse amanhã. Bem, ela não me encontraria, com o resto da equipe, pendurada em cima dela, a louvar seu imenso tamanho e brilho fulgurante. Eu não ia ligar a mínima.

E enquanto me exercitei na academia naquela noite com Alyssa, até agi com indiferença em relação à iminente e há muito ansiada escapada com o Dr. Jason Carruthers. De repente, tornei-me uma forte defensora de que ela tomasse o que desejasse sem se preocupar com as consequências. "Ou melhor, realmente, pelo que esperava? O grande casamento?

Quem quer ficar amarrado de qualquer jeito?", perguntei ao erguer os pesos no ar com mais fervor que de costume.

Quando ela me fitou desconfiada, confessei, afinal, que tivera uma conversa com Derrick na noite anterior que me abrisse os olhos. Pude notar que Alyssa sentiu-se vingada.

— Viu, eu disse que você estava zangada — afirmou. Mas ainda me olhou apreensiva quando sugeri que ligasse com antecedência para o hotel a fim de reservar um quarto para o seu rendez-vous com Jason.

Na terça, tomei uns drinques com Jade no Bar Six, servidos com os cumprimentos de Enrico, que certamente trabalhou naquela noite com mais afinco do que nunca, com o objetivo de manter nossos copos nunca menos do que meio cheios e nós duas completamente felizes. Jade, é claro, ficou bem satisfeita com minha nova atitude, e passamos a noite extraíndo grande prazer em flertar com qualquer macho simplório que se postasse perto de nós, cada vez que Enrico desaparecia para atender outra mesa. Rimos. Fumamos — sim, até me permiti um estimulante e asfixiante cigarro — e sentamos de volta nas cadeiras, com as pernas nuas cruzadas lânguidas e sedutoras à nossa

frente, nos sentindo como duas mulheres versadas demais nos fatos da vida para sermos menosprezadas por qualquer homem.

Na quinta, as coisas começaram a desmoronar.

Primeiro, Caroline me convocou ao seu escritório assim que cheguei no trabalho, e, com o jeito cordato habitual, me informou que Patricia lera minha pauta e a repassara para que ela revisasse. — Como sua gerente, ela pensou que eu devia dar uma olhada — explicou com um sorriso meio aflito. Então, numa entonação mais cautelosa, indagou:

— Está tudo bem, Emma?

— Está tudo ótimo — retruquei, confiante.

— Na sua vida pessoal? — murmurou.

Franzi a testa.

— Minha vida está... excelente. Por que não estaria?

— Bom — disse ela, sentando-se de volta na cadeira e mostrando-se meio aliviada, embora ainda aflita. — Bem, devo comentar que após ler sua pauta para a nova edição fiquei um pouquinho apreensiva.

— Sobre?

— Bem, Emma. Não sei como dizer isto, mas...—Parou, mordendo o lábio inferior. — Você escreveu o que se assemelha a um manifesto anticasamento.

Meus olhos se esbugalharam e abri a boca para me defender, mas por alguma razão nada saiu.

— Veja, entendo se este projeto escapou de você por... por qualquer que seja o motivo. Mas esta pauta é simplesmente... inaceitável. Não há nenhuma chance de a Top Noivas poder publicar uma edição com artigos como... — e ela principiou a folhear a pauta, examinando as páginas — ... “Compreendendo o seu Homem: Quando ‘Aceito’ Não é a Melhor Resposta”. Ou... — virou outra página — ... “Vida Além do Altar — Você Não Precisa Casar para Conquistar o Mundo.”

Apesar do medo começar a invadir meus sentidos, graciei.

— Bom, pensei que já que a Top Noivas é dedicada à mulher total, devemos explorar as opções da mulher fora do casamento. Isto é, quanto mais penso a respeito, mais percebo que, se uma mulher espera bastante tempo para se casar, ela pode chegar à conclusão de que o casamento não é a única, nem sequer a melhor saída. — Pronto, agora eu a tinha.

Contudo, a face de Caroline só se enrugou mais de preocupação.

— Emma, entendo o que diz, e você deve, de fato, ter um excelente argumento. — Parou. — Mas a Top Noivas é uma revista voltada ao planejamento de casamentos. — Sorriu, como se tentando me fazer enxergar a ironia daquilo tudo. — Quer dizer, realmente, Emma, onde estaríamos... onde nossos anunciantes estariam, a propósito... se começássemos a pregar que as mulheres não devem se casar? Não imagino que venderíamos um monte de bolos de casamento, não é?

Ela tinha um argumento. Um argumento extremamente relevante, o qual, na minha onda de expressão criativa e recém-encontrada liberdade de solteira, de algum modo havia esquecido por completo. Fiquei mortificada. Que diabos andei pensando?

— Eu... eu acho que fui um pouquinho... distraída quando... elaborei a pauta.

Então Caroline, do seu jeito afável e compreensivo, sorriu.

— Não se preocupe com isso, Emma. — Devolveu-me a pauta. — Por que não faz outra tentativa agora que ganhou alguma... perspectiva. Vamos ver o que você consegue aprontar.

Balancei a cabeça tímida, aceitando a pauta com uma flácida mão e levantando-me para sair.

— Obrigada, Caroline. Eu... eu vou ver o que posso fazer. De volta à minha mesa, quando me sentei pensando como havia conseguido bancar a mais completa idiota para todo mundo que era alguém na Top Noivas, Rebecca apareceu no meu cubículo. Era a última pessoa que eu esperava ver, já que ela ficara em casa doente nos três últimos dias. Fiquei chocada quando vi seu rosto, vermelho, empolado e mascarado com o que se assemelhava à loção Calamine.

— Você está bem? — indaguei, assombrada pelo quanto sua aparência estava repulsiva.

— Preciso conversar com você. Drinks hoje à noite?

— Claro — sussurrei, curiosa. Então, dando uma espiada no seu dedo esquerdo sem anel, soube que aquela pequena reunião não ia ser agradável.

Fomos ao Rio Grande, e sentamos do lado de fora para que Rebecca pudesse manter os óculos de sol e disfarçar melhor o horrível inchaço do rosto. No caminho, ela me contou que tinha sido urtiga, embora se recusasse a dar qualquer explicação demorada até sentarmos de frente uma para a outra, com margaritas diante de nós.

— Então, conte-me como diabos você conseguiu arrumar urtiga em plena Nova York — falei.

— Não foi em Nova York — revelou, olhando-me como se eu fosse alguma espécie de imbecil.— Nash e eu dirigimos até o norte do estado na manhã de sábado. Acabou que não conseguimos a reserva no Le Colonial para o meu aniversário, e ele tinha uma surpresinha planejada para mim. — Tomou um saudável gole da margarita. — Rapaz, e ele tinha mesmo.

Gritei por dentro quando percebi que sequer havia lhe desejado feliz aniversário, depois calculei que, a julgar pela expressão no seu rosto, ela não estava a fim de qualquer tipo de gracejo.

— Então, fiquei imaginando um chalé aconchegante. Passeios ao luar. Oportunidades aos borbotões para que ele soltasse o pedido — continuou Rebecca, o rosto uma máscara que escondia quaisquer que fossem as emoções que sentia, — Certamente dei pistas suficientes de que eu queria estar noiva na altura do meu 29º aniversário!

Acenei a cabeça encorajadora, e me recusei a salientar que, aos 31, eu estava longe de ser noiva.

— Daí estamos dirigindo através da área florestal em Berkshires. Absolutamente lindo. Procuro em todo canto pelo chalé aconchegante quando Nash dobra numa estrada lamacenta com uma placa que diz "Acampamento Lakeview".



— Ah, fui lá quando era criança! — exclamei.

A informação não a impressionou.

— Aparentemente, Nash também. Com o pai. Parece que estava tentando reviver alguma lembrança da infância. Não me pergunte por que ele pensou que isso seria a coisa perfeita a se fazer no meu aniversário.

— Sabe como são os homens. Sempre parecem pensar que vamos adorar as fantasias deles. Creio que é um defeito do cérebro masculino. — Então, ri. — Já contei que Derrick me levou a um campo de arremesso no nosso aniversário de um ano?

— Sim, bem, eu estava tentando mostrar espírito esportivo. Tentei não estremecer quando ele puxou a barraca e alegremente me pediu para ajudar a armar. Afinal de contas, na minha cabeça, eu ia ficar noiva. — Deu de ombros.— Calculei que seria uma boa história para contar aos nossos filhos um dia.

Concordei, tentando imaginar Rebecca, com suas mãos bem cuidadas e as mechas caprichadas, como mãe. De algum modo o Calamine que pintava o seu rosto ajudava a visualizar algo, mas era uma imagem longe de maternal.

Então armamos a barraca, e enquanto ele está faceiro a passear em volta do acampamento, decidi caminhar pelo lago e tomar uma ducha.

— Ah, você não ama aqueles chuveiros ao ar livre... com vista para as montanhas...— parei à vista de suas sobrancelhas erguidas. Aparentemente não.

— Quando volto, cerca de uma hora e pouco mais tarde, Nash sugere um passeio. E tem esse sorrisinho bobo na cara que ele diz que ele está aprontando alguma, certo? — Sacudiu a cabeça e tomou um revigorante gole da bebida. — Oh, ele estava mesmo aprontando alguma. Mas não o que eu esperava. Cheguei mais para perto, totalmente compenetrada. — Ele me leva nessa pequenina caminhada ecológica pelo bosque. E caminhamos juntos por cerca de 20 minutos quando, de repente, diante de nós, está esse presente embrulhado com perfeição, colocado sobre um tronco. Arqueei as sobrancelhas.

— Era o...? Sacudiu a cabeça.

— Não, não era. Na verdade, uma das primeiras coisas que reparei é que era grande demais para ser um anel de noivado. — Estendeu as mãos separadas por quase 30 centímetros. — Era mais ou menos do tamanho de uma peça de cozinha. Exato o que era. — Ela estremeceu. — Um multiprocessador. Ele me comprou um multiprocessador de merda.

— Não entendo. Durante todo o passeio pelo bosque, o que ele estava tentando fazer?

— Aparentemente, algo que o pai costumava fazer no aniversário de Nash quando acampavam juntos. Ele corria para o bosque em segredo e escondia um presente para Nash. Depois, agia como se estivesse surpreso quando chegavam perto, como se não fizesse ideia de como aquilo fora parar ali, mas tinha certeza de que pertencia a Nash. — Ela revirou os olhos. — Era uma espécie de jogo entre eles. — Suspirou. — Suponho que não posso culpá-lo. O pai morreu há um ano, e esse é realmente o primeiro verão de Nash sem ele. Acho que quis evocar as lembranças. Mas um multiprocessador! — Toda a compaixão que fulgurou tênue em seu rosto dissolveu-se em rancor e perplexidade.

— Um aparato de cozinha é um presente significativo — comentei. — Demonstra que ele pensa em você numa perspectiva doméstica. Uma... perspectiva casadoira.

— Bem, eu teria mais confiança nisso se fosse um anel naquele tronco de árvore, e disse isso a ele, naquela exata hora e lugar.

— Mesmo? — indaguei, estupefata. Rebecca não era de poupar palavras, descobria eu, especialmente quando o assunto era casamento.

— Mesmo — confirmou, e então entornou o resto do drinque. — Fiquei tão louca da vida que até peguei o maldito multiprocessador e o atirei no meio dos arbustos! — Ela riu sem contentamento. — Tudo o que consegui com isso foi essa horrível urticária. — Suspirou, depois explicou. — Ele pareceu tão magoado quando mandei aquele multiprocessador pelos ares, que me senti mal, por isso voltei aos

arbustos para encontrá-lo e dei de cara com essa... essa praga! Agora me pergunto se ele sequer se importou. Como ele ousou posar de todo magoado! Como se eu não tivesse entendido o motivo do final de semana inteiro. Quer dizer, estamos juntos há dois anos, ora bolas!

Sorri triste. Dois anos, Isso realmente não representava nada em todo o esquema das coisas. Afinal de contas, Derrick e eu ficamos juntos dois anos. E talvez eu tenha mais umas poucas relações de dois anos no futuro. A hipótese me deprimiu.

— Não vou ficar nem um pouco mais jovem — disse Rebecca. — Agora que começo a encontrar alguns dos objetivos da minha carreira... — Hesitou, como se percebendo como isso soaria para mim, então cometeu uma gafe.— Quero dar a partida em alguns dos meus outros objetivos. Como casamento. Uma família.

O pequeno plano de vida que estendeu diante de mim me tornou dolorosamente consciente do quanto eu estava atrasada em todos os meus próprios objetivos. Suspirei e quase —quase — confessei o mais recente episódio do meu relacionamento com Derrick. Mas logo senti uma bola de emoção me avultando na garganta e me contive. Eu estava vulnerável demais após aquele maldito último telefonema. Provavelmente, começaria a choramingar. E a última coisa que eu queria fazer era chorar na frente de Rebecca. Em especial quando ouvi suas palavras seguintes.

— Bom, agora que Nash enfim tem uma noção sobre o que deveria acontecer entre nós — continuou Rebecca —, espero que comece a procurar um anel nas lojas. — Então franziu o cenho. — Talvez eu deva deixar mais fotos de anéis de noivado que peguei emprestado da revista espalhadas de novo. Ou melhor, claro que ele não reparou da primeira vez. Afinal, não quero que ele me compre um anel de que eu não goste... como um daqueles diamantes horríveis em formato de coração. Quer dizer, existem certas coisas que eu simplesmente não usaria. Nem mesmo por amor.

— Suponho que não — respondi, mas não conseguia mais me concentrar na conversa. Minha mente saiu do ar para ditar sobre Derrick e tudo o que ele não fez para mim. Nem mesmo por amor.

**Confissão: Minha autoimagem se tomou dolorosamente dependente da visão da luz vermelha piscando na secretária eletrônica.**

O fim de semana passou sem uma única mensagem de qual quer membro da seita masculina, nem mesmo papai, para quem eu não conseguia me obrigar a ligar de volta. Claro, Derrick não ligaria. Sempre se pode contar com ele para manter suas promessas e, se disse que não ia ligar, eu estava um bocado certa de que não o faria. Como previsto, Max não ligou, tampouco. Embora dissesse para mim mesma que previa que ele me desse o fora, a rejeição ainda incomodava. "O que havia de tão errado comigo?", pensei ao me entrincheirar para enfrentar outra noite de sábado em casa. Já tinha ligado para Alyssa, mais para saber de Lulu, que havia passado por uma cirurgia bem-sucedida na última quinta e já estava em casa convalescendo, mas também porque senti o aperto da solidão. Após relatar que Lulu estava ótima, só um pouquinho sensível e incomodada, Alyssa declarou que ela e Richard não iam sair para cuidar dela naquela noite.

— Pode vir para cá se quiser — acrescentou como atenção atrasada, mas eu estava deprimida demais para cogitar passar a noite com Alyssa e Richard. Além do mais, Lulu não carecia do meu negativismo enquanto tentava se recuperar.

Liguei também para Jade, só para descobrir que ela e Enrico iam sair para dançar. Claro, fui convidada a ir junto, mas a ideia de chacoalhar estupidamente numa pista de dança, em especial depois de acabar de me empanturrar com um resto de Skinny Scoop, não me apeteceu nem um pouco. Então, cá estava eu, sozinha de novo no sábado á noite. Tentei ver pelo lado positivo. Com a ideia de que poderia finalizar algum trabalho, liguei o computador. E enquanto me sentava, tentando compreender como tornar a desastrosa pauta para a Edição Noivas Maduras mais simpática em relação ao casamento, recorri à velha técnica de protelação que usava sempre que queria evitar escrever. Comecei a examinar alguns dos arquivos antigos, a

começar por um que simplesmente intitulei Notas. Descobri, com surpresa, que na verdade era uma introdução muito incipiente para aquele romance que um dia pensei em escrever. Como o título do arquivo indicava, se resumia basicamente a rascunhos de informação sobre os personagens que o livro viesse a ter, cenas que imaginei que podiam funcionar. À medida que corri os olhos, cheguei a uma seção onde realmente principiei a dar forma a uma cena. Eram apenas uns poucos parágrafos acerca de uma mulher sentada diante do espelho, maquiando o rosto antes de sair. Contudo, enquanto lia, me compenetrei. E quando cheguei ao final do último parágrafo, a coisa mais estranha aconteceu. Comecei a digitar, completando o resto da cena. O que ela vestia, para onde ia. Antes que me desse conta, escrevi três páginas.

Sentindo-me desordenadamente satisfeita comigo mesma, fechei o computador e tomei um banho relaxante. Na hora em que cerrei os olhos para dormir naquela noite, senti uma satisfação que não conhecia desde o curso de graduação, quando terminei a coleção de contos para a dissertação de mestrado. Eu estava escrevendo de novo. Escrevendo de verdade.

**Confissão: Tudo bem, tudo bem — eu não estava totalmente feliz. Não até o telefone tocar...**

Como o sinal divino de que enfim eu estava no caminho de uma nova vida, o telefone tocou domingo à noite, quebrando o silêncio em que passei boa parte do fim de semana. Escrevi mais um tanto e, admito, fiz só um pouquinho a mais de faxina. Já que estava no meio da revisão meticulosa das cinco páginas que estiquei, decidi ignorar e deixar a secretária atender.

Ao som da voz de Max Van Gelder, paralisei.

— Emma? É Max. Lembra de mim? — Risada. — Desculpe por não ter entrado em contato. Peguei esse trabalho de última hora que não

pude recusar. Para a revista Rolling Stone. — Outra risada, esta última soando um pouquinho afetada.

Bom, não estou nem aí, pensei, embora por dentro estivesse acelerada de excitação.

— Imaginei se gostaria de me encontrar esta semana. Me ligue. Meu número é 555-7684. Espero ter notícias suas. Se cuide.

Pasma de choque, imediatamente levantei do computador e dei início a uma pequenina dança. Ele ligou! Max Van Gelder ligou!

Sem disposição de celebrar esta vitória sozinha — e querendo evitar discar o número dele de pronto —, liguei para Jade.

— Alô? — respondeu ela com uma voz gutural.

— Está dormindo?? — indaguei descrente. Eram só oito e meia.

— Não, não. Só descansando. Enrico saiu há cerca de uma hora e estou exausta — retrucou, com a satisfação de uma mulher bem servida na voz.

— Ele ligou — falei.

— Quem ligou?

— Max. Max Van Gelder. O escritor que conheci na festa Mastro que nós fomos.

— Ele demorou bastante. O que ele disse?

— Estava com um prazo a cumprir... pegou um trabalho de última hora para a Rolling Stone.

— Humm — respondeu ela, a entonação indicando que ficara vagamente impressionada. — E o que ele queria?

— Ele quer me encontrar! — falei, me recusando a permitir que ela amortecesse o meu ânimo.

— Ahã. E ele telefona num domingo á noite: ele vai precisar de um pouco de treino. Vocês não fizeram planos ainda, não é?

— Planos? Não, não. Ele deixou um recado. Tenho o número dele.

— Não ligue de volta...

— Jade...

— Não quero dizer nunca, só quero dizer para não ligar para ele logo de cara. Faça-o esperar. Ele fez você esperar.

A espera, eu sabia, seria um bocado mais complicada para mim.

— Quanto tempo?

— Pelo menos até quarta. Então, poderá fazer planos para o fim de semana.

— Ele falou esta semana. Quer me encontrar esta semana...

— Emma, me escute, amorzinho. Não estamos discutindo o que ele quer. Comece a se render a isso no encontro número 2 e estará arruinada. Faça-o saltar alguns obstáculos.

Ela tinha razão, concluí. Precisava me controlar. Mas é que eu estava tão certa de que jamais teria notícias dele novamente que o som da sua voz me atirou num estado de insanidade temporária. Agora que havia recobrado um certa medida de controle, falei:

— Sabe qual é a parte mais estranha disso? Ele telefonou quando eu estava ocupada em... em... escrever. Quero ser escritora.

— Você é escritora, Emma.

— Sim, mas para ser honesta não andei escrevendo muito ultimamente. Excluindo a Top Noivas em todo caso.

— Não significa nada. Só porque um músico não está numa banda não significa que não consegue tocar guitarra.

— Quando você virou filósofa?

— Sexo de qualidade faz isso com uma mulher. Você vai ver.

— Não é como se eu nunca tivesse experimentado sexo de qualidade, Jade. Derrick e eu...

— Ah, não, não. Agora, você tem alguma lingerie boa? Se não, precisa correr até a Victoria's Secret esta semana.

— Não é como se eu fosse dormir com ele no segundo encontro...

— Nunca se sabe. Além do mais, penso que iria lhe fazer um mundo de maravilhas. Lembre-se, sexo é...

— ... o Prozac da garota solteira. Sei. Sei.— Mas a ideia de dormir com Max — de dormir com qualquer um que não fosse Derrick — de repente tornara-se definitivamente apavorante. E absolutamente excitante. — É melhor eu correr para a academia esta semana.

— Ótimo, mas o faça por si própria. Você não precisa disso  
Sua aparência está fantástica.

— Quando foi à última vez que me viu pelada? — retruquei, passando a mão pelo abdômen.

— Não preciso ver você pelada para saber que está em boa forma. Sou uma produtora de moda, lembra?

Sorri. Talvez eu fosse bonita. Certamente me sentia assim naquele momento, com a mensagem de Max ainda piscando na secretária e a ideia de retornar sua ligação fazendo meu estômago sacolejar de ansiedade.

— Obrigada pelo voto de confiança, Jade.

— Claro. Para que servem os amigos?

**Confissão: De repente fiquei louca por rapazes. E mal tenho um rapaz na minha vida.**

Na tarde de segunda, no trabalho, depois de lapidar minha segunda versão da pauta e revisá-la três vezes, entreguei-a a Patrícia. Não estava totalmente segura se agora era o que minha editora-chefe esperava, mas senti uma súbita e estranha indiferença. Afinal, não era o meu romance. Meu romance. Aquele no qual trabalhei durante o fim de semana. Aquele que casualmente mencionaria na próxima conversa com Max, quando eu decidisse ligar de volta para ele. Afinal, era um escritor. Ele entenderia.

Liguei para Alyssa ao chegar em casa, para conferir o progresso de Lulu e me segurar para não telefonar para Max cedo demais. Além do mais, já que Lulu passara a salvo pela cirurgia, eu tinha que manter um olho aberto em Alyssa. Agora que havia recuperado a sanidade, queria



voltar atrás em todo o encorajamento que lhe dera para dormir com Jason. E não tinha motivo para me preocupar com essa questão. Quando tentei achá-la no escritório mais cedo, descobri que tirara o dia de folga — supostamente para correr com Lulu ao veterinário. Tentei conter o pânico, para não alarmar sua secretária, mas fiquei sobressaltada. Ainda mais que não havia tido notícias de Lys durante o dia inteiro.

Sua voz estava exuberante quando soprou um animado alô no meu ouvido.

— O que está havendo? — perguntei, torcendo para que não estivesse com algum surto de feromônios depois de passar a tarde com o Dr. Jason Carruthers.

— Estou apaixonada — declarou ela. Oh, Deus. Era pior do que eu pensava.

— E devo agradecer a você, Emma. Estou tão contente por ter esperado até depois da cirurgia de Lulu antes de... de... você sabe.

—Alyssa — comecei a protestar —, obviamente, está se sentindo vulnerável após a cirurgia. Você não pode estar apaixonada por Jason... Ela gargalhou. — Emma, não é por Jason que estou apaixonada, é por Richard!

Meu coração saltou de esperança. — Certo, volta tudo. Comece pelo início. — Bem, você sabe que Lulu voltou para casa no sábado para se recuperar. — É, como ela está? — Ah, está ótima. Melhor do que nunca. — Bom — disse, e então esperei que ela prosseguisse com qualquer revelação que lhe houvesse acometido e lhe enfiado o juízo na cabeça novamente. — Sábado ela passou o dia inteiro incomodada, daí Richard e eu decidimos lhe dar alguns dos analgésicos que Jason receitara para ajudá-la a dormir naquela noite.

— Hum.

— Desabamos lá pelas 11 horas na noite de sábado. Estávamos ambos exaustos de cuidar de Lulu o dia todo, e ela parecia estar descansando confortavelmente. Então, imaginamos que ficara tudo bem se fôssemos para a cama.

— Correto — respondi, ainda me perguntando onde começava a parte apaixonante.

— Por volta da uma e meia da manhã, Richard pula da cama. Pelo jeito, ele tinha ouvido um barulho estranho na cozinha, onde arrumamos a cama de Lulu.

— Estava tudo bem com ela?

— Não, ela vomitava desconsoladamente. E cada vez que eu e Richard tentávamos ajudá-la, ela só gania e golfava de novo. Nunca fiquei tão assustada na minha vida. — E o que você fez?

— O que mais poderia fazer? Liguei para Jason.

— E? — De repente visualizei Jason na sala de estar de Alyssa e Richard, às duas da manhã, a postos para salvar a vida de Lulu e arrebatá-la.

— Ele não atendeu. Caiu na caixa postal.

Ahã. Então o Sr. Maravilha enfim mostrara sua verdadeira cara.

— Foi isso mesmo?

— Liguei de volta uma hora depois, mas então Lulu tinha parado de vomitar, embora estivesse muito fraca.

— Ele apareceu?

— Não. Ele havia ido passar o fim de semana em Fire Island e não havia jeito de retornar à cidade até domingo, por causa do horário da barca e tudo mais. Apenas no aconselhou a dar líquidos a Lulu, para evitar que desidratasse. Então foi o que eu e Richard fizemos. Ficamos a noite inteira acordados com Lulu, fazendo turnos para dar-lhe água com um conta-gotas, que foi o único modo que encontramos para dar-lhe água. E a consolamos. E um ao outro. Emma, nunca pensei o quanto Richard realmente se importava com Lulu. Comigo. Apenas abraçamos um ao outro a noite inteira e conversamos. Conversamos de verdade. Foi... bonito.

Meus olhos embaçaram e um nó se formou na minha garganta.

— Isso é maravilhoso, Alyssa.

— E escute essa — continuou. — Levei Lulu para ver Jason hoje. Aparentemente, ela teve uma reação alérgica aos analgésicos que ele receitou!

— Que miserável.

— Não é culpa dele. Como poderia saber que ela era alérgica? Ela não tinha histórico.

— Mesmo assim, ele devia ter feito alguns exames...

— Emma, sou muito grata a Jason. Especialmente porque hoje ele também me deu a notícia de que a biópsia do tumor de Lulu atestou que é benigno.

— Isso é maravilhoso!

— Eu sei. Fiquei tão feliz, que dei um grande abraço em Jason. E a melhor parte é: não senti mais nem um pingão de atração por ele. Pode acreditar nisso?

— Sim, posso — concordei, afastando todas as imagens que de súbito me vieram à mente do Dr. Jason Carruthers e sua estrondosa sensualidade. Fiquei muito feliz da vida por Alyssa e Richard descobrirem um ao outro de novo.

— Sabe, até estou considerando recorrer à homeopatia da próxima vez — continuou Alyssa. — Remédios naturais devem ser mais adequados ao organismo de Lulu. Tem veterinário no East Village que é especialista em tratamento holístico. Andei lendo um pouco, e começo a acreditar que Jason pode não ser tão moderno quanto pensei que era.

Sorri. De uma coisa eu estava certa: não importava o que acontecesse com Lulu, sabia que Alyssa e Richard haviam passado no teste que provava que enfrentariam qualquer coisa juntos. Sempre.

— Tenho que ir — disse ela agora. — Richard está cozinhando o jantar para mim esta noite, e pelo barulho das panelas na cozinha ele deve estar precisando de ajuda.

Desligamos poucos minutos depois, e fiquei cheia de esperança mais uma vez. Sabia que Alyssa e Richard eram Predestinados. Sentia isso nos ossos, e estava certa. E agora, quando meus pensamentos

voltaram para Max, senti um insólito formigamento por dentro que me encheu de ansiedade e esperança. Talvez minha intuição estivesse dizendo que ele poderia ser o Homem Certo para mim.

## DEZ

*“O amor é um doce inferno do qual só os verdadeiramente corajosos conseguem escapar.”*

— *Bart Freely, diretor, O amante solitário*

### **Confissão: Meu corpo foi tomado por uma admirável mulher nova: A Supergata Solteira.**

Com todas essas boas vibrações no ar, não consegui deixar Max de molho por muito mais tempo. Na terça á noite, não houve como deter o inevitável. Liguei para ele. Não consegui me conter. E, ao som de sua voz feliz do outro lado da linha, soube que tinha feito a coisa certa.

— Emma! Que bom ouvir você. Como vai tudo?

— Maravilhoso. E com você?

— Ótimo. Ótimo. Desculpe demorar tanto para voltar a procurá-la. Eu...

— Demorar? Não notei. Andei tão ocupada e tudo o mais — menti. — Ando trabalhando numa pauta para uma edição especial da revista. Escrevendo um romance. Sabe como isso é.

— Ah, sei mesmo — retrucou com uma risada. — Então, a fim de uma pequena diversão?

— Depende do que você tem em mente — respondi, embora soubesse de coração que mesmo se ele sugerisse assistir ao futebol numa sala repleta de seus irmãos de fraternidade bêbados de cerveja, eu iria.

— Bem, o novo filme de Bart Freely estreia este final de semana — O amante solitário. Freely é um dos meus diretores favoritos.

Um calafrio me atravessou. Bart Freely era um dos diretores favoritos de Derrick também. Mas o pensamento foi apagado pelas palavras seguintes de Max.

— Está em exibição no Beekman Theater, bem ao lado do meu apartamento. Pensei que pudesse querer se aventurar pelo Upper East Side para variar. Além do mais, o Beekman é um esplêndido teatro antigo, reformado recentemente.

Ele estava me convidando para seu próprio território. Minhas antenas subiram. Ele quer me mostrar o seu mundo. Talvez até... o apartamento. Gulp.

— Parece divertido — falei, como se as implicações sexuais da sugestão dele sequer me alterassem.

— Posso apanhar você no seu apartamento, se quiser... — começou.

Surpresa e lisonjeada que ele sugerisse algo tão insanamente cavalheiresco como descer o caminho todo até o centro e me apanhar do outro lado da cidade para ir ao cinema, respondi rápida:

— Oh, não é necessário. Que tal se eu encontrar você no teatro?

— Excelente. Excelente — concordou, com alívio evidente na voz. — Tem uma sessão às nove e quinze. Talvez possamos nos encontrar lá por volta das oito e meia? Sabe a loucura que é conseguir lugares para uma noite de sexta.

— Ah, é — falei, lembrando de como Derrick era parecido quanto a chegar cedo ao cinema para garantir lugar no meio e uma vista central da tela, que com sorte não fosse prejudicada por algum caso de pituitária anômala. Como já convivi com essa neurose particular por dois anos, achei que podia aguentar. — Está bem.

— Então, está combinado. Vejo você às oito e meia na sexta.

— Até lá então — disse. Daí ele acrescentou:

— Estou realmente esperando ansioso por isso, Emma.

— Eu também — respondi. E estaria. Se não tivesse um ataque de ansiedade devido à pura agonia nervosa.

**Confissão: Finalmente compreendo por que sexo é uma palavra de cinco letras.**

— Você não tem que dormir com ele, Emma, só porque está na área dele — afirmou Jade quando telefonei para ela mais tarde naquela noite para contar dos grandes planos para o encontro.

— Sei disso — rebati, embora mentalmente já tivesse escolhido toda a roupa, até a lingerie de renda negra.

— De fato, mudei de ideia. Não acho que deva dormir com ele logo de saída — falou.

— Vejam só quem está defendendo o celibato!

— Sim, bem, não gosto da maneira como ele está manipulando as coisas. Precisa continuar a lembrá-lo sobre quem está no comando. Se não dormir com ele, ele vai perceber que não pode administrar as coisas desse jeito. acredite em mim, eles sempre tentam administrar as coisas do jeito deles. Até Enrico, jovem viçoso que é, gosta de pensar que é ele quem comanda o espetáculo. Eu o agrado às vezes, só para manter a paz. Mas realmente sou eu quem dá as cartas.

—Então, presumo que você e Enrico estão progredindo?

— Progredindo? — repetiu, defensiva. — Não vamos a lugar nenhum. Estamos transando.

— Certo, certo. Não precisa ficar tão irritada.

— Quem está irritada? Só estou cansada de lembrar a todo mundo, incluindo ele, que não temos um relacionamento. Nós temos sexo. Sexo inacreditável, devo acrescentar. De fato, na outra noite, me aprontava para sair e ele me esperava na sala. Ou foi o que pensei. De uma hora para outra, ele está no banheiro comigo enquanto passo o batom, levanta minha saia e me crava contra o espelho. — Suspirou diante da lembrança. — Ele me possuiu ali mesmo na pia do banheiro. Todos os

produtos de cabelo e cosméticos se espalharam por toda parte com um único golpe do seu antebraço musculoso. Totalmente arrebatador.

Tentei visualizar Max e eu tendo um momento selvagem de paixão no meu banheiro. Então, percebi que a pia ficava perto demais da privada naquele espaço exíguo para torná-lo qualquer coisa além de uma situação bastante constrangedora. Tentei visualizar Max despido, e não foi uma imagem ruim. Foi tão boa, na verdade, que tive que me forçar a me concentrar mais uma vez na conversa em questão.

— Sexo de qualidade é importante num relacionamento... não que você tenha um relacionamento — acrescentei rápido antes de chegar ao verdadeiro argumento. — É muito chato que Enrico não seja um pouco mais velho. E mais o seu tipo. Vocês dois poderiam ter alguma coisa.

— Esse é o problema com você, Emma. Sempre pensa que um homem e uma mulher somados é igual a felizes-para-sem-pre — Jade suspirou.

— Eu não! — retruquei, de súbito defensiva. — Só pensei como seria bacana se fosse assim. Eu e Max. Você e Enrico. Alyssa e Richard.

— Está deduzindo um pouco demais aí, Emma. Quer dizer, até Alyssa e Richard não têm certeza de onde vão...

— Oh, têm sim — retruquei feliz, depois passei a informá-la sobre todos os comoventes detalhes da união de Alyssa e Richard.

No final, pude notar que ela se alegrou pelos dois. Como não poderia? Eu sabia que Jade via Alyssa e Richard como almas gêmeas, tal como sempre vi. Mas lógico que ela não conseguiu evitar virar a correnteza da conversa do carinhoso e desprendido namoro de volta à venturosa sexualidade feminista antes de desligarmos.

— Isso significa que o Dr. Totó está livre? — perguntou.

— Você é insuportável — respondi.

— É por isso que você me ama — falou.

— E verdade. O que eu faria depois de Derrick sem você para me lembrar de todos os outros peixes no mar?



— Quer dizer os vermes no porão, não? — retrucou. — Afinal, estamos em Nova York.

—Jade! — O seu lado sexualmente aventureiro eu podia aceitar. Mas o seu cinismo me preocupava.

### **Confissão: O cinismo pode ser minha única proteção agora mesmo.**

A noite de sexta chegou rápido demais para o meu gosto. Só tive tempo para uma sessão de ginástica, e até isso foi meio desanimador, já que Alyssa e eu passamos a maior parte do tempo vadiando na sauna a vapor e conversando a respeito do renascimento da relação entre ela e Richard. Um buquê de rosas enviado de surpresa ao escritório dela na segunda. Uma massagem de corpo inteiro quando chegou em casa na terça. Ele até desligou o jogo dos Yankees ontem à noite para que pudessem passar algum tempo de qualidade juntos. Tudo isso mais o fato de que Lulu voltara à personalidade festiva de sempre. Fiquei impressionada como um pequeno trauma podia levar uma relação tão longe.

Também mal tive tempo para me recobrar das duas migalhas discrepantes de notícia que recebi durante a semana. Na quarta, descobri que minha pauta para a edição da Noiva Madura fora definitivamente rejeitada por Patrícia. Embora Caroline sugerisse, no seu tom tranquilizador de costume, que eu podia escrever um artigo sobre a noiva madura para a edição especial de Rebecca sobre casamentos posteriores, não reagi amistosamente à ideia. Em especial porque Rebecca, Marcy Keller e qualquer um com quem por acaso eu engrenasse qualquer conversa no escritório esses dias não podiam deixar de me informar o quanto a edição especial de Rebecca estava ficando bonita.

A segunda migalha de notícia, que recebi pelo correio de voz na quinta, foi consideravelmente mais perturbadora. A esposa do meu pai, Deirdre, me ligou para o escritório e, sem me encontrar na sala, deixou quatro palavras ameaçadoras após o bipe para que eu retornasse: "Ele

voltou a beber." Depois, numa voz um pouco mais resignada: "Me ligue quando tiver chance."

Confesso abertamente que não liguei de volta logo de cara. Não conseguiria lidar com isso, não conseguiria descer à loucura particular da família enquanto tentava com tanto esforço tornar minha vida senão um conto de fadas, parecida com alguma coisa normal. Seja como for, não era como se eu pudesse fazer qualquer coisa. Havia recebido mensagens assim antes, no decorrer dos últimos poucos anos. Conhecia o quadro. Três ou quatro dias de bebedeira, falta de apetite e insônia. Dois dias tentando ficar sóbrio. Um dia de desalento e autopiedade. Depois, se as coisas fossem realmente ruins, reabilitação.

Apenas não estava pronta para lidar com isso.

Assim, evitei o máximo possível. Até consegui apagar misericordiosamente tudo aquilo da mente enquanto secava o cabelo na sexta à noite e me enfiava no meu melhor par de jeans. Após deslizar para dentro das sandálias e da camiseta laranja berrante sem mangas, que Jade descobriu numa liquidação de mostruário e me deu depois de usar só uma vez, eu estava pronta para encarar o encontro com Max Van Gelder. Tão pronta quanto sempre estaria.

Para minha satisfação, Max esperava em frente ao teatro quando cheguei. Jade me aconselhara a atrasar, e, embora fosse um esforço para mim, consegui chegar cinco minutos depois do horário combinado para o encontro.

— Ei — disse, ao me aproximar.

— Ei, você — saudou, com os olhos vagueando por mim. Então me beijou, rápido e com ardor, nos lábios.

Bem, pensei. As coisas com certeza decolavam para um... começo interessante. Aquele beijo pareceu terrivelmente o tipo de beijo íntimo e casual que se recebe de um... um namorado.

Então ele me sorriu.

— Você está ótima. Mais pontos para Max.

— Obrigada. Você também não está nada mal — respondi. Outro sorriso, enquanto os olhos estudavam os meus por uns poucos

instantes, quase como se medissem alguma coisa. Me deixou vagamente nervosa, mas de um jeito trêmulo, excitante.

— Quer entrar e procurar os assentos? Já consegui os ingressos — afirmou, tomando minha mão.

Ele me conduziu para dentro do teatro, e estremei pelo modo como devíamos parecer juntos, ele de jeans escuro com uma camiseta de camuflagem bacanérrima, eu de jeans combinando e laranja berrante. Parecíamos mais um dos casais descolados de Nova York do que Derrick e eu jamais parecemos, concluí com satisfação. Afinal de contas, Derrick era de Nova Jersey. E não há como esconder um fato desses, não importa quantas blusas de gola cacharrel pretas você tenha.

Contudo, em seguida meu novo consorte fez uma coisa perfeitamente típica de Derrick: passou a tornar-se obcecado pela escolha dos assentos.

Primeiro, cochichou comigo ao passarmos pelo balcão de lanches, resmungando algo referente a encontrar assentos antes que a multidão entrasse. Depois, uma vez que havia aberto a porta do teatro, vi que vigiava a sala.

— Certo, parece que ainda temos fortes possibilidades nas fileiras centrais, embora algumas delas devam ficar muito perto da tela. Espere... — Com uma das mãos firme nas minhas costas, me escoltou até uma fila completamente ocupada, exceto por dois lugares que ainda permaneciam vazios no meio. — Pode nos dar licença? — disse ao sujeito balofo da ponta, que contemplou a fileira primeiro, quase em descrença de que ainda houvesse quaisquer assentos restantes. Após nos esgueirarmos através da metade esquerda da fileira e tomar os cobiçados assentos, Max sentou-se com cautela, avaliando a visão da tela de todos os ângulos, até se curvando um pouco para ver se a pessoa baixinha à nossa frente viria a obstruir sua vista de qualquer ângulo que não fosse postura ereta de costas. Terminada a rotina, virou-se sorrindo para mim. — Perfeito — sussurrou. — Como você está? Confortável?

— Estou ótima — respondi, sorrindo abobada para ele, perplexa pelo quanto ele pareceu semelhante a Derrick de repente. Era quase

como se eu experimentasse um déjà vu. Todos os homens eram assim? Talvez fosse apenas uma coisa de Nova York. Cinemas superlotados e tudo mais.

— Quer alguma coisa da lanchonete? — perguntou.

— Bem... — vislumbrei a fila de pessoas à nossa direita, torcendo para que ele decidisse perturbá-las dessa vez, ao contrário de se espremer entre Bolo Fofó e sua turma de amigos rabugentos mais uma vez. — Certo. Uma Coca Diet?

— Claro. E vou trazer um pouco de pipoca para nós. — Com isso, enveredou pela metade direita da fila, graças a Deus, me deixando admirar abertamente seu belo bumbum. Suspirei. De repente, a noite caía cheia de promessas novamente.

Max retornou cerca de 15 minutos depois, equilibrando galantemente dois refrigerantes e um balde gigante de pipoca. Quando sentou-se ao meu lado, entregou-me o refrigerante e me deu outro dos seus sorrisos de derreter.

— Esperei a semana inteira para ver esse filme — disse, e então acomodou a pipoca estrategicamente entre nós enquanto as luzes se apagavam e o primeiro trailer iluminava a tela. Após trocar umas poucas farpas sobre a qualidade ridícula dos três filmes anunciados, ficamos em silêncio quando os créditos iniciais surgiram. Pelo que me lembrava acerca do fanatismo de Derrick por cinema, sabia que uma palavra proferida durante o filme principal podia ser uma desgraça quando num encontro com um autêntico cinéfilo, por isso mantive a boca fechada.

Durante o decorrer do filme, que acompanhava a vida de um jovem urbano dividido entre o amor impossível pela vizinha e a mulher com quem vivia há sete anos, me tornei dolorosamente consciente de duas coisas. Primeiro, que Bart Freely, diretor extraordinário segundo Derrick e Max, parecia estruturar suas histórias em torno da impossibilidade absoluta de duas pessoas um dia encontrarem uma a outra em qualquer circunstância sentimental. E, segundo, que parecia haver uma largura de espaço físico um tanto incompatível entre eu e Max na duração inteira do filme. Ele olhava para a frente, com os

joelhos numa distância atenta porém relaxada dos meus, o braço segurando a pipoca como a uma amante. Além do mais, ele tomou conta do braço da poltrona, assim como o outro autêntico cinéfilo à minha direita, deixando-me sem outra opção a não ser manter as mãos cruzadas no colo. Não tocávamos sequer os ombros. Foi como se eu tivesse ido sozinha ao cinema, de tão alheia a ele que fiquei.

Pela hora em que chegamos à cena final do filme, que fechava num plano do nosso jovem herói descolado lendo Nietzsche num restaurante mal iluminado poucas semanas após ser chutado pela companheira e abandonado pela amante, mostrando-se incrivelmente contente em sua solidão, um sentimento estranho, sinistro, começou a se espalhar pelo meu ser. Arrisquei um olhar para Max, que estava dominado pelo filme, suas feições atraentes realçadas pela tela bruxuleante. Foi como se tivesse esquecido totalmente que eu estava lá.

Isso pareceu suspeito, como um mau agouro, embora eu não pudesse — ou não fosse — colocar o dedo na ferida. Ao contrário, diminuí a distância entre nós ao segurar na mão dele enquanto passavam os créditos.

Quando ele espocou aquele sorriso arrasador para mim, todos os temores desapareceram.

— O que achou? — indaguei, admirando-o.

— Êxtase. Puro êxtase cinematográfico. Freely nunca desaponta. Ou melhor, como ele consegue transportar a bela porém amargamente niilista qualidade dos relacionamentos humanos é... pura genialidade!

Enterrando aquela voz insidiosa no porão do meu cérebro, tentei me mostrar devidamente pensativa e respondi com o sempre ambíguo "Humm".

Por sorte, fui salva de expressar meus verdadeiros sentimentos, já que Max parecia apaixonado pelo som da própria voz e falou sem parar a respeito da "genialidade" de Bart Freely enquanto perambulávamos para longe do cinema. Derramou-se em poesia sobre tudo desde a solidão da condição humana à triste conjuntura de Hollywood, que não

tinha lugar para um cineasta diferente (sim, claro) e curioso (para quem, os homens?) como Bart Freely.

Enfim, chegamos no que descobri ser nossa próxima parada na noite. Um bar na Rua 71 Leste que parecia ser chamado simplesmente de Bar, ou porque o dono não podia pagar para consertarem o letreiro meio virado para baixo, ou porque estava tentando ser esperto.

— Está com vontade de comer alguma coisa? Talvez uns poucos drinques? — perguntou Max, esperançoso.

Pela aparência, o Bar também servia comida.

— Claro — respondi, meio aliviada de que ele não tivesse presumido alguma coisa e me levado direto ao seu apartamento.

Logo que sentamos, sombras do nosso primeiro encontro me voltaram. Quando vi Max sentado à minha frente mais uma vez, lembrei por que fiquei atraída por ele em primeiro lugar: a) ele era gostoso; b) era intelectual e, acima de tudo, c) era um escritor — um escritor bem-sucedido. E demonstrava isso, pensei, analisando-o enquanto ele examinava o menu com penetração.

— Por que não começamos com dois drinques?— sugeri. — Então, se quisermos, podemos pedir alguns aperitivos. A menos que você esteja com fome para jantar...? — continuou, me olhando especulativo por cima do menu.

Como se eu fosse admitir que tinha fome suficiente para uma refeição de quatro etapas com ele me olhando daquele jeito — como se comida fosse irrelevante para tipos intelectuais como nós. De repente me perguntei por que eu parecia nunca conseguir jantar quando saía para um encontro.

— Isso me soa ótimo — respondi.

— Bem, sei o que vou querer — afirmou, fechando o menu com um sorriso. — Meu amado martíni Bombay. — Então, meio que franziu os olhos, como se tentasse puxar pela memória. — E o que foi que você bebeu da última vez? Algum drinque com tequila?

De repente suas palavras de despedida no nosso primeiro encontro ressurgiram, e uma visão do meu pai, quatro drinques

enfileirados diante de si e uma careta no rosto abatido, espocou na minha frente.

— Sabe, acho que vou optar por um copo de Merlot esta noite. — Afinal, não queria que ele pensasse que eu tinha alguma espécie de... problema.

Ele se mostrou meio desapontado pela escolha, embora, animado, pedisse por nós dois quando o garçom apareceu.

— E como está o livro? — perguntou assim que ficamos sozinhos de novo.

— Bom, bom — disse, mas por dentro gritei quando percebi que mal pusera os olhos nele desde o telefonema de Max no domingo à noite. Foi como se de repente eu redirecionasse os esforços no instante em que escutei a voz dele na secretária — E você? Terminou o artigo para a Rolling Stone?

— Oh, sim. Foi só uma resenha de livro. Nada com que eu não fosse capaz de lidar — respondeu dando de ombros.

Ignorei o fato de que aquela simples tarefa fora antes a desculpa por ter andado ocupado para me ligar durante uma semana.

— Que legal. O livro era bom?

— Nada especial. Fiquei contente por voltar aos meus próprios escritos — comentou, com um lampejo no olho.

Quando as bebidas chegaram e conversamos mais sobre escrever, concluí que eu desempenhava a mesma dança que já desempenhara uma vez no passado, dois anos antes. Era como se não conversasse com Max, mas com Derrick. As nuances eram as mesmas: dois escritores lutando para mostrar um ao outro quais eram as suas verdadeiras paixões e talvez sem escutar um ao outro, a julgar pelo que ocorreu entre mim e Derrick. Mas eu não queria sentir aquele abismo, não queria enxergá-lo. Por isso deixei-o de lado, concentrando-me no momento, no modo como Max se animava toda vez que sentia que a conversa alimentava quaisquer argumentos que ele tivesse. E ele sempre tinha um ou outro argumento brilhante. Eu estava me enamorando apesar das dúvidas. Como poderia evitar, com o Merlot

aquecendo minhas veias e badalando os meus sentidos com mais peso do que esperei, provavelmente porque jamais pedimos nenhuma comida e fazia um longo tempo desde que havia ingerido qualquer coisa sólida o bastante para absorver o álcool. Não fiquei bêbada por um golpe de sorte. Mal toquei o segundo copo que Max insistiu que eu pedisse, talvez movida por um vago desejo de me manter a uma distância segura da nefasta lembrança da mensagem telefônica de Deirdre. Só posso presumir que foi o vulnerável torpor pós-Derrick que me deixou positivamente resplandecente, com uma riqueza de sentimentos efusivos por Max, quando ele pediu a conta e me conduziu até a porta algumas horas mais tarde.

Nem mesmo o ar gelado da noite que explodiu na minha face assim que chegamos à rua pôde afastar quaisquer emoções estranhas que eu sentia. Na verdade, me flagrei concordando impaciente em resposta à sugestão dele de que voltássemos para sua casa. Só para uma olhadinha rápida, disse ele. Aparentemente, Max tinha um quarto e sala arrasador, com lareira a lenha, tudo por 1.500 dólares ao mês. Você simplesmente precisava ver para acreditar.

Sim, óbvio.

Para lá caminhamos de braços dados, com a minha cabeça repousando no ombro dele como se estivéssemos juntos há dois anos em vez de duas noites. Não consegui fazer nada além de relaxar em seu calor. Ele parecia tão confiante. Tão másculo. E de súbito compreendi o quanto sentia falta de um bom e confiante macho.

Então vi o apartamento.

Com um estalo do interruptor, o aposento resplandeceu em mornidão e cor. E me vi de pé no tipo de living espaçoso com o qual uma moradora do centro da cidade como eu podia apenas sonhar.

— É maravilhoso — desabafei, virando-me para olhar para Max.

Seu sorriso foi orgulhoso, como se ele mesmo houvesse assentado cada tijolo da lareira que jazia confortavelmente na parede oposta.

— Deixe que eu lhe mostre.



Passou a me conduzir pela cozinha. Não uma fileira de utensílios pendurados na parede ou amontoados no que um dia foi um armário. Mas uma cozinha com copa e completa de verdade, com direito a mesa e cadeiras e — até mais raro — uma janela. Engoli em seco, muda quando ele tomou minha mão e me puxou para o seu trunfo. O quarto.

Teto chanfrado, parede de vidro e uma cama tão lindamente composta em cinza e azuis que eu poderia suspeitar que ele virava um pouco a mão — exceto pelo puro olhar predatório que percebi em seus olhos quando me virei para admirá-lo uma vez mais, boquiaberta.

Eu queria dormir com ele. Com tudo o que tinha direito — a lenha crepitando na lareira, a copa-cozinha, os tetos de seis metros de altura. Era um estado de pura e impoluta lascívia. — Quer algo para beber? — ofereceu, quebrando a tensão e me permitindo recobrar os sentidos. — Acho que devo até ter uma garrafa de Merlot, já que essa parece ser sua opção de veneno esta noite.

— Ótimo — respondi, seguindo-o docilmente até a cozinha no esforço de me impedir de rastejar até a caminha aconchegante e implorar que Max fizesse amor comigo até que meu nome fosse acrescentado ao contrato de aluguel.

— Sente-se na sala — disse. — Tem alguns CDs na estante perto da lareira. Escolha alguma coisa.

Fiz o que pediu, apreciando o fato de ele haver me encarregado da seleção musical. Precisava de algo no que me concentrar, para ajudar a recuperar o controle. Contudo, ao revirar os CDs de Max, me flagrei rodopiando ainda mais rumo ao desconhecido. Não reconheci nada na coleção dele. Tudo que parecia possuir eram álbuns importados de bandas britânicas obscuras de que jamais ouvi falar, e gravações de clássicos, dos quais virtualmente eu não sabia patavinas.

Enfim, avistei um CD de Billie Holiday e o agarrei. Por que não? Era romântico de várias maneiras. E daí que era melancólico? De certo modo parecia... apropriado, concluí, quando os primeiros acordes de Lady Sings the Blues flutuaram maviosamente dos alto-falantes. Sim, pensei ao me sentar com cuidado no sofá, eu estava pronta para o que Max tivesse em mente. E estava bem certa de saber o que era.

## **Confissão: Cara leitora, eu dormi com ele.**

Quando Max retornou com dois copos na mão, consegui me transformar no tipo de gata solta e corajosa que se sente perfeitamente à vontade no apartamento de um cara gostoso. Até chutei as sandálias e me afundei no sofá, embora minhas entranhas estremecessem ao vê-lo de pé na minha frente, com aquele olhar especulativo outra vez.

— Billie Holiday. Ótima escolha — elogiou, me estendendo um copo e sentando-se bem do meu lado.

Mal tinha dado um gole quando Max tomou o copo da minha mão e me puxou para os seus braços para um beijo muito sensual porém tão meigo que foi estranhamente... comovente.

Fiz a única coisa que podia. Levei as coisas a um grau acima. Não pude evitar. A ternura era demais para aguentar e o único meio de conseguir resistir era arrebatá-lo sua boca, mordiscando seus lábios ferozmente. Seus olhos se arregalaram de surpresa, então ele reagiu da mesma maneira, e logo, logo, meu sutiã estava no chão perto da camiseta e Max me acomodava numa posição reclinada.

— Preciso sentir você — declarei, arrancando sua camiseta e me comprimindo contra ele. Fiquei cega naquele instante, embora notasse vagamente, assim que ficou de peito nu, que ele pendia para o time dos magricelas, mas era torneado e atlético. Rígido. Era tudo o que eu precisava.

Aparentemente, Max precisava de mais.

— Vamos para o quarto — soprou no meu ouvido, e respondi acariciando sua língua com a boca e sugando com força. Ele gemeu e se levantou, me puxando consigo, para além daquela bonita parede coberta de tijolos, através da cozinha espaçosa e direto para a cama, macia e convidativa.

De repente, não consegui lembrar da última vez que inalei o perfume de um homem em contraste com lençóis frios, frescos. Tudo o que sabia é que era incrivelmente agradável deitar na cama com Max.

Com um beijo rápido, ele me deixou por um tempo enquanto despia o jeans. Senti um pânico momentâneo diante da visão dos quadris estreitos e suas — oh, Deus — cuecas Fruit Of The Looms. Ele me pareceu tão forasteiro, estranho. Esse corpo sem pelos, descarnado, e de repente alheio aos meus olhos, me era desconhecido. Foi como se meu cérebro entorpecido esperasse outra pessoa, alguém familiar.. alguém como... Derrick.

Fechei os olhos para barrar o pensamento, esperando o peso de Max, a sensação de sua língua na minha boca mais uma vez, suas mãos passearem por mim. Foi bom. Não vou mentir. Estava atraída por Max Van Gelder de um modo que ultrapassava o corpo surpreendentemente estreito e as mãos meio desajeitadas. Permitindo que ele deslizasse tanto o jeans quanto a calcinha por minhas pernas, decidi deixar as coisas seguirem seu curso.

E quando as coisas atingiram um determinado ponto febril para Max — eu também estava excitada, embora algo estivesse emudecido dentro de mim —, observei com estoicismo enquanto ele abaixou aquelas Fruit Of The Looms e revirou a cabeceira à cata de um preservativo. Tive todos aqueles pensamentos engraçadinhos sobre a aparência ridícula do pinto de um sujeito envolto em látex — não que fosse um pinto ruim, era algum ponto acima da média da minha vida inteira e talvez até maior do que o de Derrick... durma com essa, desgraçado! — e aguardei pacientemente enquanto ele cutucava e espetava, tentando encontrar o ponto que a natureza instalou no mesmo lugar em toda mulher e que mesmo assim a maioria dos homens não consegue encontrar na primeira tentativa.

De repente estava dentro de mim, olhando fixo para algum ponto no travesseiro sob a minha cabeça, com uma expressão de alívio nas feições. Começou a se mover, lentamente de início, como se o ato lhe causasse mais dor do que prazer. A princípio me senti um pouquinho estranha, contemplando esse homem que mal conhecia enquanto ele me dava estocadas, num elevado estado de prazer do qual eu ainda não era íntima. E tais sentimentos devem ter se revelado no meu rosto, porque ele de repente fechou os olhos.

Observei-o por uns poucos instantes, estudando-lhe as feições e imaginando como elas de repente se tornaram tão vulneráveis ao olhar que me deixavam com vontade de chorar. Mas não chorei. Diabos, eu estava transando. Por isso fiz o que toda garota solteira deve fazer quando se encontra prazerosamente unida a um homem que julga atraente e disposto, se não convenientemente ajustado. Fechei os olhos. E aproveitei.

Pois a fricção começou a me aquecer, senti-lo entre as minhas coxas começou a me excitar. Admito, por um momento imaginei que era Derrick em cima de mim, suando e grunhindo e agindo como se os seus esforços fossem salvar o mundo de alguma forma. E embora a lembrança me empolgasse, foi uma empolgação momentânea, seguida por uma raiva fervilhante que consegui expulsar apenas me concentrando na fricção mais uma vez. Vamos lá, berrou o meu cérebro.

— Mais forte — me ouvi gritar, igual àquelas mulheres de filme pornô que Derrick levou para casa certa ocasião, esperando apimentar as coisas entre nós.

E com um grunhido estridente de Max, acabou. Oh, não para mim. Não, não, não, nem vá pensando que tive tanta sorte. A única razão pela qual eu sabia que acabara era que aquele corpo estranho e agora muito suado desabou frouxo em cima do meu, que ainda latejava esperançoso, inconsciente de que não restava mais nada por esperar.

De repente ele ergueu a cabeça, com um sorriso besta no rosto ao olhar para mim.

— Uau. Isso foi incrível.

Sorri de volta, decidindo engolir o desapontamento e encarar o momento com bravura. Além do mais, quando contemplei aquelas feições saciadas, vi o velho Max de novo. Aquele que achei tão atraente, com o estilo do cara intelectual típico de Nova York. Até gostei dele de novo. Mais do que parecia justificável, a julgar pelo resultado desse específico encontro sexual.

Então veio a pergunta fatal.

— Você...?

— Oh, sim — respondi instantaneamente, dispersando as vozes que logo começaram a protestar na minha cabeça. Não sei por que menti. Talvez quisesse acreditar que era verdade, que encontrei algum tipo de satisfação com esse homem que era com certeza tão perfeito para mim, embora tão impossível de... de amar.

Ele sorriu, com alívio evidente.

— Fiquei um pouco preocupado. Eu não... aguentei muito tempo... — Ele riu em seguida. — Acho que foi um tempinho.

Sorri por isso, supremamente feliz por Max Van Gelder não ser qualquer garanhão do Upper East Side.

Beijou meus lábios, depois roçou o dorso da mão na minha face, seu olhar admirando nossos corpos ainda entrelaçados quando disse:

— Não se preocupe. Vai melhorar. Assim que conhecer o seu corpo, quero dizer. — Aquela mão saiu da minha bochecha e deslizou pelos seios, vindo repousar na cintura. — Toda mulher é diferente. E não sei onde você é... sensível.

Na hora em que o olhar dele voltou para o meu, percebi que ele já descobrira meu ponto mais sensível — o coração. Estava me fazendo promessas. Promessas para uma próxima vez nas quais, desesperada, quis acreditar. Contemplei seu rosto, o rosto que havia me persuadido até aqui, e com dificuldade tentei imaginá-lo como parte da minha vida. Imagens de nós dois espocaram na minha mente, caminhando de mãos dadas pelo Central Park, partilhando café e conversas íntimas no Peacock, dançando no casamento da minha mãe enquanto vovó Zizi assistia com orgulho e júbilo. De repente tudo pareceu possível. Que Max pudesse ser O Cara. Que eu pudesse me apaixonar novamente.

Entretanto, decidi não passar a noite. Não senti que fosse a coisa certa a fazer. Além do mais, eu esperava, ao efetuar uma escapada prematura e deixá-lo ansioso por mais, preservar um pouco da magia que talvez se dispersasse pela minha rendição no encontro número 2.

Quando anunciei meus planos de ir embora um curto intervalo depois, Max não fez nenhuma objeção, e algo sombrio apitou dentro de mim. Tentei ignorar a sensação quando me arrastei para fora da cama e

comecei a recolher as roupas espalhadas pelo apartamento, enquanto vislumbrava ao passar a cozinha aconchegante, a lareira encantadora e outros acessórios, como se para gravar tudo na memória. Pare com isso! — minha mente gritou. Você vai voltar. Apesar de me tornar mais e mais incerta quanto a isso ao enfiar as roupas e entrar de volta no quarto, onde Max já estava absorto com um livro que vira largado sobre a cabeceira mais cedo.

Como parecia inclinado a fazer a coisa certa, meteu-se nas roupas e me acompanhou até o térreo, ficou parado comigo na friagem da madrugada e me chamou um táxi. Não falamos muito, e presumi que foi porque nenhum de nós queria estragar a súbita intimidade que havia brotado entre nós. Tentei não pensar que talvez fosse porque já havíamos falado tudo o que foi preciso falar um ao outro por aquela noite. Ou qualquer outra noite, no caso.

—Vou ligar para você — afirmou quando o táxi acostou, e as palavras me congelaram por alguma razão. Talvez porque pensei que isso estava subentendido e era desnecessário dizer. E talvez porque percebesse que eu estava errada.

Após um rápido e vigoroso beijo, que pareceu mais um embaraçoso choque entre narizes, escorreguei para dentro do táxi e rumei para casa, me sentindo mais solitária. Me sentindo mais solitária do que nunca.

### **Confissão: As coisas, definitivamente, podem piorar.**

— Você dormiu com ele? — perguntou Jade com incredulidade quando nos sentamos frente a frente para o desjejum. Como o tempo estava bonito, fomos ao French Roast e pegamos uma das mesas ao ar livre. Fiz a confissão poucos instantes depois de deixarmos o pedido com a garçonete, torcendo para que Jade conseguisse encontrar qualquer ângulo positivo naquela coisa toda. Mas compreendi o erro logo que vi a reação dela. E agora, com a luz brilhante do sol da manhã inundando a mesa, não havia onde esconder minha consternação.

— O quê? Como se você nunca dormisse com um cara no segundo encontro...

— Não se realmente estiver interessada nele — disse Jade, abaixando a xícara de café e sacando um cigarro do maço sobre a mesa.

— Quem falou que estou interessada em Max? — retruquei, na defensiva.

Ela hesitou, prestes a acender o cigarro, com as sobrancelhas arqueadas.

— Está bem, então eu estraguei tudo. Certo? — De repente, me senti enjoada. — Ele não vai ligar de novo, vai?

— Não sei, Emma. Pode ser. Mas provavelmente não vai ser por causa da sua conversa brilhante. É mesmo difícil voltar atrás e cumprir toda aquela coisa de conhecer-você-melhor depois que dormiu com o cara.

— Não acho que Max seja assim. Além do mais, ele disse algo sobre como o sexo seria ótimo quando conhecesse o meu corpo melhor. O que implica ao menos mais uns poucos encontros. Ou aventuras sexuais. Do que quer que você os chame.

Jade trouxe o cigarro.

— Ele disse isso antes ou depois do orgasmo?

— Depois — respondi, presunçosa.

— Bem, então, talvez ele tenha sido honesto. Ou sentiu como se devesse fazer algum tipo de promessa. Você gozou?

—... não.

— Oh. — Jade olhou para longe, como se repentinamente se interessasse pelas pessoas que passavam pela calçada.

— Que foi?— indaguei, desesperada por qualquer espécie de reafirmação de que não estava prestes a levar o fora de Max Van Gelder. Mas Jade não estava inclinada a oferecer falsas esperanças.

— Bom, ele deve ter dito isso como um... consolo.

— Oh, por favor, Jade. Ele não sabe que não gozei. Eu... eu disse a ele que sim.

Os olhos dela se esbugalharam, e ela revirou-os.

— Tem muito o que aprender, Emma.

A comida chegou em seguida, e enquanto observei Jade apagar o cigarro e mergulhar na torrada francesa, não senti nenhum apetite pelo lindo pratinho de ovos beneditinos diante de mim. Max não ia ligar. Senti isso nos ossos. Porém, havia sentido isso uma vez antes e ele ligou, me lembrei. Talvez, se acreditasse que não, a Lei de Murphy surtiria efeito e ele ligaria.

Daí outra ideia me assaltou: Eu queria que ligasse?

Imediatamente dispensei essa ideia, bem como qualquer outro pensamento aviltante que viesse a ter quanto a Max Van Gelder durante o curso do nosso muito breve relacionamento. Afinal, se ele era ou não um cara legal estava quase fora de questão. Eu precisava que ele ligasse, mesmo se decidisse que jamais queria vê-lo de novo. Meu ego exigia.

Por isso, quando cheguei em casa do café da manhã e descobri um grande e rotundo "0" na luz de mensagens da secretária, senti as paredes do apartamento me enclausurarem. Eu não devia ao menos receber um telefonema de cortesia após o marco da noite passada? Um reconhecimento do tipo "Me-diverti-muito-não-posso-esperar-para-ver-você-novamente"? Nós transamos, droga. E sequer atingi o orgasmo. Diabos, eu merecia uma dúzia de rosas!

Pensei em ligar para Alyssa, depois atinei que provavelmente ainda estava ocupada se apaixonando por Richard de novo. Não que não estivesse comovida por ela — só não conseguia lidar com a felicidade de outra pessoa no momento.

Em vez disso, decidi telefonar para o meu pai. Afinal, eu teria que encarar os fatos alguma hora, e fazia três dias desde que a mensagem de Deirdre me informara que papai caíra do cavalo mais uma vez.

Ela atendeu no segundo toque.

— Alô?



— Ei, Dee, sou eu, Emma.

— Alô— respondeu. Não logrei detectar qualquer emoção na sua voz: nem raiva, nem desapontamento. Eu, portanto, estava em solo seguro.

— Como vão as coisas?

— Ótimas. Seu pai está na reabilitação.

Suspirei, depois engoli qualquer que fosse a bolha de sentimentalismo ameaçadora. Aprendi há muito tempo que era um desperdício de emoção sentir qualquer coisa diante das transgressões do meu pai.

— Levei-o para Rolling Pines esta manhã para começar o programa de desintoxicação — continuou, com voz estoica. — Graças a Deus tinham uma cama para ele.

Meu coração afundou. Não era a primeira vez que papai se internava num centro de reabilitação por vontade própria. De fato, as visitas dele se tornaram eventos anuais, e concluí com desgosto que essa era, na verdade, sua quarta temporada no Centro de Recuperação Rolling Pines. Suspirei. Já que uma visita no meio da semana não era uma opção, perguntei:

— Qual é o horário de visitas no sábado?

— Dez para as quatro. Embora hoje não conte porque não permitem visitas nos primeiros dias...

— Sei, sei — falei. Eu era bastante familiarizada com o programa de desintoxicação do Rolling Pines. Três dias de desintoxicação antes de sequer permitirem que amigos e parentes visitassem.

— Devo apanhar você na estação no próximo sábado, então? Por volta do meio-dia? — indagou.

Após combinarmos uma hora, escutei-a descer a lenha no meu pai, como ela não conseguia manter o álcool longe dele, não importa o quanto tentasse. Como a vida deles despencou para um padrão horrível no qual não valia a pena continuar. Não podia culpá-la por estar zangada. Nem mesmo a culparia se me contasse que o deixaria.

Não culpei minha mãe tampouco. Quem podia viver com um homem que se importava tão pouco consigo mesmo?

Com a promessa de manter contato durante a semana e confirmar os horários de chegada do trem, desliguei com a mesma sensação de vazio que sempre sentia depois de um dos incidentes de meu pai. Então fiz o que sempre fazia nessa situação: tranquei-a dentro de mim até não sentir mais nada. Absolutamente nada.

Instantes depois, o telefone tocou outra vez.

— Soube do seu pai — minha mãe comentou triste do outro lado.  
— Shaun me ligou.

Suspirei, sem querer entrar em detalhes mas sabendo que seria inevitável.

— Você está bem, querida? — disse ela.

— Estou ótima. Por que não estaria? Não é como se estivesse surpresa.

Minha mãe ficou quieta após essa observação, e pude notar que calculava a grandeza dos danos psicológicos que o mais recente incidente de meu pai causara.

— Bem, talvez ele consiga alguma ajuda dessa vez.

— Ah, ele já se internou na reabilitação. Deirdre o levou para lá de manhã.— Não que isso importasse, pensei comigo mesma.

— Aquela pobre mulher — disse minha mãe —, não sei como ela aguenta.— Depois:— E vai vê-lo no próximo sábado? — Afinal, ela também conhecia o esquema.

— Sim — admiti, sabendo que uma visita à minha mãe seria incontornável caso pusesse os pés em Long Island no final de semana.  
— Deirdre vai me apanhar ao meio-dia. Vou pedir que me deixe na sua casa depois.

— Que bom, docinho. Vou fazer um bom jantar para nós e poderemos aproveitar o tempo para conversar. Você realmente não devia manter as emoções tão reprimidas.

— Não se preocupe, mãe. Eu planejava tomar umas poucas rodadas de drinques e dar uma boa chorada mais tarde.

— Emma!

— Estou só brincando. Olha, tenho que desligar. Vejo você no sábado à tarde, por volta das quatro?

— Conversamos sobre isso então — avisou, e soube que não seria capaz de me esquivar de volta para a cidade naquela noite sem ter as emoções esquetejadas por minha mãe.

Isso se, entre Max e papai — sem mencionar os residuais Danos Derrick — restasse qualquer coisa para o picadinho.

**Confissão: Parece que estou destinada a passar as noites de sábado sozinha. Provavelmente, até o fim dos tempos.**

Assim que finalizei os planos deprimentes para o sábado seguinte, esta noite de sábado assomou diante de mim, fria e vazia. Como Alyssa passava uma noite romântica em casa com Richard e eu sabia que Jade tinha planos de sair com Enrico, vi que estava condenada a passá-la sozinha. Não mais esperaria um telefonema de Max. Nem sequer me atormentei com pensamentos sobre Derrick. Em vez disso, pensamentos acerca da doença de papai infestaram minha mente, fazendo-me questionar cada esperança que jamais tivera em relação ao meu próprio futuro. Cada sonho que fui incapaz de alcançar.

Estremeci, contendo as lágrimas à força. Depois fiz a única coisa que podia para manter a sanidade: faxina.

Comecei pelo living, removendo todos os livros das prateleiras e tirando o pó de um por um. Então, parti para a escrivaninha, arquivando papéis, polindo a superfície. Em seguida, o assoalho foi esfregado, depois a cozinha limpa. O banheiro foi vaporizado e passei pano até brilhar.

Tomei uma ducha, então desabei exausta na cama. Meu olhar caiu sobre o relógio — quatro da tarde. Cedo demais para dormir. Dei outra

olhada para o telefone, que permanecia mudo e ameaçador. Imaginei Max Van Gelder subindo as escadas para o seu apartamento, prestes a inserir a chave na fechadura quando é atacado por um bando de ladrões que batem nele e o deixam moído e machucado no corredor, antes de revistarem o apartamento todo, roubando tudo exceto o CD de Billie Holiday. Quando recobra a consciência de novo, a única coisa que ouve é o som melancólico de What a Little Moonlight Can Do, e a única pessoa em quem pensa sou eu.

Suspirei e espiei o telefone mais uma vez. Permanecia mudo.

Eu podia ir à academia. Mas isso significaria cercar Alyssa antes que ela se acomodasse para passar a noite com Richard, já que eu só podia ter acesso ao ginásio graças a seu suprimento aparentemente ilimitado de convites. E como agora não conseguiria lidar com suas proveitosas palavras de sabedoria, eu podia esquecer a ida à academia. O que eu realmente precisava fazer era minha própria filiação...

Enquanto ficava ali deitada contemplando as não-opções, uma quietude enfim tomou conta de mim, e mergulhei num sono breve e abençoado, durante o qual sonhei que estava na cama de Max Van Gelder. Exceto que quando rolei de lado para acordá-lo encontrei Derrick em seu lugar.

"Ei", disse ele, piscando os olhos sonolentos, "torci para que você passasse por aqui." E, então, me puxou para os braços dele e fez amor comigo, realmente fez amor comigo, com orgasmos simultâneos e tudo mais.

Acordei no meio da escuridão, ansiosa e consciente de estar inteiramente sozinha.

Escorreguei para fora da cama e fui ao banheiro jogar uma água no rosto e passar uma escova no cabelo desgrehado, que ficou marcado e enrolado por ter dormido em cima dele ainda molhado. Após enfiar as sandálias e, ao pensar melhor, passar batom, rumei escada abaixo em busca de comida para o jantar.

Logo que saí na friagem noturna, soube o que devia fazer. Rumei para a mercearia da esquina. E para o Homem Sorridente. Ao inferno

com os bons hábitos alimentares.

Porém, no instante em que cheguei lá e respondi ao seu simpático "Olá!" minha resolução falhou. Não podia me forçar a destruir tudo pelo que havia me esforçado até agora, por pior que me sentisse. Esquivei-me através dos petiscos doces da Hostess, do freezer cheio de Ben & Jerry's e agarrei um recipiente de leite desnatado, uma lata de atum e uma barra de granola, só para não passar vergonha.

— Só isso? — ele implicou quando, relutante, deposei os itens no balcão.

— Sim — respondi, praticamente sibilando a palavra.

Ele não demonstrou perceber minha raiva enquanto cutucou a registradora com presunção e depois estendeu a mão para receber o dinheiro.

— Tenha uma boa noite! — insisti, animado, quando apanhei a sacola e saí desalentada pela porta.

Não podia ir para casa daquele jeito, resolvi, quando dobrei na direção do meu edifício mais uma vez. Eu precisava de algo para levantar o astral.

Como se no piloto automático, segui para a Deleites Celestiais e me enchi de desgosto quando vi o aviso de Fechado pendurado na porta. As campainhas de alarme dispararam na minha cabeça quando o avistei de pé, do lado de dentro, virando a chave no trinco. Tentei recuar, mas era tarde demais — ele me vira. O homem do Skinny Scoop das minhas recentes fantasias de sedução. Exceto por se revelar ainda mais irresistível, numa camiseta limpa e um par de jeans desbotado.

Ao me notar, abriu a porta.

— Oi — disse ele. — Eu estava acabando de trancar, mas se precisar de alguma coisa...

Lembrei do cabelo desgrenhado, da cara sem maquiagem. Graças a Deus, ao menos havia optado pelo batom.

— Bem... não, eu...

— Ei — falou de supetão, o belo rosto repleto de familiaridade, aquela boca sensual se curvando num sorriso. — Double Mocca Chips, certo?

Fiquei mortificada. Ele lembrou de mim. Lembrou do meu sabor. O que provavelmente significava que tinha lembrado que eu comprara um galão inteiro daquele troço poucas semanas atrás.

—... sim — respondi, impassível. Agora, não havia meio de escapar dessa graciosamente. Sorrindo tímida, admiti: — Acertou.

— Tenho o pressentimento de que você precisa reabastecer — afirmou, abrindo a porta convidativo.— Entre. Só vai levar um minuto.

Concordei e pisei na soleira, com os sentidos em alerta geral. Afinal de contas, ao me convidar a entrar no horário de fechamento, o homem do Skinny Scoop aproximou-se perigosamente de realizar minha recente fantasia de sedução. Senti um calor subir ao rosto quando a repentina imagem de nós dois, botando para quebrar, escorados na porta do freezer inundou minha mente.

— Só um pote — expliquei tímida, logo que o encarei de novo a uma distância segura do lado de trás do balcão.

— Pronto — disse ele, alcançando o freezer transparente entre nós.

Belos antebraços, pensei, ao observá-lo revirar os recipientes à cata do Double Mocca. Pensei em Jade e seu amor por esta parte específica da anatomia masculina. Isso mesmo — em todo caso, ele é mais o tipo de Jade. Quem eu queria enganar? Claramente, eu não tinha nada em comum com esse cara. Afinal, ele era um... um... garoto do estoque. Ou algo assim. Não que Jade tivesse qualquer coisa em comum com ele tampouco, mas isso não importava para ela.

A bonita mão bronzeada unida ao antebraço musculoso enfim encontrou o Double Mocca Chips, retirou-o do freezer e meteu-o numa sacola.

— Aqui está — anunciou, me entregando. — São dois e setenta e cinco. Revirei o bolso, saquei uma nota de cinco e entreguei-lhe, com os dedos roçando nos dele. Foi quando senti. Aquele pequenino frisson

elétrico sobre o qual lera a respeito mas nunca encontrara de fato na vida real.

Talvez eu não necessitasse ter nada em comum com o homem do Skinny Scoop. Talvez apenas necessitasse de...

Bani o pensamento quando ele me estendeu o troco, e notei a indiferença com a qual executou a função. De jeito nenhum um cara desses ficaria sequer interessado em mim. Ele era puro sexo, enquanto eu...

Não sabia mais o que eu era.

— Obrigada — disse, embolsando o troco e dando um sorriso amarelo.

— Sem problema — retrucou, dando mais um daqueles sorrisos sensacionais outra vez.

Deus, como eu queria transar com ele. Contudo, em vez disso, dei meia-volta e caminhei para a porta. No que me transformei, em alguma espécie de ninfomaníaca? De repente, todo o quadro clínico de Jade ficou esclarecido. Talvez fosse isso que acontecesse quando o amor de sua vida chuta você brutalmente, destruindo toda sua crença em almas gêmeas e no amor verdadeiro. Talvez você apenas perambulasse pelas ruas da cidade em busca de um drinque e devassidão...

— Espero vê-la em breve — ele falou quando atravessasse a porta.

Engoli em seco. Com dificuldade. Talvez pudesse vê-lo em breve. E não só por causa do Skinny Scoop.

Quando me enfiei em casa e a salvo, debaixo das cobertas, balançando a colher e o pote de Skinny Scoop nas mãos enquanto vislumbrava os despojos da noite de sábado, a ideia de uma vida de promiscuidade e agitação me encheu de tristeza. Mergulhei a colher no pote, e engoli a primeira colherada, sua doçura menos do que um ansiado bálsamo para a minha alma ferida, alquebrada. Apática, contemplei a tela da tevê, escolhendo um canal que transmitia um seriado boboca, e percebi que toda a boa programação da tevê estava reservada às noites, quando se espera que as pessoas estejam em casa. Como em qualquer outra noite exceto a de sábado. E quando pensei que

finalmente havia conseguido atingir a indiferença vegetativa do sofá, o seriado foi interrompido pelos comerciais, e assisti, horrorizada, a loura mais bonita que eu já vira, num elevador, tropeçando de cara num homem superatraente, suas bocas se aproximando perigosamente à medida que um tubo de dentifrício em embalagem brilhante aparecia na tela.

Close-Up.

Oh, Deus. Era ainda pior do que pensei, concluí ao avistar o sorriso vencedor de Carrie, os seios fartos e a cintura fina.

Derrick encontrou outra pessoa. E ela era perfeita.



## ONZE

*"Homens: Não se pode viver com eles nem interná-los permanentemente."*

*— Deirdre Carter, ainda casada com o pai de Emma (acredite se quiser)*

### **Confissão: Começo a questionar a minha própria sanidade.**

Na hora em que o telefone tocou, era manhã de domingo e eu estava num sono profundo e misericordiosamente sem sonhos. Era Jade.

— Está dormindo?

— Não, não — menti, alegre por ouvir uma voz familiar depois de uma noite repleta dos meus próprios pensamentos torturantes.

— Me encontra no Joe Jr.'s? — convidou, mencionando nosso restaurante predileto, convenientemente localizado no final da minha rua. — Em meia hora?

— Certo — respondi, e desliguei, espiando o relógio: Oh. Havia algo errado. Caso contrário, de jeito nenhum Jade estaria acordada tão cedo numa manhã de domingo.

Como era meu hábito, cheguei no Joe's poucos minutos antes de Jade, e fui saudada pela equipe animada. Joe Jr.'s era um restaurante de propriedade familiar, e caso o frequentasse com bastante assiduidade você se tornava membro da família. Agora mesmo eu estava pronta para trocar minha própria família por essa aqui.

Jade chegou logo depois. Assim que nos afundamos no assento e pedimos café, perguntei:

— O que há?

— Terminou — revelou, sorrindo grata para o jovem garçom enquanto ele enchia as xícaras.

— Terminou?

— Enrico e eu.

Meu coração assobiou esquisito.

— O que aconteceu? — perguntei.

— O babaca do sujeito apareceu no meu apartamento na noite passada com a mochila entulhada — começou, rasgando pacotes de açúcar e despejando-os no café. — De início, não pensei em nada. Isto é, disse a ele que podia passar a noite, e calculei que era uma muda de roupa ali dentro. Bem, estou passando o batom e me aprontando para sair pela porta quando ele coloca um... um... roupão de banho!

Fiquei confusa.

— Não entendi.

— Nem ele, pelo jeito. Ele disse que pensou que podia guardar seu roupão ali, para toda vez que passasse a noite. Daí ele trata de pendurar o roupão atrás da porta do meu banheiro!

Oh-oh. Enrico queria marcar território.

— Deus, ele deve ter feito xixi na casa toda. O que você fez?

— O que mais poderia fazer? Disse para enfiar aquele pesadelo felpudo de volta na mochila.

— Ui. Pobre Enrico.

— Pobre Enrico uma ova. Pobre de mim! Quer dizer, tudo ia tão bem, tínhamos um sexo sensacional, diversão. E aí ele tinha que bancar o namorado para cima de mim.

— E você rompeu com ele?

— O que mais podia fazer?

— Não sei, Jade. Talvez pudesse apenas ter-lhe dito para levar o roupãozinho para casa e continuar como estavam.

— Oh, eu tentei. Acredite. Mas ele ficou tão furioso porque eu não queria o roupão dele pendurado na minha casa que começou a me acusar de dormir com outros caras.

— Oh-oh.

— É, a noite inteira foi uma confusão. Nem mesmo o roupão sobreviveu.— Sorriu meio culpada.— Depois que o arranquei do gancho e tentei devolvê-lo, começamos um cabo de guerra e... bem, a manga meio que soltou. — Ela se encolheu. — Me sinto um pouco mal por causa disso. Talvez eu peça ao meu contato na Ralph Lauren que lhe mande um em substituição.

Agora eu tinha certeza de que o compromisso com Enrico havia acabado de verdade, já que era costume de Jade encher o homem de presentes pouco antes de lhe dar o chute. Era como se ela sentisse um remorso secreto ao terminar as coisas. Até Michael, escroto que era, ganhou seis novos CDs. E Carl, que não durou mais do que um mês, ganhou um cinturão com pesos.

— Então, e agora?

— Nada. Como eu disse, terminou.

Naquele momento, Alex, o garçom habitual, se aproximou.

— Olá, senhoritas. O que devo servir hoje?

Sem hesitação, Jade desembestou a detalhar uma versão de omelete com guarnição que tinha gorduras e carboidratos suficientes para fazer seu sangue parar de circular nas veias. Quando o garçom se virou para mim, balancei a cabeça indiferente.

— Vou querer o mesmo.

Assim que ele se foi, perguntei a Jade:

— Acha que há algo errado conosco? Estreitou os olhos para mim.

— O quê?

— Nenhuma de nós parece ser capaz de manter uma relação.

— Para sua informação, Emma, não estou procurando uma relação. E o falecimento da sua relação não tem nada a ver com você.

Contemplei-a por um minuto, imaginando o quanto de verdade havia por trás da sua declaração de que não queria um relacionamento. Após o incidente com Ted, me convenci de que era apenas uma questão de conhecer o sujeito certo. Contudo, esse não era um assunto que eu pudesse conversar com Jade sem sair com a cabeça arrancada. Então, ao contrário, falei:

— Max nunca mais ligou.

— O cara que é escritor?

— É.— Estudei seu rosto, esperando que demonstrasse qualquer sinal de que pensava haver algo errado comigo também.

— São os homens de Nova York que se tem. Os bons não estão realmente disponíveis. E os outros são tão carentes que tudo o que querem na verdade é alguém para substituir a mãe deles.

— Talvez eu seja a carente aqui. Talvez Max tenha notado isso. Não contei, mas bebi quatro drinques no nosso primeiro encontro. Em quase a mesma quantidade de horas.

— E? — retrucou, como se o comentário não significasse nada.

— Não é normal. Quer dizer, ele até comentou.

— Mesmo?

— É — disse, embaraçada. — E depois se mostrou realmente desapontado quando fui mais devagar e bebi Merlot no encontro número 2. Não que isso me impedisse de agir como uma garota bêbada qualquer e dormir com ele.

— Talvez você só quisesse transar.

— Talvez eu só esteja um lixo — retruquei. Então, com um suspiro resignado, desabafei: — Papai está na reabilitação.

— Oh, Emma. De novo não — disse ela, o rosto cheio de compaixão.

— Começo a achar que talvez minha família inteira não regule bem, incluindo eu. Ou melhor, bebi um bocado naquele primeiro encontro, e Max...

— Opa, opa. Pare com isso, Emma. — Jade sacudiu a cabeça. — Se bem a conheço, você estava nervosa feito o diabo quando saiu com Max. Isto é, ele me pareceu bem intimidador, do modo como olhava tudo e todos de cima para baixo. Um monte de gente bebe muito quando fica nervosa. Além do mais, não me parece que você tenha bebido tanto assim no segundo encontro. Soa mais como se Max fosse só o típico sujeito tentando transar e torcendo para amaciar suas defesas enchendo você de bebida.

— E, bem, não me preocuparia tanto com isso se papai não tivesse um... um problema com isso. Essas coisas são hereditárias, sabe.

Jade suspirou, depois reclinou no assento.

— Você está determinada a encontrar um motivo por que nenhum homem no mundo vai querer você. Estou lhe dizendo, Emma, não há nada de errado com você. É inteligente e bonita, e a única razão pela qual Derrick partiu foi porque arrumou uma oferta de emprego. Não existe explicação para o lance com Max. Nunca há. Veja Ted. Nos divertimos muito juntos, e ele desapareceu da face da Terra.

Quando os pedidos chegaram e Jade e eu mergulhamos na mistura gordurosa de ovos, queijo e presunto, me perguntei se ela não estava se enganando quanto aos homens serem o verdadeiro problema e nós não. Afinal de contas, ela acabou de chutar um homem da sua vida por trazer um roupão de banho para casa, ora bolas. É possível sermos apenas vítimas inocentes do circuito de paqueras de Nova York? Ou parte do problema?

**Confissão: Agora é de conhecimento público: sou um completo e absoluto fracasso.**

Na manhã de segunda, eu estava um lixo, em especial desde que a noite de domingo — a mesmíssima noite em que Max havia telefonado na semana anterior — transcorreu sem uma palavra dele. O telefone permaneceu mudo, exceto por um pobre coitado que por infortúnio discou o meu número por engano e teve a cabeça arrancada por não ser

ninguém de quem eu precisasse desesperadamente ter notícias. Como Max. Ou Derrick, no caso. Não que esperasse ter notícias dele outra vez. E esse pensamento magoou muito mais do que o descaso de Max jamais faria.

Agora me arrastava impassível pela plataforma do metrô, execrando a multidão que crescia e enxameava ao meu redor e de súbito compreendi por que Sartre disse que "O inferno são os outros". Depois de embarcar no trem, parei em meio às aglomerações suadas, contemplando às cegas um anúncio de pomada de hemorroidas enquanto analisava o encontro com Max pela 16ª vez.

De certa forma, nesta sombria manhã de segunda-feira, todos os mínimos detalhes que me conduziram a esse instante de desolação pareceram claramente evidentes. O modo como me atraiu ao bairro dele, certamente com o único objetivo de me levar ao seu apartamento em algum momento apropriado. Aquele maldito filme de Bart Freely, após o qual se derramou em poesia quanto às virtudes da solidão. O jeito como me encheu de drinques que eu não queria, provavelmente com a esperança de que eu ficasse bem bêbada para que ele operasse sua mágica sedutora.

No final, nem precisou fazer isso. Eu não estava bêbada, estava solitária. E desesperada de saudades de Derrick, apesar da má vontade em admitir isso até para mim mesma.

Quando cheguei ao escritório, estava deprimida demais para registrar o significado do burburinho de tagarelice animada que rolava por trás das divisórias dos cubículos. Entorpecida demais para ver Marcy Keller rondando, esperando atrair minha atenção quando entrei no meu próprio cubículo e liguei o computador. Quando me virei e a flagrei materializada na entrada, apenas esbarrei de leve ao passar por ela, resmungando qualquer coisa sobre café. Não queria saber de qualquer que fosse a fofoca que ela tivesse a partilhar. E, francamente, não ligava, mesmo se o boato viesse a revelar que a Top Noivas estava prestes a enxugar a equipe e que todos os nossos empregos estavam na berlinda. Tive uma espécie de satisfação desanimadora ao me visualizar esvaziando as gavetas do escritório e, mais tarde, após calcular

quaisquer economias mixurucas que possuísse, sendo enxotada do meu pesadelo com o aluguel congelado. A ideia me deu uma sensação momentânea de liberdade. Até perceber que o desemprego e o despejo apenas representariam uma coisa: voltar — aos 31 anos — para a casa da minha mãe.

Assim que retornei ao cubículo, com o café na mão, encontrei um e-mail de Caroline na caixa de entrada, me intimando até seu escritório, "O mais cedo possível, à sua conveniência".

Já que qualquer coisa era melhor do que lidar com as pilhas de papel que jaziam à espera de atenção imediata na minha caixa de entrada, coloquei o café sobre a mesa e passei pelo corredor rumo ao escritório de Caroline.

— Emma! Obrigada por vir — disse ela quando bati de mansinho na porta aberta. — Entre — me encorajou. — E feche a porta depois.

Oh-oh. Aqui tem coisa. E a julgar pela sua expressão, que parecia calibrada para dar as mais sinceras condolências, não era nada bom. Mesmo assim, fiz como mandou, sentando-me em seguida na cadeira diante dela, esperando a guilhotina cair.

Caroline passou as mãos — meio ansiosa, pensei — no abdômen rotundo.

— Primeiro, quero que saiba que na Top Noivas realmente valorizamos sua contribuição como escritora e editora. — Depois sorriu. — Você redigiu alguns dos artigos mais fortes que essa revista publicou nos últimos poucos anos.

Que elogio mais barra-pesada, pensei, e não consegui deixar de me sentir orgulhosa. Depois desconfiada. Deus, estaria sendo despedida?

— Em segundo lugar, quero enfatizar como as escolhas foram competitivas para o cargo de editora executiva.

Uma sensação de presságio me inundou. Agora sabia o que viria a seguir.

— Infelizmente, entretanto, só pudemos escolher uma candidata — prosseguiu, com uma expressão agoniada assomando-lhe as feições —, e essa candidata é Rebecca Sanders.

Surpreendeu-me o quanto me senti vazia, o quanto fiquei destituída de emoção quando ela proferiu as palavras que tanto esperei e temi. E fora o refluxo de calor que inundou minha cabeça e tampou meus ouvidos, creio que fiquei bastante composta enquanto escutava a mim mesma agradecendo a oportunidade de concorrer à posição e expressar a crença (ei acreditava, certo?) de que Rebecca faria um ótimo trabalho

Caroline continuou a explicar que embora ambas fôssemos fortes candidatas, Rebecca possuía a experiência em gerenciamento do último emprego.

— Acho que foi isso que lhe deu vantagem, Emma. Afinal, o cargo de editora executiva é fundamentalmente uma posição de gerência — falou, fitando-me precavida quando enfatizou a palavra. Então, sorriu, enquanto eu a contemplava, tentando elaborar qualquer que fosse a mensagem secreta que tentava me enviar e falhando.

Caroline ainda me irradiava aquele sorrisinho triste quando balancei a cabeça para ela, depois levantei-me e me virei para caminhar até a porta, como se estivesse em pernas de pau. Ela me deteve logo que botei a mão na maçaneta, chamando meu nome numa voz suave e solidária, que me induziria às lágrimas caso eu não tivesse conseguido esmagar qualquer coisa semelhante à emoção bem no fundo do buraco de meu estômago.

— Emma — começou ela. — Sei que agora isto pode parecer um golpe terrível, mas deve considerar que outras opções estão disponíveis para você. Você é uma escritora muito pujante. Não é todo mundo que possui esse dom. Nem mesmo as editoras executivas.

Fitei-a, confusa. Estava tentando me estimular a procurar outro emprego? Talvez nem me quisesse mais na equipe, muito menos como uma igual. Oh, Deus.

Ela sorriu de novo, desta vez encorajadora.

— Olhe, você pode vir e conversar comigo a qualquer hora. Sobre qualquer coisa. Textos. Planos para o futuro. Conte comigo.



— Obrigada — disse num quase sussurro, então abri a porta e perambulei às cegas pelo corredor.

A realidade raiou como a lufada de ar fresco que senti logo que saí para o corredor, as feridas à mostra para todo mundo na Top Noivas ver. Notei Lucretia à espreita no seu cubículo e Nancy avançando a passos lentos para a fotocopidora, com o olhar fixo em mim. E, claro, lá estava Marcy Keller, rondando perto do bebedouro, só me esperando passar e desmoronar, contando-lhe tudo. Decidi, naquele mesmo instante e lugar, que não demonstraria a Marcy — nem a ninguém mais — que me importava. E com esta decisão, de repente não estava mais certa se me importava mesmo. Afinal, queria de fato era ser a editora executiva de uma revista que sequer reconhecia a existência de mulheres como eu — irremediavelmente solteiras e sem nenhuma perspectiva futura de registrar mais porcelana e utensílios de cozinha do que fosse humanamente necessário? Danem-se. Elas não iam arrancar nenhum pedaço de mim.

Esbarrei de leve em Nancy, dei um breve aceno com a cabeça para Lucretia quando espiou para fora outra vez e sorri com bravura para Marcy quando passei por ela sem proferir uma palavra. Até consegui me sentar parecendo forte e inalterada menos de uma hora mais tarde na reunião editorial, quando Patricia anunciou a escolhida para ser a nova editora executiva. E quando Rebecca parou radiante a nossa frente, sorri e aplaudi tão efusivamente quanto o resto das colegas. Mas não ousei baixar o olhar e fitar ninguém diretamente nos olhos. Não ousei permitir que alguém soubesse como realmente eu me sentia.

Como se estivesse morrendo por dentro.

**Confissão: Não há remédio para a dor-de-cotovelo comum — ao menos não sem receita.**

Naquela noite, me sentei num banquinho na cozinha de Alyssa. Ela já havia enfiado a lasanha vegetariana no forno e sentou na minha frente, sua expressão alternando-se entre ultraje e compaixão à medida

que lhe contava todos os detalhes sórdidos do meu dia, e em seguida discorria sobre as vis circunstâncias do encontro com Max e sua rejeição definitiva, só para me fazer sentir especialmente ordinária. Um copo de vinho jazia intocado diante de mim. Receava bebê-lo, por medo de que de algum jeito eu viesse a explodir em chamas de rancor ou, pior, chorar.

— O que há de tão errado comigo? — indaguei, com a tristeza agora transformada numa dor ansiosa em meu interior.

— Não há nada errado com você — insistiu Alyssa, agarrando minhas mãos como se fosse usá-las para enfiar algum juízo na minha cabeça.

— É. Não há nada errado comigo. Por isso os homens se mudam para o outro lado do país para fugir de mim. E até aqueles que ainda moram nesta requintada cidade parecem estar me evitando como se eu portasse certa espécie de... de peste. — Suspirei e não senti nenhum alívio com isso. — Vamos encarar isso, Alyssa. Obviamente, sou uma bagunça da qual ninguém quer fazer parte. Nem mesmo a Top Noivas, uma revista escrota que sequer admite a hipótese de vida além do dia de núpcias, me vê como qualificada para integrar as gloriosas fileiras de sua equipe de gerentes!

— Emma...

— Não há nada que você possa falar ou fazer, Alyssa. Só estou... cansada. Cansada de ser desapontada, abandonada. Cansada de... de tudo.

O silêncio reinou por uns poucos instantes. Até Alyssa apertar minha mão em consolo, e eu enfim desembuchar a outra coisa que andava arranhando minhas entranhas.

— Papai foi para a reabilitação de novo.

— Oh, Em. — Os olhos de Alyssa se encheram de nova onda de piedade. — Quando ele se internou?

— No sábado. Deirdre o levou até lá. Ele começou a beber na semana passada, acho. Não sei ao certo, porque pela hora em que liguei

de volta ele já tinha chafurdado na etapa seguinte. Não que houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer..

— Não, não há nada que pudesse ter feito — disse Alyssa com firmeza.

— Vou vê-lo nesse fim de semana.

— Quer que eu vá junto? — indagou Lys.

Sorri. Boa e velha Alyssa. Como sempre, podia contar com ela para me apoiar. A ideia me deu algum consolo.

— Vou ficar bem. Além do mais, minha mãe já está a postos. Depois vou para a casa dela ganhar uma dose maciça de psicologia barata e comida de consolação. Ela vai preparar um jantar para mim.

Alyssa ficou sentada me olhando por uns poucos instantes.

— Sei que não acredita necessariamente em toda essa história de autoajuda, e para ser franca eu mesma sou um bocado cautelosa contra isso. Mas talvez, só dessa vez, você devia considerar um aconselhamento. Só para organizar as coisas.

Suspirei.

— Alyssa...

— Veja, eu mesma fui. Depois que minha mãe morreu. Essa partícula de informação me acachapou. Alyssa esteve indo a um psicanalista? Ela me parecia tão... tão normal.

— Sei no que está pensando, Emma — falou, com um sorrisinho. — Mas todo mundo necessita de ajuda em algum ponto da vida. Certas coisas não são tão fáceis de se lidar sozinho. E com o seu pai na reabilitação, bem... — Ela suspirou. — Você precisa se absolver da culpa que assumiu para si mesma. Precisa quebrar a corrente.

Sorri para ela, desejando poder enxergar os fatos da minha vida apenas como um problema que pudesse ser resolvido do que um desastre em evolução. De repente, ficou muito claro para mim por que determinadas pessoas — incluindo minha mãe — recorriam às receitas de medicamentos. E imaginei se talvez eu não seria uma dessas pessoas. Afinal de contas, era filha dos meus pais, não era?

**Confissão: Agora percebo que certas mulheres são predestinadas a ser sozinhas e miseráveis, enquanto outras são naturalmente felizes.**

Passei a semana inconsolável. Em especial depois que contei a minha mãe que havia perdido a promoção e ela ficou estranhamente silenciosa em relação ao assunto. Na minha paranoia, imaginei que ela de repente descobrira que a filha era um completo e absoluto fracasso tanto na vida quanto no amor. Confidenciei essa teoria a Jade.

— Ela não acha isso! — insistiu Jade enquanto me arrastava pela Bloomingdale's na noite de quarta na vã tentativa de me ajudar a superar o desespero com uma corrida às compras.

Não consegui me fazer comprar uma única peça e em vez disso acompanhei Jade enquanto ela procurava pelo biquíni perfeito para levar para Fire Island no feriado de Quatro de Julho, o qual, atinei com súbito horror, seria dali a dois finais de semana.

Suspirei ao observar Jade se entulhar de cabides dos quais pendiam trapos de tecido, e a segui impassível enquanto ia ao provador. Aparentemente, um fotógrafo seu amigo daria uma grande festa em sua casa de praia e prometera a Jade não só uma cama para dormir, mas um time de homens bonitos para ajudá-la a superar a perda recente do parceiro sexual.

— Talvez haja espaço para mais um — comentou, persuasiva.

Imediatamente recusei. Embora certamente não avistasse quaisquer planos pessoais espetaculares surgindo no horizonte, não pensei que vestir um terno e passar o fim de semana com supermodelos e as pessoas que as vestem, fotografam e adoram faria qualquer bem ao meu estado mental. Além disso, decidi me desviar da caça ao homem por uns tempos. Simplesmente não suportaria mais nenhuma rejeição.

Havia uma coisa boa quanto a ir a Long Island nesse fim de semana — eu teria a desculpa perfeita para não comparecer à escapadinha que as garotas do escritório combinaram para a noite de

sábado, em homenagem à promoção de Rebecca. Consegui mesmo parecer desapontada por ser forçada a perder as comemorações, até Rebecca aparecer e me informar alegremente que suspeitava que Nash enfim saíra para comprar o anel e que um pedido viria a seguir. De repente, me senti mais uma vez dragada por aquele estranho vórtice cármico que dizia que eu não conseguiria nada e Rebecca, tudo.

Tentei não ficar amarga. Tentei manter o queixo apumado enquanto passava a semana entorpecida. Quando saltei do trem em Huntington na tarde de sábado, havia me endurecido contra qualquer tipo de sentimento. E quando olhei o rosto sombrio de Deirdre ao entrar em seu carro, notei que ela também havia feito o mesmo. Enquanto seguíamos juntas, reparei pela primeira vez no quanto era parecida com minha mãe. Deirdre tinha o mesmo rosto de formato oval e, exceto pelos olhos azuis, uma compleição similar. Era quase como se ela fosse uma versão mais velha, e mais exausta, da minha mãe — minha mãe, tivesse ela ficado com meu pai. Até o cabelo de Dee, que caía em ondas desalinhadas e desbotadas na altura dos ombros, parecia cansado.

— Como ele está? — enfim perguntei, quando nos aproximamos do Rolling Pines.

— O mesmo de sempre — respondeu. — Já escolheu a dedo uma seleção de viciados em drogas e alcoólatras que julgou estarem definitivamente muito piores do que ele. Assim, se sente muito bem consigo mesmo.

— Shaun e Tiffany apareceram para vê-lo?

— Shaun veio ontem à noite. E na quinta. Tiffany está no meio da reforma da cozinha e não conseguiu uma folga.

Nada como um pequeno reboco e uma espátula para salvar alguém de testemunhar a escatologia da vida familiar. Suspirei. Desejei ter qualquer desculpa conveniente para evitar essa visita, mas ser a única filha me deixava com poucas alternativas.

Momentos mais tarde paramos no estacionamento, saltamos e começamos a cruzar o gramado caprichosamente cuidado do Rolling

Pines. Ao nos aproximarmos do centro, vi que bom número dos internos estava sentado do lado de fora em mesas de piquenique ou reclinados em espreguiçadeiras, para a dose oficial de ar fresco. Avistei papai logo ali, sentado sozinho numa mesa que parecia separada do resto, como se a houvessem atirado além da fileira de árvores, sem lógica ou interesse por sua posição.

— O que está fazendo sentado aqui tão longe? — Deirdre bradou para ele ao nos aproximarmos.

Papai ergueu o olhar, como se sobressaltado por nos ver ali.

— Sombra. Faz um calor dos diabos por aqui, e eles não vão nos deixar entrar ainda.— Ele me contemplou quase como se estivesse envergonhado ao notar minha presença.

— Oi Emma — falou, afinal, erguendo-se um pouco para me beijar o rosto antes de se deixar cair na cadeira outra vez.

Tinha uma aparência terrível, com o braço apoiado na tipoia e o rosto pálido. Reparei num corte em cima da sobrancelha e imaginei se era resultado do tombo do telhado ou se havia sofrido algum outro acidente. A face estava macilenta e o cabelo parecia empoeirado com muito mais cinza do que antes. Parecia velho. E frágil.

Não consegui deixar de comentar.

— Você está horrível, papai.

— Obrigado. Você também não está nada mal — disse ele. Então, voltando-se para Deirdre: — Trouxe os meus cigarros?

Ela estendeu a bolsa que trazia debaixo do braço e ele pegou, sacando o maço de Camel sem filtros com a mão livre.

— Nenhum isqueiro ? — reclamou.— Falei para me trazer um isqueiro. — Suspirou. — Alguém roubou o meu maldito isqueiro neste lugar esquecido por Deus. Há bandos de ladrões por aqui...

Ela revirou o bolso, depois largou três caixas de fósforos em cima da mesa diante dele.

— Fósforos não servem. Como posso acender os malditos cigarros com o maldito braço desse jeito...

— Vou pegar uma xícara de café — falou Deirdre, ignorando-o. — Quer alguma coisa, Emma?

— Não, obrigada — respondi.

— Eu aceito uma xícara — disse papai, esperançoso. Sem uma palavra, Deirdre cruzou o gramado caminhando em direção ao prédio cinza que abrigava — junto com umas poucas centenas de viciados em narcóticos e as pessoas que cuidavam deles — uma cafeteria. Virei-me para papai, que colocara um cigarro entre os lábios e lutava para acender um fósforo com apenas uma das mãos.

— Pode me dar uma ajuda com isso?— perguntou, quando viu que eu o encarava. Apanhei uma das caixas de fósforos na mesa, risquei um e estendi para acender o cigarro.

— Obrigado — disse, tragando fundo e soltando a fumaça enquanto admirava as árvores ao longe.

Não falei uma palavra, apenas o observando. O que eu podia dizer? Nenhum sermão faria meu pai, Burt Carter, ficar sóbrio de vez. Nenhum discurso amigável e amoroso o transformaria no tipo de pai dos seriados Brady Bunch ou My Three Sons. Era minha carne e sangue. Meu pai, para melhor ou pior. E não havia uma droga de coisa que eu pudesse fazer a respeito.

Enfim, ele falou, me surpreendendo.

— Ah, Emma, estou ficando velho demais para esse tipo de coisa.

— Eu também — retruquei, empertigando a cabeça para evitar a fumaça que saiu da sua boca quando ele se virou para olhar para mim.

— Você? — redargui, com as sobrancelhas arqueadas. — Você tem a vida inteira pela frente. Ainda tem que fazer o seu primeiro milhão! — Então riu, apreciando a piada familiar comigo. — E como vai indo com o emprego e tudo mais? Já conseguiu aquela promoção?

— Não — respondi, cheia de resignação. — Deram a outra pessoa.

Ele se virou para me olhar por um instante. Depois, dando um último trago no cigarro, jogou-o na terra debaixo da mesa e pisou em cima.

— Ah, bem. Acontece às vezes. Mas é muito ruim. O dinheiro seria ótimo, hein?

E o respeito próprio, pensei, mas não falei nada, só balancei a cabeça.

— Mas você vai ficar bem — continuou. — Não precisa deles, certo? Logo que escrever aquele Grande Romance Americano vai mostrar quem é que manda.

Ergui o olhar para ele agora, tentando ver se realmente acreditava no que disse. Se acreditava que a filha fosse obter sucesso na única coisa que sonhara desde que era uma garotinha. Porém, apenas vi um par de olhos opacos e vermelhos, que rapidamente se desviaram no momento em que encontrei seu olhar.

Voltando a cabeça para o mesmo lado que ele, vi Deirdre caminhando em nossa direção mais uma vez, com uma xícara de café em cada mão, a cabeça erguida como se tentasse evitar olhar para os homens e mulheres escarrapachados nas cadeiras que rodeavam o prédio, as faces pálidas e os corpos alquebrados e cansados.

— Como vai sua mãe? — papai perguntou, ainda vigiando a aproximação de Deirdre. — Seu irmão contou que ela vai casar de novo. — Sacudiu a cabeça com um sorriso. Aparentemente, julgou engraçada a ideia da terceira tentativa de casamento da minha mãe. Acho que imaginou que se ela não tivesse sucesso dessa vez, poderia continuar a culpá-la pelo fim do casamento deles.

— Sim, vai sim. E acho que encontrou um bom sujeito dessa vez — comentei, me surpreendendo pela súbita defesa de mamãe e Clark.

— Espero que sim — disse ele, me espiando e metendo outro cigarro na boca como se compensando o tempo perdido. — O mais importante é: você tem que achar alguém que lhe dê apoio não importa por quê.

Como se pegasse a deixa, Deirdre depositou as duas xícaras de café na mesa, dividindo o olhar entre mim e papai.

— Como vão as coisas? Tudo bem?



— Simplesmente ótimas, querida — falou. Então, puxando o cigarro apagado da boca, esticou-se e plantou-lhe um beijo na face. — Ela não é formidável? — perguntou.

— Boa demais para você — retrucou Deirdre, revirando os olhos para mim, embora pudesse notar que ficara lisonjeada.

— Me ajude, por favor, doçura — pediu ele agora, entregando-lhe os fósforos e acomodando o cigarro entre os lábios.

Enquanto a observei riscar o fósforo e levá-lo até o cigarro dele, me enchi de uma estranha mistura de tristeza e, curiosamente, alívio. Enfim, compreendi que esse fardo só seria meu se o escolhesse.

E eu não o queria. Pelo menos uma vez, eu tinha certeza de alguma coisa.

### **Confissão: Sou obrigada a aceitar a força superior — minha mãe.**

Quando Deirdre me largou em frente à casa de minha mãe, na verdade eu ansiava por vê-la. Depois de passar um dia nas trevas que perpetuamente circundavam meu pai, a perspectiva da incansável animação de mamãe seria um contraste bem-vindo. Contudo, quando entrei na cozinha e vi a amiga de minha mãe, Dorothea, sentada ali, logo entrei em alerta vermelho.

— Emma, você lembra de Dorothea, não é?

É claro que sim. Dorothea era a parceira de tênis da minha mãe que se transformou em sua melhor amiga depois que mamãe se divorciou de papai. Dorothea também era psicóloga formada, a quem minha mãe recorria descaradamente sempre que ela ou um dos filhos se vissem em perigo de sucumbir a qualquer espécie de emoção que não fossem as mais animadas e otimistas.

— Como vai, Dorothea? — indaguei, afixando meu melhor sorriso falso na cara.

— Bem, bem. E você? — disse, com as sobrancelhas arqueadas acima dos olhos escuros, meticulosamente maquiados.

Óbvio que eu era o alvo da mais recente preocupação da minha mãe. E tal pensamento se confirmou quando, poucos instantes após me sentar à mesa, minha mãe levantou num pulo e exclamou:

— Veja a hora! Tenho que correr para apanhar Clark na faculdade antes que o tranquem lá dentro no feriado!

— O que houve com o carro de Clark? — indaguei, desconfiada.

— Ah, seu irmão está usando hoje... precisou de uma caminhonete para apanhar a nova pia de cozinha de Tiffany no Armazém do Lar. Não vou demorar — comentou breve, pegando as chaves no gancho onde as pendurava e caminhando para a porta. — Por que vocês duas não batem um papinho enquanto estou fora? — acrescentou, encorajadora. E com uma piscada para Dorothea, que na verdade teve a graça de ficar encabulada, ela desapareceu.

Sorri amarelo para Dorothea, que passou uma das mãos bem cuidadas e repletas de anéis sobre a cabeleira negra.

— Lamento sobre isso, Emma — começou, acenando com uma das mãos inutilmente no ar. — Sua mãe parece pensar que você precisa de alguém com quem conversar... você sabe, por causa de tudo o que aconteceu há pouco. Com Derrick. Seu pai — prosseguiu, seus olhos arregalando-se para mim como se tentasse me dizer que podia conversar com ela, se quisesse, mas que ela não forçaria a barra.

— Mamãe parece pensar que não posso administrar minha vida sem que ela se intrometa periodicamente — falei.

— Ela se importa com você, Emma. Quer que seja feliz.

— Sou feliz — protestei. Acho. Por que será que eu sempre parecia mais feliz em oposição às tentativas da minha mãe de me fazer feliz?

Dorothea sorriu como se ficasse satisfeita com a resposta.

— Tenho certeza que sim. — Então: — Ainda mora na cidade? No West Village, não é?

— Sim... sim, moro — falei.

— Eu amo o West Village. Eu mesma morei lá anos atrás. Quando fiz o mestrado em assistência social na New School.

Agora que o assunto fora seguramente transferido para os bairros de Nova York, ficamos numa confortável harmonia, enquanto Dorothea me brindava com crônicas de seus tempos como jovem mulher solteira em Nova York, antes de conhecer o primeiro marido — desde então se divorciou e casou de novo felizmente — e se mudou para o subúrbio.

— Velhos tempos — disse, e me olhou com algo próximo à inveja. — E nunca se pode voltar a eles — acrescentou, filosófica. — Sei que provavelmente ouviu isso um milhão de vezes, Emma, mas esses são com certeza os melhores anos da sua vida. Escute alguém experiente. Não seja tão apressada para correr para a próxima etapa. Você mora na melhor cidade do mundo. Aproveite enquanto pode!

Tentando dissipar um pouco da constrangedora exuberância que as palavras dela lançaram pela sala — ter intimidade com as amigas da minha mãe sempre me deixava agoniada — dei partida na minha costumeira sequência de piadas autodepreciativas sobre apartamento.

— Bem, poderia aproveitar mais, se ocupasse o melhor apartamento na melhor cidade do mundo. Sabe, morar no bairro mais badalado tem seu preço. Meu apartamento é tão pequeno que o tapete que vai de uma parede a outra diz apenas Bem-vindo.

Isso me rendeu uma risada. Depois:

— Onde você está, numa quitinete?

— Pode chamar assim — respondi. — A maioria das pessoas que moram a 80 quilômetros ou mais dos limites de NYC devem classificá-lo como um closet.

— O aluguel é congelado?

— É. — Então gargalhei. — Ah, as correntes que nos prendem.

— E não sei — disse Dorothea, balançando a mão no ar. — De fato, o apartamento em que morei na Rua Thompson era um quarto e sala com aluguel congelado, e até hoje ainda não consegui abrir mão dele. Uma amiga minha está morando lá agora... tornou-se o lugar perfeito depois do seu divórcio. — Em seguida, como se uma nova ideia lhe surgisse, seus olhos se iluminaram e ela me olhou com entusiasmo renovado. — Sabe, da última vez em que nos falamos, ela andava um

bocado firme com o cara com quem estava saindo. Andaram conversando sobre casamento, mudar de volta para o subúrbio e tudo mais. Talvez eu lhe dê um telefonema. E caso ela desista do lugar, você será bem-vinda lá. É um espaço agradável. E não muito longe de onde você mora agora.

Meu coração começou a bater enlouquecido, como sempre fazia quando alguém acenava para mim com a possibilidade de um lugar mais amplo porém ainda com o aluguel congelado.

— Adoraria dar uma olhada nele. Isto é, se a sua amiga vai mudar.

— Bom, mesmo se não for, é só uma questão de tempo — falou Dorothea. — Stacy não sabe o que fazer consigo mesma desde que perdeu o status de Esposa Suburbana. Vai casar e voltar a Long Island em dois tempos.

Suas palavras me encheram de alegria, e quando minha mãe retornou com Clark a reboque, eu transbordava uma empolgação mal contida.

— Bem — disse mamãe, nos espiando, especulativa, com um sorriso nos lábios —, posso ver que vocês duas bateram um papinho bem agradável enquanto estive fora.

Dorothea piscou para mim, e não pude deixar de sorrir de volta.

— Foi um papinho bem agradável mesmo — retruquei, sentindo dentro de mim algo que não sentia pelo que pareceu um longo, longo tempo.

Esperança.

## DOZE

*"Até os doentes mentais precisam de amor."*

— *Beatrice Simms, mascote, Edifício dos Incuráveis*

**Confissão: Descobri o preço da felicidade, e ele está abaixo da cotação de mercado.**

Surpreendeu-me o quanto uma promessa de espaço em Nova York pôde ser um bálsamo para minha alma. Praticamente, saltitei até o metrô na segunda-feira de manhã enquanto uma visão em que eu me espreguiçava num sofá que não se convertia em cama em alguma futura e espaçosa sala de estar dançava na minha cabeça.

Foi o bastante para me fazer pensar que não precisava de nada e, mais especificamente, de ninguém. Ao inferno com Max e os tetos de seis metros de altura e seu equipamento um pouco maior do que a média. Caso conseguisse o apartamento, poderia fazer qualquer coisa — até me aventurar na boutique Pink Pussycat. Estava pronta para brinquedos sexuais, conjuntos de louças para um e — adivinhou — aquele schnauzer miniatura, que me latiu contente quando passei na loja de animais a caminho de casa na volta do trabalho aquela noite. Senti a vida renovada outra vez, e tudo era possível.

Papai chegou em casa da reabilitação na terça — ou por bom comportamento ou porque o seguro acabou, eu não sabia e tive medo de perguntar. Porém, quando nos falamos, ele pareceu inesperadamente animado. Acabou que ele havia se ligado a um novo advogado na clínica. Pelo jeito, Stan Farber tivera um problema ocasional com barbitúricos, mas, fora isso, era um advogado bom à beca. E embora receasse que a felicidade do meu pai durasse apenas o

equivalente ao limite da paciência do advogado, estava pronta a abandoná-lo ao seu novo Deus.

A semana de trabalho voou, e eu estava subitamente produtiva agora que ninguém esperava nada além de minhas contribuições habituais. O rebuliço pela promoção de Rebecca de repente dissipou-se, devido aos novos rumores — instigados principalmente por Marcy Keller — de que o casamento de Patrícia estava em crise. Apesar de não pensar que Patrícia tivesse um casamento que garantisse tamanha excitação quanto ao seu divórcio, fiquei aliviada por abandonar o papel de objeto da especulação de todos. Na verdade, todos bem que voltaram a ignorar minha existência, e ainda mais o fato de que tinha sido tão recente e vergonhosamente suplantada para a promoção.

Quando chegou o fim de semana, me sentia cada vez mais otimista. De fato, até me rendi à insistência de Jade para ir à Fire Island passar com ela o feriado de Quatro de Julho. Particularmente após vestir o maio, e ver que parecia bem mais firme em toda parte. Firme o suficiente para me permitir subir na balança — e descobrir que havia perdido três quilos! E embora o feriado na praia não resultasse em nenhum romance novo, serviu para solidificar a relação com Jade num nível diferente. Pois éramos duas mulheres unidas por algo mais forte do que os anos de crescimento — éramos ambas mulheres solteiras na batalha, que não precisavam de nada nem de ninguém exceto uma da outra e do mais novo tom de batom de Bobbie Brown — disponível, é claro, no sortimento de maquiagem superatual de Jade. Perambulamos implacavelmente pelos bares de Fire Island em roupas provocantes, flertando com o tipo de homens com que um dia eu ficaria apavorada em partilhar a cabine de um elevador. E, então, jovialmente, largávamos aqueles mesmos homens de pé sozinhos no bar, diante do menor defeito — uma braguilha aberta, um fio de cabelo fora do lugar, uma demonstração patente de machismo. Nunca me senti tão poderosa. Ou tão sexy, apesar do fato de que não havia experimentado mais que um beijo de boa noite desde a malograda aventura com Max Van Gelder.

Contudo, em dois dias de retorno à cidade, o chão se abriu — quer dizer, para mim.

— Você jamais vai acreditar nisso — disse Jade quando nos encontramos para tomar uns drinques no Revolution após o expediente, na terça à noite, esperando de algum modo recapturar a folia do fim de semana do feriado, a despeito do nosso relutante retorno à vida de nove às cinco.

— A essa altura, eu acreditaria em qualquer coisa — retruquei, bebericando uma tequila linda enquanto estudava sua expressão enigmática.

— Ted apareceu.

A tequila praticamente saiu pelo meu nariz.

— Não brinca?

— E ficou ainda melhor — ela continuou, com os olhos repletos de uma mescla de incredulidade e, devo admitir, entusiasmo.

Esperei, imaginando o que possivelmente qualquer homem poderia ter feito para despertar em Jade tamanho estado amplificado de emoção.

— Pelo jeito você tinha razão quanto a ele — falou.

— Que era um babaca? Um troglodita descerebrado? — perguntei, buscando na memória quaisquer epítáfios que tivesse aplicado a Ted naqueles remotos e lúgubres dias quando Jade pensou que jamais receberia notícias dele outra vez.

— Não, não — retrucou, balançando a cabeça. — Lembra a primeira explicação que você deu quando ele não me ligou?

Pensei um minuto, e enfim lembrei.

— Que ele foi atropelado por um ônibus?

Ela ergueu as sobrancelhas e um sorriso ridiculamente largo disse tudo.

— Você só pode estar me gozando!

— Não. Cheguei em casa ontem à noite e lá estava ele, me esperando no declive da entrada e se mostrando tão esplêndido como sempre, apesar daquela cicatriz incrivelmente sexy no queixo.

Conte com Jade para julgar tecido inflamado como atraente.

— Que diabos ele disse?

— Que andou entrando e saindo do hospital pelos últimos dois meses. Parece que acordou no dia seguinte ao nosso encontro, montou na bicicleta para um passeio até a rodovia West Side e deu de cara com um ônibus. Ficou na UTI nas primeiras duas semanas, e, ouça essa, quando enfim saiu, a primeira pessoa em quem pensei fui eu. O quanto quis me ligar, me contar o quanto apreciei estar comigo.

Enchi-me de descrença ao ver a expressão sonhadora de Jade.

— Então, por que não ligou? — indaguei, desconfiada. Afinal, uma de nós tinha que permanecer racional, e claramente não seria Jade.

— Bom, não foi tão fácil para ele logo que saiu do hospital. Foi forçado a encarar uma nova realidade. Seu corpo estava quebrado, o rosto marcado. A carreira de modelo basicamente.. estava acabada — concluiu, o rosto cheio de piedade.

— E daí? Você falou para ele que só saía com modelos ou algo assim?

Jade me fitou como se eu fosse uma espécie de imbecil.

— Não, não. Não foi nada disso. E que ele não tinha mais um emprego. Perdeu a autoconfiança e entrou numa espécie de pânico. Achou que mulher nenhuma, em especial uma tão bem-sucedida quanto eu, ia querer qualquer coisa com um perdedor desempregado.

— Humm... — respondi. Embora não quisesse perdoar Ted, comecei a entender. Enquanto as mulheres sofriam por questões físicas, os homens sofriam pelo instinto de provedor. Caso não possam botar o pão na mesa, não se sentem muito apetecíveis. Entretanto, resisti. — Não sei, Jade.

Mas a julgar pela expressão de seu rosto, ela não estava ouvindo.

— Sabe, ele até pensou que eu não o acharia mais atraente. Quer dizer, não só pela cicatriz no rosto, mas nas costas também. O engraçado é que, achei que ele parecia meio... meio bruto com todas



aquelas cicatrizes. E ele me olhou de um jeito tão doce, como se me quisesse mas temesse que eu... que eu não o quisesse.

— Se ele a queria tanto, por que não ligou} — insisti. — Quer dizer, ficar machucado é uma coisa. E quanto à história do emprego, bem, isso é compreensível. Mas deixar você na dúvida todos esses meses, sem nem apanhar o telefone e...

Fiz uma parada abrupta quando percebi que Jade me encarava.

— O que deu em você, Emma? Pensei que ficaria feliz por mim. Pensei...

— Desculpe — comecei. — Vai ter que me desculpar se sou um pouco cautelosa quanto a tudo o que um homem tenha a dizer hoje em dia. Em especial quando beira o absurdo!

Ela moderou um pouco.

— Olha, eu estava mentalmente como você quando cheguei em casa ontem à noite e o vi sentado lá. Estava pronta a fazer uns poucos comentários irônicos e seguir adiante. Mas depois ele começou a falar. E talvez fosse a visão daqueles antebraços, mas comecei a escutar. — Sorriu diante da lembrança. — Ele explicou que quando saiu do hospital da primeira vez, marcado e sem trabalho, nem sequer sonhou em me ligar. Bem que tentou me tirar da cabeça. E após um mês ou mais de fisioterapia e montes de conturbações, concluiu que precisava levar a vida adiante. Então, arrumou emprego na empresa de construção de um amigo. Assim que começou a trabalhar com as próprias mãos por um tempo, sentiu uma satisfação, uma confiança, que não conhecera antes. Disse que passou a pensar em mim o tempo todo a partir daí. Desejou ter telefonado antes e achou que agora provavelmente seria tarde demais. — Ela me olhou direto no olho. — Disse que sentiu essa... ligação, essa conexão comigo desde aquela primeira noite. Pode acreditar nisso? Creio que eu não imaginei... — afirmou, com a expressão tornando-se sonhadora mais uma vez, antes de continuar. — Ele sabia que eu bateria o telefone na cara dele se tentasse me ligar, por isso veio até o meu apartamento e simplesmente esperou até eu chegar em casa, tentando descobrir como faria com que pelo menos eu o escutasse, ou até saísse com ele de novo. — Reclinou na cadeira.—E

acredite, quando o vi lá, fiquei chocada. E zangada. Até notar aquele olhar... — Suspirou.

— Que olhar? — perguntei.

— Havia algo nos olhos dele, algo que me disse que aquilo não era conversa fiada. Era algo... real.

De repente, a compreensão surgiu dentro de mim. Santo Deus, seria possível? Estudei os olhos de Jade e ao ver a emoção cintilando neles, eu soube. Jade, minha melhor amiga, irmã de alma e nova parceira de Feminismo de Solteira, estava à beira de cair irremediável e loucamente tomada de amores.

### **Confissão: Ted não é o único com cicatrizes...**

Certo, eu não fiquei exatamente feliz por ser abandonada no auge do meu recém-descoberto Feminismo de Solteira. E, sim, admito que levou algum tempo para que ficasse feliz por Jade. De fato, não antes de vê-la com Ted na sexta-feira seguinte — todos nos encontramos para jantar, a saber: Alyssa e Richard, Jade e Ted e eu, bancando o estepe — comecei a compreender. Precisava ver por mim mesma as evidências dos recentes ferimentos físicos de Ted. Sim, eram reais. E quando testemunhei o brilho apatetado de felicidade que emanava dos olhos dele toda vez que admirava Jade, o que era frequente, soube o que Jade havia encontrado: amor verdadeiro. Do tipo que poderia apagar quaisquer dúvidas remanescentes de que os homens que vieram antes pudessem ocupar o coração dela. Do tipo que podia curar.

Então, lá estava eu, passando a noite de sábado sozinha de novo, mas dessa vez senti que era diferente. Eu me senti diferente. Por um lado, recebi notícias de Dorothea e soube que sua amiga Stacy tinha mesmo ficado noiva e alegremente fazia planos para se mudar de volta para o subúrbio dali a cerca de três meses. Pelo meio do outono, eu estaria morando num apartamento de tamanho apropriado para adultos, completo, com uma lareira a lenha, que descobri com grande prazer quando passei por lá depois do trabalho para conhecer. Após ser

cumprimentada por uma radiante Stacy, que não pôde se furtar a me exibir o diamante lapidado de um quilate e meio enquanto me escoltava através dos cômodos (!), me empolguei diante da visão dos tetos altos, emoldurados por cornijas e até uma banheira com pés de garra. Esse era um lugar que eu poderia transformar num lar de verdade. E talvez, pensei ao admirar o quarto espaçoso e as amplas dependências, dividir com alguém algum dia.

No entanto, ao descer pela escada do meu próprio edifício dilapidado naquele sábado à noite, torcendo para escapar temporariamente daquelas quatro paredes enquanto procurava algo que se assemelhasse a um jantar, o sonho de um novo homem se mostrou impossível. A melhor visão que pude conjurar foi minha imagem no novo apartamento, aninhada diante do fogo crepitante, com um livro na mão e o schnauzer aos meus pés.

Enquanto descia o derradeiro lance de degraus, fiquei paralisada no pórtico pela visão de Beatrice barrando — meio serelepe, notei — o lado de fora de sua porta da frente. E de vestido, nada menos. Verdade que era de um florido néon e certamente poderia oferecer abrigo temporário a uma pequena família à míngua em pleno deserto, mas ela parecia de certo modo mais... feminina.

— Olá, vizinha! — bradou quando se virou e me flagrou procurando me esquivar dela para sair.

— Olá, Beatrice, como vai você? — respondi, resignada a ter aquele pouquinho de conversa com a velha solitária.

Mas Beatrice borboleteou por mim, aparentemente apressada.

— Maravilhosa, maravilhosa. Exceto por estar muito atrasada. — Ao abrir a porta externa, virou-se para mim e murmurou, confidente: — Vou encontrar meu amigo no parque. Vamos comer sanduíches de peru e bolo inglês juntos! — exclamou, levantando a sacola de compras que segurava em uma das mãos, com um sorriso de moça nas feições sorumbáticas. E, com isso, se foi, me deixando escorando a porta, abestalhada.

Até Beatrice, pelo jeito, não estava mais sem homem. Enquanto eu...

De repente, soube o que tinha que fazer. Virei-me na direção da Deleites Celestiais, percebendo que, se uma mulher realmente quer alguma coisa nessa cidade, tem que correr atrás, sem pestanejar. E me determinei a ter o único homem que teimosamente residia na minha vida de fantasia desde o dia fatídico em que botei os olhos nele pela primeira vez por cima de um galão de Double Mocca Chips. O homem do Skinny Scoop. Quem se importava se ele provavelmente ganhava pouco mais que um salário mínimo? Ele era magnífico, era macho, e passei a acreditar que se pedisse muito mais de um homem, seria pedir demais. Não mais que de repente, me senti poderosa ao marchar confiante em direção a Deleites Celestiais, conferindo o meu reflexo nas vitrines à medida que caminhava. Eu parecia poderosa. Eu era Jade antes de Ted. E isso não era tão ruim, era? Melhor do que a ex-namorada aparvalhada e patética de Derrick, que fui por tantas semanas.

Quando enfim alcancei meu destino, ajeitei o cabelo com os dedos uma vez mais por coragem, abri a porta, que tiniu enlouquecida em aviso, e entrei.

Só para ser saudada pela face doce e familiar da mulher que era proprietária do lugar.

— Bem, olá, você! — bradou satisfeita para mim quando avancei irremediavelmente até o balcão.

— Oi, como vai você? — repliquei, reparando no quanto ela estava bronzeada e relaxada.

— Maravilhosa! Meu marido e eu acabamos de voltar de um cruzeiro até Barcelona! — Então, sorriu. — Um presentinho do nosso filho.

Engolindo o desapontamento por ambos não estarem ainda longe, navegando enquanto seduzo o garoto do estoque, retruquei:

— Parece maravilhoso. Seu filho é muito generoso. Ela sorriu radiante.

— É um menino tão bom. Quase nunca pensa em si mesmo, e ainda trabalha tanto. Juro que a única vez em que o vejo relaxar é quando vem jogar cartas conosco nas noites de sexta. Meu marido e eu temos um grupo de bridge — acrescentou.

Sorri, tentando imaginar esse filho perfeito, embaralhando e cortando cartas para os velhos pais numa noite de sexta. E eu que pensei que não tinha uma vida.

— Sabe, acho que ele só precisa conhecer a garota certa — afirmou, me olhando com renovado interesse.

Oh, céus. Agora eu era vista como o encontro em potencial do filho deles, o CDF do Mundo Ocidental. Adeus ao meu grande plano de sedução.

— É... muito meigo da sua parte dizer isso, mas eu... bem você sabe, eu já tenho namorado.

— Hã? — disse ela, parecendo intrigada. Como se minha presença solitária numa noite de sábado pela enésima vez de algum jeito não coincidissem com a imagem que tentei criar para o meu alegado compromisso. Balançou a cabeça em seguida, como se lembrando a si mesma. — Desculpe, querida. Estou divagando. O que posso trazer para você? Um pote de Double Mocca Chips?

Quando meu olhar se abateu sobre o freezer repleto de

Skinny Scoop, uma nova onda de tristeza me varreu. De repente, não estava pronta a abandonar a esperança de ver o garoto suculento do estoque esta noite. Um plano começou a tomar forma em minha mente, enquanto meus olhos caíram sobre o Double Mocca Chips, plenamente estocado e pronto para ser comprado. Caso conseguisse lembrar de um sabor que não estivesse tão prontamente disponível, isso poderia exigir uma ligação para o porão...

— Você tem Banana Nut Crunch? — falei, citando o sabor que Derrick sempre adorava e eu desprezava. Foi um ponto de discórdia entre nós durante o relacionamento, já que nunca realmente consegui me relacionar com um homem que não gosta de chocolate. Agora, percebi com alegria crescente, que não havia nenhum pote de Banana

Nut Crunch a ser encontrado no freezer, esse simples fato poderia me aproximar do...

— Sabe, não vejo nenhum por aqui — a mulher falou após uma busca de ponta a ponta no freezer. — Deixe-me ligar lá para baixo — continuou, dirigindo-se para o interfone na parede.

Comecei a entrar em pânico quando a escutei pedir uma busca pelo Banana Nut Crunch. O que eu faria quando ele chegasse com o Skinny Scoop na mão? Como poderia colocá-lo sutilmente a par das minhas intenções, sem alarmar essa adorável e velha senhora que me julgou boa o bastante para seu filho meigo e boboca?

Quando a porta do porão se abriu, meu coração retumbou enlouquecido no peito. Talvez pudesse passar meu número para ele, ou fazer alguma alusão a um bar nas redondezas onde pudéssemos nos encontrar...

Minha mente fez uma pausa repentina diante da aparição do homem — especificamente, o bondoso velho marido da já mencionada bondosa velha senhora — de pé, no topo da escada, com um pote de Banana Nut Crunch na mão.

— Era esse que você queria, Gloria? — indagou, sorrindo gentil para ela ao estender o recipiente.

— Sim, esse mesmo — disse ela, caminhando em sua direção e tomando a embalagem com a mão direita. Então, esticou a mão livre e tocou com carinho na bochecha levemente enrugada. — Obrigada, meu bem.

Fitaram um ao outro por uns poucos instantes, os olhares repletos de tanto amor que senti um nó na garganta diante da cena, seguido por uma inundação de vergonha quando lembrei as intenções lascivas que tinha para seu garoto do estoque. Logo que o velho saiu pela porta e a mulher embalou a compra, rapidamente paguei e saí, rumando para casa, para o meu supersolitário apartamento, com um recipiente do sabor que menos gostava de Skinny Scoop e o coração cheio de tristeza.

Quando entulhei a embalagem de Skinny Scoop intocada no freezer, refleti sobre como falhara miseravelmente em ser a ousada

Mulher Solteira que imaginara. Afinal de contas, Jade jamais se via atolada de Banana Nut Crunch quando desejava Double Mocca Chips.

No entanto, Jade nunca ficara desesperada o bastante para fazer qualquer coisa, a custo do próprio bem-estar, para agradar um homem.

De repente, minha vida conseguiu um alívio. Como havia tentado com muito afincio ser o que Derrick queria que eu fosse, não prestara atenção a quem eu realmente era, ao que eu realmente queria. Todo aquele tempo tentara não me importar que ele não quisesse avançar para a próxima etapa da relação, tentando fingir que era uma artista tão solitária quanto ele, que me esqueci quem realmente era.

Depois dessa revelação, tudo o mais se encaixou no lugar. Não culpei Max por não me ligar. Quem ligaria para uma mulher que pensava tão pouco em si própria que praticamente se atirara em cima dele desde o encontro número 1 ? Droga, o fato de que afinal tivemos um segundo encontro certamente significou que ele esperava ao menos aliviar alguma tensão sexual com a primeira garota disposta por quem se encontrasse remotamente atraído. Afinal de contas, eu sabia como era a cidade de Nova York, como era difícil ficar íntimo de qualquer um que ainda respirasse, quanto mais de alguém que fosse sexualmente ativo. E lá estava eu, sentada perto do telefone, como uma telefonista a postos para atender todos os seus desejos sexuais. Imaginando quando ele apanharia o telefone e daria sentido à minha vida de novo.

Que idiota que eu fui!

Tudo isso ia ter um fim, decidi. A espera. A esperança de que outra pessoa pudesse de algum modo tornar minha vida de apenas tolerável a remotamente feliz. Emma Carter não esperaria por mais ninguém.

**Confissão: Ofereço-me em sacrifício aos deuses das compras — e exorcizo uns poucos demônios.**

Quando entrei no escritório na semana seguinte, mais revelações se seguiram. Especialmente quando me flagrei rondando o cubículo da revisora enquanto ela lia meu mais recente artigo sobre grinaldas,

aguardando por quaisquer elogios às inteligentes sequências de frases que ela pudesse atirar na minha direção. De repente, entendi que fazia exatamente o que dissera que jamais faria: esperar que alguém mais me dissesse que estava levando minha vida de maneira digna. No caminho de volta ao meu próprio cubículo, vi Rebecca batendo ponto no escritório de Patrícia, as duas obviamente empenhadas no tipo de tête-à-tête que, era mais do que provável, renderia algum dia a Rebecca o escritório ao lado do de Patrícia.

Mas em vez de me sentir rejeitada, em vez de acusar todas as almas perdidas da Top Noivas por não reconhecerem minha genialidade, por não suplicarem pela minha liderança, libertei-me do estranho poder que a opinião delas exercia sobre mim. Quem era Patrícia, afinal, para decidir que tipo de trabalho eu era ou não competente para fazer? Ela não me conhecia, sua funcionária anônima. Diabos, duvido que sequer conheça o próprio marido. Eu era mestre do meu destino, não ela. Nem Rebecca. Nem Derrick tampouco, droga. Cabia a mim decidir que vida havia à disposição de Emma Carter. E depois do surto inicial a que tais revelações me induziram, segui para casa no final da semana determinada a descobrir que vida era essa.

E compreendi que eu não tinha a menor ideia.

O que provavelmente foi o motivo de me tornar vítima das maquinações da minha mãe logo cedo na manhã de sábado.

— Emma, me alegro por encontrar você — começou, quando atendi o telefone meio tonta de sono.

Abri os olhos e dei meia-volta para encarar o relógio na cabeceira.

— Onde mais achou que eu estaria às oito e meia da manhã de sábado?

Ignorando a irritação, ela continuou:

— O que planejou para hoje?

— Nada — resmunguei, para então perceber que falara sem pensar, abrindo-me a qualquer esquema que minha mãe tivesse em mente.



— Maravilha! Pensei em ir até a cidade comprar uns sapatinhos. A Macy's está em liquidação e aquela da Rua 34 tem cinco departamentos de calçados, muito melhor do que a do shopping. — Pronunciou shopping com um asco que me surpreendeu, vindo de uma mulher que peregrinava até lá ao menos duas vezes por semana. — O casamento é daqui a dois meses, e ainda preciso de sapatos! Pensei que poderia escolher umas sandálias novas para a lua de mel. Talvez de salto com tiras para a noite...

Se havia uma coisa que eu e minha mãe tínhamos em comum era um fraco por sapatos. A única diferença era que ela tinha maior poder de compra. E talvez tenha sido esse fato que me persuadiu a passar o sábado inteiro nas compras com ela até os ombros doerem e a alma gritar por algo mais substancial do que a contemplação das virtudes dos dedos de fora contra o sapato fechado. Ou talvez eu apenas esperasse evitar passar qualquer tempo mais sozinha após uma noite de sexta-feira gasta na obsessão de para onde ia minha vida e me perguntando se eu, de fato, tinha uma vida.

Agora, sentada exausta na cadeira ao lado da de minha mãe enquanto ela experimentava o quinto par de sandálias abertas, baixas e de cor neutra — um par que alegou precisar no caso de a roupa pedir alguma outra coisa diferente das sandálias pretas abertas, baixas, prateadas, com tiras e saltos altos, sapatilhas pretas ou mules vermelhas que já comprara para complementar o balão branco-amarelado que vestiria para casar com Clark —, imaginei como fui parar naquela bagunça. Observei as bolsas que cercavam os meus pés, duas das quais eram minhas e continham os saltos altos vermelhos mais sensuais e com as tiras mais longas e o mais adorável par de babuches que jamais vira, e lembrei que a própria ganância fora minha ruína. Finalmente, minha mãe tirou os olhos de onde tentava sem sucesso ajustar a tira da atual opção de sapato para que ele não deixasse seu dedão tão exposto.

— Sabe o quê? — falou ela, com a razão de súbito raiando em seus olhos. — Não preciso mesmo destes de qualquer forma. O que diz de darmos um descanso e sairmos para almoçar?

Já que comer era sempre minha alternativa favorita, concordei prontamente. Assim que driblamos a multidão e abrimos caminho para fora da Macy's, optamos por fugir do cenário enlouquecido da Broadway e entramos num táxi rumo ao centro da cidade. Decidimos comer no Zen Palate, já que minha mãe acabara de ler um livro sobre as virtudes da soja e estava ávida para pular para a próxima fase: vegetarianismo.

Uma hora mais tarde, no meio de um prato de macarrão preparado só com tofu e legumes, minha mãe abaixou o garfo.

— Sabe, isso é bom — disse, apanhando o guardanapo e limpando os lábios —, mas não sei se posso aguentar nem oito metros com essa comida vegetariana. — Sorriu. — Cresci comendo carne. Parece desnaturado não comer!

Sorri de volta para ela, sentindo-me de bom humor de novo agora que estávamos em segurança, distantes de qualquer liquidação apelativa, e minha barriga estava cheia de berinjela à milanesa e caldo de feijão cozido.

— É, bem, não aderi oficialmente, embora Alyssa jure que soja é a resposta para tudo

— Como vai Alyssa?

— Alyssa está ótima. EL e Richard estão ótimos — respondi, lembrando como pareciam felizes juntos da última vez que os vi. — Aposto que vão ficar noivos qualquer dia desses.

— Oh, essa é uma novidade boa — retrucou minha mãe, com o sorriso reluzindo nos olhos.— E Jade? Está saindo com alguém?

— Por acaso — falei —, Jade está apaixonada.

— Apaixonada! — exclamou minha mãe, com evidente regozijo. — Por quem?

— Ted , um cara que ela conheceu na academia. Um verdadeiro doce. Nada parecido com Michael.

— Graças a Deus — falou minha mãe. Ela encontrara Michael uma ou duas vezes e mesmo conhecendo-o tão pouco pôde notar o imbecil

egocêntrico que ele era. Acho que era uma das vantagens de se paquerar aos 50 — você ganha um sexto sentido quando se trata de homens e pode apontar um cretino a 50 metros de distância. — Já era hora de Jade conhecer alguém bom — continuou mamãe.

Um silêncio constrangedor se abateu entre nós, durante o qual garanto que os pensamentos de minha mãe se voltaram para mim, sua filha, que, tenho certeza, ela presumia estar bem atrasada para o Sr. Perfeito.

— O quê? — disse, tentando apagar a expressão de ansiedade do rosto dela. Será que ela pensava que eu na verdade conhecera alguém com algum potencial e deliberadamente escondia dela a novidade?

— Nada! — redarguiu. — Estava só imaginando o que aconteceu com você.

Fiquei imediatamente na defensiva, estragando a atmosfera agradável entre nós. E embora me arrependesse mais tarde, algum demônio dentro de mim me levou a isso e não pude me conter.

— Quer saber o que aconteceu comigo, ou quer saber o que aconteceu com a minha vida amorosa? Porque, se é sobre esta última, não tenho nada a dizer sobre o assunto. Mas se for a primeira...

— Emma! Por que o ataque? Pensei que estivéssemos nos divertindo. Pensei...

— Talvez esse seja o problema com você — falei, uma raiva se encapelando sobre mim que nem sequer reparara como fervilhava. — Você sempre quer pensar que estamos nos divertindo. Bem, talvez se apenas parar de tomar suas bolinhas por uns dias vai perceber que a vida não é tão agradável na maior parte do tempo. Que talvez não estejamos nos divertindo sempre. Que talvez a vida seja absolutamente chata a maior parte do tempo.

O rosto de minha mãe se contorceu numa mistura de mágoa e apreensão, fazendo a primeira onda de remorso arrebentar em mim. O que fiz? E por que fiz?

Suspirei, a raiva agora se voltando para mim.

— Desculpe. Não pretendi...

Ela estendeu a mão, me interrompendo.

— Primeiro, em minha defesa, quero dizer que nem mesmo toquei em antidepressivos desde... desde uns poucos meses depois de conhecer Clark. Sei que dependi deles um bocado para superar as fases amargas através dos anos, mas esses dias terminaram para mim. Desde que conheci Clark, tudo é diferente. Eu sou diferente.

Inútil dizer, fiquei chocada e um pouco desconfiada.

— Não teme que sua felicidade seja tão dependente de Clark? Isto é, não trocou só uma droga por outra? Antidepressivos por amor?

Ela balançou a cabeça enfaticamente.

— Não. Porque, quando conheci Clark, eu estava num ponto emocional diferente. Passei por aconselhamento. Estava sob o efeito de 500 miligramas por dia. Me sentia como.. como se compreendesse melhor a mim mesma. Como se soubesse o que queria da vida. Assim, quando Clark surgiu em cena, tive certeza de que era ele.

Fui bombardeada de verdade. Pareceu como se minha mãe, enquanto tropeçava nos casamentos e aparentemente trans formava a própria vida numa bagunça, conseguira encontrar a felicidade. Senti uma mistura de cintilante esperança e absoluto desespero.

Porque entendi que também poderia ser feliz um dia, mas isso não seria algo que se acha com facilidade no departamento de calçados da Macy's, nem tampouco no fundo da embalagem de Skinny Scoop. De fato, suspeitei que ainda tinha um bocado mais de horrores a enfrentar antes de sequer chegar perto. Contudo, pela primeira vez, percebi com trêmula esperança ao estudar o semblante satisfeito de minha mãe, que eu ia chegar lá. Se me desse uma chance.

**Confissão: Sou forçada a largar o papel de pária do escritório — e de ex-namorada.**

Na semana seguinte senti como se uma grande carga fosse removida dos meus ombros. Até reuni coragem suficiente para ligar

para meu pai e ver como ele andava. As boas notícias eram que ele parecia estar largando o álcool e que até começara a frequentar algumas reuniões dos Alcoólicos Anônimos, o que era um bom sinal, considerando que em geral ele dava o bolo neles, alegando que as únicas pessoas que iam a tais reuniões eram gente que "realmente tinha problemas". Por anos a fio, papai demonstrou pensar que caiu em outra categoria. Suponho que tivesse muito a ver com o fato de que ele conseguia se manter funcional até durante os períodos mais contumazes de bebida. Sustentava o emprego, renovava o antigo lar e, quando se casou novamente, reformou toda a segunda casa, embora estivesse um pouco velho e bem menos competente para o serviço. Tudo com o auxílio do bom e velho Johnnie Walker. Mas agora que se aposentou e se pegou despencando de telhados, acho que atinou que era hora de encarar os novos fatos.

Comecei a me sentir cautelosamente otimista a respeito dele. E devia ter ficado mais esperançosa se Deirdre não tivesse mencionado que ele ainda procurava um novo advogado para o processo contra a companhia das correias de alpinismo. Acho que ainda não conseguia se libertar da necessidade de um bode expiatório por enquanto.

Parece que nas semanas que sucederam à ascensão de Rebecca ao poder me tornei a heroína obscura dos fracos e oprimidos em meio às fileiras da Top Noivas. Pessoas como Lucretia Henry com seu emprego estilo beco sem saída e Marcy Keller, a quem faltava uma vida emocional, aproveitavam cada oportunidade para me informar como sentiram fortemente que a promoção devia ser minha, como fui vítima de um tipo de má administração que um dia deixaria a revista de pires na mão. Admito que minha sobrevivência na Top Noivas, nas semanas após Rebecca se instalar no escritório recém-pintado, com direito a porta e janela e uma vista do East River, dependeu dessa espécie de comentário amargo. De que outro jeito poderia seguir em frente se não me convencesse de que Rebecca, com os ternos poderosos e as madeixas cortadas há pouco, não persuadiu Patrícia e todo mundo mais a pensar que era melhor do que realmente era?

Por enquanto, estava simplesmente ótima como a oprimida e rejeitada subeditora. Com efeito, uma calma estranha me assomou. Uma

calma que me permitiu redigir artigos e desenvolver legendas e manchetes habilidosas de maneira mais precisa e eficiente do que nunca. Era como se me tornasse indiferente ao impacto que meu trabalho poderia causar sobre os demais, e essa atitude, bastante insólita, tornou as tarefas mais fáceis de executar. Foi como caminhar sonâmbula durante uma escalada ao monte Everest. Embora provavelmente nunca chegasse ao topo, de certa forma eu conseguiria atravessar, desde que não abrisse os olhos.

Então Caroline veio e animou as coisas. Eu estava sentada de pernas cruzadas no meu cubículo, renomeando meticulosamente todas as minhas pastas de arquivos como parte do meu novo desejo de me ver como uma minoria organizada, quando senti a presença agora muitíssimo grávida de Caroline na porta. Ao cumprimentá-la contente, notei uma expressão preocupada em seu semblante que me pôs pensativa, até ela me pedir para encontrá-la em seu escritório para "um papinho" quando tivesse "um tempo livre".

Naturalmente, fiquei sobressaltada. Será que alguém por acaso me escutou imitar os discursos proferidos com suavidade por Patrícia a respeito da mágica da Top Noivas? Será que Marcy deixou escapar que eu era a responsável pela decapitação da noiva do layout que foi pendurado anonimamente na parede da copa?

Larguei tudo que fazia e corri atrás de Caroline. Apesar de não estar pronta para encarar meu destino, com certeza seria incapaz de conviver com o desconhecido.

Logo que cheguei a sua porta, Caroline já havia se acomodado em meio às pilhas de papel que entupiam seu escritório. A despeito do fato de estar prestes a sair por três meses de licença maternidade, parecia tão impassível como sempre diante da infinita pressão dos prazos de fechamento e da insanidade em geral da vida na Top Noivas. Até se mostrou serena ao inclinar a cabeça sobre o layout diante de si. Quase saí correndo de repente, sem querer perturbá-la, quando ela ergueu o olhar, piscando surpresa para mim.

— Oh, Emma, já está aqui. Bem, entre — falou, apontando o assento a sua frente. — Só vai levar um minuto.

Obedeci, sentando ansiosa enquanto ela terminava de revisar a bagunça diante de si. Quando enfim ergueu o olhar para mim, vi a mesma preocupação que vira antes ainda vincando sua testa.

— Como anda tudo, Emma? — perguntou.

Fiquei tão determinada a apagar a preocupação da sua testa que logo me lancei a um incansável discurso empolgado sobre quanto tudo andava às mil maravilhas, como eu andava concentrada ultimamente, como vinha me tornando organizada. Como a minha mesa estava tão arrumada e impecável que poderia executar uma cirurgia em cima dela, caso necessário — esta última foi dita com a minha habitual risada.

Caroline não achou graça.

— Isso tudo é bom e saudável, Emma. Mas quero saber como você está.

Logo soube o que viria a seguir. Caroline era o tipo de chefe manteiga derretida que gosta de confirmar regularmente se os funcionários a seus cuidados sentem-se felizes e amados. E já que recentemente exibi sinais de desespero, tive certeza de que ela queria ir fundo nas coisas comigo.

Abafei um suspiro.

— Estou ótima. A vida é ótima.

— Como vão os textos?

— Bem, bem — respondi. Afinal, havia entregue os últimos dois artigos no prazo e depois de pouco esforço. De repente, temi que talvez a ausência de esforço tivesse resultado em textos sem inspiração. Se fosse esse o caso, então eu precisava saber. — Bem... houve... ou melhor, você recebeu algum comentário negativo a meu respeito... recentemente?

— Não, não. De jeito nenhum — retrucou Caroline, sacudindo a cabeça em negativa. — Apenas andei preocupada, só isso. Pensei que você pudesse ter ficado... distraída pelos eventos neste escritório.

Sabia a que "eventos" ela se referia. A promoção de Rebecca. Meu fracasso. Como o assunto não podia mais ser evitado, me atirei a ele.

— Bom, para ser honesta, Caroline, as coisas ficaram... mais fáceis para mim desde que a decisão de promover Rebecca foi tomada. Estou mais concentrada nos meus textos. E tudo está fluindo... mais fácil.

Ela sorriu.

— Me alegro em ouvir isso.

Sorri de volta, aliviada por ter restabelecido minha posição de funcionária contente junto a Caroline.

— A verdade é que — continuou Caroline — me surpreendi que você um dia quisesse o cargo de editora executiva.

Isso me pegou por trás. O que pensava que eu fazia ali, em todo caso? Esperava que eu fosse para sempre algum tipo de escrava da empresa, parindo eternamente textos sobre a magia do e-foram-felizes-para-sempre e toda a preparação infernal que exigia se planejar para isso?

Como se lesse minha mente, Caroline prosseguiu:

— Não quero que você entenda isso de um jeito equivocado. É só que sempre vi o texto como a sua força. É uma das razões pelas quais quis você na equipe como subeditora. Com certeza, há muito pouca redação envolvida no cargo de editora executiva. Basicamente, é só negócio burocrático. — Revirou os olhos. — Eu devia saber. — Então, sorriu. — Não sei se já lhe contei, mas eu costumava me imaginar como escritora. Logo depois da faculdade, escrevia uma coluna social para um jornal lá onde morava, em Ohio. É claro, isso foi antes de conhecer meu marido e o emprego dele nos trazer para a Costa Leste e a mim para a Top Noivas. Logo que cheguei aqui, eu era a escritora reinante da redação, até me oferecerem uma vaga na gerência e eu passar mais tempo distribuindo artigos do que de fato escrevendo-os. — Sorriu. — Sabe, quando subiu a bordo, enxerguei um pouquinho de mim em você.

Fiquei realmente chocada. Caroline, Miss Esposa Perfeita, Mãe e Chefe, enxergava a si própria em mim}

— Lógico, eu poderia continuar escrevendo, mas um monte de outras coisas me atrapalharam a perseguir esse sonho — contou.— Todas boas coisas, óbvio. Miles e eu compramos a casa, e ela exigiu



muito trabalho para ser transformada num lar. Então, veio Sarah, surpresa, surpresa.— Deu uma risadinha.

Surpresa, surpresa, mesmo, pensei. Até agora, sempre acreditei que Caroline orquestrara meticulosamente cada momento de sua vida, a partir da puberdade. O primeiro namorado, o primeiro marido, a primeira casa de campo aconchegante em Connecticut e depois três perfeitamente comportadas e belas crianças.

— Na época em que o meu segundo filho nasceu — continuou —, aceitei uma vaga administrativa. Como poderia recusar aquele dinheiro quando minha família necessitava tanto? Quando meu marido e eu queríamos tanto para os nossos meninos? — Sua face assumiu uma expressão pensativa, e meu coração disparou por ela. Sempre visualizei a vida de Caroline como um sonho tornado realidade — não como algo que pudesse ter sufocado um sonho.

Como se lesse a minha mente de novo, ela disse:

— Não me leve a mal. Não me arrependo das escolhas que fiz. A vida com a minha família é boa, e me dá grande satisfação construí-la com meu marido. A literatura... isso virá um dia, a seu próprio tempo.— Então, seu olhar focalizou-se em mim. — Mas, para algumas de nós, esse tempo pode chegar mais cedo, caso não se permita ser desencaminhada por... ambições equivocadas.

Engoli em seco, sempre pronta a negar que tivesse ambições diferentes de ser a melhor na Top Noivas. Mas sabia que Caroline não buscava minhas juras de lealdade à empresa. Buscava algo mais. Como esperanças e sonhos. Coisas às quais, por motivos que eu não quis reconhecer, era muito mais difícil jurar minha lealdade.

Quando levantei da cadeira de visitantes, Caroline e eu havíamos mudado para outros assuntos, mais seguros, como minhas sugestões para o layout que ela revisava naquele momento. Porém, antes que eu deixasse seu escritório, ela anotou o nome de uma editora amiga sua na revista Mulher de Hoje, me encorajando a contatá-la se algum dia tivesse uma ideia para um artigo que pudesse não se adequar ao perfil da Top Noivas. Compreendi pelo sorriso por detrás das palavras que se referia à pauta apaixonada porém desviada sobre mulheres que dizem

não ao casamento. E não havia entendido de modo equivocado. De repente, senti que Caroline estava do meu lado. E até torcendo por mim.

Era uma boa sensação, na maior parte do tempo, em especial quando, dois dias mais tarde, enviei uma correspondência hesitante para a amiga editora de Caroline, propondo um artigo sobre, entre todas as coisas, romper com o amor de sua vida. Obviamente, toquei fundo a editora executiva porque uma semana mais tarde ela telefonou para me oferecer mil dólares em adiantamento para escrever a matéria para a seção Relacionamentos da edição de outono. Fiquei tão empolgada quanto chocada, e liguei para Jade e Alyssa imediatamente para contar-lhes a ótima novidade.

Jade não conseguiu evitar assumir a postura de "eu-te-disse".

Alyssa propôs uma pequena celebração na próxima noite de sábado. Jantar e drinques. Só nós, as garotas.

— Além do mais — disse ela —, faz tanto tempo desde que nós três nos encontramos.

Quando a noite de sábado chegou, nossa pequena celebração se tornou uma megacelebração. Porque Alyssa apareceu no Miracle Grill, da Rua Bleeker, nosso restaurante favorito, com o anel de noivado mais bonito que já vi e a centelha do mais puro amor nos olhos. Insistiu que não queria me ofuscar, e pediu uma rodada de bebidas para brindar ao meu sucesso como escritora, mas enquanto esperávamos a comida chegar, Jade e eu, é claro, exigimos todos os detalhes da cena do pedido de casamento.

Parece que Richard havia buscado verdadeiro romance. Primeiro, pediu que Alyssa o encontrasse no Central Park depois do trabalho na sexta à noite para assistir a um concerto gratuito no Great Lawn. Enquanto Alyssa o aguardava na entrada da Rua 72, Lulu veio correndo do meio do nada em sua direção. Alyssa admitiu que ficou confusa a princípio, até ver Richard segurando a coleira, com uma cesta de piquenique na mão. Embora explicasse com calma que Lulu "parecia solitária em casa", Alyssa ficou naturalmente desconfiada. Mais ainda quando ele as conduziu para longe do Great Lawn, em direção a uma alcova de árvores adiante, na qual Alyssa logo reconheceu o lugar onde

havam entalhado suas iniciais numa árvore semanas depois de se mudarem para Nova York juntos para dividir o primeiro apartamento. Richard alegou que pensara num jantarzinho íntimo antes do concerto, mas, até lá, o coração de Alyssa estaria troando de ansiedade. E assim que a manta foi estendida e Lulu se aboletara na ponta, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo, Richard ficou de joelhos e disse a Alyssa o quanto a amava, o quanto esperava torná-la sua esposa.

Até Jade tinha lágrimas nos olhos quando Alyssa concluiu.

— Mais drinques! — anunciou de imediato, acenando para o enigmaticamente charmoso garçom para quem mal freziu um cílio quando pediu outra rodada.

— Como vai Ted? — perguntei, após brindarmos suficientemente ao noivado de Alyssa e nos acalmarmos para contemplar como a vida era boa.

— Ted é perfeito — disse Jade. Então: — Mas está tentando me fazer parar de fumar.

— Que bom para ele! — exclamou Alyssa.

— E— me intrometi —, você tem mesmo que parar, Jade. Fumar está bem ultrapassado.

— Escute você mesma — falou Jade — a nova badalada redatora da revista Mulher de Hoje.

— Sim, mal posso esperar para ler seu artigo! — disse Alyssa — Sobre o que é, afinal?

Sorri ao erguer o copo.

— Esquecendo o ex-namorado. Jade e Alyssa ergueram os copos.

— Eu bebo a isso — falou Jade.

E batemos os copos outra vez. Contudo, a alegria que nos cercava naquele momento não impediu Alyssa de dar uma pequena conferida no meu estado emocional.

— E como você anda, em todo caso? Quer dizer, não perguntei antes porque não quis trazer a palavra que começa com D à baila,

especialmente quando as coisas vão tão bem para você — explicou Alyssa.

— Estou ótima — respondi, com a frase que havia virado minha marca registrada. — Embora deva dizer que, quando recebi a oferta de Mulher de Hoje, quis ligar para ele e contar.

— Teve notícias dele? — indagou Jade.

— Não, não desde que brigamos por ele levar uma vida boa sem mim.

As duas se calaram por um instante, o que de repente me fez sentir mal. Como se devesse me sentir pior pelo fato de que Derrick não havia ligado. Para ser honesta, senti tristeza, mas o tipo de tristeza que invade quando se divide tudo com alguém por dois anos e depois nem sequer se ousa falar com ele, mais do que a tristeza de alguém que sabe que perdeu o grande amor da sua vida.

— Acho que estou fadada a ser a garota rancorosa que ele abandonou em Nova York — falei, tentando fazer graça com a situação. — A Eterna Ex-namorada.

Jade baixou o copo com uma pancada.

— Emma Carter, você não é mais uma ex-namorada.

Olhei para ela, confusa e esperançosa que houvesse encontrado alguma definição melhor para mim.

Então ela sorriu.

—Você é oficialmente uma Mulher Solteira. E, creia-me, isso não é uma coisa ruim.

E com outro tilintar de copos, bebemos a minha nova encarnação.

## TREZE

*"Ser loura não é tudo. Mas ajuda!*

*— Sebastian Yeager, Rainha da Beleza decaída*

### **Confissão: Sou a melhor amiga para uma ex-namorada.**

Agora que progredi para a próxima fase da minha vida, fui capaz de me libertar de umas poucas coisas. Como a raiva. Até capitulei na dissidência diante da postura de Rebecca e consegui parir um artigo danado de bom sobre o casamento iminente de minha mãe com o marido número 3 para a edição especial. Lógico, a mais nova editora executiva se empolgou ao recebê-lo, e eu fiquei orgulhosa dos meus esforços. Entretanto, não pude evitar sentir, com certo grau de resignação ao vê-la enfiar o artigo na lustrosa sacola de couro, que determinadas mulheres conseguem tudo na vida. O melhor emprego. O melhor homem. E outras, como eu, não. E por mais que ela me promettesse uma rápida leitura à noite quando saiu porta afora, tudo em que consegui pensar foi em Rebecca aconchegada em frente à lareira lendo meu artigo enquanto Nash a contemplava em adoração, só esperando ela terminar para carregá-la até a cama para uma massagem de corpo inteiro, seguida por uma detalhada revisão do tipo de anel de noivado que ela queria. Pois eu sabia que isso aconteceria, que era só uma questão de tempo. Na semana passada Rebecca me havia contado que Nash entrara na *tiffany.com*. Não que ela andasse xeretando, disse, mas só por acaso notou aquela linha de endereço no computador de casa enquanto navegava, significando que ele visitara o site recentemente.

No dia seguinte, ansiosa para receber a opinião dela sobre o artigo, o que por alguma razão me inquietou na noite anterior, rondei nas imediações de seu novo escritório, desesperada, imaginando onde ela estava. Rebecca sempre chegava no horário, e já eram quase nove e meia. Até consegui me convencer de que ela ligara dizendo que adoecera para evitar me falar como a matéria tinha ficado ruim, quando a vi investir corredor abaixo na minha direção, segurando a sacola de couro diante de si, cabisbaixa. Vacilante, fui até o bebedouro próximo à porta, sem querer me mostrar ansiosa demais, e comecei a encher um copo de papel. Quando me viu, bebericando impassível, ergueu o olhar até o meu e fui tomada pelo poço de infelicidade que vi em seus olhos azuis.

— Posso conversar com você? — ela praticamente suplicou, os lábios fraquejando perigosamente, como se pudesse chorar.

— Claro — respondi, amassando o copo agora vazio e atirando-o na lixeira ao lado. Acompanhei-a ao novo escritório, e ela logo exerceu suas prerrogativas de editora executiva ao bater a porta nova em folha sonoramente atrás de nós.

Então, largou a sacola de couro no chão e sentou, apontando a cadeira de visitante diante da mesa para que eu me juntasse a ela. Suspirou, e depois — me olhando direto no olho — declarou:

— Ele me mandou à merda.

Fiquei tão pasma ao ouvir o som do palavrão saindo da linda boquinha nobre de Rebecca, que perguntei, zozza:

— Quem?

— Nash! — ela quase berrou, os olhos esbugalhados. — Quem mais? — E então, como se pronunciar o nome dele lhe causasse imensa dor, o lábio inferior começou a tremer.

— Ah, Bec, lamento. — E lamentava. Não podia tolerar ver ninguém, nem mesmo Rebecca, sofrer por causa de homem. Em especial após minha recente experiência, que ainda me apunhalava dolorosamente sempre que permitia a liberdade de me torturar por isso. — O que aconteceu?

O olhar úmido se aguçou de repente, amparado por uma emoção nova e mais satisfatória. A raiva.

— Bom, ontem à noite ele me levou ao Lutèce, onde sabia que eu morria de vontade de ir — principiou, passando uma das mãos sob o olho para eliminar a lágrima que ameaçava cair. — Tinha a reserva desde a semana passada, e pensei: "É isso, ele vai me pedir para casar com ele." — Sorriu trêmula. — Até ia lhe contar a respeito, mas tive medo de agourar, sabe? Mas eu tinha tanta certeza! Isto é, ele acabara de entrar na *tiffany.com*, para confirmar a encomenda, ou assim pensei. Pelo jeito, só foi lá conferir uma caneta para comprar como presente pela aposentadoria do chefe! — Engolindo a onda de raiva que tal dedução óbvia lhe causou, prosseguiu: — O que mais eu podia pensar? Quer dizer, praticamente forrei as paredes do apartamento dele com anúncios que exibiam o diamante de corte Lúcida, que é o mais novo estilo da Tiffany. Sabe de qual estou falando, certo? Lapidação quadrada?

Tinha vaga memória de um diamante deslumbrante de formato quadrado, numa propaganda da Tiffany que vi num layout recente que fizemos, balancei a cabeça mais uma vez.

— Uma pedra bem formidável, hein? — disse, com as sobrancelhas erguidas.

— Linda — concordei, reconhecendo nela o tipo de luxúria pelo anel de noivado que leva as mulheres a casarem com homens limitados, não obstante abastados.

— Seja o que for — continuou, ancorada à raiva mais uma vez —, ele me leva ao Lutèce, e nos sentamos um de frente para o outro na mesinha mais bonita.

A essa altura, os olhos se empoçaram, e embora eu ficasse curiosa quanto à natureza emocional da lembrança que talheres de prata e guardanapos dobrados com maestria poderiam conjurar, apanhei um Kleenex na caixa sobre a mesa e o entreguei a ela.

— Obrigada — falou, aceitando e concedendo ao narizinho delicado uma deveras indelicada assoada.— E lá estamos nós sentados,

com taças recém-abastecidas de Bordeaux a nossa frente, olho para ele e ele me olha e penso que é isso, ele vai me pedir. Ou seja, ele até parecia nervoso, e idiota como sou, penso, não é uma gracinha? Ele está nervoso. Talvez receie que eu diga não! — Jogou o lenço amassado na mesa diante de si com uma fúria contida. — Daí estiquei a mão por cima da mesa para encorajá-lo, dizendo: — "Querido, você parece tão nervoso, relaxe." Então, ele sorri e diz "Oh, existem tantas coisas que preciso lhe dizer esta noite." Agora meu coração está batendo tão rápido que acho que vou ter um enfarte antes que ele mostre aquele anel, por isso falo "Oh, querido, sabe que pode conversar sobre tudo comigo. Me pergunte qualquer coisa. Afinal, amamos um ao outro."

Esta última frase saiu como um guincho quando as lágrimas de Rebecca correram soltas e ela praticamente uivou numa mistura de tristeza e amargura. Não havia nada que eu pudesse fazer além de estender a mão e segurar a dela com piedade sincera.

— E então — continuou, logo que conteve os soluços — o canalha rompe comigo. Pode acreditar nisso? — indagou, me olhando confusa e sofrida.

Na verdade, mesmo ao contemplar essa versão de olhos vermelhos e cara inchada de Rebecca, não pude acreditar que qualquer homem por vontade própria deixaria de lado tamanho modelo de boa estirpe e prendas domésticas.

— Por quê? — perguntei, perplexa. — Ele deu algum motivo?

— Oh, se tinha motivos. Aos montes. Mas todos tinham a ver com o fato de que ele é só uma besta imatura que não reconheceria uma boa coisa mesmo se ela o mordesse na bunda. — Esticou-se e puxou outro Kleenex da caixa. — Há coisas que quer fazer, ele diz. Ele não está preparado. A mãe... a mãe ainda depende dele. — Resfolegou. — Como se um salão de beleza já não atendesse as necessidades dela.

Observei-a por uns poucos instantes, absorvendo tudo. Em seguida fiz o impensável. Gargalhei. Não consegui me controlar. Simplesmente explodiu. Não que o rompimento de Rebecca não me chateasse, chateou. Senti uma pena terrível dela. Nem mesmo foi a imagem de Nash e sua mãe bem penteada que me provocaram o riso. Só



que algo quanto à história toda soou incrivelmente absurdo de repente. Como se toda a raiva que desperdiçamos com os homens — meninos, na verdade eu devia dizer — fosse completamente ridícula.

Tentando em vão abafar o riso, observei ansiosa Rebecca se virar para me olhar direto na cara. Temi parecer desesperadamente insensível diante de seu recente desgosto. Então vi um sorriso vincar seu rosto marejado de lágrimas. E de repente ela também estava rindo. O tipo de gargalhada que não via nela desde os tempos em que trocávamos farpas sobre Patrícia e seu exército de senhoras à espera.

Quase estouramos de rir, e quando enxugávamos novas lágrimas — lágrimas de uma variedade mais alegre —, Rebecca sentou de volta na cadeira e suspirou, a tristeza voltou a aparecer em seu rosto, fazendo com que parecesse mais velha.

— Isso não vai ser fácil — admitiu. — De fato, provavelmente foi a pior coisa que poderia me acontecer.

De jeito nenhum, pensei comigo mesma, lembrando coisas bem mais dolorosas com as quais precisei lidar no meu próprio período Pós-Derrick. No entanto, eu sabia a que ela se referia. Conhecia bem demais o sentimento intenso que logo se sucedia quando o homem que você ama de repente decide cancelar a coisa toda. Era como se a sua vida inteira fosse estilhaçada em milhões de fragmentos inacreditavelmente dolorosos.

— Parece a pior coisa do mundo agora — falei, cautelosa —, mas não vai durar para sempre. — Como ela me olhou, esperançosa, continuei: —Você vai se sentir abandonada. Vai se sentir traída. Diabos, você vai se sentir uma merda. Mas vai melhorar, acredite em mim. De repente, vai lembrar da pessoa que era antes — afirmei, como se eu mesma percebesse o fato pela primeira vez. — Vai se lembrar do que quer da vida. — Então, sorri. — E vai correr atrás disso.

Ela balançou a cabeça, pensativa, depois se virou para mim.

— E como você ficou tão esperta, Emma? Quer dizer, foi isso que aconteceu com você antes de conhecer Derrick?

— Nãooo — retruquei, com um sorrisinho —, isso é o que está acontecendo comigo agora.

E então soltei. Confessei tudo. Conteí toda a história a ela, desde o jeito lamentável como Derrick anunciou a despedida iminente da minha vida, passando pela sua nova vida com a Deusa da Boa Higiene Bucal, até nosso último e sofrido telefonema.

Quando terminei, Rebecca estava sentada me olhando chocada.

— Deus, Emma, não posso acreditar que passou por tudo isso. E nem sequer me contou! Como você sobreviveu?

Sorri, a despeito do fato de que uma parte de mim ainda fazia esta mesma pergunta.

— Isso permanece um mistério.

**Confissão: Existem certas coisas que só um cabelo bonito pode curar.**

E então eu e Rebecca ficamos amigas de novo. Até a levei à academia de Alyssa, tendo me associado depois que gastei todos os convites de Alyssa e Jade. Claro, Rebecca tinha a própria academia — de que outro modo conseguiria manter aquelas formas perfeitas para os ternos poderosos? Contudo, foi uma boa experiência de união para nós, especialmente quando demonstrei quantos demônios uma boa StairMaster pode exorcizar no estágio pós-rompimento. Até saímos para tomar uns drinques certa noite, e deixei-a bem embriagada para trocarmos piadas mais uma vez acerca do mundo psicótico dos planos de casamento que é a Top Noivas. É claro, Rebecca estava um pouco mais moderada. Afinal de contas, ela era chefe agora.

Assim foi. Eu estava oficialmente solteira de novo, com direito à associação na academia. E oficialmente mais magra, já que minha associação incluía uma sessão com Tom, um belo e bronzeado personal trainer que eu até considerava chamar para sair, até ele me pedir para subir na balança. Apesar de haver tremido de início, momentos mais

tarde quase gritei de alegria. Eu tinha perdido um total de cinco quilos! Cinco! Decerto eu estava... esbelta! Pelo menos, na minha opinião.

Eu também era, oficialmente, uma escritora espirituosa. Logo que o artigo para a Mulher de Hoje ficou pronto, comprei um Guia do Mercado Editorial pensando que poderia tentar outras oportunidades.

Óbvio, eu estava mais feliz. Não vou mentir e tentar continuar bancando a ex-namorada descontente. No entanto faltava algo. Algo que me fazia ansiar ligar para Derrick. Que me deixava agoniada pelos erros que cometi com Max. Que me fazia resistir a me arriscar com Tom, o belo e bronzeado personal trainer. E haveria caído em algum mal-estar, não fosse momentaneamente salva por ninguém mais do que São Sebastian em pessoa.

— Emma! — ecoou a voz surpresa e encantada quando me pegou em casa numa sexta-feira à noite.

Bem, se não era o cabeleireiro pródigo, pensei.

— Sebastian, como vai você?

— Magnífico. E você?

— Bem, bem.

— Está apaixonada?

— Bem...

— Eu estou apaixonado — continuou ele, sem esperar por qualquer resposta cretina que eu conseguisse dar.— Estou apaixonado pela vida.

Ufa. Por um momento receei que mais um dos meus amigos houvesse pulado do navio dos Solteiros.

— Ah, Emma, aprendi tanto com a minha guru. Você realmente devia vir a uma sessão comigo. Medito todos os dias agora, e não sei dizer o quanto aprofundei minha consciência de todas as coisas. De fato, eles vão abrir uma nova sessão na semana que vem. Você devia vir mesmo.

Oh-oh. Comecei a temer que Sebastian desandasse a mendigar espiritualidade de mim. Sua Vida Inconsciente Passada a Limpo, em

três fáceis lições.

— Eu...

— Então, me conte, conte, conte... o que anda aprontando? Como está o seu cabelo?

Aha! Agora descobri o verdadeiro propósito da ligação de Sebastian.

— Ainda não está louro.

— Humm. Talvez possamos remediar isso. O que vai fazer amanhã de tarde?

Sorri. Bom e velho Sebastian. Ele sempre se virava com alguns reflexos sempre que estava sem grana. Acho que só a paz interior não andava pagando as contas. Sem querer perder a oportunidade, concordei logo em encontrá-lo em sua casa no Upper East Side, onde furtivamente eu largaria um punhado de notas na cômoda e em retorno receberia as mechas douradas brilhantes que desejava.

No fim das contas, Sebastian era tudo o que eu precisava. No dia seguinte, ao sentar numa cadeira na cozinha decorada com o tipo de combinação de cores ousada porém aconchegante que poderia fazer Martha Stewart desmaiar de deleite, fui inundada por aquela velha satisfação que uma mulher só conhece quando se sente cuidada de verdade. Com a metade da cabeça cheia de papel-alumínio e Sebastian assobiando um ritmo suave e tranquilizante, enquanto aplicava os toques finais, soube que havia encontrado algo semelhante à felicidade.

Assim que terminou com os papelotes, Sebastian ajustou um timer e se distraiu preparando o chá. Ao observá-lo colocar as folhas de chá numa panela de ferro batido e depois adicionar a água fervente sobre elas, estudei a economia dos seus gestos, a graça. Envoltas por sua presença relaxante, compreendi que por mais insignificante que seja a tarefa, ele a executaria com o maior dos prazeres.

Estava claro que alguma coisa acontecera a Sebastian. Ou alguém. Depois que ele depositou o chá a minha frente e tomou assento do lado oposto da mesa, inclinando ligeiramente a cabeça para rezar, fiz a

pergunta que andara ruminando desde que cheguei e testemunhei sua presença iluminada.

— Então, você está namorando alguém?

Sacudiu a cabeça e sorveu o chá, expelindo um grande suspiro de prazer.

Sorvi o meu chá, e quando provei o sabor aguado e lamacento, imaginei se eu bebia uma infusão diferente.

— Não estou namorando ninguém também — disse, embora ele não perguntasse. — E isso está começando a me dar nos nervos.

Ele sorriu e acenou para mim.

— Oh, Emma. Você só precisa transar.

Meus olhos se arregalaram. Certamente não vi de onde essa saiu, não com Sebastian sentado ali de roupão oriental, parecendo tão pleno e sereno. Eu esperava algo mais de acordo com, digamos, um mantra curto para acalmar a mente.

— O que foi? — disse ele, me olhando levemente ofendido pelo que julguei ser a expressão surpresa em meu rosto. — Achou que eu tinha virado um monge, Emma? — Revirou os olhos. — Por favor!

Então, passou os dedos pelas cacheadas mechas louras, com uma expressão ambígua assomando em seu rosto de querubim.

— Aprendi que a chave para todos os relacionamentos não é o relacionamento. — Deu de ombros. — Fico melhor quando estou sozinho. Mais em paz. Provavelmente porque não tenho que lidar com as maluquices de outra pessoa. — Revirou os olhos de novo. — Depois de John, tive o bastante para durar duas vidas inteiras. — Em seguida deu de ombros. — Não preciso mesmo de nada, de ninguém mais. Exceto sexo. E isso pode ser obtido com razoável facilidade.

Ah, nada como ser um cara. gay em Nova York, pensei comigo mesma. Seria tão fácil transar sem... tomar?

— E esse é o seu segredo? — indaguei.

— Segredo?

— De felicidade — expliquei. — Você parece tão calmo. Tão feliz. Sorriu beatífico.

— Descobri a felicidade com a minha guru, Emma. Nenhum homem pode lhe ensinar isso — disse, apontando para a foto emoldurada na estante da sábia mulher indiana que havia me mostrado da última vez em que nos encontramos. Ao analisar as feições suaves e graciosas, o bindi colado na testa com capricho, não me convenci. Mesmo que ela tivesse o mesmo sorriso beatífico na face, os olhos pareciam meio... tristes.

— Você acha que certas pessoas são predestinadas a ficar sozinhas? — perguntei, temendo a resposta.

— Só se quiserem — falou. — É uma escolha. Tudo na vida é uma escolha, embora a maioria das pessoas não veja desse modo.

Com isso, o timer apitou e Sebastian entrou em ação, conferindo uns poucos papelotes e depois começando o intrincado processo de desembrulhar o cabelo. Logo que os papelotes se foram, ele me guiou até a pia e com delicadeza enxaguou a tinta que esperei que mudaria minha vida para melhor. Como de hábito, ele me manteve distante dos espelhos até acabar de secar — apreciava o drama de observar minha expressão assim que testemunhava a transformação completa.

Não o desapontei. Assim que o cabelo foi modelado em ondas suaves e brilhantes em torno do meu rosto fiquei diante do espelho, vendo toda aquela cor dourada brilhante iluminando minhas feições, não pude me furtar de sorrir de puro júbilo.

— Fiquei linda! — exclamei, e depois virei-me para abraçá-lo.

— Oh, Emma — disse ele, me puxando para o abraço. — Você sempre foi linda. — Então, inclinou-se para trás, estudando sua obra. — Agora, está simplesmente... mais linda!

E quando me virei para admirar o reflexo mais uma vez, concluí, com uma onda tépida de felicidade fluindo pelas veias, que ele tinha razão.

## **Confissão: Eu sou loura. Sai de baixo!**

Naquela noite, voltei para casa com o estômago agradavelmente cheio de macarrão soba e legumes que Sebastian me ofereceu assim que terminou meu cabelo, e o número do instituto de ioga mais próximo enfiado na carteira. Embora não fosse aceitar a guru, Sebastian conseguiu me convencer sobre o valor da meditação. Não sabia se experimentaria, mas aceitei o cartão assim mesmo. Quando cheguei na minha esquina, parei e virei na direção da Deleites Celestiais, pensando que poderia me comprazer com um pouquinho de Double Mocca Chips. Não porque me sentisse melancólica e esperasse afogar as mágoas, mas porque foi um bom dia e agora queria arrematar com uma gostosura doce, de baixas calorias. Além do mais, não ia lá há tempos e não queria que o doce casal de idosos que administrava o lugar pensasse que algo tinha acontecido à freguesa tão leal.

No momento em que pisei na porta da frente e o vi lá dentro, entrei em pânico. Pensei que tinha se demitido, ou fora seduzido por qualquer outra freguesa desesperada e despedido de imediato. Mas lá estava ele, com os ombros largos e lindo numa camiseta esticada de ponta a ponta sobre aquele peito admirável, e um par de jeans desbotados perfeitos cingindo aqueles quadris esguios. Fiquei imediatamente com a língua enrolada.

— Ei — disse com um sorriso que me paralisou —, ora se não é a Srta. Double Mocca Chips. Por onde andou?

Imediatamente fiquei na defensiva, o que fez minha língua desenrolar e soltar o tipo de comentário que uma mulher jamais deve fazer para o homem com quem fantasia dormir.

— É, bem, lamento desapontá-lo, mas tenho uma vida. E o nome é Emma Carter...

— Opa, opa — disse ele —, devagar, Emma. Foi só que eu... eu só fiquei pensando no que aconteceu com você.

Toda a raiva escorreu de mim. Sério?

— E meu nome é Griffin Rivers. Mas pode me chamar de Griffin. Se vamos continuar a encontrar um ao outro, acho que devíamos ao menos nos tratar pelo primeiro nome. — Sorriu. — Agora, o que levar? O de sempre?

Suspirei, embaraçada.

— Sim, o... de sempre.

Estremeci ao observá-lo revirar o freezer entre nós, puxar aquela embalagem familiar, então parar antes de soltá-la dentro de um saco.

— Lamento, você queria o galão ou o pote?

— O pote, claro — respondi, rápido.

— Nem um pouco para as companheiras de quarto? Franzi a testa.

— Companheiras de quarto? Não tenho nenhuma... — parei, repentinamente recordando a mentira que havia contado para encobrir minha gulodice. Sorri. — Todas elas... se mudaram.

— Ah... — disse ele, com um sorriso demorado naquela boca linda quando ensacou o pote e seguiu até a registradora para me liberar.

Quando estendeu o troco, sua mão roçou na minha e senti. O frisson. A poderosa conexão sobre a qual eu apenas lera cerca de um zilhão de vezes — e experimentara só duas, ambas com ele. Griffin. O homem do Skinny Scoop. De repente a sugestão de que precisava transar que Sebastian me dera mais cedo soou em mim. Nenhuma mulher em seu juízo perfeito sairia dessa loja sem garantir um encontro com um parceiro de cama tão promissor, empregado de salário mínimo ou não. Ele era tão... gostoso. Mas como? Como levaria este homem para a minha cama? Era muita areia para o meu caminhãozinho. Ele era um deus. O tipo de deus de Jade. Não o tipo de panaca de óculos para os quais eu geralmente me preparava.

Reunindo toda a minha coragem — um tanto avultada quando lembrei como estava fabulosa depois de deixar Sebastian esta tarde —, dei a partida.

— Obrigada. — Sorri. Agora o quê? Numa última jogada de sorte, apanhei o pacote. — Agora que estou sem companheiras de quarto,



parece não virei com tanta... frequência.

— Não sei — ponderou ele. — Esse negócio vicia um bocado.

Não brinca.

— Bem, só no caso de eu não conseguir vir até aqui na próxima noite de sábado, talvez devêssemos nos encontrar. Sabe, sair para tomar uns drinques ou algo assim. Talvez em algum lugar... — Olhei em volta da pequena loja, com suas frutas e vegetais orgânicos alinhados. — ... algum lugar menos saudável. Como um bar.

— Ou um restaurante — sugeriu. — Por que não apanho você na sua casa depois de fechar? Digamos às nove ou por aí. Você deve morar perto...

— Sabe o que mais, por que não o encontro aqui? — respondi com uma imagem repentina de nós dois prazerosamente enlaçados na seção de produtos sem lactose inundando minha mente. Além do mais, não queria que ele pusesse os olhos em meu apartamento tão cedo. Ou, pior, esbarrasse em Beatrice e recebesse o boletim de seus problemas digestivos. Queria deixar essas coisas por último, assim que prendesse o homem com meu charme.

— Então, vejo você aqui às nove no sábado — disse ele.

— Certo. Vejo você então — respondi impassível, ao me virar e passar pela porta, com as entranhas reviradas com tanto vigor que pensei que me despedaçaria em um milhão de cacos.

Oh, Deus. Eu tinha um encontro. Com o homem mais bonito que eu já vira. O homem mais bonito que jamais esperei seduzir.

Dando uma espiada no meu novo e esplêndido reflexo numa vitrine a caminho de casa, percebi que era uma mulher mudada. Uma mulher que sabia o que queria e não temia correr atrás disso. Talvez fosse o cabelo.

Ou talvez fosse só... antes tarde do que nunca.

**Confissão: Descubro algo ainda mais gratificante do que sexo.**

Passei a semana seguinte me preparando para a grande cena de sedução.

— Tem certeza de que só quer dormir com ele?

Esta veio de Jade, que, curiosamente, detonou de saída o plano proposto quando liguei para contar meu estratagema com o garoto bonitinho.

— O que mais vou fazer com ele? O cara vende imitação de sorvete, ora bolas.

— Você é tão esnobe — retrucou.

— Para citar você, antes de começar a passar as noites de sábado cozinhando tortas para Ted...

— Cozinhei uma torta! A título de experiência — protestou. — Ted gosta de torta e... eu quis ver se o meu forno ainda funcionava...

— Como eu ia dizendo, só usei a justificativa que você usou quando transformou o pobre Enrico num brinquedo sexual. Griffin não é o meu tipo. Sim, ele é gostoso. Sim, ele tem um emprego fixo... de certa maneira. Porém, o que possivelmente poderíamos ter em comum?

— Ele pode ser algum tipo de artista e só estar fazendo isso para pagar as contas — argumentou Jade.

— Mesmo Derrick não desceu tão baixo como tornar-se balconista numa loja de produtos vegetarianos. Apenas não paga o bastante para sustentar qualquer espécie de sonho, artístico ou não. Griffin, provavelmente, é um desses tipos hippies que fazem essas coisas porque sentem que estão servindo a algum gênero de propósito da Mãe Terra.

— O que há de errado num sujeito assim?

— Jade...

— Certo, certo — disse ela. — Apenas seja prudente, está bem? Lembre-se do que sentiu depois de dormir com Max e não ter mais notícias dele.

Apesar da advertência me provocar uma sensação de embrulho no estômago, perseverarei.

— Isso é diferente. Quando saí com Max, eu procurava uma relação. Agora tudo o que eu quero é sexo. E pretendo conseguir.

— Ora, ora, Emma, nunca pensei que ouviria você proferir tais palavras — disse Jade, com um sorriso na voz.

— Sim, bem, é meu novo eu.

— Ótimo — falou Jade. — Só lembre o seu "novo eu" de levar uns preservativos.

— Sim, sim — retruquei, como se fosse cobra criada nesse campo.

Porém, na verdade, após comprar os preservativos com o vendedor de sorriso matreiro na Duane Reade — uma situação traumática em si — e mais tarde enfiá-los na bolsa enquanto me aprontava para sair de casa na noite de sábado, nunca me senti tão nervosa. Animada também, mas isso só parecia tornar o meu estômago revirado propenso a sobressaltos.

Olhei no espelho em busca de coragem. Devo admitir, minha aparência estava de arrasar. Havia escolhido uma saia preta e uma bata verde-escura, em concessão ao calor de agosto, mas também porque não queria correr quaisquer riscos. Queria que Griffin me quisesse. E com os cabelos sedosos de mechas ensolaradas, e os lábios pintados com Arroubo da Meia-noite, me senti pronta para a batalha. O sutiã de seda vermelha e a calcinha que vesti me estimularam a avançar enquanto calçava as mules, apanhava a bolsa e rumava para a Deleites Celestiais atrás de algo que eu esperava fosse muito mais gratificante do que um freezer repleto de Double Mocca Chips.

Ele me aguardava do lado de fora, de banho tomado e vestindo uma camisa escura de algodão amaciado e o que pareceu outro par daquelas calças de tecido high-tech que Jade alegava ser tudo de bom e que eu sabia ser muito caras. E se isso não me deixou intrigada, a revista que lia, confortavelmente sentado no banquinho em frente à loja, deixou. A Era do Marketing não era a leitura predileta do time dos vegetarianos, ou o tipo de coisa que um homem que passa a noite de sábado catando e vendendo Skinny Scoop pudesse apreciar.

No entanto, não tive tempo para ponderar tais contradições porque no momento em que Griffin ergueu o olhar e me viu ali, uma expressão exultante tomou conta de seu rosto, e todos os pensamentos debandaram da minha cabeça.

— Ei, Emma — me saudou, e, quando percebi, ele estava na minha frente, segurando minhas mãos na dele e me olhando como se fosse me comer viva. Só que não o fez. Nem sequer um beijo, embora eu pudesse ver que ele queria — como se fosse a coisa mais natural do mundo para dois completos estranhos fazerem. Mas de repente não parecíamos estranhos. E por um breve instante contemplei seus olhos orlados por cílios espessos e vi algo — alguém — que senti como se conhecesse do fundo da minha alma. Engoli em seco. Com dificuldade. Então, um pensamento totalmente inesperado me veio à mente: nosso filho teria esses olhos.

Oh, Deus! Eu precisava me controlar. Desviei o olhar e com cuidado desengatei as mãos das de Griffin, rindo trêmula. Quando ergui os olhos outra vez, ele já havia apanhado a revista do banco. Como se nada tivesse se passado entre nós. Com certeza, eu estava fora de mim.

— Deixe-me só guardar isto lá dentro e trancar — disse ele, desacorrentando o banco da vitrine e, sem esforço, carregando-o para dentro da loja escura, junto com a revista que ainda me intrigava.

Quando saiu mais uma vez e trancou a porta atrás de si, fiquei novamente curiosa a seu respeito. Como ele se produzira tão bem, em especial após um dia de batente, servindo Skinny Scoop?

— Então, a loja é... equipada com chuveiro? — perguntei, com uma risada certa. — Isto é, você não parece ter nenhuma evidência de um dia duro de trabalho em suas... roupas — continuei, espiando o traje casual embora obviamente caro mais uma vez.

— Meus pais têm um apartamento não muito distante da loja. Tomei uma ducha na casa deles — respondeu sem rodeios, depois tomou minha mão e começou a me conduzir rua abaixo.

Tentei não perder o juízo embora a força naquela mão enorme ao envolver a minha certamente complicasse as coisas.

— Seus pais? Eles moram por aqui? Na cidade? — Por favor Deus não deixe que ele more com os pais, rezei em silêncio, embora isso certamente explicasse muito. Os trapos de grife bancados com um salário mínimo, por exemplo.

—A vida toda. Nasci aqui. Eles pensaram em se aposentar e ir para a Flórida alguns anos atrás, mas não estavam prontos para abrir mão da loja.

— Da loja? — indaguei, estupidificada.

— Deleites Celestiais — disse ele, virando para me olhar enquanto nos afastávamos do centro caminhando pela University Place. — Desculpe, pensei que soubesse. O casal que administra a loja... são meus pais.

**Confissão: Jamais sequer imaginei que aconteceria.**

Quando o telefone tocou às 11 da manhã seguinte, eu não tinha expectativas. Foi por isso que estava completamente despreparada para o som da voz suave e encorpada de Griffin, desejando bom dia, dizendo como se divertiu na noite passada e o quanto ansiava por me encontrar outra vez. Ele nem estava preocupado em parecer um tarado a perigo por mal esperar um dia antes de ligar. E, na verdade, nem mesmo receei que ele fosse algum tarado a perigo. Ele gostou de mim. Gostou de mim realmente. Tanto quanto gostei dele.

Portanto, saímos na semana seguinte. E no fim de semana seguinte. Até passamos o feriado prolongado do Dia do Trabalho juntos, o que até Jade concordou ser significativo, considerando o quanto nosso relacionamento era recente. Logo, passar os finais de semana juntos se tornou uma coisa natural. Como se julgássemos ficar separados mais estranho do que ficar juntos. E nos tornamos, sem que eu sequer notasse, um casal.

— Você custou a entender — comentou Jade, quando nos sentamos para tomar cappuccinos no French Roast com Alyssa, a quem havíamos acabado de ajudar a escolher o vestido de noiva mais

deslumbrante na Vera Wang. Eu havia presenteado as duas com uma descrição detalhada de como Griffin ficava absolutamente esplêndido enquanto dormia quando Jade me declarou "perdida". Quem poderia me culpar? Ontem à noite, Griffin e eu fizemos amor pela primeira vez. E foi a mais bela e íntima experiência que jamais tive.

— Bem, fico feliz por você, Emma — falou Alyssa, me olhando com aquela expressão sonhadora que fazia toda vez que contemplava o que supunha serem os prenúncios do verdadeiro amor

— O que há para não se ficar feliz? — disse Jade, levando a caneca de cappuccino aos lábios. — Ela está igual a mim no dia seguinte ao que Ted e eu passamos a noite juntos pela primeira vez. — Suspirou. — Deus, acho que o sexo entre nós ficou ainda melhor, se isso é possível.

— Acho que sempre melhora com o tempo — observou Alyssa sabiamente. E quando Jade lhe deu aquele olhar com as sobrancelhas erguidas, acrescentou: — Quer dizer, períodos de marasmo ocorrem. Mas quando as coisas vão bem... — Suspirou, e sua expressão denunciava que as coisas entre Richard e ela iam bem. Muito bem.

— Às boas coisas — falei, erguendo a caneca de cappuccino num brinde. E, sorrindo como as gatas satisfeitas que éramos, batemos as canecas e bebemos com vontade, saboreando a doçura de tudo aquilo.

### **Confissão: Está bem, ainda tenho lá os meus momentos...**

Não vou mentir para você. A medida que Griffin e eu nos direcionamos em direção ao compromisso, as coisas ficaram um tanto assustadoras. Primeiro, havia o casamento da minha mãe. Já que ele aconteceu nas primeiras semanas do meu relacionamento com Griffin, não pareceu correto submetê-lo a um final de semana num navio de cruzeiro com a minha família, que ele ainda não conhecia, é lógico. Eu estava um pouco temerosa quanto ao seu encontro com eles algum dia, por isso esperava poupar o "algum dia" até as coisas entre nós ficarem um pouco mais firmes. Acho que receei que Griffin pudesse julgar minha família meio... esquisita, para dizer o mínimo. Minha mãe, por

exemplo, me casou com ele desde o primeiro telefonema no qual ousei proferir seu nome. Papai ainda pensava que eu devia ter sossegado com o advogado. Vovó Zizi, quando liguei para lhe desejar um feliz 92º aniversário, só quis saber se ele era alto.

— Um metro e oitenta e cinco, vovó — respondi. Pensei que ela pudesse ter uma parada cardíaca, de tão feliz que ficou.

E havia outros medos com que lutar, descobri. Quando estava prestes a partir para o fim de semana do casamento, tive a primeira briga com Griffin. Mais porque eu tive um ataque de ansiedade devido ao fato de que enquanto eu estaria navegando para assistir minha mãe pronunciar os votos sagrados, Griffin ia para Fire Island passar o final de semana com um bando de velhos amigos de faculdade para uma última farra na praia. Não me importaria tanto, caso ele não mencionasse acidentalmente que aquela "espécie de" ex-namorada estaria lá.

— Sei como é fácil... cair nas garras de antigos parceiros — argumentei.— Num minuto tomam alguns drinques, riem dos velhos tempos, no minuto seguinte estão revivendo tudo nos braços um do outro!

— Você está doida — respondeu, me olhando daquele jeito que sempre me assegurava de que ele não era o tipo que se abala por tais chiliques de ansiedade. Era tão diferente de mim nesse campo. O que provavelmente era o motivo de nos darmos tão bem.

E então assisti minha mãe caminhar até o altar pela terceira vez, com uma banda de mariachis tocando ao fundo. Até consegui não explodir em lágrimas — ou ter um ataque completo de ansiedade — quando senti que a plataforma de madeira em que subi para fazer a leitura de *O êxtase*, de John Donne, começou a trepidar e ranger sob meus pés devido à forte ventania. De algum modo, em meio à loucura de alugar uma tenda para instalar na praia para a cerimônia, escolher um restaurante e amarrar saquinhos de alpiste para atirar no feliz casal, nenhum de nós pareceu lembrar que setembro era a época dos furacões no Caribe. Contudo, conseguimos sobreviver à cerimônia, que culminou com a revoada de pombas treinadas, que investiram sobre o

feliz casal, aparentemente do nada, justo quando o noivo beijou a noiva. Um toque de última hora que minha mãe não havia revelado nem a mim e com certeza jamais seria aprovado pelas nazistas matrimoniais da Top Noivas, considerando a confusão que se criou quando o treinador das benditas aves tentou encurralá-las de volta na gaiola de bambu. Vamos dizer apenas que nos restou cerca de um punhado de alpiste para jogar em Clark e na minha mãe logo que a cerimônia acabou. Mas foi o suficiente. Mais que o suficiente. Pois ao observar minha mãe e Clark juntos naquele fim de semana compreendi que realmente não precisavam de sorte para fazer aquele casamento dar certo. Ficou bastante claro para mim que eles tinham algo mais. Como amor. Vou dizer que a despeito da relativa sanidade as núpcias de minha mãe produziram um estranho efeito sobre mim. Embora soubesse que era completamente irracional contemplar o casamento com Griffin — afinal, estávamos juntos há pouco mais de um mês —, fui para casa com visões do meu próprio dia feliz bailando na cabeça. Me odiei por ser tão previsível, e ainda assim não consegui deixar de imaginar se tal dia chegaria.

— Relaxe! — disse Jade, mas não consegui.

— Viva um dia de cada vez — aconselhou Alyssa. Contudo, mentalmente, eu já estava a dois anos de vantagem, visualizando Griffin saindo da minha vida, me deixando aos 33, solteira e sem esperanças. E apesar de conseguir manter a ansiedade crescente escondida de Griffin, que continuou com seu jeito doce e adorável, vivi cada dia como se houvesse um machado pendurado sobre a minha cabeça.

Então, como um sinal divino — ou talvez só uma estratégia bem sincronizada da parte de Sebastian —, recebi um belo cartão impresso pelo correio, anunciando que Sebastian era agora oficialmente um curandeiro, e que, por 99 dólares e 95 centavos a sessão, eu poderia purgar o que fosse que andava corroendo minha alma.

Bem, não estava pronta para o programa completo e, francamente, não tinha certeza se jamais confiaria em nada que promete a prosperidade mental enquanto destrói o futuro financeiro. Mas desenterrei aquele cartão do instituto de ioga que Sebastian havia me



dados tantas semanas atrás, e após obter uma lista de horários, comecei a frequentar as aulas.

Ora, não posso dizer que fiz qualquer incursão ao território da meditação. Na verdade, concluí na aula número 3 que estava mais propensa a cair no sono no meio do caminho, ou a ter um ataque de ansiedade ao imaginar a vida livre de ansiedade. Mas durante a quinta sessão algo aconteceu. E apesar do caráter espiritual desse evento permanecer suspeito, ganhei uma compreensão maior de mim mesma.

Em meio à execução da saudação ao sol que deu início à aula — um conjunto de movimentos que a princípio julguei constrangedores e agora achava tranquilizantes — avistei, de esguelha, um rosto que não via desde a época do programa de pós-graduação na NYU. Era Diana Young, a primeira professora de Redação Criativa que realmente respeitei na NYU e a orientadora que por fim escolhi para me guiar ao longo da coleção de contos que elaborei para a dissertação de mestrado. Quando chegamos à segunda posição, notei que ela também me viu.

O efeito de sua presença sobre mim foi estranho. Fiquei bastante agitada e incapaz de me concentrar. Quando nos deitamos de costas para meditar na parte final da aula, eu estava um caco. Em vez de focar na voz serena do instrutor, que com gentileza nos conduzia com murmúrios a um estado mais profundo de consciência, eu maquinava meios de efetuar minha fuga sem mais que um aceno e um cumprimento breve à mulher a quem me sujeitei por um semestre inteiro, aparecendo em sua sala com fragmentos de histórias e, com maior frequência, com desculpas por ter perdido mais um prazo que ela havia estabelecido para mim. No final do semestre, consegui colocar seis contos no papel e me qualificar para o título, mas fui incapaz de acreditar numa palavra sequer de elogio que ela deu ao meu trabalho, embora tenha anotado com cuidado todas as críticas que fez, gentis como foram.

Agora, enquanto o instrutor de ioga guiava aqueles que conseguiam esquecer de tudo — eu não estava incluída — de volta à realidade, levantei rápido, apanhando a toalha e seguindo meu caminho

impassível na direção da porta. Talvez a professora Young não me visse. Talvez não percebesse que a tinha visto...

— Emma! Emma Carter, é você? — indagou ela, me abordando.

— Professora Young, como vai? — respondi antes mesmo de dar meia-volta para confrontar aquelas feições ternas, gentis e enrugadas e os vividos olhos acinzentados que sempre pareciam enxergar através de mim. O cabelo, que usava longo a despeito do fato de ser grisalho em sua maior parte e poder se beneficiar com um bom corte, foi puxado para trás num rabo-de-cavalo desgrenhado, e a silhueta esquelética enfiada numa malha colante no tom de verde mais pavoroso que já vi. Mas essa era a professora Young. Completamente alheia aos ditames da moda ou mesmo do bom gosto, nesse caso. Entretanto, era uma escritora fabulosa — um verdadeiro gênio das palavras —, e sempre a idolatrei. E temi.

— Bem, querida. Como vai você? — perguntou, com aqueles oniscientes olhos cinzentos perscrutando os meus.

— Vou bem. Realmente bem — disse. Vou mesmo, não é? Ou pelo menos ia, até vê-la.

— Você ainda escreve? — indagou agora, e descobri a fonte do meu desconforto porque respondi no que soou aos meus próprios ouvidos como uma entonação defensiva.

— É claro. De fato, tenho um artigo na edição da Mulher de Hoje que sai no mês que vem.

— Bom, isso é simplesmente maravilhoso — disse, com os olhos fúlgidos de felicidade genuína por mim. — Sobre o que é?

De repente, me senti ridícula. Como explicaria a ela que se tratava de uma daquelas matérias coléricas acerca de rompimentos, dirigida às recentemente chutadas?

— Bem, é sobre relacionamentos. Esse tipo de coisa.

— Interessante — falou, me analisando. — Então, já terminou aquele romance que começou logo depois da formatura?

A pergunta me pegou. Minhas entranhas reviraram e minha pequena e feliz fachada de paz e prosperidade desabou. Duvido que ela tenha notado, a julgar pelo modo como ainda sorria para mim. A despeito da carreira como articulista free-lancer de revistas e do incrível namorado novo, de súbito me senti uma farsa.

— Na verdade... não.

Diante da sua expressão perplexa, comecei a tagarelar sobre como arranjei esse grande emprego, escrevendo para uma revista — não mencionei nomes —, meu imediato e surpreendente sucesso por lá, minha subsequente promoção — não mencionei títulos — e como uma coisa levava a outra e aqui estava eu, escrevendo para revistas.

Ao terminar, ela se mostrou satisfeita. Mesmo assim, antes de tomarmos caminhos diferentes, me olhou uma última vez, estudando os meus olhos com aquele jeito dela, depois falou:

— Bem, sempre visualizei você na ficção, Emma. Mas acho que nunca se sabe, certo? — Então me abraçou, me parabenizou pelo sucesso e até me convidou para aparecer e encontrá-la no escritório na NYU.

Marchei de volta para casa sentindo que o chão se abria. E mais tarde naquela noite, quando Griffin deitou a meu lado na cama, me acariciando a face e intrigado pelo meu silêncio, fez a pergunta que abriu as comportas da represa.

— O que há de errado, Emma?

E assim lhe contei. Sobre encontrar a professora Young. Sobre a vida após a NYU. Até então, a única impressão que Griffin tinha de mim era a da jornalista bem-sucedida de revistas, que redigia artigos a respeito dos mais diversos e interessantes assuntos que podia sonhar. Ele não fazia ideia de que eu tinha uma pasta no notebook que abrigava apontamentos para um romance e todos os meus sonhos verdadeiros. Agora que sabia, receei que me visse como uma fraca. Afinal, aqui estava um homem sem medo de perseguir os seus sonhos. Diabos, ele mandou um emprego com salário de seis dígitos em Chicago às favas

para abrir a própria firma de design em NYC, com pouco mais do que uns reais investidores e um bocado de esperança.

Mas quando fitei dentro daqueles olhos orlados por cílios espessos e bonitos de uma forma incrível — olhos pelos quais, percebi naquele instante, me apaixonei perdidamente —, não discerni crítica, nem mesmo medo. Vi esperança. E — ousou dizer — amor. Dos seus lábios saíram as três simples palavras que eu mais precisava escutar naquele momento.

— Apenas tente, Emma.

Em seguida sorriu aquele sorriso que nunca falhava em me aquecer por dentro, e soube que ele tinha razão.

## QUATORZE

*"Ex-namorados são como rugas. Umas poucas e boas fortalecem o caráter."*

— Emma Carter, Ex-Namorada Extraordinária

### **Confissão: Me tornei "a" garota do meu próprio mundinho.**

Cinco meses depois, eu estava sentada em casa em plena noite de sábado. Sozinha. E infinitamente contente.

Certo, as coisas poderiam ser melhores. Griffin poderia estar lá e nós poderíamos estar aninhados debaixo das cobertas juntos nessa noite nevosa de inverno. Mas ele viajou a negócios e isso não tinha jeito.

Assim me sentei no sofá, com um filme antigo no videocassete e um pote de calda de chocolate Ben & Jerry's New York Superchunk na mão — uma indulgência secreta para a qual mudei recentemente e não tinha coragem de revelar a Griffin — gozando um tempinho de qualidade comigo mesma. Teria feito um programa só de garotas, exceto que Jade tinha viajado de férias para esquiar com Ted e Alyssa estava com Richard, provavelmente escutando mais uma versão de "Always and Forever" por quaisquer músicos envelhecidos porém ainda esperançosos, de smokings baratos, que se prestavam aos testes para tocar no casamento deles. Eu não podia ligar para Sebastian, tampouco, já que ele estava na Índia, onde, enfim, conheceu sua guru. Eu estava feliz por ele, mas sinceramente torcia para que regressasse. Não só porque sentia saudades da sua tranquilizante presença em minha vida, mas porque meus reflexos careciam de um retoque.

Mal via Rebecca, agora que me libertei do mundo da Top Noivas e me tornei freelancer em tempo integral. Pelo que soube, ela agora andava trabalhando até tarde e bancando a melhor amiga de Patrícia.

Segundo Marcy Keller, com quem esbarrei no D'Agostino um dia, Patricia agora precisava de amigas. Minha antiga editora-chefe destemida estava no meio de um divórcio do marido fantasma e à beira de algo que parecia assustadoramente com um ataque de nervos. Tenho certeza de que Rebecca estava ganhando muitos pontos por tentar segurar a mão de Patricia durante aquilo tudo. Ou talvez Rebecca sentisse uma ligação com Patricia. Afinal de contas, o próprio rompimento com Nash ainda não devia ser uma lembrança tão remota.

Não me importei por passar a noite sozinha. Minhas quatro paredes não me incomodavam mais, agora que se multiplicaram em 12 paredes —16, se contar o banheiro. Meu apartamento de um quarto com aluguel congelado enfim se concretizou, já que Stacy foi embora para morar no subúrbio com o novo marido. De acordo com Dorothea, eles já esperavam o primeiro filho. Quanto a mim, eu esperava um novo tapete oriental, para combinar com as paredes recém-pintadas e a magnífica lareira de mármore. Estava pronto para ser entregue na próxima semana.

Acabei de enfiar a colher numa porção de sorvete banhada em calda quando o telefone tocou.

— Oh, que bom, você está em casa — disse minha mãe, quando atendi.

— Oi, mãe.

— Estava preocupada. Tem uma nevasca terrível lá fora. Nunca se é cuidadoso demais nessa...

— Eu sei, mãe — respondi. — Tenho 31 anos de idade. Já vi o bastante para saber como calcular os impactos.

— Onde está Griffin?

— Na Califórnia.

— O quê? — disse mamãe, com alarme evidente.

— A negócios — falei. — Chega em casa na terça — continuei, com uma espiada pela janela para a neve que ainda caía. — Se o clima permitir.

— Ah, negócios. É claro — respondeu, com o alívio evidente.

Acho que minha mãe às vezes acredita que esse homem magnífico que surgiu na minha vida — pois minha mãe o declarou matéria-prima de marido no momento em que pôs os olhos nele no último Dia de Ação de Graças — de algum modo desapareceria numa nuvem de fumaça no minuto em que ela o perdesse de vista. Acho que não podia culpá-la. Tinha que me beliscar toda vez que caminhava pela rua ao lado dele e via as mulheres olhando-o de cima a baixo — e dando uma espiada arrasadora em mim. Mas lá estávamos nós. Um casal. Os pais dele eram tão ruins quanto minha mãe quando se tratava de nutrir fantasias óbvias a respeito de casamento — nunca se cansavam de nos lembrar que foram eles que nos apresentaram —, mas Deus sabe o que o futuro nos reserva. Griffin e eu apenas vivemos um dia de cada vez, os bons e os maus. E isso era tudo o que eu precisava agora.

— Bem, já que ele não está aí, podemos realmente conversar sobre como você está se saindo — mamãe disse.

Oh-oh. Lá vem.

— Mãe...

— Só preciso saber em que parte você está. Já fazem seis meses!

— Mãe, essas coisas levam tempo. Roma não foi construída num só dia.

— Apenas me atualize, por favor. Já andei me gabando de você para todas as minhas amigas. Dorothea está me aporrinhando atrás de novidades desde então!

Sorri.

— Certo, certo. Página 175. Mas é só o primeiro rascunho...

Minhas palavras foram afogadas pelo som do grito de júbilo de minha mãe. Não pude fazer nada além de sufocar um guincho de deleite eu mesma. Do momento em que descobriu que eu tinha começado um romance, mamãe era minha maior fã, embora ainda não houvesse lido uma palavra sequer do original. Mantive-o escondido das vistas de todos, exceto de Diana Young, que deu uma lida nas primeiras 100 páginas e declarou-as "bem promissoras".

— Oh, Emma, nunca sonhei... — minha mãe quase soprou no telefone.

Francamente, nem eu. Não de verdade. Não até agora. — Sabe que Clark tem um amigo editor na Random House que disse que daria uma olhada...

— Você me contou, mãe. — E sorri. Era quase a 50ª vez que ela mencionava isso.

— Clark e eu mal podemos esperar para ver. Sabe que ele também está muito orgulhoso de você.

Então, simplesmente escutei enquanto ela mudava para o assunto Clark, que homem gentil, que homem bom ele era. Era como se não pudesse se conter em dizer isso, mesmo seis meses depois do casamento.

Ao desligar, eu havia superado o desejo pelo Ben & Jerry's. Levantei e botei a embalagem de volta no freezer, percebendo que se não comesse até terça, teria que confessar a falta de lealdade ao Skinny Scoop para Griffin.

Ele poderia comer, pensei. Como a maioria de todas as coisas que eu dispensava, parecia.

Até papai gostava de Griffin, e ele realmente era parcial com qualquer um dos meus namorados. Mas estava de melhor humor hoje em dia, tendo se matriculado, acredite ou não, na faculdade de Direito. Devo admitir que fiquei descrente a princípio desse seu último lance de carreira. Deirdre me contou no outono passado que ele havia se candidatado. Conforme explicou, entretanto, aquilo pelo jeito era um sonho há muito acalentado que ele nunca realizara — e, pensou ela, algo que ele provavelmente sublimou em todos aqueles processos malucos. Além do mais, explicou ela, possuir conhecimento de Direito não poderia machucá-lo agora na aposentadoria quando abriu o próprio pequeno negócio de consultoria financeira. Não havia muitos contadores em Nova York que possuíssem bacharelados duplos, e isso podia mais do que triplicar a taxa já exorbitante. A promessa de dinheiro sempre parece encher o coração do meu pai de alegria.



Não pude evitar me sentir esperançosa por ele. Não tomara um drinque desde o verão passado, não que esse fosse o seu maior recorde. Entretanto, ele demonstrava uma atitude melhor em relação às coisas. Até largou o processo contra o fabricante de correias de alpinista. Embora seja bom se cuidar, caso seja pego com ele no telefone atualmente. Uma vez que desata a falar da reforma na legislação tributária, pode falar até não poder mais. Minha mãe alegava que ele perderia aquela ideia fixa assim que Shaun e Tiffany encomendassem um bebê, o que, a julgar pelo fato de que a reforma da cozinha agora estava completa e que não existe nenhuma melhoria doméstica no horizonte, agora provavelmente poderá ser a qualquer hora. Então, de novo, minha mãe poderá fazer planos ávidos outra vez.

Na manhã seguinte à comilança de Ben & Jerry's, ao acordar e me sentar para escrever, preparando um bule de café e enchendo o apartamento com aquele odor gratificante e encorpado, um pensamento sobre Derrick fremiu tênue na minha mente. Talvez porque ele tivesse ligado dois meses atrás, "Só para conversar", disse, apesar de ser evidente que estava solitário. A coisa mais miraculosa quanto à nossa conversa foi que não senti necessidade de esfregar meu novo namorado na cara dele, embora não conseguisse evitar mencionar meu progresso no romance. A medida que sondei com maior profundidade, soube que seu roteiro, apesar de lhe render uma simpática indenização opcional e levá-lo para LA, fora definitivamente engavetado. Pior, parecia que agora ele passava mais tempo consertando os roteiros de outras pessoas do que escrevendo os próprios, especialmente depois que sua companheira de quarto "perfeita" arrumara um namorado que, pelo jeito, passara a residir no quarto de Carrie. Aparentemente, o tal namorado tinha uma queda para desempenhar estrondosos atos sexuais em caráter noturno regular.

Certo, talvez essa parte me fizesse sentir um pouquinho... alegre. Mas logo que superei a sensação doentia de satisfação pela ideia de Carrie e algum vira-latas tarado estarem desgraçando a vida do meu ex-namorado, Derrick e eu fizemos algo que não fazíamos há muito tempo. Provavelmente, desde os primeiros meses da relação.

Conversamos. Quero dizer que conversamos mesmo. Sobre escrever. Sobre a vida. Descobri que tinha muita sabedoria a lhe oferecer em ambos os campos. Pude notar que ele ficou mais do que um pouco impressionado. E talvez até sentindo uma pontinha de arrependimento pela garota que tinha deixado para trás. Não que eu me importasse. Certo, me importei. Mas só daquele jeitinho emocionado que uma mulher sente quando sabe que é uma força a ser reconhecida.

Agora, quando cliquei o computador, fazendo todos aqueles pequeninos exercícios de procrastinação aos quais ainda recorria ocasionalmente — como passar nas unhas o remove-dor de cutículas que eu mantinha à mão na escrivantina e organizar a correspondência inútil que se encontrava jogada ali também —, percebi que era realmente feliz. Não me entenda mal: a minha vida está longe de ser perfeita. Afinal de contas, os freelancers vivem de cheque em cheque e meu livro ainda nem está terminado, muito menos vendido. Griffin e eu ainda precisamos conversar sobre o futuro. Na verdade, estamos ambos tão envolvidos pelas carreiras que isso ainda não veio à baila, exceto pela temível preocupação imaginária. Tenho certeza de que sou a única preocupada, claro. Afinal, creio que preocupação com o futuro é uma doença crônica particularmente feminina.

No entanto, sentada com conforto diante do computador, vi que eu possuía muito. Bons amigos. Dias passados do jeito que mais queria passá-los. Sexo regular — algo para não se menosprezar nessa cidade de uma noite apenas e nada mais. Porém, acima de tudo, encontrei a pessoa que jamais pensei em procurar naquelas semanas frenéticas depois que Derrick saiu da minha vida.

Eu mesma.

E isso é o que uma mulher realmente precisa. Ex-namorada ou... não.

**FIM!!!!**

## **Arquivo doc:**

Renata Sara

Ni

Michelle

Comunidades

Traduções e Digitalizações

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=20985974>

Ebooks de A a Z

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=47749604>

**Versão ePub: AZ**